Coletâneas de Aconselhamento Bíblico

Volume 2

Neste volume:

A PALAVRA DO EDITOR

Aconselhe a Palavra - David A. Powlison

ACONSELHAMENTO

Mantenha a Verdade Viva - John Bettler

A Interpretação da Bíblia e o Aconselhamento - Jay E. Adams

Biopsiquiatria - David A. Powlison

Abrindo os Olhos Vedados: Outra Visão da Coleta de Dados - Paul D. Tripp

Coleta de Dados: Como o Conselheiro Contribui para o Processo - Paul D. Tripp

Coleta de Dados: Estratégias para Abrir os Olhos Vedados - Paul D. Tripp

Tarefas Práticas no Aconselhamento Bíblico: uma Base Teórica para a Formulação e Uso - Paul D. Tripp

Tarefas Práticas no Aconselhamento Bíblico: Exemplos de Tarefas para Diferentes Fases do Processo de Aconselhamento - Paul D. Tripp

Palavras Que Edificam - Paul D. Tripp

Cuidado com suas Palavras - E. Bradley Beevers

Atingindo em Cheio a sua Preocupação - Robert D. Jones

Uma Crítica do DSM-IV à Luz da Bíblia - John Babler

Como Ajudar Mulheres Que Comem em Excesso - Elyse Fitzpatrick

Como Ajudar Mulheres com Bulimia - Elyse Fitzpatrick

Como Ajudar Mulheres com Anorexia - Elyse Fitzpatrick

Transtornos Alimentares... para o Restante de Nós - Elyse Fitzpatrick

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Mas Afinal, o Que É Aconselhamento Bíblico? - Edward T. Welch

Você Está Bem Preparado? - David A. Powlison

Como Ajudar um Aconselhado "Psicologizado"? - David A. Powlison

Christian Counseling & Educational Foundation

Coletâneas de Aconselhamento Bíblico

Volume 2

A Palavra do Editor

Aconselhe a Palavra - *David A. Powlison* 02

Aconselhamento Bíblico

Mantenha a Verdade Viva - *John Bettler* 05
A interpretação da Bíblia e o Aconselhamento - *Jay E. Adams* 10
Biopsiquiatria - *David A. Powlison* 18
Abrindo Olhos Vendados: outra visão da coleta de dados - *Paul D. Tripp* 29
Coleta de Dados: como o conselheiro contribui para o processo - *Paul D. Tripp* 38
Coleta de Dados: entratégias para abrir olhos vendados - *Paul D. Tripp* 49
Tarefas Práticas no Aconselhamento Bíblico: uma base teórica para a formulação e uso - *Paul D. Tripp* 63
Tarefas Práticas no Aconselhamento Bíblico: exemplos de tarefas para diferentes fases do processo de aconselhamento - *Paul D. Tripp* 73
Palavras que Edificam - *Paul D. Tripp* 95
Cuidado com suas Palavras - *E. Bradley Beevers* 110
Atingindo em Cheio a sua Preocupação - *Robert D. Jones* 123
Uma Crítica do DSM-IV à Luz da Bíblia - *John Babler* 130
Como Ajudar Mulheres que Comem em Excesso - *Elyse Fitzpatrick* 139
Como Ajudar Mulheres com Bulimia - *Elyse Fitzpatrick* 144
Como Ajudar Mulheres com Anorexia - *Elyse Fitzpatrick* 154
Transtornos Alimentares... para o Restante de Nós - *Elyse Fitzpatrick* 162

Perguntas e Respostas

Mas Afinal, O Que É Aconselhamento Bíblico? - *Edward T. Welch* 169
Você Está Bem Preparado? - *David A. Powlison* 175
Como Ajudar um Aconselhado "Psicologizado"? - *David A. Powlison* 180

Aconselhe a Palavra

David A. Powlison[1]

"Ó Senhor, Tu atingiste meu coração com a Tua Palavra e eu Te amei".

Agostinho expressou desta maneira a experiência de todo crente verdadeiro. A Palavra de Deus é viva e ativa: ela atinge o âmago da questão, convencendo-o de pecado, convencendo-o da graça de Deus em Cristo Jesus. Esta Palavra é eficaz para despertar o seu amor e poderosa para renovar a sua mente. Ela o guia, protege e pastoreia sabiamente ao longo do caminho.

Por que a Palavra é tão poderosa? Ela tem poder porque é a "Tua Palavra, ó Senhor". A Palavra não é uma nobre filosofia humana. Não é um encantamento mágico. A Palavra é aquilo que Deus diz a respeito dEle mesmo e da Sua vontade, a respeito de você e do mundo em que você vive. A Palavra revela Aquele que fala, Aquele que lhe diz o que você precisa fazer para se arrepender e aprender a confiar nEle, ama-lO e obedecê-lO. Quando acolhida, a Palavra provoca mudanças em você — o bom solo produz bom fruto. Quando rejeitada ou ignorada, a Palavra também produz mudanças em você — o coração torna-se cada vez mais duro, cego e surdo.

As *Coletâneas de Aconselhamento Bíblico* dedicam-se a aplicar a Palavra de Deus ao aconselhamento. Isso lhe parece uma declaração de propósito inusitada? Se eu tivesse apresentado uma revista dedicada a "aplicar a Palavra de Deus à pregação", você teria franzido a testa e me dirigido um olhar indagador: "O que você quer dizer? O *conteúdo* da pregação é a Palavra de Deus aplicada à nossa vida. Qualquer conteúdo alternativo é uma religião falsa e uma invenção humana! O que você quer dizer com 'aplicar a Palavra de Deus à pregação'?".

A área do aconselhamento tem se divorciado da Palavra. Na mente da maio-

[1]Tradução e adaptação de *Counsel the Word.* Publicado em *The Journal of Biblical Counseling v. 11, n.2,* Winter 1993, p. *2-3.*
David Powlison é editor de *The Journal of Biblical Counseling,* cujos artigos estão traduzidos para o português e reunidos nas *Coletâneas de Aconselhamento Bíblico.*

ria das pessoas, aconselhamento é algo essencialmente diferente da pregação. As verdades e os métodos usados no aconselhamento são raramente concebidos como o ministério da Palavra dirigida sob medida a um indivíduo.

A maioria daqueles que acreditam na Bíblia diria com facilidade "prega a Palavra". Eles se levantariam revoltados diante de uma pregação cujo conteúdo fosse qualquer outro que não a Palavra. Em geral, os crentes concordam que a verdade revelada de Deus deve controlar o púlpito. A Palavra é verdadeira e suficiente para o ministério dirigido àsmultidões.

Entretanto, não é natural dizermos: "aconselhe a Palavra". A maioria daqueles que acreditam na Bíblia rende-se diante de conselhos não-bíblicos. A Palavra é apenas um recurso entre vários recursos possíveis, tanto nos livros de auto-ajuda como na sala de aconselhamento ou ao redor da mesa da cozinha. A Palavra tende a ter um papel claramente secundário, adicionada a uma mensagem que lhe é alheia. Ou talvez não tenha mesmo papel algum, tida como insuficiente para lidar com os problemas das pessoas.

Aconselhe a Palavra. *O conteúdo* do aconselhamento não deve ser a Palavra de Deus aplicada à nossa vida? Qualquer conteúdo alternativo não seria uma religião falsa e uma invenção humana? Jay Adams expressou bem esta questão: "A Palavra deve ser ministrada no aconselhamento com tanta prontidão quanto na pregação".

O alvo das *Coletâneas de Aconselhamento Bíblico* é encorajar e capacitar os crentes para a tarefa de "aconselhar a Palavra" e aplicar a Bíblia com sabedoria aos problemas da vida. Quais são os obstáculos? Destacamos aqui dois grupos que exercem influência para minar este alvo.

Em primeiro lugar,*há muitos cristãos que aconselham uma mensagem que provém claramente de outras fontes que não a Bíblia.* A psiquiatria e as psicologias atuais geraram um número sem fim de variações novas de erros antigos. As pesquisas científicas saíram em busca do pote de ouro no fim do arco-íris: as teorias que reivindicam a descoberta de uma base biológica amoral para ocomportamento humano desfilam uma após a outra. E os psicoterapeutas nunca deixam de ter clientes perturbados e crédulos, que vão de neuróticos a portadores de baixa auto-estima, de sofredores a co-dependentes. Os cristãos aproveitam em seu aconselhamento cada teoria nova que surge no horizonte contradizendo a Palavra, e fazem mau uso de versículos bíblicos em busca de confirmação e apoio para tais teorias.

Em segundo lugar,*com certa freqüência, os cristãos interpretam e aplicam a Bíblia erradamente.* Alguns usam a Bíblia como algo mágico: "Leia dois versículos ao dia, repita-os constantemente em sua mente, e conversaremos na semana que vem". Há os que ensinam arrependimento e fé em desacordo com o ensino da Palavra: "O segredo da vida cristã é uma experiência definitiva de quebrantamento e entrega". Outros ensinam obediência em desacordo com o ensino bíblico: "Basta dizer 'não' e fazer o que é certo com maior força de vontade". Alguns ensinam a respeito de Satanás em desacordo com a Palavra: "Você é escravo do demônio do medo, da ira ou da compulsão". Mas a abordagem bíblica de mudança não é supersticiosa nem pietista, nem moralista nem demonista.

De um modo ou de outro, a mensagem errada e o método errado têm controlado o aconselhamento "cristão". O primeiro grupo aponta para a superficialida-

de evidente do segundo grupo como justificativa para se voltar às "abordagens profundas" da psicologia, distanciando-se de uma Bíblia que parece fraca, de segunda categoria, geralmente irrelevante e até um tanto esquisita para o aconselhamento. O segundo grupo proclama em altos brados o secularismo evidente do primeiro grupo, porém a sua abordagem peca pelo mau uso da Bíblia.

No entanto, existe um caminho melhor. A Palavra de Deus não está calada a esse respeito, mas clama ao homem para que lhe dê ouvidos:

> *Grita na rua a Sabedoria, nas praças, levanta a voz; do alto dos muros clama, à entrada das portas e nas cidades profere as suas palavras:*
> *Até quando, ó néscios, amareis a necedade?*
> *E vós, escarnecedores, desejareis o escárnio?*
> *E vós, loucos, aborrecereis o conhecimento?*
> *Atentai para a minha repreensão; eis que derramarei copiosamente para vós outros o meu espírito e vos farei saber as minhas palavras.*
> (Pv 1.20-23)

Se os autores dos artigos das *Coletâneas de Aconselhamento Bíblico* cumprirem bem a sua tarefa, o grito da Sabedoria será ouvido. Aqueles que zombam da Palavra serão desafiados. O simples, que faz mau uso da Palavra e acredita na persuasão da estultícia, será edificado. Aqueles que amam a Palavra, e já costumam usá-la com sabedoria, crescerão em sabedoria (Pv 9).

Aconselhar a Palavra é um projeto de vida. Aplicar a Palavra à vida real com sabedoria é um trabalho árduo, para ser realizado com oração e seriedade. Os primeiros versículos de Provérbios 2 dizem que precisamos ter ouvidos atentos à sabedoria, precisamos clamar por entendimento, precisamos buscar e desenterrar a sabedoria como a tesouros escondidos.

As *Coletâneas de Aconselhamento Bíblico* dedicam-se à tarefa de aconselhar a Palavra. É uma revista para pastores, útil em seu ministério. É uma revista para leigos e todos quantos procuram aconselhar a Palavra, em situações formais e informais. Sabedoria é a qualificação para aconselhar. Esta sabedoria é uma questão de caráter, verdade e habilidade para ajudar pessoas: "possuídos de bondade, cheios de todo o conhecimento, aptos para vos admoestardes uns aos outros" (Rm 15.14).

"Ó Senhor, Tu atingiste meu coração com a Tua Palavra e eu Te amei".

Dê ouvidos ao Senhor. Ame ao Senhor e também aquilo que Ele diz. Aconselhe a Palavra.

Mantenha a Verdade Viva

John Bettler[1]

Certa vez, recebi um telefonema de uma companhia de pesquisa de marketing perguntando-me sobre determinado programa de televisão. Fiquei curioso, visto que minha família costumava assistir com freqüência ao programa. Mas o encaminhamento das perguntas desapontou-me, e logo fiquei irritado. Não fizeram perguntas sobre o enredo, o crescimento dos personagens no desenrolar da história ou a interação do programa com a sociedade atual. Pelo contrário, o entrevistador queria saber quais os personagens de que *gostávamos* e se passaríamos *a gostar* ainda mais do programa se determinado personagem fosse eliminado ou então tivesse seu papel ampliado.

Fascinante! Uma história escrita de acordo com a pesquisa de mercado. Descubra o que agrada ao público e escreva. Se Melville tivesse tido acesso a esta maravilhosa ferramenta, *Moby Dick* teria sido um campeão de vendas enquanto ele ainda estava vivo. Mas é evidente que teriam sido necessárias algumas alterações. O início da história poderia ficar inalterado, mas o nome teria que mudar. "Meu nome é Lance" ou "A tempestade" soaria melhor, você não acha? O capitão Ahab passaria a ser um velho marujo rabugento com um coração de ouro, e os marinheiros de Pequod participariam de uma expedição para salvar as baleias. A não ser estes detalhes, o restante da obra poderia muito bem ficar exatamente como está. E claro que sua mensagem perderia o sentido. Não haveria uma verdade, do ponto de vista do autor, transmitida em forma de drama. Mas seria um sucesso de venda! Proporcionaria entretenimento e faria o leitor se sentir bem consigo mesmo, sujeito a um mínimo de estresse.

Ganância, necessidades emocionais e ausência da verdade.

Minha breve incursão no mundo da pesquisa de mercado e das artes oferece

[1]Tradução e adaptação de *Keep theTruth Alive.*Publicado em *The Journal of Biblical Counseling. v.* 15, n.2, Winter 1997, p. 2-4.
John Bettler é um dos fundadores e diretor executivo da *Christian Counseling and Educational Foundation* em Glenside, Pennsylvania.

apenas um exemplo do consumismo que permeia nossa sociedade e alimenta seus caprichos subjetivos. O poder do consumismo associa-se à psicologia popular, um outro poderoso formador de valores na sociedade americana do século XX. A psicologia popular colhe as reflexões enigmáticas da psicologia acadêmica e as mastiga de tal forma que possam ser facilmente engolidas. Entretanto, enquanto o consumismo apela para a ganância, a psicologia popular age em favor da necessidade emocional.

As pessoas são vistas como essencialmente necessitadas e dependentes de outras para supri-las de amor, aceitação ou significado. Quando não são correspondidas conforme o esperado, enfrentam todo tipo de dificuldades psicológicas. Estas necessidades são "definidas no íntimo", isto é, cada um decide o perfil das suas necessidades e o que pode satisfazê-las (se é que existe algo que as satisfaça). A experiência de vida é traduzida em significado pessoal que, por sua vez, modela a visão de mundo, os relacionamentos e a moralidade. O "eu" subjetivo define a verdade, e não há uma verdade externa absoluta que defina o "eu".

O "eu" ganancioso e o "eu" necessitado florescem em um mundo que perdeu o seu centro moral. Tempos atrás, Deus e a Bíblia eram o coração da moralidade ocidental, mas hoje há tantas verdades quantas são as pessoas e estas verdades, no final das contas, são obscuras porque estão baseadas em uma experiência pessoal subjetiva.

Em um mundo como este, o consumismo faz todo sentido. Ofereça tantos produtos quantos puder; supra tantas necessidades subjetivas quantas puder. Providencie uma verdadeira abundância de possíveis supridores de necessidade, pois o consumismo prepara o terreno para a auto-realização. Do ponto de vista dos negócios, esta pressuposição cultural é um sonho a se tornar realidade.

O consumismo e a igreja

O cristão, no entanto, pode perceber os danos provocados pela maneira como o consumismo tem sutilmente furtado a verdade dentro da igreja:

- Um seminarista reclama das matérias exigidas no curso de teologia porque "elas são irrelevantes no que diz respeito ao meu desejo de ministrar às pessoas no contexto da igreja".
- Muitos seminários evangélicos de destaque reduzem o número de matérias bíblicas e teológicas, e eliminam as matérias de línguas srcinais para estudantes de graduação na área de aconselhamento bíblico. A razão disto é que os pregadores talvez precisem de grego e hebraico, mas os conselheiros não. Eles precisam apenas saber como "ajudar" as pessoas.
- Um líder de um ministério para-eclesiástico que treina líderes de pequenos grupos fala sobre a busca de seu "eu" autêntico: "A peregrinação em que estou... relaciona-se muito mais com tentar descobrir quem sou do que tentar conhecer as Escrituras e a teologia... Pessoas que conhecem as Escrituras, mas não conhecem a si mesmas, são inúteis para mim".
- Um psicólogo cristão de renome diz que em sua experiência de prestar ajuda às pessoas "...o espiritual, com freqüência, vem por último...".
- Uma pesquisa entre pastores de mega-igrejas mostrou que eles viam

> o treinamento teológico proporcionado pelo seminário como um preparo desnecessário para o ministério.

Observe o tema presente nestes exemplos: a teologia e o estudo bíblico não são essenciais para o ministério. A verdade é irrelevante para a prática. A verdade entra em cena somente depois que todo o trabalho prático foi feito ou então é definida como uma necessidade pessoal sentida.

David Wells capta o espírito da era da "não-verdade" e a ameaça que esta constitui para a igreja.

> Umas das características marcantes na vida da igreja contemporânea são as muitas tentativas de curar a igreja mexendo em sua estrutura, seus cultos e sua imagem exterior. Esta é uma evidência clara de que a modernidade tem sido bem sucedida em impingir a nós um de seus maiores enganos, convencendo-nos de que a Pessoa de Deus é secundária à organização e imagem da igreja, e que a saúde da igreja repousa mais em seu organograma e naquilo que ela pode oferecer, do que em sua vida interior, na autenticidade espiritual, na firmeza de seus propósitos morais e no entendimento do que significa possuir a Palavra de Deus neste mundo. Aqueles que não atentam para esta questão não estão em sintonia com as realidades profundas de vida...Os assuntos do coração, ou os assuntos de Deus, não são suscetíveis a uma alteração cosmética. Os negócios do mundo e os negócios de Deus são duas coisas diferentes.
>
> O problema fundamental no mundo evangélico atual não é a técnica inadequada, a organização insuficiente ou a música antiquada... *O problema fundamental no mundo evangélico atual é que Deus é visto pela igreja de modo irrelevante. Sua verdade está muito distante, Sua graça é muito corriqueira, Seu julgamento é muito benigno, Seu evangelho é muito fácil, e Seu Cristo é muito comum.* (ênfase própria).

O distanciamento dos padrões de Deus

A igreja toda deveria dar ouvidos a este aviso. Mas aqueles entre nós que estão envolvidos em "ministérios de ajuda" como aconselhamento, treinamento em discipulado ou liderança de grupos de apoio talvez devessem estar especialmente atentos a ele, pois se defrontam tão freqüentemente com o sofrimento humano que se apressam em ajudar sem antes consultar ao Senhor e perguntar: "Este conselho é bíblico?" ou "Este método agradará ao Deus da verdade?". No entanto, as advertências de Deus contra as tentativas de fazer separação entre a ajuda prática e a verdade são claras e diversificadas. Uzá estendeu a mão para firmar a arca da aliança que balançava e foi repentinamente morto por um Deus irado (2 Sm 6.6-7). Davi levantou o censo do povo para contar as bênçãos recebidas, e Deus matou 70 mil homens em Israel (1 Cr 21). Ezequias construiu um reservatório de água para abastecer a cidade, e não encontrou o perdão de Deus até o dia de sua morte (Is 22.11-14). Fervor religioso, governo responsável e atos de misericórdia não signi-

ficam muito quando Deus não os aceita. Uzá, Davi e Ezequias estariam perfeitamente à vontade em um mundo "amigável", mas mereceram julgamento e não bênção no mundo onde a Palavra de Deus estabelece o padrão.

Esse problema "moderno" certamente é tão antigo quanto o Éden. Com a pergunta "É assim que Deus disse?", Satanás afastou qualquer preocupação com a verdade definida por Deus. Uma vez varrida a verdade do meio do caminho, o restante foi simples: oferecer o pecado, apelando para as necessidades emocionais e a ganância. "Vendo a mulher que a árvore era *boa para se comer, agradável aos olhos e... desejável para dar entendimento, tomou-lhe do fruto... e comeu*".

Esta é a razão por que, em todas as épocas, Deus chama Seu povo para ser defensor da verdade. Considere a ordem que Paulo deu a Timóteo:

> Pois haverá tempo em que não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, cercar-se-ão de mestres segundo as suas próprias cobiças, como que sentindo coceira nos ouvidos; e se recusarão a dar ouvidos à verdade, entregando se às fábulas. Tu, porém, sê sóbrio em todas as coisas, suporta as aflições, faze o trabalho de um evangelista, cumpre cabalmente o teu ministério (2 Tm 4.3-5).

Conselheiros bíblicos: evangelistas da verdade

Aqueles entre nós que estão comprometidos com o aconselhamento bíblico devem ministrar a um mundo relativista como evangelistas da verdade de Deus. Trabalhamos, ensinamos e estudamos para manter a verdade viva. Cremos que Deus santifica (transforma) Seu povo "na verdade" e que a "Sua Palavra é a verdade". Esforçamo-nos para ajudar a igreja a ser "coluna e baluarte da verdade", treinando o povo de Deus para "manejar bem a palavra da verdade" no ministério cristão. Sabemos que Deus se revelou pessoalmente de modo definitivo em Jesus Cristo ("o caminho, a verdade, e a vida") e de modo pressuposicional nas Escrituras. Visto que o julgamento final tem como base "O que diz o Senhor?", esforçamo-nos para sermos especialistas na Palavra de Deus e treinarmos outros para que também o sejam. Fazer menos do que isso é falhar como evangelista da verdade.

Estou escrevendo este artigo depois de ter lido a trágica história de um Seminário que inicialmente defendia a verdade, mas que agora, em nome da eficácia ministerial, cedeu naquilo que antes sustentava com tanta veemência. Homens impenitentes como Davi, Ezequias e Uzá são produtos dos esforços de escolas como essa com tanta freqüência quanto o são homens como Paulo e Timóteo. Não estou mencionando um exemplo isolado. Ossos mortos, restos daquilo que no passado eram ministérios cheios de vida, maculam o cenário da igreja. Profundamente perturbado diante disso, sinto-me impulsionado a proteger o movimento de aconselhamento bíblico de um futuro semelhante. Apresento, portanto, os seguintes padrões de ministério como aqueles que devemos sustentar para manter a verdade viva.

Excelência exegética

O ensino e o aconselhamento devem estar inteiramente baseados em uma compreensão precisa e minuciosa das Escrituras. Para evitar o erro de usar a Bíblia como confirmação de idéias pré-concebi-

das, os conselheiros bíblicos devem saber como manuseá-la (de preferência, nas línguas srcinais) e devem ser capazes de estabelecer uma conexão entre o significado srcinal do texto e sua aplicação na vida cristã.

Vigor teológico

Todo erro tem um elemento da verdade que foi isolado de modo impróprio de outros ensinos bíblicos e assumido como verdade única. O aconselhamento bíblico deve evitar este tipo de problema encorajando o pleno entendimento não só dos textos bíblicos em seus detalhes, mas também da relação de cada texto com o restante da Palavra. Os teólogos costumam chamar isto de teologia *sistemática,* ou seja, uma disciplina que sustenta a abrangência e unidade da verdade bíblica.

Conscientização apologética

Sabendo que o incrédulo "muda a verdade de Deus em mentira", o aconselhamento bíblico deve continuar a traçar a antítese entre a verdade de Deus e a mentira de Satanás, analisando cuidadosamente todos os "ministérios de ajuda" pelos padrões divinos. Nosso estudo das Escrituras deve ser relevante frente às tendências culturais que levantam "verdades" substitutas e ameaçam seriamente aqueles ministérios da igreja que têm, infelizmente, recebido seus ensinos. Nossa metodologia de aconselhamento e discipulado deve sempre se erguer como uma alternativa ao erro do mundo, e não como uma acomodação a ele.

Ajuda ministerial

Quando se estabelece uma separação entre ministério e verdade, o ministério torna-se vulgar e prejudicial. Quando se estabelece uma separação entre teologia e ministério (quando teólogos falam apenas a outros teólogos), a teologia torna-se elitista e farisaica. A verdade *vive* somente quando penetra no coração de pessoas de carne e osso que estão lutando com os problemas reais da vida. Portanto, o aconselhamento bíblico deve manter a verdade *viva,* praticando o estudo e o ensino em um contexto de ministério pessoal com vínculos vitais com a igreja local.

Estes padrões ministeriais posicionam o aconselhamento bíblico bem no centro de uma guerra cultural. Com freqüência, o aconselhamento é visto erradamente como um encontro privado, um-a-um. Em certos aspectos isto é uma verdade, mas o aconselhamento é também um campo de batalha onde as vítimas da mais recente sedução enganosa da cultura lutam para sobreviver, o que faz com que o aconselhamento seja totalmente público e potencialmente universal. Quando usa a verdade para combater o erro em vidas deprimidas, temerosas ou iradas, o conselheiro não presta ajuda apenas a um indivíduo. Ele envia um soldado de volta para o campo de batalha para juntar-se ao exército que luta pela verdade em uma cultura pronta a render-se à mentira.

Oremos para que possamos suportar as aflições como bons soldados de Jesus Cristo (2 Tm 2.3) e receber graça para manter a verdade viva.

A Interpretação da Bíblia e o Aconselhamento

Jay E. Adams[1]

Alguém que não sabe interpretar devidamente a Palavra de Deus não sabe aconselhar biblicamente. É errado identificar-se como conselheiro bíblico e ao mesmo tempo não levar em consideração um estudo sério da Palavra. Usar a Bíblia de modo superficial e simplista, deixando muitas vezes de representar corretamente o que Deus diz na passagem a que nos referimos, é indesculpável. Mas será que este problema de fato acontece? Minha resposta é "sim". Se você já leu umas poucas páginas da literatura evangélica disponível na área de aconselhamento (estou falando da literatura evangélica de "aconselhamento cristão", que se diz baseada na Bíblia), você sabe que há problemas na maneira como a Bíblia é usada.

O mau uso das Escrituras

Se você não está ainda bem certo a respeito daquilo de que estou falando, julgue por si mesmo. Aqui estão alguns exemplos. Um conselheiro cristão citou uma declaração de Oscar Pfister, o confidente de Freud: "Diga-me o que você encontra na Bíblia, e eu lhe direi quem você é". E acrescentou: "A Bíblia é um espelho no qual a pessoa projeta os conceitos de si mesma, para então recebê-los de volta refletidos". Ele disse ser esta a sua interpretação de Tiago 1.22-24. O que ele fez, na verdade, foi transformar a Bíblia em um teste de Rorschach.

Mais um exemplo: "Deus quer que amemos em nós mesmos a pessoa que Ele criou à Sua imagem". Você acredita que Deus quer que você ame a pessoa que Ele criou em você? Para que Deus o criou à Sua imagem? Para que você ame *a Ele, e* não a si mesmo! Se eu lhe entregar uma fotografia de minha esposa e lhe disser "Esta é minha esposa", qual será minha reação se você a rasgar, jogar aos pedaços no chão, cuspir e pisar? Faça isso e você se dará mal! Por quê? Será que o

[1]Tradução e adaptação de *Biblical Interpretation and Counseling*. Publicado em *The Journal of Biblical Counseling. v.* 16, n.3, Spring 1998, p. *5-9.*
Jay Adams foi o primeiro porta-voz do movimento de aconselhamento bíblico. Foi um dos fundadores da Christian Counseling and Educational Foundation, em 1968, *e* atualmente é membro emérito do comitê diretivo.

papel fotográfico é tão precioso? Não. Você se dará mal porque a fotografia representa aquilo que você insultou, atacou e tentou destruir — minha esposa. A imagem de Deus no homem é importante por causa dAquele a cuja imagem fomos criados, não por você ou por mim, que somos apenas o papel fotográfico.

Em busca de apoio para sua idéia de "cura de memórias", outro conselheiro faz mau uso da afirmação de Jeremias de que Deus não se lembrará de nossos pecados (31:34) — como se Deus pudesse esquecer alguma coisa. Este conselheiro igualou erradamente *não lembrar* com *esquecer*. Ele foi longe demais em sua interpolação não-bíblica, a ponto de escrever: "Talvez o próprio Deus tenha passado por algum tipo de cura de Suas memórias". Se isso não é fazer um mau uso das Escrituras e insultar o nosso Deus, não sei dizer o que é. Por onde anda a teologia deste autor? Ele tem uma doutrina formada a respeito de Deus?

O advogado de um conselheiro famoso chamou o processo bíblico de exclusão da igreja, descrito em 1 Coríntios 5.5 como uma entrega da pessoa a Satanás, de "ritual satânico". E quase inacreditável!

Escrevendo um livro sobre perdão, outro conselheiro disse: "Cristo concedia perdão mesmo antes que houvesse um pedido de perdão. Ele orou: `Pai, perdoa lhes, porque não sabem o que fazem'. Isso é perdão — não solicitado, imerecido, e ainda assim concedido livremente". Mas até mesmo uma exegese superficial revela que não houve perdão concedido na cruz. Aoração de Cristo foi um pedido para que Deus os *perdoasse* e não uma expressão de perdão *já concedido* àqueles que o crucificavam. Deus respondeu a esta oração? Sim. Ele a respondeu no dia de Pentecostes, e em outras ocasiões posteriores, por meio da pregação de Pedro. Aqueles que pela misericórdia de Deus arrependeram-se e creram foram as primeiras de muitas respostas à oração de Jesus. Perdão não foi concedido sem arrependimento e fé. Aquele autor não entendeu corretamente o texto bíblico.[2]

Quantas vezes você ouviu uma explicação do texto que lemos em Romanos 8.15, 16 — "o Espírito testifica com o nosso espírito" — atribuindo-lhe o significado de que o Espírito testifica *ao* nosso espírito? Um breve estudo em um bom comentário é suficiente para esclarecer que a preposição grega usada no texto *(sun)* não significa *ao*. Significa *junto com*. O Espírito testifica *com* o nosso espírito. A idéia aqui é claramente a de duas testemunhas, como pedido pela lei de Deus. Não é o Espírito testemunhando *a* nós, mas *junto* conosco.

Quando foi a última vez que você ouviu alguém fazer um mau uso de 1 Tessalonicenses 5.22? Paulo nos exorta a evitar toda aparência do mal. Quase todos os bons comentários explicam que Paulo não está dizendo: "Evite coisas que *parecem* más, mas não são más". Ele está dizendo: "Evite o genuíno mal qualquer que seja a forma em que ele se apresente, e sempre que ele se apresentar".

---

[2]NdT. Em seu livro *The Christlan Counselor's New Testament*, Jay Adams esclarece a questão com base nos textos de Marcos 11.25, Mateus 6.12-15 e Lucas 17.3. "No seu coração, o cristão deve perdoar, e deve expressar diante de Deus sua disposição para conceder perdão. Nenhum rancor pode ser guardado. Mas perdão é na verdade *concedido a* outra pessoa no momento em que ela se arrepende (cf. Lc 17)". (p. 129). Para um tratamento mais detalhado do assunto, consulte também *A Theology of Christian Counseling: More than Redemption* (Zondervan, 1986).

Recentemente, em um programa de televisão, alguém estava tentando vender um tônico a base de hissopo: "A Bíblia ensina que devo 'purifica-me com hissopo' e isso, com certeza, é fato". E acrescentou: "Você precisa beber este tônico de hissopo para que ele purifique internamente o seu organismo". Qualquer pessoa que tenha um treinamento bíblico mínimo sabe que limpar ou purificar com hissopo refere-se nas Escrituras a aspergir sangue em pessoas e objetos usando como instrumento esta planta. Em Êxodo 12.22 lemos: "Tomai um molho de hissopo, molhai no sangue que estiver na bacia e marcai a verga da porta e suas ombreiras com o sangue que estiver na bacia". Em Hebreus 9.19 nos é dito que Moisés "tomou o sangue dos bezerros e dos bodes, com água, e lã tinta de escarlate, e hissopo e aspergiu não só o próprio livro, como também todo o povo". Não há nada a respeito de tônico de hissopo capaz de purificar os órgãos internos do nosso corpo.

A chave da ciência

À luz do que acabamos de ver, eu lhe pergunto: É necessário aprender a interpretar a Bíblia para que você possa aconselhar biblicamente? Não lhe parece que você tem um trabalho grande pela frente?

Não estou falando em dedicar um esforço superficial à tarefa de interpretação, mas em estudar a Palavra tão profundamente que lhe permita conhecer o significado real de cada passagem que você usa. Será que Deus abençoa o uso de Sua Palavra independentemente de como a usamos? Deus tem o direito de fazer o que Lhe agrada com Sua Palavra. Com certeza, Ele é gracioso para conosco mais do que nós somos uns para com os outros. Mas isso não é desculpa para que usemos a Palavra de Deus indevidamente, sem a correta compreensão e interpretação.

As palavras de Jesus aos conselheiros que estavam desviando outros por meio de interpretações errôneas da lei do Antigo Testamento nos dão uma indicação da importância que Ele atribuiu a esta questão. Jesus disse: "Ai de vós, intérpretes da Lei! Porque tomastes a chave da ciência; contudo, vós mesmos não entrastes e impedistes os que estavam entrando" (Lc 11.52). É uma questão séria. Eles não apenas corriam risco diante de Deus, mas colocavam outros igualmente em perigo porque lhes apontavam uma direção errada.

A necessidade de estudo

Pedro falou sobre a seriedade deste problema em 2 Pedro 3.16-18. Referindo-se aos escritos de Paulo, Pedro disse que aquelas cartas continham "certas coisas difíceis de entender, que os ignorantes e instáveis deturpam, como também deturpam as demais Escrituras, para a própria destruição deles. Vós, pois, amados, prevenidos como estais de antemão, acautelai-vos; não suceda que, arrastados pelo erro desses insubordinados, descaiais da vossa própria firmeza". É perigoso, diz Pedro, seguir aqueles que torcem e deformam as Escrituras. É importante reconhecer que há porções das Escrituras que são mais difíceis de entender do que outras. É necessário tempo, esforço, oração e estudo adicionais para interpretá-las corretamente. De fato, Paulo, assim como outros, nem sempre escreveu coisas *fáceis* de entender.

A Bíblia não é um livro para ser lido informalmente, como um jornal. É um livro sobre o qual você deve se debruçar em estudo com seu coração e suas habilidades, até que possa extrair os grandes

tesouros que Deus depositou ali. Deus não procura dificultar a tarefa, mas algumas partes são certamente mais difíceis de interpretar que outras. Visto que somos tão estultos, pecadores, preguiçosos e cegos, com freqüência temos dificuldade para extrair as verdades esparsas. Uma leitura superficial da Bíblia não é suficiente. Devemos fazer um estudo sério.

Incomoda-me a palavra *devocional.* Quando as pessoas mencionam um estudo *devocional* da Bíblia, não sei o que estão querendo dizer. Receio que freqüentemente queiram dizer: "Vou fechar minha mente para aquilo que a passagem possa significar ou que todos os comentários possam me ajudar a entender. Vou me limitar a permitir que as palavraspenetrem lentamente em meu ser, e então filtrar algo que possa ser útil para mim. Seja ou não aquilo que Deus tencionava de fato dizer, de alguma maneira me fará bem".

Quero encorajá-lo a um *estudo* devocional da sua Bíblia, em lugar de fazer um uso meramente superficial das Escrituras. Quando for à Palavra de Deus, você nunca deve fechar a mente ao estudo. Pelo contrário, deve ir com toda sua perspicácia e habilidade para entender o verdadeiro âmago da passagem. Invista tempo pensando no significado do texto bíblico. Insista até conseguir. Então agradeça a Deus pelo entendimento e aplique-o à sua vida de modo a aumentar sua devoção a Deus. Faça um estudo *devocional* da Bíblia dedicando-se a um *estudo* intensivo dela.

Deturpando as Escrituras

No livro de Provérbios, o escritor fala em habilidade "para entender provérbios e parábolas, as palavras e enigmas dos sábios". Há coisas difíceis de entender em Provérbios, mas o livro tem o propósito de instruir. É necessário esforço, oração e trabalho para extrair a verdade que torna o homem sábio.

Infelizmente, o que vemos com certa freqüência no chamado aconselhamento bíblico é o uso da Bíblia de acordo com a própria conveniência. Muitos deturpam as Escrituras, torcem e deformam a Palavra de Deus para encaixar idéias previamente encontradas em livros seculares. É de se esperar que a Bíblia seja invariavelmente deturpada para se ajustar à psicologia quando a interpretação é feita por alguém com doutorado em psicologia e um conhecimento bíblico rudimentar adquirido na escola dominical. Nestas condições, é impossível estudar devidamente a Bíblia. Quando as Escrituras são distorcidas e deformadas, Pedro ensina que o resultado é destruição, tanto para aquele que atua como para aqueles que ouvem. A deturpação das Escrituras arruína a vida de conselheiros e aconselhados.

De acordo com Pedro, o que leva as pessoas a deturparem as Escrituras? Por que há tanta interpretação errônea da Palavra de Deus? Por que as pessoas tratam a Palavra de Deus com tanta superficialidade? 2 Pedro 3.16 põe o dedo na questão: os maus intérpretes são pessoas ignorantes e instáveis.

Deus não confere prêmio à ignorância. Ele quer ver pessoas sábias, cheias de conhecimento. O primeiro capítulo de Provérbios ensina que entendimento, discernimento e conhecimento são partes da vontade de Deus para a nossa vida. A Bíblia foi-nos dada para que pudéssemos ter conhecimento. "O temor do SENHOR é o princípio do *saber".* Os conselheiros que não têm conhecimento da Bíblia estão neste estado porque gastam seu tempo estudando as psicologias e não as Escrituras.

A última onda

Recentemente foi publicado um livro secular com o título *Fad Surfing* (Surfando nas Ondas do Modismo). Seu foco está nas empresas que seguem uma onda após a outra de idéias da re-engenharia para melhorar seus negócios e operar melhor. Mas com onda após onda e após onda, a administração destas organizações está agora desgastada, gerando instabilidade na vida de pessoas e empresas. Muitos estão tombando na ressaca das ondas. Minha opinião é que o mesmo se aplica muito bem ao desenvolvimento daquilo que é hoje chamado de aconselhamento cristão.

Quando comecei a aconselhar, Freud era muito popular. Depois veio Rogers, e tomou-se mais importante que Freud. Depois de Rogers veio Skinner; e mais tarde Skinner saiu de cena. Uma avalanche de tolices os sucederam. "Eu estou ok, você está ok" entrou em cena. Mas hoje não está mais ok! Depois disso veio a ênfase na auto-estima. Quando morei na Califórnia, a questão da auto-estima permeava cada aspecto dos sistemas educacional e governamental. Certa vez, eu estava dirigindo acima do limite de velocidade permitido e fui parado por um policial que se aproximou e disse: "Nós não acreditamos que você seja um mau sujeito porque está correndo, mas você vai ganhar uma multa!". Eu pouco me importava com o fato dele pensar ou não que eu fosse um mau sujeito! O que me importava mesmo era ter que pagar a multa! Mas o seu comentário tinha a finalidade de manter a minha auto-estima. Tais esforços caíram em desuso quando as pessoas finalmente foram forçadas a reconhecer que eles não acrescentavam nada de bom.

As pessoas que promovem uma onda após outra de novas soluções psicológicas nunca aprenderam a interpretar as Escrituras. Não são sábias em extrair das Escrituras o que Deus depositou ali. Gastam seu tempo lendo livros sobre aconselhamento enquanto seu entendimento das Escrituras permanece superficial.

Aprendendo a interpretar as Escrituras

O que você precisa fazer para ser diferente? Se possível, freqüente um curso de interpretação bíblica, hermenêutica ou exegese, termos que vou logo mais explicar. Procure orientação séria para o estudo bíblico. Se você não puder freqüentar um curso, meu livro *What To Do On Thursday (O Que Fazer na Quinta-feira)* pode orientá-lo. O importante é aprender a interpretar as Escrituras.

O mau uso das Escrituras não acontece apenas porque as pessoas são *ignorantes.* Pedro diz que são também *instáveis,* sem raízes profundas. Elas se curvam a cada vento de doutrina. Esta "onda de modismo" é constante em determinados círculos devido à instabilidade das pessoas. Em vez de aprofundarem e aperfeiçoarem seu conhecimento bíblico a respeito de como viver para Deus com alegria, elas adotam um sistema de aconselhamento após outro e logo em seguida os lançam ao mar. Jamais chegam ao conhecimento da verdade (cf. 2Tm 3.7).

Não creio que eu conseguiria ir muito longe por este caminho. Por exemplo, se eu tivesse investido meu tempo em "Eu estou ok, você está ok" para depois descobrir que já estava fora de moda e que eu precisaria adquirir ferramentas de *outro* sistema, aprender seu jargão e estratégias, eu não ficaria satisfeito. Ao descobrir que este tipo de reciclagem seria necessário diante de cada uma das sucessivas ondas de teorias de aconselhamento novas, eu logo ficaria cansado. Eu come-

çaria a colocar em dúvida se estas pessoas encontraram de fato a resposta e concluiria, a tempo, que os conselheiros, em sua maior parte, são instáveis. Tiago diz que tais pessoas são como as ondas do mar. Você pode ver uma onda, mas quando você se aproxima para tocá-la, ela já se foi! Ela é instável. Muda constantemente de forma, posição e cor. Está em movimento contínuo. Eu não seria capaz de aconselhar pessoas se estivesse continuamente em mudança. Você seria?

A Palavra de Deus é *estável.* Os conselheiros que alicerçam sua fé com firmeza sobre a Palavra tornam-se estáveis, arraigados e fundamentados em algo que não muda. À medida que seu conhecimento se aprofunda, é claro que haverá certa mudança. Mas visto que as Escrituras permanecem como a fonte e o referencial para tudo quanto crêem e fazem no aconselhamento, eles nunca precisarão fazer uma reciclagem para adotar um modelo inteiramente novo. Eles aprenderão mais a respeito daquilo em que já se firmaram. Mudança será um aprofundamento do entendimento, algo edificado sobre o mesmo fundamento. Que diferença isso faz! Você não precisa desanimar. Pode ter a certeza de que assumir uma posição ao lado da Palavra de Deus e gastar seu tempo aprendendo mais e mais a respeito dela é investir em algo sólido e digno de valor.

Há uma outra bênção que precisa ser mencionada. Você está estudando a Palavra do Deus vivo, logo é impossível fazer isto sem que resulte em benefício para você — sem que o desafie e o conduza ao arrependimento, a um maior entendimento de como viver com outras pessoas, como lidar com os aconselhados e como resolver os problemas. É maravilhoso investir seu tempo na Palavra de Deus, aprendendo mais e mais do que ela diz. E algo de grande benefício. Considero um enorme privilégio estudar a Palavra para pregar e aconselhar, e não consigo entender por que alguém gastaria tempo procurando sabedoria em outro lugar a não ser na Bíblia.

Mas de acordo com Pedro, o erro é algo que contamina. "Vós, pois, amados, prevenidos como estais de antemão, acautelai-vos; não suceda que, arrastados pelo erro desses insubordinados, descaiais da vossa própria firmeza" (2 Pe 3.17). Algumas destas pessoas são desprovidas e malinformadas, embora bem intencionadas. Outras, como diz Pedro, não têm princípios morais. Algumas reconhecem o vazio daquilo que estão fazendo, mas foi tamanho o investimento feito que elas seguem adiante fingindo, praticando e propagando suas idéias, embora não estejam de fato ajudando outras pessoas.

Três elementos de interpretação

Deus nos chama a concentrar a atenção no conhecimento bíblico e crescer na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Há três termos que são importantes para a interpretação da Bíblia.

Hermenêutica é o primeiro deles. A palavra deriva do nome de um personagem da mitologia grega, Hermes, o suposto mensageiro dos deuses gregos e intérprete de suas mensagens. Em nossos dias, a palavra perdeu sua conotação religiosa, mas ainda traz a idéia de um mensageiro que interpreta uma mensagem para outra pessoa. Ela significa simplesmente explicar, interpretar. Em Lucas 24.27, lemos: "E, começando por Moisés, discorrendo por todos os Profetas, [Jesus] expunha lhes o que a seu respeito constava em todas as Escrituras". Jesus estava fazendo hermenêutica. Ele estava explicando.

Utilizamos hoje a palavra hermenêutica com referência à ciência da interpretação e explicação da Bíblia. Ela inclui, em seu uso mais comum, as teorias, os princípios e as práticas da interpretação da Palavra de Deus. O exercício de colocar estes princípios em ação durante o estudo da Bíblia é identificado por outra palavra, *exegese.* Este é o segundo termo com o qual precisamos nos familiarizar. É uma forma da expressão grega que significa *levar ou conduzir para fora.* Refere-se ao ato de extrair das palavras de um escritor o seu pensamento. Na exegese, você extrai os pensamentos do autor usando ferramentas da hermenêutica, de acordo com os princípios da hermenêutica. Você colhe estes pensamentos e os transporta para seu coração e sua mente, de modo a ser capaz de apresentar aos outros as verdades da Palavra de Deus.

Em outras palavras, o que fazemos ao praticar uma boa exegese é aplicar os princípios de interpretação (a hermenêutica) de modo a extrair *da* Bíblia aquilo que Deus colocou *na* Bíblia. Não derramamos primeiramente algumas de nossas idéias na Bíblia para depois puxá-las dali. Vamos ao poço com um cântaro vazio; queremos saber o que Deus tem a nos dizer. À medida que mergulhamos na verdade de Deus, o que vem à tona são as águas vivas da Palavra. Isto é exegese.

Calvino escreveu: "A primeira tarefa de um intérprete é permitir queo autor diga aquilo que de fato diz, em lugar de atribuir a ele o que pensamos que ele deveria dizer". Isto é exegese. Em outras palavras, exegese envolve todo o entendimento, toda a experiência e toda a ajuda que possam estar disponíveis para extrair da Palavra o significado e a intenção do Espírito Santo ao escrever o texto srcinal.

Um outro termo não-técnico, mas que nos ajuda a entender a questão, *é abrir ou expor.* Ele completa nossa lista tríplice. Esta palavra aparece em Lucas 24.32, 45, e seu sentido é o de abrir a Palavra e explicar. Você se lembra de como Jesus se referiu aos fariseus dizendo que haviam tomado a chave do conhecimento, trancado a porta e lançado fora a chave? Isso impedia que as pessoas entrassem e ganhassem conhecimento. Em contraste, *abrir é* colocar a chave na fechadura e escancarar a porta do conhecimento da Palavra de Deus diante das pessoas. É dizer: "Aqui está o que Deus diz em Seu Livro", e explicar isso aos outros.

Ministrar a Palavra durante uma sessão de aconselhamento é explicar uma passagem bíblica a alguém para que possa dizer em seu coração e em voz alta: "Ah! Eu entendo o que isso quer dizer!". Mais tarde, os aconselhados não dirão: "Esta é uma idéia do conselheiro". Dirão: "Eu entendo que isso é o que Deus está me falando em Sua Palavra. O conselheiro *abriu* essa passagem para mim de tal maneira que pude saber o que Deus está me dizendo". Isto contrasta com o uso superficial de um trecho das Escrituras, quando um conselheiro (figurativa ou literalmente) entrega um versículo a alguém e diz: "Leia três vezes ao dia, acompanhado de oração". Isto não *é ministrar* a Palavra. O bom aconselhamento implica fazer primeiramente um estudo pessoal da Palavra de Deus para compreendê-la. Depois, com o aconselhado sentado à nossa frente, *abrimos* a passagem diante dele para que ele possa reconhecer que a autoridade daquilo que estamos dizendo não vem de nós, mas de Deus — ele pode perceber isto por meio da Palavra *aberta.* Sempre que as Escrituras são plena-

mente expostas, os aconselhados não podem desculpar a si mesmos encolhendo os ombros e dizendo: "Muito bem, isso é apenas o que o conselheiro pensa". Se virarem as costas a uma ordem bíblica, eles o farão com pleno conhecimento.

Os alvos de um intérprete

Uma vez estabelecido que o alvo é entender os pensamentos e intenções do Espírito Santo expressos por meio dos escritos inspirados de homens escolhidos por Deus, os objetivos do intérprete devem ser três: (1) nada adicionar nem subtrair aos pensamentos e intenções do Espírito Santo, mas (2) reproduzi-los com exatidão em palavras que sejam plenamente compreensíveis (3) pelo intérprete e por aqueles que ele aconselha. Este é um pré-requisito para o verdadeiro aconselhamento bíblico.

Por que isso é importante? Por causa daquilo que Deus diz ser a tarefa de um verdadeiro conselheiro. Em Isaías 40.13, 14, Ele nos lembra que não cabe aos homens aconselhar o Espírito de Deus. Deus não precisa ser aconselhado! Todavia, no decurso de seu argumento, Isaías lista aquilo que um conselheiro normalmente faz e aquilo que um conselheiro precisa fazer. Isaías diz que um conselheiro normalmente *orienta as pessoas.* Segundo, ele *informa.* Terceiro, ele *dá entendimento ou discernimento.* Quarto, ele *ensina.* Mais adiante, em Isaías 41.28, ele acrescenta que um conselheiro *oferece respostas.* Um conselheiro, portanto, orienta, informa, dá entendimento, ensina e oferece respostas às perguntas que lhe são feitas. Se você pretende cumprir este papel biblicamente, você precisa saber como interpretar a Bíblia.

Biopsiquiatria

David Powlison[1]

Por cerca de dez anos, até a metade da década de 90, para qualquer lado que você se voltasse no mundo do aconselhamento ou em uma livraria, você ouviria mencionar como causa dos problemas da vida as experiências penosas de ser usado e abusado por outras pessoas. As emoções desagradáveis e os comportamentos destrutivos eram estimulados e orientados por um senso de mágoa e vazio proveniente de maus relacionamentos. Os livros *Codependent No More (Não Mais Co-dependente,* 1987) de Melody Beattie e *Homecoming (De Volta ao Lar,* 1990) de John Bradshaw foram amplamente vendidos. No mundo evangélico, as clínicas psiquiátricas particulares, que ofereciam também tratamentos com internação, prosperaram propondo essencialmente esta mesma teoria: as clínicas Minirth-Meier e Rapha, e o New Life Treatment Center (Centro de Tratamento Vida Nova). Os psicólogos e psiquiatras evangélicos escreveram *bestsellers* defendendo que a dor e o vazio emocionais desempenham um papel primordial e determinante em nossa alma: por exemplo, *Inside Out (De Dentro para Fora,* 1987) de Larry Crabb *e Love is a Choice (O Amor é uma Escolha,* 1989) de Robert Hemfelt, Frank Minirth e Paul Meier.[2]

O centro de ação estava nas experiências da infância. Visto que as nossas famílias eram disfuncionais, encenávamos o papel de um perdedor por nascença e de uma vítima infeliz - até que pudéssemos encontrar cura interior e satisfação emocional. *"Por que* meus pensamentos, sentimentos e comportamentos são maus? Eu sofri abuso. Meu pai é o responsável. Providencie relacionamentos de cura para

[1]Tradução e adaptação de *Biological Psychiatry* Publicado em *The Joumal of Biblical Counseling v.* 17, n.3, Spring 1999, p. 2-8.

[2]*Inside Out é* diferente de *Love is a Choice* em aspectos que contam a favor de Crabb. Mas ambos ensinam que o mecanismo subjacente da alma *é o* coração necessitado, ferido, cheio de anseios e vazio, que foi vitimado e não *é* devidamente satisfeito por meio dos relacionamentos.

mim e ajude-me a ter pensamentos a meu respeito que promovam a cura". Estes foram os dias de glória do "ambiente em que fui criado" e, conseqüentemente, os dias de glória da psicoterapia e dos grupos de apoio. Se a condição básica de um indivíduo era de imersão no organismo social, então manter ao seu redor pessoas melhores contribuiria para ele melhorar.
E então o mundo mudou.

O eu interior necessitado e ferido, tão marcado e desfigurado pelas experiências traumáticas vividas, desapareceu no pano de fundo. Ao longo da segunda metade da década de 90, todos descobriram que eram os genes, os hormônios e o cérebro os verdadeiros causadores dos problemas da vida. Nosso corpo era disfuncional, e não a família. As tecnologias de diagnóstico por imagem - tomografia computadorizada e outras mais - permitiram examinar atentamente o interior do cérebro para observar as descargas elétricas dos neurônios, traçar os mecanismos padrão e identificar o lugar onde os estados emocionais e as escolhas de comportamento acontecem. O Projeto Genoma Humano está gerando um relato após outro sobre o fundamento genético dos pecados comuns.

Em *It's Nobody's Fault (Não é Culpa de Ninguém,* 1997), Harold Koplewicz diz que as crianças indóceis sofrem de uma deficiência nos neurotransmissores, e não há nada de errado com elas como pessoas ou com a maneira como foram criadas. Em *Listening to Prozac (Ouvindo o Prozac,* 1993), Peter Kramer diz que entramos na era da "psicofarmacologia cosmética". Podemos agora tentar um ajuste químico do cérebro de pessoas deprimidas ou ansiosas, acanhadas ou agressivas: "Prozac pode transformar um pessimista em otimista, um solitário em extrovertido".[3] A química cerebral e a genética tornaram-se a causa *eficiente* da nossa personalidade, das inclinações e problemas: um temperamento alegre ou melancólico, tendências para violência, alcoolismo, comer em excesso, preguiça, distração ou timidez, escolha de um comportamento homossexual ou promíscuo. E a causa *eficiente* é sempre a causa mais interessante, e aquela com a qual você deve lidar para realmente alcançar mudanças. Ou se algo não pode ser mudado, pois é parte da compleição genética, temos razão para aceitar um comportamento como normal e amoral.

Visto que nosso corpo é disfuncional, somos marionetes que dançam suspensas por fios de neurônios, ao som de uma melodia programada por nossos genes e a droga certa pode acalmar quando a dança torna-se espástica. *"Por que* meus pensamentos, sentimentos e comportamentos são maus? Eu sou vítima de uma malformação. Meu corpo é o responsável. Providencie medicamentos para me acalmar ou me animar para que eu possa sentir-me melhor e funcionar melhor". Estamos vivendo agora os dias de glória da "ciência" e, conseqüentemente, os dias de glória da biopsiquiatria. Se o indivíduo é uma máquina com partes que não funcionam bem, um mero organismo, então qualquer coisa que faça as partes funcionarem melhor contribuirá para ele melhorar.

Evidentemente, eu simplifiquei de modo exagerado nosso contexto histórico para ressaltar meu argumento. As coisas nunca são perfeitamente distintas: as clí-

[3]KRAMER, Peter. *Lístening to Prozac: a psychiatrist explores antidepressant drugs and the remaking of the self.* USA: Viking, 1993.

nicas Minirth-Meier também prescreviam Prozac para todos os seus co-dependentes feridos. Teorias passageiras podem ter os seus quinze minutos de fama antes de sair de cena, mas geralmente levam um longo tempo para desaparecer completamente. O conceito de necessidades psicológicas e de feridas emocionais ainda está entre nós e não desvanecerá tão cedo. Mas sem dúvida, o mundo mudou na segunda metade da década de 90. O campo de *ação* está agora no corpo. O que importa é o que você recebeu de seus pais, e não aquilo que eles fizeram a você. *O entusiasmo* está nas funções do cérebro, e não nas disfunções da família. *O foco* está na pesquisa sólida das ciências médicas e na psiquiatria, e não nas psicologias maleáveis que enfatizam a dor e a filosofia de vida.

A psiquiatria está de volta. A partir da década de 60, os psiquiatras afastaram-se de forma contínua do tratamento da vida cotidiana. Face às novas e numerosas alternativas profissionais no campo da psicoterapia, eles pararam de conversar com as pessoas e armaram sua barraca no terreno biomédico. Agora a biologia está repentinamente em alta, e a psiquiatria está abrindo caminho e varrendo de sua frente toda oposição. As companhias de seguro gostam disso porque as drogas psicotrópicas têm aparência de "medicina", parecem ser mais baratas que uma conversa e prometem resultados mais previsíveis. Os profissionais psicoterapeutas estão na defensiva, temerosos de ter que encontrar outra profissão, aflitos por descobrir um meio de sobrevivência no mundo das "profissões de ajuda", caindo vagamente em descrédito intelectual e vendo passar o brilho da década dourada de 80.

Enquanto a biopsiquiatria atua hoje em uma posição de força intelectual, as psicologias atuam em posição de fraqueza. As psicologias estão pagando agora o preço da confusão cognitiva em que caíram por décadas. À medida que as teorias continuaram a proliferar, a possibilidade de uma Grande Teoria Unificada da natureza humana tornou-se apenas lembrança, uma velha idéia impraticável da primeira metade do século vinte.

Não há esperança de que Freud ou Adler, Maslow ou Skinner, Kohut ou Satir possam estar de fato *certos.* Ninguém espera que no novo milênio possa aparecer algum gênio com talento para inovação e também para a grande síntese. Ninguém espera que desponte alguém com *a verdadeira* psicologia. Desta forma, "ecletismo" não é mais uma palavra feia. Tempos atrás significava falta de rigor intelectual e coragem, e uma atuação pragmática. Agora, na era do ceticismo teórico, tornou-se o único curso de pensamento e ação honesto: os terapeutas prezam pela variedade de métodos e os teóricos pelo ecletismo fundamentado. As micro-teorias e micro-pesquisas são o que resta para oferecer: "reações de tristeza em lésbicas hispânicas na faixa de trinta anos" não têm relacionamento teórico com "reações de alegria em adolescentes jogadores de futebol americano campeões estaduais em Massachusetts".

Não há uma perspectiva unificada. A pluralidade dissipa qualquer possibilidade do "um". A pós-modernidade e o multiculturalismo martelam o prego final no caixão: já que tudo não passa de uma questão de interpretação pessoal sua ou minha, então tudo se reduz a relações de poder. Sendo assim, as profissões relacionadas à psicoterapia legitimam a si mesmas apenas pelo *status* de um registro profissional e por serem pagas, e não porque possuem boa qualidade, verdade ou

eficácia demonstráveis. A "psicologia", no singular, está enfrentando um problema fundamental, visto que ninguém nem mais acredita que exista tal coisa. O que resta são "psicologias".

Mas o que é verdadeiro para as psicologias e psicoterapias não é para a psiquiatria. No conjunto das profissões de ajuda que se dirigem aos problemas pessoais, o único candidato viável para a Grande Teoria Unificada não é exatamente uma "psicologia", mas a biopsiquiatria. A "psichê" torna-se um subproduto do corpo. A medicina está pronta para reivindicar a personalidade humana. Sigmund Freud, fisiologista por formação, sonhou com o dia quando o drama da vida humana seria compreendido biologicamente e curado pela medicina. Ele teceu seus mitos em meio à falta de habilidade da ciência médica para desvendar o pensamento consciente, o comportamento, o desejo, a consciência e a emoção, entre outros. Mas Freud acreditava que algum dia a ciência penetraria no *cérebro* que opera em e por meio do id, ego e superego.

A dança que acontece em público e no semi-privado - a mente consciente e inconsciente - seria um dia explicada pelo cérebro. São muitos os que acreditam que agora chegou a hora de poder colocar suas mãos no pote de ouro. O sonho do materialismo reducionista parece, de modo tantálico, muito perto de se tornar realidade. Em nossos dias, somente a biopsiquiatria (além da fé bíblica) pode reivindicar de modo plausível uma Grande Teoria Unificada do funcionamento humano.

Foi estupidez e suicídio social dizer que todos eram vítimas de abuso. É também desagradável dizer que somos pecadores diante do Deus e Pai de Jesus Cristo o único Redentor. As pessoas querem dizer que somos essencialmente corpo, porque assim podemos consertar o que nos aflige. Este é o monstro-assolador que tenta esmagar tanto a psicologia e a psicoterapia como o cristianismo.

Durante anos os conselheiros bíblicos desafiaram *a psicologização* da vida humana, argumentando que os seres humanos são básica e profundamente relacionais - vivem diante de Deus e em relacionamento com Ele. A grande síntese de *todos* os fatos acerca do homem é... o cristianismo. As pessoas psicologizadas procuram explicar e consertar vidas por meio de alguma interpretação da vida humana que exclui Deus, o pecado, Cristo, a santificação e o restante da verdade bíblica. Mas é tempo de atualizarmos um pouco nossa linguagem. Atualmente, *a biopsicologização* da vida humana está surtindo um efeito amplo, tanto na cultura como na igreja. Ministramos a um número cada vez maior de pessoas biopsicologizadas, que vêem a si mesmas, seus cônjuges e filhos como *corpos* que enlouqueceram.

Um artigo publicado recentemente pela revista *The Economist* coloca bem a questão: "Muito do conhecimento novo vindo da genética, biologia molecular e ciências neurológicas é esotérico. Mas seu impacto cultural já está indo adiante da ciência. As pessoas começam a ver a si mesmas não mais como um todo com um centro moral, mas como resultado da ação combinada de partes pelas quais elas têm pouca responsabilidade".[4] A base de conhecimento pode estar exagerada ou mes-

[4]ANDERSON, Alun. *Are you a machine of many parts?* In: *The World in 1999,* London: The Economist, 1999. p. 109-110.

mo subdesenvolvida, mas o sistema de valores está evidente: logicamente, você não é VOCÊ no momento de assumir alguma responsabilidade por aquilo que há de errado com você, mas é apenas uma máquina cujas partes não estão funcionando.[5] A prática também tende a correr muito adiante do conhecimento: o que não está funcionando pode ser substituído, reinstalado, atualizado ou lubrificado, mesmo que ainda não compreendamos totalmente o mecanismo subjacente.

A igreja está um pouco atrás do modo de pensar da cultura. Mas ela já está sendo afetada profundamente pelo sistema de valores e prática da biopsiquiatria. Se algo está estragado, ou se apenas não está funcionando com excelência, pode ser consertado de fora para dentro por uma droga psicotrópica: melhora da qualidade de vida pela química. Em seu ministério e em sua igreja, você já está provavelmente enfrentando este sistema de valores e práticas. Tanto nos bancos da igreja como no púlpito, muitos estão debaixo do efeito de drogas que alteram a mente, o humor e o comportamento. Cada vez mais, todos nós lidamos com as idéias e as reivindicações do conhecimento. A revista *Time* começa a informar em reportagem de capa sobre os questionamentos e escolhas com que os cristãos se deparam na vida diária. Por fim, tais idéias alcançam o sistema educacional em forma de sabedoria da cultura com que se deve discipular a geração seguinte.

Este artigo é limitado na abordagem do problema. Minha descrição não é mais do que uma pincelada superficial. Darei agora dois argumentos breves em resposta a este desafio à fé cristã. O primeiro é baseado em "pressuposições" e o segundo, em "evidências históricas". O primeiro é de longe o mais importante, mas não irei além de enunciá-lo, pois tem sido tratado muitas vezes e por muitos antes de mim. O segundo é somente um argumento auxiliar, mas ele oferece o conforto peculiar da perspectiva de um grande quadro - se construído sobre o primeiro argumento.

Em primeiro lugar, o que Deus disse a respeito da natureza humana, dos nossos problemas e do único Redentor é verdade. E verdade verdadeira, uma verdade confiável. O que a Bíblia diz a respeito do homem nunca será destruído por nenhuma descoberta neurológica ou genética. A Bíblia é uma bigorna que tem desgastado milhares de martelos. A neurologia e a genética estão descobrindo uma *grande quantidade* de fatos interessantes. As novas descobertas permitirão que os médicos curem algumas doenças, o que é algo genuinamente bom e que beneficiará a todos. Mas a biopsiquiatria não pode explicar, nem jamais explicará, o que de fato somos. Todo homem é criado à semelhança de Deus, com um corpo e uma alma que dependem de Deus. A própria habilidade para traçar o genoma humano ou uma tomografia computadorizada é dada por Deus.

Além isso, todos os homens são moralmente loucos pelo efeito do pecado, vivendo como se fossem deuses, ainda que

[5]Talvez não deva nos surpreender que as pessoas tenham a tendência de ver a si mesmas como máquinas apenas quando as coisas não estão indo bem. Muitas pessoas, inclusive cientistas, ainda recebem crédito por suas realizações, habilidades, escolhas bem sucedidas e opiniões, exatamente como faziam quando as famílias disfuncionais eram o auge da moda!

Deus restrinja a manifestação lógica do pecado. Esta é a razão por que as implicações, aplicações e esperanças das descobertas da neurobiologia combinam aquilo que é bom com o que é aterrador e perverso. Os biopsiquiatras e pesquisadores da microbiologia interpretam suas descobertas e determinam as implicações de um ponto de vista deformado pelo pecado. As pressuposições e esperanças que motivam a biopsiquiatria são tão mitológicas quanto as crenças de um hindu que se inclina ante o deus Kali, ávido de sangue, ou o deus Shiva, dado à perversão sexual. Tanto a biopsiquiatria como o hinduísmo servem a uma visão fantasiosa da realidade da vida humana. Como preço por curar a poucos, os biopsiquiatras induzirão muitos ao erro. *Eles* não agem conforme o previsto pela sua teoria - como máquinas ou meros organismos. Eles agem como pessoas criadas à imagem de Deus e enganadas pelo pecado. "Seja Deus verdadeiro, e mentiroso todo homem" (Rm 3.4). E eles podem ser redimidos, tanto no aspecto pessoal como intelectual e prático.

Os filhos de Deus *estão* em Cristo, e aprendem a amar a Cristo em um processo de mudança gradual da loucura para a sabedoria. Este é o argumento pressuposicional. As pressuposições bíblicas não contrariam os fatos da neurobiologia, assim como não contrariam os fatos do sofrimento, socialização, guerra, sexualidade, emoções ou história. O cristianismo é a grande "síntese", a "teoria" unificadora, a verdade.

Isso conduz ao meu segundo argumento contra a biopsicologização da existência humana: "Isso, também, passará". É útil ganharmos um pouco de perspectiva histórica, reconhecendo que estamos no meio da *terceira* maior onda biopsiquiatrica dos últimos 130 anos. Em cada caso, um pequeno acréscimo de conhecimento ou uma nova prática extrapolou em uma esperança enorme de resolver os males da humanidade. Em cada caso, a biopsiquiatria fez um bem pequeno e deixou muita desilusão. A primeira onda durou do fim da Guerra Civil Americana (1865) até por volta de 1910. O conhecimento neurológico novo - p. ex., a localização de determinadas funções cerebrais devido aos efeitos de lesões cerebrais ocorridas durante a guerra - foi generalizado na tentativa de definir os problemas da vida pelo modelo médico e tratar a vida pelos recursos médicos. A "neurastenia" ou o "esgotamento nervoso" tornaram-se explicação vulgar para qualquer ansiedade, depressão, perda de propósito na vida, irritabilidade e vício. Várias maneiras de fortalecimento dos nervos foram usadas: descanso, dieta, caminhadas ao ar livre, trabalho em fazendas, prevenção do estresse, medicamentos.

Por um ângulo um pouco diferente, a abordagem fisiológica da psicologia desenvolvida por Ivan Pavlov na década de 1890 foi uma tentativa inicial de reduzir a existência do homem a um mosaico de atividade neuro-elétrica no córtex. Suas experiências também ofereceram uma demonstração tosca de que o comportamento e as funções glandulares podem às vezes ser manipulados. O mentor de Pavlov, Sechenov, havia definido sua filosofia materialista com a seguinte afirmação pragmática a que seu discípulo se agarrou: "O cérebro segrega pensamento". Esta é uma metáfora espantosa que demonstra a força e a lógica da cosmovisão biologizadora. A primeira onda biopsicológica desva-

neceu-se à medida que suas práticas significativas provaram ser limitadas ou pouco mais do que bom senso. Seu fracasso como cura para a condição humana ficou óbvio a todos, e algo maisatraente e abrangente surgiu.

A psicologia freudiana irrompeu trazendo a primeira "cura pela fala" ou psicoterapia, com o behaviorismo e a terapia behaviorista seguindo logo de perto. Contudo, a primeira onda não desapareceu completamente. Ocasionalmente, ainda se ouve uma pessoa idosa mencionar que fulano está com "esgotamento nervoso", um eco do eufemismo dos anos de 1880 para pecados como ansiedade e murmuração.

A segunda onda biológica, nas décadas de 40 e 50, foi edificada sobre a eficácia de três novos tratamentos médicos para pessoas perturbadas descobertos na época: a terapia eletroconvulsiva e a lobotomia nos anos 40, e as drogas do grupo das fenotiazinas nos ano 50. Usando o eletrochoque, destruindo as células do cérebro ou administrando medicação estabilizadora da mente, os médicos puderam tentar um ajuste do sistema elétrico do corpo, uma vez localizadas as funções cerebrais e identificada sua química. Os processos do humor, comportamento e pensamento foram atingidos. Mas esta onda biopsiquiátrica enfraqueceu à medida que as grandes esperanças foram frustradas pelas realidades impossíveis de tratar.Alguns sintomas foram aliviados, mas as pessoas não estavam *realmente* mudadas... e os efeitos colaterais eram terríveis. Nos anos 60, com o surgimento das novas psicoterapias e campos profissionais ligados à psicoterapia - abordagem sistêmica da família, terapia da realidade, terapia de grupo etc. - a biopsiquiatria saiu da cena pública. Os tratamentos com eletro-choque e drogas psicotrópicas do grupo fenotiazinas subsistem, mas ninguém mais deposita grande esperança neles. Fazem parte de um arsenal da psiquiatria que está disponível para quando nada mais funciona.

A terceira onda está acontecendo agora. Ela reluz com o mesmo brilho de esperança de suas antecessoras, embora certamente pareça muito mais sofisticada. (Semelhantemente, as fenotiazinas pareciam muito sofisticadas em comparação à "cura pelo descanso" e à lobotomia.) Mais uma vez, o conhecimento novo é gerado pela descoberta de novas habilidades para localizar as funções do cérebro: agora são as ressonâncias magnéticas que nos ensinam, e não mais as seqüelas dos ferimentos por bala. As novas drogas não têm os efeitos colaterais incômodos e visíveis que costumavam deixar os pacientes com a boca seca, rígidos e dopados. Ninguém mais introduz pela órbita ocular um instrumento pontiagudo gelado e o movimenta ao redor do córtex cerebral (assim era feita a lobotomia).

O cérebro pode não ser uma glândula que segrega o pensamento, mas ele é um órgão eletroquímico que produz pensamentos, emoções e comportamentos. Ouvimos falar agora em estruturas genéticas, química cerebral e drogas formuladas para influenciar determinados neurotransmissores e as suas funções. De novo, há certo conhecimento real e fascinante aqui. Mas é o mesmo *tipo* de conhecimento das ondas anteriores, moldado e com suas proporções ampliadas por mitos semelhantes. A esperança de que entenderemos e curaremos o que nos aflige, localizando as funções do cérebro, ajustando o sistema

neuroelétrico e a química cerebral, não morre. A biopsiquiatria curará algumas coisas, pelo que devemos louvar o Deus da graça comum. Mas ao longo do tempo, os efeitos colaterais indesejados e imprevistos estarão unidos a uma desilusão enorme. Os benefícios nunca cumprirão as promessas. E a vida de inúmeras pessoas, cujos problemas normais da vida estão sendo agora medicados, não sofrerá mudança qualitativa nem mudança de rumo.

Somente o arrependimento com entendimento, a fé viva e a obediência palpável transformam o mundo. Usando os eufemismos da década de 90, dizemos de alguém "tem" transtorno do déficit de atenção / hiperatividade, "sofre de depressão clínica" ou "é" bipolar. Sem de forma alguma minimizar a realidade dos comportamentos, emoções e processos mentais desordenados a que esta nomenclatura é atribuída, precisamos dizer que estes supostos diagnósticos têm a mesma substância de "esgotamento nervoso".

A terceira onda também passará, embora ela pareça ter potencial de conservação para um prazo de validade considerável, pois tem ciência de boa qualidade misturada com moda e mito. Mas porque a vida humana *é mais* do que isso, nenhuma biopsiquiatria jamais poderá ser satisfatória em questão de explicação nem cura. Algumas teorias novas conquistarão a opinião pública - provavelmente, uma psicoterapia pela fala, uma psicologia ou um sistema que faça sentido. Suponho que será algo "espiritual" ou "social". Na cultura ocidental do século vinte, o interesse nas religiões orientais e ocultismo também tem se manifestado em forma de ondas, semelhantes às da biopsiquiatria, crescendo e depois desvanecendo.

Um movimento neo-junguiano, sofisticado e erudito, poderia atualizar a pluralidade confusa da Nova Era e o sentimentalismo do Gaia para uma psicologia espiritualizada. Mas também estamos na expectativa de uma nova teoria ou terapia comportamental, alguma psicologia social cheia de vigor, que volte suas energias intelectuais e práticas ao condicionamento sócio cultural: educação, mídia, recreação, lazer, família, comunidade e política serão os centros de ação. Não sou um profeta, mas confio - tanto por pressuposição como por evidências históricas - que se esperarmos poucos anos ou décadas o foco não será mais a biologia, assim como não é mais o trauma de infância nem a influência do seu auto-papo sobre a sua auto-estima.

Mas a onda está atualmente em plena força. O Projeto Genoma Humano tem em sua equipe alguns divulgadores maravilhosamente competentes que nos alimentam a todos com uma torrente de informações de cunho tantálico, carregadas de implicações fantásticas. Na semana passada, li um artigo que falava sobre a possibilidade de sermos capazes de reverter o processo de envelhecimento e viver para sempre! Era um material hilariante, acompanhado pelas devidas considerações sobre as implicações éticas. Não posso discutir com os elementos de ciência citados, mas aqui é que a história tem seu papel em nos ativar a lembrança. Quando o mapeamento dos genes estiver completo, quando as pessoas que estão sendo tratadas com Prozac continuarem a não poder conviver bem com o cônjuge, quando a água da fonte da juventude demorar para chegar até nós engarrafada, quando o dinheiro e as realizações não satisfizerem, e quando o

nossos clones passarem a nos odiar... os pecadores descobrirão que Cristoé Aquele de quem necessitam.

Sabemos que apenas a fé cristã é capaz de fazer a grande síntese, unindo o todo da vida: o corpo em sua dimensão física, os relacionamentos, os pensamentos, o sofrimento, asemoções... Biopsiquiatria? Depois de descobrir algumas maravilhas, fazer alguma coisa boa e causar muito dano, além de absorver muito tempo, atenção, dinheiro e energia, isso também passará.

Quero concluir com um desafio para todos nós. Desde o início do movimento de aconselhamento bíblico, há mais de trinta anos, os conselheiros bíblicos assumiram uma posição sobre o relacionamento entre os problemas biopsiquiátricos e os problemas morais-espirituais, que se manteve ao longo do tempo. Provavelmente, a diretriz prática mais comum era "Procure um médico para tratar do seu corpo. Procure o seu pastor ou outros conselheiros bíblicos e amigos sábios para tratar de seu coração, alma, mente, força, estilo de vida e maneira de lidar com o sofrimento".

Jay Adams freqüentemente instigou os pastores a trabalharem "ombro a ombro" com os médicos. Aqueles a quem ele aconselhava passavam em primeiro lugar por um exame médico para detectar problemas orgânicos identificáveis. Mas ele também destacou que o alcance desta diretriz prática era limitado. Esta medida não respondia a todas as ambigüidades: "a linha divisória entre os problemas causados por fatores orgânicos e não-orgânicos é geralmente tênue". Ela também não descrevia o papel que o ministério de aconselhamento sempre desempenha no lidar com o orgânico: o trabalho do conselheiro cristão "envolve constantemente a dimensão orgânica" porque os sofredores precisam de conselhos e oração ao lado de qualquer outra forma de ajuda que seja adequada (Tg 5.13-20).[6]

Os médicos que participaram nos primeiros trinta anos do movimento de aconselhamento bíblico operaram com base na pressuposição gerada pelo bom senso de que os bons diagnósticos podem geralmente distinguir entre os problemas que são verdadeira e decididamente fisiológicos e aqueles que são morais e espirituais, independentemente destes últimos aparecerem claramente ou estarem disfarçados de sintomas psicossomáticos. Sempre houve um espírito humilde diante da complexidade com que Deus criou este todo psicossomático com um centro moral. E em todo tempo houve uma firme confiança de que o aconselhamento bíblico pode sempre oferecer esperança e direção, tanto no caso dos problemas orgânicos tratáveis pela medicina como no caso daqueles que permanecem ambíguos, sem tratamento disponível ou são terminais.

Mas o que acontece quando os médicos e os pesquisadores da medicina passam a dizer que as emoções, os comportamentos e os pensamentos *são* em sua verdadeira essência fenômenos biológicos identificáveis? Que todos os problemas da vida, ou os mais significativos, podem ser reduzidos à biologia? Que nosso corpo determina o coração, a alma, a mente, a

[6]Veja ADAMS, Jay E. *Conselheiro capaz.*São Paulo: Fiel, 1982. p. 37ss.
_____. *Ready to restore.* Phillipsburg, NJ: Presbyterian & Reformed, 1981. p. 32
_____. *O manual do conselheiro cristão. São* Paulo: Fiel, 1982. p. 437ss.
A discussão em *O Manual do Conselheiro Cristão* trabalha bem as sutilezas e ambigüidades no relacionamento entre os problemas morais e orgânicos e, conseqüentemente, entre médicos e pastores.

força? Que uma droga psicotrópica pode de fato consertar aquilo ou aquilo outro que os cristãos chamam de "pecado"? Não poderemos mais dizer: "Passe por um exame médico para descobrir se há uma causa orgânica para esta ansiedade, depressão ou maneira distorcida de pensar". *Haverá* esta causa, por definição, em todos os casos. Uma pretensa causa fisiológica para tudo significará um tratamento médico para tudo, uma droga psicotrópica formulada para fazer tudo quanto for necessário para que você se sinta e funcione de forma excelente. Nem mais haverá problemas "psicossomáticos", porque os problemas relativos às emoções, à motivação, aos comportamentos, relacionamentos e pensamentos registrados em sintomas físicos serão identificados como tendo uma causa física! Eles serão somato-psicossomáticos; portanto, para que se incomodar com a variável do meio?

Os conselheiros bíblicos que têm escrito sobre estas questões sempre deixam espaço para uma "área cinzenta" entre o fisiológico e o moral-espiritual. Jay Adams descreveu causas orgânicas, causas morais e "outras" causas ambíguas ou "uma combinação de ambas" como aquilo que produz padrões de pensamento e comportamento bizarros ou "esquizofrênicos". Desta forma, o aconselhamento (sempre indicado) e o tratamento médico (algumas vezes exigido) combinaram flexibilidade em diferentes proporções.[7]

Adams e outros sempre se opuseram ao uso indiscriminado de medicamentos e deixaram um certo espaço cuidadosamente reservado aos medicamentos como ajuda nos problemas com base orgânica. Adams ratificou o uso estratégico de antidepressivos: "O médico pode descobrir alguns dos casos pouco freqüentes de depressão com causa química, e em casos graves ele pode ajudar o pastor a engajar-se em um aconselhamento significativo administrando temporariamente antidepressivos".[8]

Ed Welch distingue aqueles problemas que podem ter um componente orgânico misturado a fatores morais (p. ex., algumas crianças hiperativas e algumas depressões) daqueles que não são biologicamente determinados (p. ex., alcoolismo e homossexualidade).[9] Mas o que acontece quando a biopsiquiatria chega e diz: "Eureca! Identificamos o gene da esquizofrenia e da depressão bipolar. Localizamos a parte do cérebro que produz o transtorno obsessivo-compulsivo. Achamos o neurotransmissor que produz todos os estados depressivos e formulamos a droga psicotrópica que transforma todo desânimo em bom ânimo otimista. Encontramos os genes que determinam tanto a homossexualidade (é uma variação genética normal) como o alcoolismo (podemos identificá-lo em um teste pré-natal e alterá-lo com terapia genética)"? Em tal situação, nós que procuramos aconselhar biblicamente precisamos dizer algo mais. E precisamos falar com cuidado, clareza, coragem e persistência. Quando a medicina parecia ocupar-se dos seus interesses dentro do estilo antigo, a diretriz prática funcionou. Mas quando a medicina alcança alguns

[7] ADAMS, Jay. The Christian approach to schizophrenia. In: *The Journal of Biblical Counseling, v.* 14, n.1, Fall 1995, p. 27-33.

[8] ADAMS, Jay. Depressão. In: *The encyclopedia of Christianity.* Marshlton, DE: The National Foundation for Christian Education, 1972, v. 3. p. 362-3.

[9] WELCH, Edward. *Blame ir on lhe brain.* Phillipsburg, NJ: P&R, 1999.

conhecimentos novos e opera de modo imperialista, precisamos de diagnósticos e prescrições mais perspicazes se queremos aproveitar aquilo que há de bom na medicina pela graça comum e também resistir a nos deixar colonizar.

Temos trabalho a ser feito. Precisamos desenvolver de maneira mais completa a nossa teologia prática para saber lidar com as controvérsias atuais e prover direção para o povo de Deus que estará aflito, freqüentemente confuso e algumas vezes enganado. De várias maneiras, era "mais fácil" resistir ao modelo da família co-dependente e disfuncional do fim da década de 80 ou às terapias rogerianas com um toque de psicanálise das décadas de 50 e 60. Aquelas eram apenas psicologias ruins que ficavamaquém quando contrapostas à boa psicologia de que a fé cristã toma conhecimento por meio da Bíblia: a dinâmica da natureza humana, o significado de toda sorte de sofrimento etc. Mas a biopsiquiatria é *medicina,* que quando contraposta à fé cristã faz com que esta pareça ser apenas mais uma "psicologia" a ser eliminada com uma retro-escavadeira pelo reducionismo biológico triunfante. Quando protestamos: "Mas nós podemos *aconselhar* pessoas iradas e ansiosas para que se arrependam e aprendam a viver em fé e amor", *parece* que estamos dizendo algo do gênero "Expulse o demônio do câncer" ou "E só crer em Jesus e você pode jogar fora seus óculos". Quando a ira e a ansiedade são vistas como doenças do corpo tratáveis pela medicina, parecemos pessoas bizarras que espiritualizam a vida mesmo para aqueles que estão nos bancos das igrejas ou em outros púlpitos. Temos muito trabalho a fazer para proteger e edificar o corpo de Cristo.

Abrindo Olhos Vedados

Outra visão da coleta de dados

Paul D. Tripp[1]

Célia viera se aconselhar para "receber ajuda em relacionamentos". Ela se sentia "rejeitada por todos" e, em lágrimas, descreveu sua incapacidade de encontrar sequer um "amigo fiel". Deus parecia bem distante, mas ainda assim Célia mantinha firme a idéia de que não era uma pessoa "tão má"; com certeza, ela não era ruim o suficiente para receber os "pontapés" que havia recebido.

Apesar de compadecer-me de Célia, eu também procurei fazê-la olhar para si mesma. Já que rejeição era o tema de sua vida, sugeri que deveríamos perguntar se ela estava fazendo alguma coisa que contribuísse para o problema. Célia imediatamente tornou-se irritadiça e defensiva. Como conselheiro, o que eu deveria fazer em seguida? Eu precisava conhecer mais sobre ela; porém, mais importante ainda, Célia precisava saber mais sobre si mesma. Havia paredes de cegueira pessoal que precisavam ser penetradas, ou Célia jamais estaria na posição de uma verdadeira aconselhada. Ela estava ferida, frustrada e exausta, mas por causa da sua falta de visão, ela ainda não estava à procura de melhorar.

Um dos efeitos trágicos da queda é a cegueira pessoal do coração. É um efeito universal e um dos fatores que fazem o aconselhamento bíblico ser tão difícil. Ela altera radicalmente o processo de coleta de dados.

Visto que o pecado é enganoso e as pessoas caídas são naturalmente cegas aos assuntos que dizem respeito a elas mesmas, a coleta de dados deve sempre ter dois objetivos. Primeiro, o processo precisa dar ao conselheiro a informação necessária para prover um aconselhamento bíblico sábio. Entretanto, um propósito ain-

[1]Tradução e adaptação de *Opening Blind Eyes. Another Look at Data Gathering*
Publicado em *The Journal of Biblical Counseling. v.* 14, n.2, Winter 1996, p. 6-11.
Paul Tripp é diretor do ministério *Changing Lives* da *Christian Counseling and Educational Foundation.*

da mais fundamental é que sejamos instrumentos do Messias para abrir olhos que estão cegos há tanto tempo.

Dar vista aos cegos é o coração da missão messiânica de Cristo. Ansiando pela vinda do Messias, lsaías disse: "então se abrirão os olhos dos cegos, e se desimpedirão os ouvidos dos surdos" (Is 35.5). A promessa de Deus vai além: "Guiarei os cegos por um caminho que não conhecem, fá-los-ei andar por veredas desconhecidas; tornarei as trevas em luz perante eles, e os caminhos escabrosos, planos. Estas coisas farei, e jamais os desampararei" (Is 42.16).

O Messias é o Único capaz de abrir os olhos dos pecadores cegos e fazê-los ver. Isaías descreve assim o pecador: "Por isso está longe de nós o juízo, e a justiça não nos alcança; esperamos pela luz, e eis que há só trevas; pelo resplendor, mas andamos na escuridão. Apalpamos as paredes como cegos, sim, como os que não têm olhos andamos apalpando; tropeçamos ao meio-dia como nas trevas". (Is 59.9, 10 a)

No Sermão do Monte, Cristo nos comissiona a ser parte da Sua missão messiânica, fazendo brilhar a luz da verdade na escuridão do pecado. Isto é exatamente o que devemos procurar fazer no aconselhamento. Nosso objetivo não é somente expor a escuridão que existe nos relacionamentos e nas diferentes situações, mas expor a escuridão do coração para que o evangelho possa ser aplicado.

Todos os nossos aconselhados estão, de alguma maneira, "apalpando as paredes.... como os que não têm olhos". Nossa coleta de dados deve considerar tal necessidade seriamente. Quero ajudar o aconselhado a ver a si mesmo no espelho da Palavra de Deus. Para tanto, farei perguntas que ele nunca faria e sondarei em lugares a que ele não saberia chegar. Minhas questões fluirão de uma perspectiva bíblica acerca das pessoas e seus problemas. Quando procuro por um fim ao tatear no escuro, eu retrato o Messias. Não estou simplesmente anunciando minhas conclusões, mas ajudando os olhos cegos a enxergar com clareza e profundidade bíblicas os pensamentos e motivações do coração.

Este é o primeiro de três artigos que focalizam o "abrir de olhos" por meio da coleta de dados. Examinaremos a natureza da cegueira que todos os pecadores experimentam e olharemos para o que precisamos incluir em nosso papel de instrumentos de Deus.

As máscaras da cegueira espiritual

A diferença entre a cegueira física e a espiritual é que a primeira é extremamente óbvia e a segunda, geralmente, passa despercebida. Uma pessoa cega fisicamente é imediatamente confrontada com sua condição e as limitações que ela acarreta. Já a pessoa cega espiritualmente, além de não reconhecer muitas vezes sua cegueira, está convencida de que tem uma excelente visão. Uma parte fundamental de ser espiritualmente cego é ser cego à própria cegueira.

Cegueira espiritual é a condição de todo pecador, todo aconselhado. Ainda assim, poucos deles percebem o impacto desta condição na visão que têm de si mesmos, de Deus, dos outros e de seus problemas. Eles são como os homens descritos em Romanos 1, que pensam que são sábios quando, na realidade, são tolos. Eles presumem que pensam corretamente, mas seus corações são caracterizados por tolice e futilidade.

A cegueira espiritual é enganosa. Como João escreveu à igreja em Laodicéia, "pois

dizei: Estou rico e abastado, e não preciso de cousa alguma, e nem saber que tu és infeliz; sim, miserável, pobre,*cego,* e nu." (Ap 3.17). A cegueira espiritual é enganosa porque faz-se passar por outras coisas. Se vamos ser instrumentos de Deus para dar visão aos cegos, temos que reconhecer as máscaras típicas que essa cegueira usa. As seguintes constituem uma lista representativa.

A máscara do senso acurado de si mesmo

Célia acreditava que conhecia a si mesma. Ficou ofendida com a simples sugestão de que poderia ter alguma responsabilidade pelo que estava acontecendo em sua vida. Uma pessoa consegue ver a si mesma como realmente é somente quando se contempla atentamente no espelho perfeito das Escrituras (Tg 1.22-25). A maioria de nossos aconselhados têm uma visão distorcida de si mesmos porque os espelhos nos quais estão se olhando são como espelhos de circo: refletem o real, mas com distorção. O espelho de circo faz com que você aparente ter um dorso longo e pequenos tocos de pernas ou uma cabeça bem grande e um corpo minúsculo. Você está se vendo, mas não como é na realidade.

Assim é também com muitos dos nossos aconselhados. O senso que eles têm de si mesmos foi desenvolvido mirando-se nos espelhos deformadores de opiniões diversas, de uma visão cultural de sucesso, da psicologia popular ou de experiências passadas. E a lista poderia continuar. O aconselhado não se dá conta de que tem um senso de si mesmo distorcido. Embora tenha a Palavra de Deus, ele a usa mais como uma enciclopédia do pensamento religioso ou uma ferramenta devocional. Mesmo ouvindo a Palavra pregada, ele perde a revelação dele mesmo ali contida; ouve as histórias ou os princípios expostos, mas não se enxerga espelhado nas passagens bíblicas.

A máscara de ter sido vítima do pecado de outros

Célia era capaz de contar detalhadamente as histórias do constante "abuso" sofrido nas mãos de outros. Mas quando Célia passava o filme da sua história de vida, ela nunca estava ativa no enredo! O foco dominante era o comportamento dos outros para com ela.

Não há uma metáfora mais poderosa para descrever como a cegueira espiritual usa a máscara do senso de ser vítima do pecado de outros como a do "argueiro e a trave", em Mateus 7. Imagine uma pessoa literalmente obsessiva por um cisco no olho de alguém, enquanto anda por aí com uma trave saltando de seu próprio olho! Seu senso de vítima é muito mais absorvente do que seu senso de ser pecadora. A mudança necessária parece-lhe ser externa a ela.

A máscara de provações e testes

Célia não tinha um senso acurado dela mesma e do seu pecado; por isso, ela tendia a chamar de *provações* as conseqüências naturais de suas escolhas e ações. Paulo disse: "não vos enganeis: de Deus não se zomba; pois aquilo que o homem semear, isso também ceifará. Porque o que semeia para sua própria carne, da carne colherá corrupção, mas o que semeia para o Espírito, do Espírito colherá vida eterna" (Gl 6.7-8).

Já que a maioria dos nossos aconselhados não têm esta "mentalidade de colheita", eles tendem a olhar aquilo que colhem não como resultado do que plantam, mas como provações dolorosas que não

merecem. Além disso, porque os pecadores tendem a "mudar a verdade em mentira, adorando e servindo a criatura, em lugar do Criador" (Rm 1.25), tendem também a perder as coisas boas que o Criador opera por meio de cada situação. O foco está voltado à perda de "algo criado". Uma provação é provação para mim porque põe em perigo algo que me é valioso. O maná que caía do céu tornou-se uma provação para os israelitas porque eles não estavam focando o amor fiel demonstrado pela provisão de alimento a cada manhã, mas sim o gosto do alimento comparado ao cardápio do Egito!

Os aconselhados, em sua cegueira, chamam de "provação" as conseqüências do seu comportamento e de "provas" as boas coisas recebidas das mãos de Deus. Eles estão cegos ao fato de que Deus manda provações com propósito redentor. Ao invés de verem a si mesmos como amados por Deus e em processo de serem conformados à imagem de Seu Filho por meio das circunstâncias, vêem a si mesmos preteridos pelas dificuldades. Para eles, a vida não é justa. Sofrimento não tem propósito redentor; é um sinal de que Deus não os ama.

A máscara das necessidades

Célia via a si mesma como uma pessoa necessitada, que passou a maior parte de sua vida carente de alguma coisa. Ela sempre dizia: "se apenas tivesse_____, então eu seria capaz de _____". Seu entendimento de "necessidades" era tão obscuro quanto o da cultura a seu redor. Mesmo assim, sua interpretação da vida apoiava-se em grande parte neste termo. Em essência, ela estava dizendo que os problemas na sua vida eram o resultado direto de seu senso de necessidades. Ela carregava consigo a clássica interpretação da vida "se apenas...".

O que Célia não via era que seu estado de necessitada era o efeito trágico do pecado, que nos transforma de adoradores de Deus em pessoas que vivem "fazendo a vontade da carne e dos pensamentos" (Ef 2.3). Sua carência revelava muito mais o que ela era do que aquilo que realmente lhe faltava. O senso de necessidade de Célia revelava a cobiça do seu coração mais do que a traição de outros. E o que ela *realmente* necessitava nunca foi objeto dos seus anseios - Deus.Se você quer realmente entender o que é importante para uma pessoa, descubra as necessidades que ela sente. Valores tornam-se desejos, desejos tornam-se exigências, e exigências são expressas no aconselhamento como "necessidades".

Célia estava cega ao fato de que ela se colocava no centro do seu universo e via cada aspecto da vida do ponto estratégico daquilo que convinha para ela. Ela estava cega ao fato de que carregava essa perspectiva de necessidade aonde quer que fosse, e isso formatava todas as situações e relacionamentos. Ela adentrava as situações cheia de exigências silenciosas, e respondia com crítica irada a qualquer um que parecesse ignorar a sua pessoa ou as suas necessidades. Pensava que seu senso de necessidade era prova do egoísmo e falta de prontidão de todos ao seu redor quando, na verdade, demonstrava a profundidade de seu problema de centrar-se em si mesma.

A máscara do conselho sábio

Como todos os nossos aconselhados, Célia tinha muitas vozes ao seu redor. À semelhança de Jó, muitos dos conselhos que ela recebia não ajudavam em nada; e

não ajudavam porque não eram bíblicos. Mesmo assim, Célia achava conforto nas palavras de seus conselheiros, ainda que por pouco tempo.

Embora estivesse engajada no processo de aconselhamento, Célia sempre me repetia a "sabedoria" que ela absorvera ao seu redor. Mas Célia citava somente pessoas que concordavam com sua visão de vida e apoiavam as decisões que ela tomava. Ela não citava ninguém que discordasse dela.

Outro termo bíblico para cegueira espiritual é "tolice". Os conselhos sábios que Célia recebia eram realmente tolices. Pareciam sábios para ela porque estava cega às questões reais da sua vida. Provérbios 17:16 diz que o tolo não deseja a sabedoria. Célia pensava estar em busca de conselhos sábios, mas na verdade procurava apoio para seu ponto de vista.

A máscara de discernimento pessoal

Célia, como todos os seres humanos, estava sempre procurando compreender a sua vida. Ela queria organizá-la em categorias que ajudassem a entender os acontecimentos e o que fazer a respeito deles. Ela passava boa parte de seu tempo analisando os fatos e encontrava utilidade nisso. No entanto, se eu começasse a questionar suas interpretações, logo surgiria um clima de tensão na sala.

A cegueira espiritual pode até parecer sabedoria! Ser brilhante intelectualmente e analítico ativo não significa necessariamente ser sábio. A verdadeira sabedoria começa com humildade: o reconhecimento de que eu não tenho em mim tudo quanto necessito. Preciso ser alguém que busca a verdade que é encontrada somente na Palavra de Deus. Discernimento real não é resultado de ser analítico, mas de ser bíblico. Veja as palavras do salmista: "Os teus mandamentos me fazem mais sábio que os meus inimigos; porque aqueles eu tenho sempre comigo. Compreendo mais do que todos os meus mestres, porque medito nos teus testemunhos. Sou mais entendido que os idosos porque guardo os teus preceitos" (Sl 119.98-100).

Célia estava cega ao fato de que seu senso de discernimento revelava mais sobre seu coração do que sobre a situação. Seu discernimento nascia dos desejos que distorciam sua interpretação do que estava acontecendo à sua volta. Tratava-se mais de uma perspectiva impulsionada pelo desejo do que de uma análise objetiva. Desta maneira, era mais uma expressão de idolatria do que de fé. Ainda assim, nada disso estava óbvio para Célia, porque a cegueira freqüentemente usa uma máscara de discernimento.

A máscara do senso de valores

Célia pensava que sabia o que era importante, mas quanto mais eu a ouvia, mais ficava convencido de que aquilo que a motivava não eram coisas de primeira importância. Mais uma vez, Célia estava cega. Ela havia avaliado sua situação e agido de maneira consistente com seus valores; ainda assim, seus problemas persistiam. Isso a deixava confusa e frustrada.

Todos os "tesouros" que motivavam Célia tinham a ver com relacionamento humano. Ela via a amizade, o respeito, a aceitação e o amor como de extrema importância, e fazia tudo que podia para evitar a rejeição, a solidão, e a baixa auto-imagem, que dizia serem o resultado. Mas quanto mais Célia examinava as pessoas e suas reações, mais ela tentava agradá-las e mais zangada ela ficava. Ela come-

çava seus relacionamentos com uma longa lista de exigências silenciosas, mas não tomava conhecimento de como julgava e não perdoava os outros quando falhavam em viver de acordo com elas. Mateus 6 diz que aquilo que for o meu tesouro, controlará meu coração; e o que controlar meu coração, controlará meu comportamento. Em outras palavras, eu vivo para obter, manter e desfrutar aquelas coisas que são de valor para mim.

Os valores de Célia eram o seu problema. Ela havia colocado sua identidade nas mãos das pessoas. Vivia frustrada e fracassada porque o mesmo Deus que a havia chamado para Ele estava ocupado com outras coisas. O foco de Deus não estava tanto nos relacionamentos, mas em conformar Célia à imagem de Seu Filho.

Os aconselhados normalmente não reconhecem sua cegueira porque ela está mascarada por um senso falso do que é certo ou errado. O homem irado que feriu sua família durante anos com reações violentas reconhece aquilo que perdeu apenas quando é separado da família. Para ele, o que é importante é o seu direito de ver os filhos e morar na casa que sustenta. Ele sempre repete no aconselhamento: "Isto não está certo, não está certo". Ainda assim, está cego às mudanças que precisa fazer para que sua família seja restaurada apropriadamente.

O foco de uma esposa é a frieza e distância de seu marido. Ela quer que o conselheiro o transforme em um marido carinhoso, mas está cega para as constantes críticas que o afastaram dela. Ela fica furiosa quando o conselheiro começa a focar nela como alguém que necessita de mudança. Está totalmente cega para as coisas de valor eterno que Deus quer trabalhar nela.

A máscara do conhecimento teológico

Célia conhecia bastante as Escrituras e as doutrinas da fé. Apenas poucos termos teológicos e bíblicos não lhe eram familiares.

Infelizmente, o conhecimento teológico de Célia fez quatro coisas por ela. Primeiro, produziu um certo nível deconfiança na própria interpretação da vida. Ela presumia que suas idéias e ações fluíam de sua crença. Segundo, produziu um reconhecimento pessoal de maturidade. Célia achava-se uma crente madura e se ofendia se alguém a tratasse como necessitada de ensino bíblico básico. Terceiro, no aconselhamento, seu conhecimento conferia-lhe uma atitude de "eu já sabia isso e já tentei". Quarto, produzia a idéia de que não era culpada pelos seus problemas; ela "sabia o que era certo e havia feito o melhor". Portanto, a causa de seu problema tinha que estar fora dela. Seu conhecimento obscurecia sua responsabilidade pessoal e convicção de pecado.

O fato era que Célia não havia sido capaz de aplicar sua teologia no dia-a-dia de uma maneira que fizesse sentido nas suas dificuldades. Era uma senhora sem sabedoria, cega ao fato de que ela não era espiritualmente madura. Maturidade espiritual resulta de praticar a verdade na vida diária, e não de conhecer a verdade intelectualmente (Hb 5.11-14). Mas Célia estava convencida de que o que havia de errado com todos os seus conselheiros cristãos era o fato de ficarem repetindo coisas que ela já sabia.

Junto com este senso de adequação teológica, estava a tendência de fazer as perguntas erradas. As perguntas de Célia não a conduziam a um entendimento mais profundo da sua situação, a uma esperan-

ça mais completa em Deus nem a um plano prático de mudança. Há um princípio aqui que consideraremos mais a fundo em um dos próximos artigos. É o seguinte: as pessoas de discernimento têm discernimento não porque possuem as respostas certas, mas porque fizeram as perguntas certas. Se você não fizer as perguntas certas, nunca terá as respostas certas. Célia encontrava-se constantemente em um beco sem saída analítico, que a levava a perder a esperança e lutar contra a depressão.

Aqui está um exemplo das perguntas erradas de Célia. Ela costumava dizer: "Eu oro e oro, leio minha Bíblia, mas Deus não me tem ajudado. Ele não responde às minhas orações". Em seguida, vinha a pergunta: "Por que Deus não está trabalhando na minha vida?" Pergunta ruim, baseada em pressuposição não-bíblica, que não pode levar a uma direção certa.

A pergunta de Célia a levava a dois tipos de resposta. Às vezes, ela concluía que Deus não agia em sua vida porque simplesmente não a amava. Ele tinha coisas melhores para fazer além de se preocupar com sua vida insignificante. Em outras ocasiões, concluía que Deus não agia porque ela era uma pecadora miserável, e a inatividade de Deus era uma punição para a maldade dela. Respostas ruins a uma pergunta ruim produzem uma colheita de frutos maus. Como os conselheiros infames de Jó, Célia não construía pontes entre a sua teologia e as situações da vida que lhe permitissem interpretações bíblicas consistentes da sua vida.

Para formular a pergunta de Célia de uma maneira bíblica, é preciso começar com a seguinte pressuposição bíblica: Deus está sempre ativo na minha vida (S146; Rm 8.18-39). Perguntar porque Ele não está trabalhando é presumir alguma coisa que não é verdade. Conclusões verdadeiras não podem vir de pressuposições falsas. Uma maneira melhor de fazer a pergunta é: "Deus está ativamente efetuando o processo de santificação na minha vida; portanto, o que Ele está fazendo e por que eu não reconheço isto?". Esta pergunta pode levar a um discernimento maior, mudança bíblica e colheita de frutos bons.

A máscara da santidade pessoal

Apesar de Célia não falar de si mesma usando uma linguagem bíblica que descrevesse santidade, era precisamente isto que ela pensava possuir. Ela estava crente de que queria as coisas certas e fazia as coisas certas, e não podia imaginar o porquê de tudo dar tão errado. Sua crença na própria santidade repousava em uma justiça própria legalista que não tinha nada a ver com o chamado de Deus a ser "santo como Eu sou Santo".

Célia estava cega ao fato de que se assemelhava a um fariseu. Ela reduzira a Lei de Deus a um padrão humano possível de ser executado. O que Célia enfatizava não requeria confiança em Cristo - eram padrões comportamentais que não exigiam nada do coração. Célia via o Evangelho relacionado apenas com céu e inferno. Ela não sentia necessidade alguma do poder transformador de Cristo atuando no presente em sua vida, pois a "justiça" que havia atingido era humanamente alcançável.

Célia enfatizava constantemente o menos importante e se orgulhava de realizá-lo, enquanto ignorava as questões mais elevadas da lei. Orgulhava-se da casa arrumada, pontualidade, lembrança dos aniversários dos amigos, leitura de livros cristãos, controle financeiro e disposição para

servir. Ainda assim, ela era ciumenta, zangada, dada a julgamentos, amarga, vingativa e sem compaixão.

Cristo disse a Seus discípulos: "porque vos digo que, se a vossa justiça não exceder em muito a dos escribas e fariseus, jamais entrareis no reino dos céus" (Mt 5.20). Aos fariseus, Ele disse: "ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Porque dais o dízimo da hortelã, do endro e do cominho, e tendes negligenciado os preceitos mais importantes da lei, a justiça, a misericórdia e a fé ; devíeis, porém, fazer estas coisas, sem omitir aquelas" (Mt 23.23). A justiça dos escribas e fariseus não era suficiente *porque não era justiça.* Era vil, orgulhosa, justiça *própria,* humana. Esse tipo de justiça sempre enfatiza o que é humanamente possível de ser feito e ignora o que só pode ser alcançado pela graça abundante de Cristo.

Talvez este seja o epicentro da cegueir espiritual. Na sua essência, ser espiritualmente cego significa pensar que se é justo quando a realidade é outra. Isto coloca fora de questão a graça de Deus e a necessidade de mudança. Se eu sou justo (de acordo com o que penso), não preciso de Cristo nem de mudança. Isto é claramente demonstrado em Lucas 18 com o relato dos dois homens no templo. O fariseu colocou-se em pé no templo e disse a Deus que não precisava dEle. Estava lá para proclamar sua aprovação, distanciando-se dos demais pecadores e listando seus "atos de justiça" diante de Deus.

De modo semelhante, Célia costumava vir para o aconselhamento e listar suas boas ações, pedindo-me para aprová-la em tudo. Deixando passar as questões importantes do coração e enfatizando os comportamentos de possível realização, ela se via limpa, embora por dentro fosse "ossos mortos".

A máscara do arrependimento

Célia, como muitos aconselhados, pensava que só o fato de procurar aconselhamento já era um ato de arrependimento. Isso nem sempre é verdade. Muitos aconselhados acham que conversar sobre seus problemas equivale a confissão e permanecer no aconselhamento equivale a arrependimento. Para Célia, o aconselhamento assemelhava-se mais a uma forma de penitência. Ela estava cega ao fato de que, na verdade, participava de um ato de autoexpiação. Eu chamo isso de "absolvição protestante". O aconselhado confessa, examina as questões envolvidas, participa de um processo de discussão sobre si mesmo e a situação, semana após semana, e chega ao fim de cada encontro de aconselhamento sentindo-se absolvido, limpo, justo. Mas tudo isso acontece sem mudança substancial de coração nem comportamento. O aconselhado vê a si mesmo envolvido em um processo de arrependimento, mas na realidade há ocasiões em que o aconselhamento constitui-se em uma maneira de *evitar* trabalhar as questões que estão no plano de Deus.

A vida de Célia não produzia fruto do arrependimento. Primeiro, ela não estava se tornando uma pessoa pronta a dar partida em mudanças. Continuava na prática de comportamentos pecaminosos e destrutivos apesar de termos falado a respeito deles muitas vezes. Quando confrontada, admitia seu erro de má vontade, mas suas confissões raramente resultavam em novas maneiras de reagir. Segundo, Célia permanecia na defensiva e continuava a ter dificuldade para receber minha avaliação bíblica sobre ela. Acusava-me de não compreendê-la, não acreditar nela ou tomar partido de outros. Terceiro, Célia não tinha um espírito ensinável. Era difícil ela admitir sua necessidade de ser instruída

pelas Escrituras e aprender a aplicá-las em sua vida. Ela costumava debater minha teologia, a interpretação de uma passagem ou a aplicação de um princípio bíblico em sua vida. Quarto, Célia completava sua tarefa de aconselhamento com indiferença, sem entusiasmo e discernimento, e também sem alcançar as mudanças que eram o alvo da tarefa.

Mas ela percebia muito pouco de tudo isso. Célia estava cegada pelo comparecimento legalista ao aconselhamento, o desejo de discutir questões pessoais e o estudo de passagens bíblicas designadas. Infelizmente, todas estas coisas (que ela pensava indicar arrependimento) serviam de máscara para a amargura e a justiça própria que controlavam o coração de Célia.

O arrependimento é apresentado na Bíblia como uma mudança radical do coração, que resulta em mudança radical da maneira de viver. Ao mesmo tempo que o coração muda e se move em direção nova, o mesmo acontece com a vida. Qualquer coisa aquém disso simplesmente não é arrependimento. Muitas pessoas vêm ao aconselhamento em busca de auto-expiação, apesar de não perceberem isso e desejarem apoio para o que estão fazendo. Elas querem se sentir bem consigo mesmas e acham que conseguem se sentir melhor após o encontro com o conselheiro. E então continuam a vir, apesar de não terem se submetido a Deus em arrependimento profundo. Não estão orando de acordo com o Salmo 139: "Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração; prova-me e conhece os meus pensamentos ; vê se há em mim algum caminho mau, e guia-me pelo caminho eterno" (S1 139.23-24).

"Ir ao aconselhamento" manteve Célia cega à sua teimosia e falta de arrependimento. Ela pensava que havia confessado tudo o que tinha para confessar. Ela via a si mesma como arrependida. "Por que mais eu estaria me aconselhando?", ela diria. Por mais chocante que possa parecer, a cegueira espiritual pode até usar a máscara de arrependimento!

É de vital importância lembrar o profundo efeito que a cegueira espiritual causa em cada pecador e sua visão da vida. Nossa coleta de dados precisa ser motivada por aquilo que o aconselhado precisa ver. Além disso, precisamos lembrar que as pessoas cegas espiritualmente não acham que estão cegas, pois sua cegueira usa muitas máscaras. Precisamos reconhecer tais máscaras e adotar um processo de coleta de dados que abra os olhos do aconselhado para quem ele realmente é. Nós nos comprometemos a ser instrumentos de Deus para abrir esses olhos que estão cegos e considerar isso como função necessária da coleta de dados.

Coleta de Dados

Como o conselheiro contribui para o processo

Paul D. Tripp[1]

Em nosso artigo anterior, tratamos do problema da cegueira espiritual e seu poder para enganar. Vimos que as pessoas que estão cegas espiritualmente não reconhecem seu estado de cegueira. Portanto, nós conselheiros, devemos estar familiarizados com as várias máscaras que a cegueira espiritual usa. A cegueira espiritual é sempre um elemento presente no processo de aconselhamento e, como conselheiros bíblicos, precisamos estar preparados para lidar com ela.

Mas é importante lembrar que este não é um problema que diz respeito somente aos aconselhados. Quando prestamos atenção à admoestação bíblica de que *todos* nós somos por natureza pecadores e espiritualmente cegos, percebemos o quanto nós, como conselheiros, precisamos da mutualidade do ministério de uns aos outros que o Novo Testamento destaca como parte essencial da vida da igreja. Visto que o meu coração enganoso facilmente me faz cego aos meus pecados, preciso de outros crentes que me amem o suficiente para mostrar minha vida sob a perspectiva de Deus. E eles precisam que eu faça o mesmo com relação a eles. A natureza humana requer que cada um dos nossos relacionamentos tenha em vista o propósito de santificação.

Hebreus 3.12,13 resume a questão desta maneira: "Tende cuidado irmãos, jamais aconteça haver em qualquer de vós perverso coração de incredulidade que vos afaste do Deus vivo; pelo contrário, exortai-vos mutuamente cada dia, durante o tempo que se chama Hoje, a fim de que nenhum de vós seja endurecido pelo engano do pecado".

Note que, de acordo com esta passagem, o que me move a este ministério interpessoal diário não é uma *situação,* ou seja, um pecado ou problema que exija mudança e que eu observei em você. Antes, o que determina meu envolvimento é uma *condição - o* pecado que habita no homem e seu poder para cegar e endure-

---

Tradução e adaptação de *Data Gathering. Part 2: What the Counselor Brings to the Process*
Publicado em *The Journal of Biblical Counseling. v.* 14, n.3, Spring 1996, p. *8-14.*

cer o coração. Enquanto o pecado perdurar, a cegueira espiritual existirá e continuará a exigir de nós relacionamentos que promovam ministério mútuo, honesto e em amor.

A questão é especialmente importante para aqueles cujo ministério é o aconselhamento bíblico. Os aconselhados contam conosco para penetrar seumundo com uma perspectiva divina que os ajude avencer a própria cegueira espiritual. Jamais estaremos aptos para lhes oferecer o que esperam, a não ser que tenhamos submetido nossa própria vida à luzreveladora das Escrituras, guiados por irmãos e irmãs em Cristo que possam nos ajudar a conhecer corretamente nosso coração. Os conselheiros comprometidos com o processo de vencer a própria cegueira espiritual desenvolvem várias qualidades essenciais para ajudar seus aconselhados.

Você pode contribuir com objetividade

Muitos aconselhados estão cegados por sua subjetividade - sua cosmovisão é moldada por aquilo que desejam. Não conseguem perceber quando as suas exigências têm uma raiz egoísta. Estão desatentos a seu tom de voz, à expressão facial e a como sua versão do que acontece é sutilmente formatada pelo que desejam. Não percebem quando criticam outros por coisas que desculpam em sua própria vida nem quando se recusam a perdoar pecados de outros e são defensivos ao serem confrontados. Se estiverem absorvidos em uma mentalidade de vítima, não perceberão seu egoísmo. Também não perceberão quando seus atos forem manipuladores, expondo diante de outros (mas deixando de reconhecer) a falta de fé que alimenta seu estilo de vida.

Como conselheiro, não endureça seu coração para com essas pessoas. Se não fosse a graça de Deus, você estaria no lugar delas! Seus aconselhados necessitam de ajuda para enxergarem a si mesmos com clareza. É neste ponto que a objetividade bíblica do conselheiro é essencial.

Quando o conselheiro entra no mundo de um aconselhado, sua visão não está cegada pelos interesses egoístas que dominam o aconselhado, desde que ele tenha se submetido ao ministério discipulador da Palavra e dos irmãos em Cristo. Ele está apto para "restaurar" seu aconselhado porque não foi "pego" na mesma armadilha espiritual (Gl 6.1). Ele pode falar com objetividade bíblica. Em contraste, um aconselhado que está espiritualmente cego perdeu a perspectiva objetiva, se é que algum dia ele a teve. Ele está preso a uma perspectiva não-bíblica e esse ponto de partida afeta a maneira como vivencia tudo quanto lhe acontece.

Para a maioria dos aconselhados, o ponto de partida é a própria experiência. Eles tendem a ver cada aspecto da vida por meio das lentes da sua história pessoal, pressuposições e desejos. Ainterpretação que fizeram da própria vida até esta altura determinará também todas as interpretações futuras, além de dar a cor até mesmo à maneira de entender a Bíblia! A pessoa que interpreta a vida pelas lentes de sua experiência pessoal faz o mesmo com a Palavra de Deus. A experiência pessoal é o que controla sua cosmovisão, e não as Escrituras.

Essa pessoa precisa de alguém que esteja em posição diferente, alguém que comece com as Escrituras para depois se mover em direção à vida. A Bíblia precisa se tornar a base para a interpretação da

vida, e não vice-versa. Como conselheiro bíblico, você quer trazer essa perspectiva bíblica para o seu aconselhado, pois você sabe que a vida muda quando a verdade de Deus se torna a lente pela qual tudo é examinado. No aconselhamento de casais, por exemplo, o conselheiro pode quebrar o perene "Ele disse / Ela disse" com "O que Deus disse?".

Rafael e Sandra estavam casados há quinze anos. Haviam chegado a um ponto de seu relacionamento em que lhes era quase impossível discutir alguma coisa sem que a conversa não se tornasse uma guerra de acusações. Sandra estava convencida de que o melhor de seus anos fora roubado pelo fato de Rafael deixar de tratar certas questões e estar disposto a fazer concessões ao mundo. Rafael via Sandra como severa, pronta a julgar e tomada de justiça própria. Em suas conversas, lançavam um contra o outro as granadas de amargura que haviam estocado em seus corações ao longo dos anos. Estavam presos a visões opostas da vida conjugal e incapazes de resolver seus problemas. Sandra e Rafael precisavam da intervenção radical de uma perspectiva bíblica em três níveis.

Quanto ao comportamento, precisavam perguntar: "O que Deus diz a respeito de como falamos um ao outro?". Seu estilo de comunicação não promovia amor, entendimento, esperança e soluções. Pelo contrário, era um dos seus maiores problemas. Há princípios claros de comunicação em Efésios 4.25-5.2 que, se obedecidos, podem trazer não só uma perspectiva nova para esse problema, mas uma mudança permanente também.

Quanto aos seus pensamentos, Sandra e Rafael precisavam fazer a seguinte pergunta: "O que Deus disse ser *o Seu* alvo para nós como Seus filhos?". O Novo Testamento, em passagens como Romanos 8.28.29, Gálatas 5.16-26, Colossenses 3.1-14 e 2 Pedro 1.3-9, ensina que o alvo de Deus para Sandra e Rafael é maior que o desejo de Sandra de ver um ministério pessoal sendo realizado e o desejo de Rafael de ter uma esposa respeitosa. O alvo de Deus é torná-los cada vez mais participantes da Sua natureza divina. Rafael e Sandra estavam cegos ao fato de que a maneira como brigavam pelas questões da vida cristã demonstrava que eles tinham uma visão limitada daquilo que Deus tencionava alcançar por meio de tudo quanto Ele permitia na vida do casal. Deus estava procurando conformá-los à imagem de Cristo.

Finalmente, quanto aos seus desejos, eles precisavam perguntar: "O que Deus quer que busquemos de todo coração?". Rafael ansiava por "apenas um pouco de respeito". Esta era sua exigência silenciosa a cada interação com Sandra. Por sua vez, Sandra ansiava por "ter um marido que quisesse servir ao Senhor o mesmo tanto que ela". Perguntas baseadas em Tiago 4.1-10, Filipenses 3.1-16, e Colossenses 3.1-17 revelaram o jogo "ele quer / ela quer" característico do seu relacionamento. Esta era a fonte da sua incapacidade de resolver os problemas conjugais.

Sandra e Rafael precisavam da ajuda de alguém que partisse do ponto de vista estratégico das Escrituras para interpretar o que estava acontecendo no seu relacionamento. Precisavam de alguém para dar exemplos de como fazer as perguntas corretas (ou seja, bíblicas), que levariam às soluções que podem ser encontradas somente quando alguém examina seu comportamento, os pensamentos e os desejos à luz das Escrituras.

Quando procedo à coleta de dados, tento estruturar as perguntas de uma ma-

neira completamente nova para o aconselhado, pois mesmo as perguntas mais profundas feitas pelo aconselhado ainda estão sob o impacto de sua cegueira. Há certas perguntas que ele nunca formularia, mas que devem ser feitas. Há certas perguntas que ele fará a respeito de outras pessoas, mas que precisa fazer a respeito de si mesmo. Quando faço perguntas, quero lidar com o mesmo conjunto de fatos com que meus aconselhados lidam, mas de modo que eles aprendam a pensar biblicamente sobre sua vida.

Você pode contribuir com sabedoria

Na Carta aos Romanos, Paulo fala sobre o coração insensato e obscurecido dos pecadores. O insensato é alguém espiritualmente cego. Ele pensa que vê, que é sábio, que entende, quando na realidade é cego, tolo e confuso. A descrição do insensato em Provérbios retrata alguém que:

- está convencido de estar no caminho certo (12.15);
- revela rapidamente sua ira (12.16);
- é temperamental e imprudente (14.16);
- despreza a disciplina e a correção (15.5);
- desperdiça dinheiro (17.16);
- deleita-se em dar a própria opinião (18.2);
- é rápido para entrar em contendas (20.3);
- zomba da sabedoria (23.9)
- é sábio aos próprios olhos (26.5)
- confia em si mesmo (28.26)
- enfurece-se e zomba, não há paz ao seu redor (29.9);
- dá total vazão à sua ira (29.11).

O insensato precisa da intervenção da Palavra de Deus porque suas escolhas, respostas, perspectivas, ações e atitudes manifestam a todos que ele é cego. Ele precisa das lentes da sabedoria bíblica para ajudá-lo a ver e entender a vida à semelhança de Deus.

O conselheiro bíblico pode oferecer a perspectiva sábia de Deus por meio das Escrituras. Ele traz mais do que apenas opiniões e pesquisas, experiência ou treinamento. Ele traz confiança na Palavra de Deus (e submissão a ela), que revela e penetra a cegueira do aconselhado. A sabedoria bíblica que ele oferece é pura, pacífica, indulgente, tratável, plena de misericórdia e de bons frutos, imparcial, sem fingimento (Tg 3.17). Resumindo, pela graça de Deus, ele é exatamente o oposto do insensato.

Muitos daqueles a quem aconselhamos revelam sua insensatez por meio de um senso de valores distorcido. Não possuem um sistema bíblico de valores que possa ajudá-los, na prática, a saber o que é de fato importante e o que não é. Somente as Escrituras podem ajudar o aconselhado a entender como os diferentes aspectos da sua vida relacionam-se uns com os outros.

O conselheiro pode fazer perguntas que levem o aconselhado a olhar a vida de uma perspectiva que não está limitada pela sua subjetividade habitual. Ele pode perguntar o que realmente é importante e qual a verdadeira relação entre os vários aspectos da sua vida, do ponto de vista de Deus. Tais perguntas podem desafiar a antiga visão de vida, familiar ao aconselhado, encorajando-o a se submeter à visão de Deus.

Vamos olhar de novo para Rafael e Sandra. Rafael está convencido de que Sandra é seu problema, e todas as perguntas que ele faz provêm dessa interpretação. Sandra está convencida de que

Rafael é o seu problema, e todo seu diagnóstico foi feito a partir dessa perspectiva. Ambos compartilham a crença de que o problema é serem muito diferentes um do outro na abordagem da vida e em seus alvos. Entretanto, os princípios de Provérbios mostram que a ira e a falta de união e de esperança que Rafael e Sandra experimentam não são resultado de serem diferentes, mas resultado da maneira insensata com que lidaram com suas diferenças. As Escrituras ainda nos dizem que essas reações fluem dos desejos do coração que eles trazem consigo sempre que se encontram. Mesmice e concordância não são os ingredientes essenciais de unidade, mas sim o amor (a Deus acima de tudo, e ao próximo como a mim mesmo) que nos faz humildes, mansos, pacientes e capazes de suportar a diferença e as provocações (Ef 4.1,2).

Se Rafael, por exemplo, começasse a fazer sua própria coleta de dados, fazendo perguntas *a respeito de si mesmo* com base na descrição do insensato em Provérbios (listada acima), ele desenvolveria um novo esquema para resolver seus problemas conjugais.

Aqui estão alguns exemplos de perguntas que Rafael poderia fazer a si mesmo. Em quê ele se firmava para ficar tão convencido de estar certo, a ponto de não ouvir a perspectiva de Sandra nem reexaminar seus próprios pontos de vista? Qual era seu modo típico de reagir quando seus pensamentos e decisões eram desafiados por Sandra (Pv 12.15)? Em quais situações ele tendia a se irritar e a se aborrecer rapidamente, respondendo impulsivamente com raiva? Qual o impacto que esta demonstração de ira tinha sobre Sandra e seu desejo de continuar a manter um diálogo aberto e sincero (Pv12.6, 14.6, 15.1)? O que ele queria de Sandra que não estava recebendo e o deixava tão bravo? Quais eram os "tesouros" pelos quais ansiava e que pensava que Sandra estivesse roubando dele (Mt 6.19; Tg 4.1)? Estas perguntas levariam Rafael a encarar *a si mesmo* diante de Deus, a reconhecer sua necessidade da misericórdia de Jesus, e a buscar essa misericórdia. Ele começaria a identificar as muitas coisas diferentes que poderia fazer para ver uma mudança concreta acontecer.

A pessoa que desenvolve uma perspectiva bíblica, ampla e constante da vida, pode escapar da falta de esperança do seu antigo sistema de valores e da paralisia, da confusão ou do entusiasmo mal direcionado que este sistema de vida geralmente produz. Desta forma, quando Rafael aprender a ver as situações biblicamente, poderá identificar as novas opções para mudança e não ficar mais preso à própria subjetividade. Ele não mais crerá que está atolado em um casamento derrotado e sem saída, mas começará a ver os pensamentos e desejos do coração que estão na raiz dos seus problemas. Mais adiante, verá como esses desejos moldavam cada reação que tinha para com Sandra, em qualquer situação. Também não se julgará mais preso em uma armadilha ou sempre o dono da verdade. Pelo contrário, poderá ver com clareza o que deve abandonar e o que deve colocar em seu coração e comportamento para transformar o casamento.

Você pode contribuir com a claridade do evangelho

As pessoas são intérpretes por natureza, sempre procurando compreender o sentido da vida. Não é difícil os aconselhados se sentirem muito confusos quan-

do são incapazes de entender o *que* está acontecendo, *por que* está acontecendo e *o que fazer*.

Há também muitos aconselhados confusos que não sabem que estão confusos! Eles pensam que suas próprias interpretações são ricas de *insight* e que suas ações são lógicas. O problema é que eles não vêem a si mesmos nem a sua situação com clareza.

Uma das áreas mais significativas de cegueira espiritual que observo no aconselhamento é a cegueira à realidade do evangelho na vida de um aconselhado. A pessoa está confusa e paralisada porque deixou fatos significativos fora do seu sistema de interpretação.

Há três perspectivas essenciais que o evangelho nos dá sobre as lutas humanas. Sem o entendimento prático proporcionado por tais perspectivas, a vida não fará sentido ou será entendida de maneira não-bíblica e, portanto, incorretamente. O evangelho nos dá a verdadeira noção de nós mesmos, de Deus e do processo em que estamos.

A noção de si mesmo

Nossa reação diante de qualquer situação está sempre baseada no entendimento que temos da nossa identidade. Conseqüentemente, precisamos do evangelho para nos informar e corrigir nossa definição de quem realmente somos e quais são as nossas lutas verdadeiras. O que o evangelho me ensina é que minha luta é mais profunda do que os problemas do meu passado, as dificuldades nos meus relacionamentos e as situações do cotidiano. Pedro diz que a corrupção no mundo é causada pelos desejos maus do coração. Este é o lugar onde a mudança precisa acontecer.

Muitas das pessoas que aconselho têm pouca noção da presença e poder do pecado que habita em nós. Têm pouca noção dos pensamentos, desejos, e escolhas do coração que estão na raiz de suas dificuldades pessoais. Portanto, continuam a culpar pessoas e situações, cegas à luta do coração que está presente em todas as situações da vida. O evangelho apresenta a luta interior (Romanos 7 e Tiago 4) como o primeiro alvo do processo de santificação de Deus (2 Pe 1.3,4).

A noção de Deus

Aqui também fico impressionado ao ver como meus aconselhados têm pouca noção do Deus do evangelho - o Redentor sempre presente e ativo, o Todo-poderoso, cumpridor de promessas. A Bíblia apresenta Deus como meu ajudador sempre presente em todos os problemas (Sl 46), que controla todas as coisas (mesmo as aparentemente caóticas e sem propósito) para o meu benefício (Ef 1.22,23). Ele está operando em cada situação para me livrar da escravidão dos pecados do coração, para me ajudar a experimentar as riquezas da graça que Ele derramou sobre mim em Cristo, e para me conformar à imagem de Seu Filho (Rm 8.28 e Ef 1.3-7). Ele é o Deus que perdoa, o Reconciliador, Libertador, Restaurador e Aquele que conforta.

Por causa de Sua atividade santificadora incessante, cada situação da vida - mesmo aquelas que são escuras, confusas, e que me causam medo - é santificada, cheia de significado, propósito e esperança.

Os aconselhados, freqüentemente, têm pouca noção do Deus do evangelho, que reina sobre o mundo de tal maneira que Ele não está longe de cada um de nós

e que a qualquer momento podemos procurá-lO, alcançá-lO e encontrá-lO (At 17.26, 27). Sem esta noção, os aconselhados tendem a ter pouca esperança quando chegam ao fim de sua sabedoria e força própria. Seu Deus funcional é pequeno, fraco, desinteressado e distante - não é alguém a quem confiar o que há de mais precioso e frágil em sua vida pessoal. Suas reações à vida, e a confusão em que se encontra, estão diretamente relacionadas à noção de quem é Deus.

A noção do processo

O evangelho não apenas declara que Deus está ativo, mas descreve o que Ele está fazendo e como Ele está operando. É esta noção do processo de santificação que falta a muitas pessoas que aconselho. Elas não têm um modelo da santificação progressiva para compreender melhor sua vida atual e os problemas.

Deus instituiu um processo com o alvo de "que o vosso amor aumente mais emais em pleno conhecimento e toda percepção, para aprovardes as cousas excelentes e serdes sinceros e inculpáveis para o dia de Cristo, cheios do fruto de justiça, o qual é mediante Jesus Cristo, para a glória e louvor de Deus" (Fp 1.9-11). O alvo principal de Deus não é que eu experimente felicidade pessoal no presente. Seu alvo não é nada menos que eu me torne participante da Sua natureza divina (2 Pe 1.4). Além disso, os próprios relacionamentos com os quais luto e as situações difíceis de que gostaria de me livrar são os instrumentos que Ele usa para produzir a mudança fundamental do coração, que resultará em uma vida frutífera para a Sua glória.

O sofrimento não deveria ser uma surpresa nem deveria ser recebido como indicação de distância de Deus e falta do Seu cuidado. O sofrimento é instrumento proposital do amor santificador de Deus. Para que entendam biblicamente os seus problemas, nossos aconselhados precisam cultivar a confiança no processo ativo e progressivo de santificação estabelecido por Deus.

Sem o entendimento do pecado que habita em nós e da luta que o acompanha, e sem compreender a presença, o caráter e a atividade de Deus, bem como seu processo santificador, a vida não faz sentido. O aconselhado fica confuso porque lhe falta sabedoria, discernimento e entendimento prático para estabelecer propósitos que resultam de uma visão de si mesmo e das circunstâncias do ponto de vista do evangelho.

Silvia vivia em função de ser aceita pelas pessoas, mas não foi isso o que a trouxe para o aconselhamento. Ela veio porque estava deprimida devido a vários relacionamentos quebrados. Entretanto, Sílvia estava cega às suas exigências, ao seu medo e à maneira como manipulava as pessoas. Também estava cega às reações de vingança e condenação que tinha para com aqueles que falhavam com ela. Ela não percebia que sufocava outros com suas necessidades. Seus amigos eram seus deuses funcionais, de quem dependia para viver. Quando procurou ajuda, sentia-se sozinha, esquecida por Deus e pelos amigos. Confusa e incapaz de compreender porque tudo aquilo estava acontecendo, ela se tornou cada vez mais absorta em si mesma e depressiva. Não via nenhuma esperança de mudança duradoura. De onde estava, via apenas que tudo de bom que tentava fazer acabava se voltando contra ela.

Sílvia falou sobre como Deus possivelmente a odiava. Ela disse que não era tão má pessoa, e não podia entender por-

que as pessoas "usavam e abusavam" dela. Havia parado de ler sua Bíblia e de orar, e sua freqüência à igreja era esporádica. Acreditava ter sido injustamente escolhida para sofrer. Tudo o que ela queria é que aquelas situações tivessem um fim.

O evangelho não fazia sentido para a vida de Sílvia, que também não tinha noção funcional do Deus do evangelho que é soberano, santo, perdoador, restaurador, reconciliador, sempre presente, sempre ativo, reinando sobre todas as coisas para o seu bem, e que derramava sobre ela a riqueza da Sua graça em Cristo Jesus (Ef 1.3-9).

Ela não via a si mesma como uma pecadora a quem o evangelho foi dirigido, e também não via a idolatria do seu coração que a fazia entrar em situações e relacionamentos repletos de expectativas egoístas e exigências silenciosas. Ela não via como todas essas expectativas idólatras determinavam o desapontamento constante que ela experimentava, e também não tinha noção do sistema de vingança declarada ou disfarçada com o qual reagia às pessoas que a faziam sofrer. Não percebia que assumia o papel de deus como legisladora e juíza.

Finalmente, Sílvia não tinha noção do processo de santificação progressiva. Não reconhecia a mão de Deus nas suas circunstâncias. Deus estava operando com propósito santificador em cada situação e relacionamento, mas Ele não estava comprometido em dar a Sílvia a aceitação pela qual ela tanto ansiava. Deus estava ativo em suas experiências dolorosas para expor seu coração e comportamento pecaminoso, e por meio dessas experiências conformá-la à imagem de Cristo. Aquelas mesmas circunstâncias que serviam de exemplo para a "infidelidade" de Deus eram, na verdade, administradas por Seu cuidado e amor fiel que operavam para o bem de Sílvia. Ela estava confusa porque excluiu da avaliação da sua vida os fatos essenciais, ou seja, os fatos do evangelho.

Sílvia representa todos aqueles que aconselhamos. Se seus olhos estão cegos às realidades de quem são como pecadores, ao caráter e atividade de Deus, à herança que têm como Seus filhos e ao processo de redenção (santificação) que está em andamento, não há como nossos aconselhados interpretarem corretamente o que está acontecendo. Não há como eles se comportarem de uma maneira bíblica apropriada.

Este é o distintivo central do aconselhamento bíblico. Os conselheiros bíblicos não vêem a Bíblia como uma enciclopédia de princípios de vida que apenas precisam ser seguidos para se ter uma existência feliz. Pelo contrário, as Escrituras nos dão uma visão radical da vida com raízes no evangelho; toda perspectiva e princípio das Escrituras têm raízes no evangelho.

A perspectiva bíblica é que somos pessoas escolhidas por um Deus soberano e amoroso que, em Cristo, perdoa-nos e nos adota em Sua família. Ele está trabalhando em cada situação para nos conformar à imagem do Seu Filho, suprindo tudo quanto precisamos para fazer aquilo que Ele nos chamou para fazer. Portanto, não devemos cair na falsa esperança de nos tornarmos por nós mesmos indivíduos fortes, saudáveis, entendidos e felizes. Tudo quanto fazemos e esperamos está enraizado no fato de que somos vasos de barro, frágeis, mas cheios do poder infinito da presença de Deus. Olhamos para o futuro com esperança, preparando-nos para um tempo quando não haverá mais doenças, tristeza, pecado ou morte, pois estaremos com Ele e seremos como Ele eternamente. Eis a razão por que, mesmo nos dias escuros

de sofrimento neste mundo caído, não perdemos a esperança (2 Co 4.7-18).

Não se pode "descristianizar" os princípios das Escrituras sem violentá-los. Tudo o que Deus nos chama para fazer baseia-se naquilo que Ele está fazendo. Se o evangelho não estiver no centro do sistema interpretativo do aconselhado, os princípios bíblicos não farão sentido para ele, e ele não reagirá de maneira apropriada.

A claridade que trazemos para a vida do aconselhado é o próprio evangelho. O evangelho é o que queremos que ele veja, talvez pela primeira vez. Todo problema pode ser enfrentado por meio da provisão multiforme de Cristo. Considere a oração de Paulo pelos efésios:

> Iluminados os olhos do vosso coração, para saberdes qual é a esperança do seu chamamento, qual a riqueza da glória da sua herança nos santos, e qual a suprema grandeza do seu poder para com os que cremos, segundo a eficácia da força do seu poder; o qual exerceu ele em Cristo, ressuscitando-o dentre os mortos, e fazendo-o sentar à sua direita nos lugares celestiais, acima de todo principado, e potestade, e poder, e domínio, e de todo nome que se possa referir não só no presente século, mas também no vindouro. E pôs todas as cousas debaixo dos seus pés e, para ser o cabeça sobre todas as cousas, o deu à igreja, a qual é o seu corpo, a plenitude daquele que a tudo enche em todas as cousas. (Ef 1.18-23)

Paulo orou que esses cristãos vissem a si mesmos e toda sua vida pelo ângulo das verdades radicais do evangelho. Sua oração é que fossem capazes de ver o poder e a riqueza que lhes pertenciam como herança em Cristo. Nossos aconselhados também não viverão como Deus os chamou para viver se estiverem cegos ao poder e à presença de Cristo que opera em suas vidas. Em vez disso, suas vidas serão "inativas e infrutuosas" (2 Pe 1.8,9).

Esta claridade do evangelho deve dar forma à nossa coleta de dados à medida que também oramos para que "os olhos do coração (do nosso aconselhado) sejam iluminados". Faremos, então, perguntas que procedem do evangelho, levando nossos aconselhados a orientarem o olhar para as coisas que não viam antes. À medida que responderem a essas perguntas, a claridade do evangelho começará a afastar as nuvens da confusão.

Afirmamos no artigo anterior que uma das características da cegueira espiritual de um indivíduo é que ele faz as perguntas erradas - que levam a respostas erradas. Na nossa coleta de dados, podemos já ensinar aos aconselhados como partir de verdades bíblicas e fazer perguntas baseadas nestas verdades. Por exemplo, se a Bíblia diz que Deus está operando o processo de santificação em minha vida "em todas as coisas" (Rm 8.28), então não devo fazer perguntas que presumam que Ele não está ativo e nem devo ficar a imaginar o porquê. Eu posso perguntar: "De que maneira Deus está fazendo com que esses acontecimentos dolorosos cooperem para o bem?" ou "O que está impedindo que eu veja a bondade de Deus nesta situação?" ou ainda "Em que os meus planos de vida diferem dos planos de Deus?" e "Quais são os meus tesouros (as coisas que mais valorizo)? Meus tesouros equivalem às coisas que Deus considera mais preciosas e que Ele está trabalhando para produzir?". Estas são perguntas que proce-

dem de verdades bíblicas e conduzem a um auto-conhecimento bíblico e mudanças bíblicas.

Por exemplo, o marido desencorajado com o que está acontecendo em sua família e tentado a crer que Deus está ausente precisa personalizar estas perguntas. Quais são seus alvos para sua família? São os alvos de Deus? De que maneira ele costuma alcançar estes alvos? Ele tem agido como um instrumento de Deus ou como se fosse o dono de sua família? Em quais ele não esta experimentando uma "ausência" de Deus, mas colhendo o que plantou? Onde podemos ver a mão de Deus sobre sua família? Seu papel de marido e pai está sendo exercido em conformidade com o propósito de Deus? Como? O que ele quer mudar nestes relacionamentos? E isto o que Deus quer? Em que áreas ele esta tentando fazer o trabalho que pertence a Deus, tentando produzir o que apenas Deus pode produzir? Em que pontos ele tem falhado em reconhecer sua fraqueza, tentação e pecado no relacionamento com a esposa e os filhos? Em que momentos ele tende a ficar irado, despejando palavras de condenação, acusação e ameaça? Em que situações ele luta com desânimo e falta de esperança? O que isso revela sobre aquilo que ele pensa a respeito de si mesmo, de Deus, de outros e da situação? Estas são perguntas que procedem da verdade bíblica e conduzem a entendimento bíblico e mudança bíblica.

Você pode contribuir com propósito

Todos quantos procuram aconselhamento têm uma razão para tomar esta iniciativa. Eles têm um plano que gostariam de ver realizado. Mas como conselheiro, você deve novamente se lembrar de que a cegueira espiritual impede os aconselhados de verem que seu plano é por natureza limitado, egoísta ou muito passageiro ("para este mundo"). Eles precisam da sua ajuda para que possam perceber o quanto o propósito com que buscam aconselhamento revela que "mudaram a verdade de Deus em mentira, adorando e servindo a criatura, em lugar do Criador" (Rm 1.25).

O homem que está separado da sua esposa busca aconselhamento porque quer sua família de volta. A esposa vem apenas porque quer um marido que a ame de fato. O adolescente vem porque seu carro lhe foi tirado "até que volte a agir direito". O jovem deprimido quer apenas um pouquinho de felicidade. O pastor quer entender porque ele não alcança maior sucesso no seu ministério.

Cada um tem sua razão para buscar aconselhamento, apesar de que nenhum deles reconhece a orientação egoísta dos próprios propósitos. Na verdade, eles querem receber pouca coisa a mais deste mundo para que possam ser mais felizes. Apesar disso, são filhos do Deus que deseja lhes dar muito, muito mais, e que sacrificou Seu próprio Filho para garantir isso!

O aconselhado procura aconselhamento cego ao fato de que seu propósito é tingido pelas cores do medo, interesse próprio, controle, felicidade pessoal ou desejo de possuir algum outro aspecto da "criação". Seu problema não é que ele quer receber muito de Deus, mas que ele está disposto a se contentar com muito pouco. Ele procura prazeres passageiros do mundo criado, enquanto Deus quer que ele se torne nada menos que "participante da Sua natureza divina" (2 Pe 1.4).

Este aconselhado precisa de alguém que caminhe ao seu lado e que tenha pro-

pósito - um propósito santificador que não esteja limitado nem deformado pelo interesse próprio. Ele precisa de alguém que possa lhe apresentar o planodivino de santificação, que é mais elevado, pleno e profundo do que qualquer outra coisa que ele tenha desejado ou planejado por si mesmo.

Pedro diz que Deus está trabalhando em algo bem maior do que me dar um casamento feliz e bons filhos. Seu plano é mais profundo e completo. Ele opera para que eu me torne participante da Sua natureza divina (2 Pe 1.4)! Ou como Paulo diz no final de Efésios 3, Ele é "poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos". Em nosso aconselhamento, não queremos ter visão curta; não queremos almejar pouco. Queremos ser usados por Deus para conduzir pessoas cegas - pessoas que pensam que a felicidade está em Deus realizar seus anseios pessoais - a abrirem mão de seus sonhos pessoais em troca da alegria maior de participar do que Deus tem planejado para elas.

O conselheiro bíblico quer para o aconselhado aquilo que Deus quer. Seu plano é moldado pela Bíblia para ajudar o aconselhado a investir em coisas que não perecem nem desaparecem. Para alcançar seu alvo, ele precisa ajudar o aconselhado a descobrir as intenções verdadeiras do seu coração, enquanto abre seus olhos para o glorioso propósito de Deus para ele. Como conselheiro, quero fazer perguntas que ajudem a alcançar este alvo. Quero que elas abram os olhos de meu aconselhado para o verdadeiro propósito da sua vida e despertem nele a fome por algo que seja mais do que os prazeres passageiros desta vida. Quero que o propósito redentor e santificador de Deus seja o plano de vida do aconselhado.

Nossa metodologia de coleta de dados deve levar a sério este alvo. Como nossas perguntas podem conseguir isso? Este será o foco do nosso terceiro artigo.

Coleta de Dados

Estratégias para abrir olhos vedados

Paul D. Tripp[1]

O Salmo 36.2-4 retrata poderosamente a realidade da cegueira espiritual e seu efeito na maneira de viver de uma pessoa:

> Porque a transgressão o lisonjeia a seus olhos e lhe diz que a sua iniqüidade não há de ser descoberta nem detestada. As palavras de sua boca são malícia e dolo; abjurou o discernimento e a prática do bem. No seu leito maquina a perversidade, detém-se em caminho que não é bom, não se desapega do mal.

Esta realidade do coração humano leva o conselheiro bíblico a ver o processo de coleta de dados não apenas como meio de conhecer o aconselhado, mas também de ajudar o aconselhado para que comece a ver a si mesmo com uma clareza bíblica nova. O pecado não é apenas intencional, ou seja, um passo consciente além dos limites traçados por Deus. O pecado também tem a ver com cegueira, ou seja, o fato de não ver o que precisa ser visto para que eu possa viver como Deus me chamou para viver. O pecador é ao mesmo tempo *intencionalmente cego e cegamente intencionado.* Sendo assim, nós conselheiros estamos sempre lidando com a cegueira espiritual no nosso aconselhamento, quer o percebamos ou não.

O Salmo 36 tem muito a nos ensinar a este respeito. Primeiro, dá-nos uma noção de como a cegueira espiritual funciona: "Porque a transgressão o lisonjeia a seus próprios olhos e lhe diz quea sua iniqüidade não há de ser descoberta". O indivíduo espiritualmente cego "pensa de si mesmo além do que deveria pensar", e sua justiça própria faz com que fique cego ao pecado em sua vida. Ele não odeia o seu pecado porque não se considera capaz de praticar tais coisas. Em vez disso, defende-se, desculpa-se, racionaliza, reformula e justifica seu pecado. Alguém espiritualmente cego não tem sensibilidade bíblica ou aversão ao pecado.

O Salmo 36 também mostra que se eu não for sensível a meu pecado, odiando-o

[1]Tradução e adaptação de *Strategies for Opening Blind Eyes: Data Gathering Part3*
Publicado em *The Journal of Biblical Counseling. v.* 15, n.l, Fali 1996, p. 42-51.

e abandonando-o, persistirei nele cada vez mais. A cegueira espiritual nos deixa sem nenhum sistema interno de restrição do pecado. Em minha cegueira, continuarei a mentir e enganar. Viverei na insensatez e não farei bem algum. Mesmo nos meus momentos de meditação na Palavra, meus pensamentos serão dirigidos para coisas que escapam à vontade de Deus para mim. O resumo do salmista é: a pessoa espiritualmente cega não rejeitará o que é errado. Isto é verdade para *todos* os pecadores. Todos nós lutamos com áreas de cegueira espiritual, na qual não vemos, não odiamos nem rejeitamos nosso próprio pecado.

É esta realidade espiritual significativa que temos considerado nos dois artigos anteriores. O primeiro artigo propôs que a cegueira espiritual é enganosa porque se esconde atrás de máscaras. Pessoas cegas espiritualmente são cegas à sua cegueira! Isto exige que o conselheiro bíblico conheça as máscaras características da cegueira espiritual para poder ser usado por Deus no expor a cegueira e abrir os olhos do aconselhado.

O segundo artigo considerou nossa constante necessidade do ministério mútuo para que possamos viver com os olhos abertos biblicamente. Se nos submetermos à luz perscrutadora das Escrituras e ao ministério fiel e diário de irmãos e irmãs em Cristo, vamos trazer para a interação com nossos aconselhados os frutos desse ministério. Isto nos capacitará a ajudá-los a ultrapassar sua cegueira espiritual.

Este artigo descreve algumas das estratégias que o conselheiro bíblico pode usar para atingir esse alvo.

Três estratégias na coleta de dados

2 Coríntios 10.3-5 fornece a estrutura para o uso que faço do processo de coleta de dados como meio de expor a cegueira espiritual daqueles que aconselho. Falando sobre seus alvos ministeriais, Paulo diz:

> Porque, embora andando na carne, não militamos segundo a carne. Porque as armas da nossa milícia não são carnais, e, sim, poderosas em Deus, para destruir fortalezas; anulando sofismas e toda altivez que se levante contra o conhecimento de Deus, levando cativo todo pensamento à obediência de Cristo.

Meu propósito não é fazer uma exegese profunda deste texto, que tem sido muitas vezes aplicado à batalha espiritual e apologética, mas observar implicações importantes para aquilo que pensamos sobre cegueira espiritual e estratégias práticas para mudança.

Localize as fortalezas

Em primeiro lugar, a metáfora de uma fortaleza é muito útil. Uma fortaleza é um lugar fortificado contra ataques. Ela foi construída com solidez e é defendida ativamente, sendo particularmente difícil destruí-la. Quero dar um exemplo de como isto se manifesta na vida do aconselhado.

Susana não via a si mesma como pecadora, mas como uma pessoa necessitada, cujas necessidades eram constantemente insatisfeitas. A idéia de ser uma pessoa necessitada constituía a sua fortaleza, provendo-lhe a segurança de não ter que enfrentar as responsabilidades características de uma vida nos moldes bíblicos, dando-lhe uma desculpa para seu estilo de vida e permitindo que Susana constantemente transferisse a culpa para outras pessoas. Era nesta fortaleza bem construída que Susana se escondia habitualmente.

Algo mais precisa ser dito aqui. Susana não somente se escondia atrás da idéia

de ser uma pessoa necessitada, mas a defendia ativamente, ficando irada e defensiva sempre que era levada a crer que eu estivesse "atacando" sua perspectiva de vida. Ela se defendia acusando-me de falta de amor e cuidado, e de reagir como todos os outros homens insensíveis que ela conhecia. Sua noção de necessitada era uma fortaleza fortificada e defendida ativamente, que precisava ser derrubada. Ao defendê-la, Susana estava sendo *intencionalmente cega.* Todo pecador tem fortalezas de cegueira espiritual, lugares onde a cegueira é fortificada, lugares que providenciam um esconderijo e são ativamente defendidos. Nestes lugares, a cegueira estrutura toda a maneira de pensar e agir daquela pessoa.

A primeira coisa que quero fazer na minha coleta de dados é localizar tais fortalezas. Onde esta pessoa está deixando de ver o que Deus quer que ela veja? Qual o efeito que isto tem sobre como ela lida com Deus, consigo mesma, com outros e com as circunstâncias?

Destrua os sofismas

Em segundo lugar, Paulo diz que ele procura "destruir fortalezas; anulando sofismas e toda altivez que se levante contra o conhecimento de Deus". O que é um sofisma? É uma alegação plausível, algo que parece ser verdadeiro, mas que na realidade é falso. A cegueira espiritual envolve acreditar no que é falso como se, de fato, fosse verdadeiro. A cegueira espiritual significa crer em mentiras.

Paulo diz que estes sofismas se levantam contra a verdade de Deus. Quando acredito em uma mentira, não estou mais aberto à verdade. A mentira no Jardim do Éden não foi apenas uma opinião alternativa; ela se levantou contra a verdade que Deus havia falado para Adão e Eva. Mentiras posicionam-se *sempre* contra a verdade. Quando aceito uma mentira, fico incapacitado para saber aquilo que preciso saber, e como Deus quer que eu saiba. Meu mundo passa a ser moldado por mentiras, e não pelo conhecimento de Deus que dá vida, liberdade e sabedoria. Paulo zela por colocar um fim ao domínio e reino da falsidade na vida daqueles a quem escreve. Ele também é zeloso em expor e demolir a incredulidade e a fé falsa.

No aconselhamento, lidamos constantemente com sofismas - coisas que parecem ser verdades, mas, de fato, são fundamentalmente falsas. As necessidades de Susana eram um sofisma. Tinham a aparência de verdade validada por uma experiência de vida em que outros pecavam contra ela, e pareciam razoáveis também pelo reforço da cultura "psicologizada" que a cercava. Mas crendo de maneira não-bíblica que o seu problema mais básico era a sua noção de necessitada e não o seu pecado srcinal, Susana estava *cegamente intencionada.*

As fortalezas de cegueira, assim como a justiça própria e a atitude defensiva que rodeiam estas fortalezas, têm seu fundamento nas mentiras plausíveis e enganosas que se levantam contra a verdade. Esta é a razão por que a segunda estratégia que deve ser usada na coleta de dados é expor e demolir esses sofismas. Trabalhamos para descobrir e destruir as mentiras.

Traga todo pensamento cativo

Em terceiro lugar, Paulo diz que seu alvo é "trazer todo pensamento cativo a Cristo". Esta frase retrata o aspecto instrutivo e corretivo da coleta de dados. Nosso alvo não é apenas ajudar as pessoas a reconhecerem que estão cegas, mas

também ajudá-las a ter visão bíblica. A coleta de dados pode ser maravilhosa e relevantemente corretiva à medida que a pessoa ouve nossas perguntas, aprende a fazer perguntas certas a si mesma, e aprende a pensar biblicamente a respeito da vida. Somos chamados a libertar pessoas das fortalezas e sofismas da cegueira espiritual *para que* possamos capturá-las para Cristo, e ter cada um de seus pensamentos submisso a Ele e à verdade dEle.

A mente de Susana, antes controlada pelas mentiras que ela defendia ativamente, tornou-se cada vez mais controlada pela verdade de Cristo. Ela se tornou mais e mais sensível a sofismas sutis, à atitude defensiva e à justiça própria. A coleta de dados foi usada por Deus para capturar e transformar a mente e o coração de Susana. Todos os pecadores precisam deste ministério.

Em resumo, são três as coisas que faço na coleta de dados para conhecer o aconselhado e abrir seus olhos para que ele conheça a si mesmo.

1. Localizo as fortalezas funcionais de cegueira espiritual e identifico como elas costumam ser defendidas.

2. Exponho as mentiras (sofismas) e identifico como elas parecem plausíveis ao aconselhado.

3. Ajudo o aconselhado a estabelecer uma perspectiva de vida cativa a Cristo, e reconheço a necessidade que tenho de ser modelo para o aconselhado e ensiná-lo a pensar biblicamente.

As estratégias específicas que uso para alcançar estes alvos serão tratadas no decorrer deste artigo.

Como localizar as fortalezas

No primeiro artigo desta série, listei as dez máscaras características da cegueira espiritual que afeta o aconselhado:

1. O aconselhado acredita que tem uma noção exata de si mesmo.

2. Ele vê o fato de ser vítima do pecado de outros como o seu principal problema.

3. Ele vê as dificuldades em sua vida como provações, e não como conseqüências de suas escolhas e comportamento.

4. Ele vê os problemas de sua vida como resultado direto de ser alguém necessitado.

5. Ele pensa que é sábio e que recebeu muito conselho sábio.

6. Ele analisou sua vida e crê que tem discernimento sobre o que está acontecendo e o porquê.

7. Ele pensa que tem uma noção clara do que é valioso e importante.

8. Ele vê a si mesmo como alguém com conhecimento maduro das Escrituras e da teologia.

9. Ele vê a si mesmo como santo; isto é, alguém que quer e faz aquilo que é certo.

10. Ele já vê a si mesmo como arrependido.

Em cada caso, o aconselhado crê que sua avaliação é verdadeira quando, na realidade, não é. Entretanto, poucos aconselhados terão todas essas fortalezas de cegueira espiritual presentes em sua vida ao mesmo tempo.

Como, então, localizar estas áreas em que a cegueira espiritual é particularmente forte e influente no comportamento da pessoa, e também muito bem defendida? Presto atenção a várias coisas.

Presto atenção àqueles assuntos que fazem o aconselhado ficar irado ou defensivo durante a coleta de dados. Em que momento o aconselhado sente-se acusado por uma pergunta que, na verdade, é aberta e requer que ele seja transparente,

mas não traz uma acusação implícita? Pode ser que o aconselhado se sinta "apontado" ou acusado porque a pergunta tocou em uma fortaleza da qual ele não quer se desfazer, mesmo que ele não esteja ciente de sua atitude defensiva. Considero esses momentos cruciais. São ocasiões em que Deus está trabalhando para revelar o coração enganoso. Não me apresso com a coleta de dados; paro, e procuro ajudar o aconselhado a perceber sua ira ou atitude defensiva. Procuro ajudá-lo a descobrir o que está querendo proteger e como isso se encaixa na sua vida.

Susana ficava aflita quando eu lhe fazia perguntas sobre seu passado. Logo no início, ela disse: "Por que eu haveria de esperar que você fosse diferente dos demais conselheiros que tive? Ninguém leva a sério o que aconteceu comigo". A esta altura, eu nada tinha comentado sobre seu passado e, com certeza, também não tinha feito nenhuma acusação. Eu entendi, entretanto, que a afirmação dela revelava alguma coisa muito importante.

Parei, e alertei Susana para o fato de que eu não havia feito nenhuma acusação. À medida que fiz mais perguntas sobre sua reação defensiva, questões importantes para o aconselhamento começaram a surgir - coisas que eu precisava saber e Susana precisava ver. Ela compreendia a si mesma como uma pessoa que era forçada a viver com necessidades muito significativas não satisfeitas. Esta perspectiva fazia uma coisa muito importante por ela: isentava-a da responsabilidade pelas coisas erradas que fazia e pelas conseqüências que provocava na vida de outras pessoas. E por ser algo tão importante em sua vida, Susana defendia-se ativamente quando desafiada por quem quer que fosse, e acusava a pessoa de falta de amor e compreensão. Mas agora, na coleta de dados, Deus começou a mostrar-lhe a realidade desta fortaleza.

Como conselheiros, precisamos ser bons ouvintes e bons observadores enquanto fazemos perguntas. Precisamos perceber os momentos de raiva ou atitude defensiva e mostrá-los ao aconselhado para que possamos ajudar a desembrulhá-los. Às vezes, os momentos tensos e desconfortáveis no aconselhamento são os melhores para mudança. Eles tendem a ser os momentos em que Deus está colocando sobre a mesa as questões do coração, para que possam ser vistas. Não são momentos que devem ser evitados, mas oportunidades transformadoras que devem ser usadas criativamente.

Segundo, fico atento aos momentos em que a pessoa está fechada ou protegendo a si mesma durante a coleta de dados. Note as perguntas para as quais você esperaria uma resposta pronta do aconselhado, mas que ele luta para responder, ficando em silêncio, falando que não sabe o que dizer, ou dando uma resposta que não esclarece nada a respeito de si mesmo ou da situação.

Preste atenção, também, em *como a* pessoa conta sua história. Uma das maneiras mais sutis de auto-proteção é como as pessoas contam o que lhes aconteceu. Tenho observado que as pessoas geralmente estão ausentes da própria história de suas vidas! O que quero dizer é que sua narrativa contém muito do comportamento de outros e das dificuldades da situação, mas não descortina muito sobre seus próprios pensamentos, desejos, escolhas e ações.

Para esclarecer este fato aos aconselhados, costumo fazer a seguinte analogia: "Estamos assistindo ao filme da sua história, e notei uma coisa interessante: você não está nela! A câmera fixa-se nos outros e na situação difícil, mas nunca em você. Eu gostaria de voltar e falar sobre os mesmos relacionamentos e situações, só que desta vez eu quero fixar a câmera em você. Quero focalizar o que você estava pensando, querendo e fazendo enquanto essas coisas estavam acontecendo".

Tenho aprendido que é importante eu não preencher os silêncios quando as pessoas estão lutando para responder. Deixo que saibam que estou disposto a esperar, e que é importante que elas respondam. Paro, e as ajudo a entender o porquê da sua dificuldade. Deus usa estes momentos para expor dados.

Também tenho aprendido a não ficar satisfeito com respostas vagas. Em amor, digo às pessoas que suas respostas não me disseram nada. Então reformulo as perguntas e as faço novamente, pois meu alvo é expor o coração que se esconde atrás da auto-proteção. Geralmente faço duas coisas quando uma pessoa não é transparente ao falar sobre sua vida. Primeiro, costumo usar um estudo de caso. Traço, em linhas gerais, uma situação problemática ou um relacionamento difícil e pergunto o que o aconselhado pensaria se fosse a pessoa em questão. Pergunto quais seriam os seus alvos e o que faria para os alcançar. Então tento estabelecer conexões entre as respostas ao estudo de caso e a vida diária do aconselhado. Este exercício costuma ser extremamente útil para expor o coração.

Em seguida, dou uma tarefa destinada a revelar para mim e para o aconselhado as motivações do coração. (No final do artigo, dou uma amostra para você adaptar aos seus aconselhados.) Peço ao aconselhado que leia os textos bíblicos, responda às perguntas, e traga as respostas por escrito no encontro seguinte. Quando nos vemos novamente, pergunto à pessoa o que ela aprendeu sobre si mesma. Há temas que apareceram vez após vez? Conversamos, então, sobre estes temas que surgiram das respostas dadas na tarefa. Isto é muito útil para abrir os olhos do conselheiro e do aconselhado. Em tudo isso, o conselheiro está procurando maneiras de tirar a pessoa da "trincheira" da auto-proteção.

Terceiro, procuro identificar ocasiões em que o aconselhado culpa outros pelo próprio comportamento. Uma das fortalezas mais poderosas da cegueira espiritual é a da culpa. *Todos nós* encontramos maneiras criativas de culpar outros pelo que fizemos - da criança que ao ser corrigida diz "Ele fez primeiro!" ao homem que diz ter cometido adultério porque sua esposa não lhe dava a atenção devida. Nós pecadores tendemos a nos esconder na fortaleza do pecado alheio. Também justificamos com todo vigor nosso próprio pecado, alegando os maus-tratos recebidos.

Nessas ocasiões, eu paro para perguntar: "Você está realmente dizendo que...?" Quero que a pessoa encare as implicações de suas palavras. Pergunto ao homem adúltero: "Você está dizendo que há uma conexão direta entre a negligência da sua esposa e a sua infidelidade?" Ou peço-lhe: "Explique-me a ligação que você vê entre o seu adultério e a atitude da sua esposa para com você". Ou ainda: "Quais são as outras respostas que você poderia ter dado à conduta ofensiva de sua espo-

sa?". Quero que meu aconselhado pare de se esconder atrás do pecado de outros para que possa começar a ter ações e atitudes construtivas.

***Quarto, presto atenção a quando o aconselhado ergue claramente uma defesa lógica do seu ponto de vista e* ações**. As pessoas que procuram aconselhamento nem sempre estão prontas a submeter suas atitudes e ações a uma avaliação bíblica. Com freqüência, elas vêm pedir ajuda sem realmente querer ajuda, e buscam conselhos aos quais viram as costas, rejeitando. Muitas são como o fariseu que estava no templo orando a Deus e dizendo-Lhe que, na realidade, não precisava dEle.

Ouço com atenção quando uma pessoa revela seus pensamentos ou ações não com a intenção de compreendê-los, mas apresentando argumentos para defendê-los e discutindo ativamente quando questionada. Com freqüência, as pessoas vêm ao aconselhamento armadas de defesas bem ensaiadas. Elas podem argumentar com base em experiências passadas, citar uma passagem ou uma história bíblica, citar um livro ou artigo, fazer referência ao que ouviram de um especialista ou argumentar simplesmente que já pensaram muito a respeito do assunto e estão convencidas de que estão certas.

Tento alcançar três coisas com a minha resposta. Primeiro, procuro ajudar a pessoa a perceber que argumentar não é uma atitude própria de quem busca ajuda, mas uma maneira de defender o que já fez. Segundo, incentivo a pessoa para que se disponha a expor todas as áreas de sua vida a um exame bíblico. Deus usará isso como meio de bênção, e não de condenação. Terceiro, faço perguntas para ajudá-la a examinar seus pensamentos e ações de acordo com a perspectiva das Escrituras.

Como expor e destruir sofismas

Paulo usou uma linguagem forte em 2 Coríntios 10.3-5 porque ele entendia o poder da mentira plausível. Para muitos pecadores, é uma parte significativa do sistema de incredulidade. Todos nós já acreditamos em mentiras, e a maioria delas parece ter um halo de verdade. A falsidade é sedutora simplesmente porque se veste de verdade. Afinal, o inimigo denossas almas é chamado de "pai da mentira", e seu trabalho básico é seduzir-nos com mentiras disfarçadas.

Um esclarecimento importante precisa ser feito aqui. Paulo não nos diz para destruir a pessoa a quem fomos chamados por Deus para ministrar, mas o sistema de mentiras que a escraviza. Expor as mentiras plausíveis não deve ser um exercício sonoro, duro ou insensível. Devemos *sempre* falar a verdade em amor. Ao mesmo tempo, devemos odiar fortemente a falsidade e a safra de destruição que ela traz à vida das pessoas que acreditam nela.

A mentira plausível tende a distorcer a perspectiva que um indivíduo tem da vida (sua teologia funcional) em três pontos chaves: a visão de si mesmo, de Deus e da situação. Se o aconselhado acreditou em uma mentira em qualquer destas três áreas, isso afetará radicalmente sua reação à situação na qual Deus o colocou soberanamente. Procuro identificar evidências de falta de fé funcional, incredulidade ou falsidade em cada uma dessas três áreas. À medida que uso a coleta de dados para localizar as áreas em que a pessoa está cegamente rebelde, procedo da seguinte forma:

Procuro descobrir evidências de uma visão de si mesmo distorcida. Pecadores tendem a não ter uma visão acurada acerca de quem são. Sua tendência é pensar de si mesmos além do que são na realidade. O orgulho é muito mais endêmico que a aversão a si mesmo. Portanto, procuro identificar aquelas áreas nas quais a visão que o aconselhado tem de si mesmo simplesmente não coincide com as atitudes que ele expressa nem com as suas ações.

Procuro expor essas distorções de duas maneiras primárias. Primeiro, descobri que um diário com foco dirigido pode ser usado por Deus para abrir os olhos da pessoa que tem uma visão distorcida de si mesma. Não peço ao aconselhado que anote tudo quanto está acontecendo. Para muitos, isto intimidaria de tal forma que a tarefa nunca seria feita. Estabeleço um foco para o diário, ou seja, peço aos aconselhados que registrem somente determinadas situações importantes e que respondam a cinco perguntas específicas:

1. O que estava acontecendo naquela situação?
2. O que você estava pensando e sentindo?
3. O que você fez em resposta?
4. O que você queria ou o que procurava conseguir com o que fez?
5. Qual foi o resultado?

Peço ao aconselhado que mantenha o diário por duas ou três semanas e, então, eu o leio atentamente procurando identificar temas e padrões de comportamento. Em seguida, pego um marcador de texto e identifico onde estes temas aparecem. Durante um encontro com o aconselhado, devolvo o diário e peço-lhe que leia, naquele momento, prestando atenção aos pontos que foram destacados. Finalmente, pergunto ao aconselhado o que aprendeu a respeito de si mesmo enquanto relia seu diário. Deus tem usado muito este exercício para abrir olhos vedados. Parece ser particularmente efetivo porque o aconselhado não está reagindo às minhas opiniões, mas às suas próprias palavras!

Raquel era urna mulher muito irada que estava completamente cega à sua ira. Ela acreditava ser essencialmente bondosa, paciente, e compreensiva. Vivia com sua avó idosa, de quem cuidava; portanto, via a si mesma como uma serva amável. Mas Raquel estava muito amarga por essa tarefa ter sido colocada sobre seus ombros. Acusava seus irmãos, que nunca lhe ofereciam ajuda. Ela se considerava paciente e compreensiva porque havia trabalhado no mesmo emprego, com os mesmos colegas, por 12 anos. Mas tinha rusgas regulares com seu chefe e relacionamentos marcados pela irritação com a maioria dos seus colegas de trabalho.

A visão que Raquel tinha de si mesma não incluía ira, de modo que havia vários aspectos de sua vida que ela não havia encarado. O diário foi penetrante para Raquel. Depois de três semanas, eu o li. Na ocasião, eu não tinha em mãos um marcador de texto. Tinha uma caneta vermelha, com que sublinhei cada ocorrência de ira e amargura no diário de Raquel. As páginas ficaram literalmente vermelhas de ira. No encontro seguinte com Raquel, pedi que ela lesse o seu diário, explicando o que eu havia feito. Depois de completar cerca de metade da leitura, Raquel começou a chorar. Ela olhou para cima e disse: "Eu sou uma mulher irada - muito mais irada do que jamais pensei!". A mentira plausível da visão imprecisa que tinha de si mesma havia sido exposta.

Aquilo que chamo de "momento real" na coleta de dados também pode expor a visão imprecisa que o aconselhado tem de

si mesmo. Na sessão de aconselhamento, chego a conhecer a pessoa como ela de fato é. A pessoa controladora tenderá a controlar no aconselhamento. A pessoa irada tenderá a expressar sua ira a certa altura. A pessoa que tem justiça própria tenderá a ser defensiva e não ensinável. A pessoa medrosa lutará para ter confiança. Descobri que é muito importante fazer o aconselhado examinar a dinâmica de seu relacionamento comigo. Durante o encontro comigo, é mais difícil que consigam se esconder, pois eu estou participando daquele momento com eles. Peço-lhes que sejam bem honestos a respeito de suas lutas no relacionamento comigo, e eu sou muito honesto sobre minha experiência no relacionamento com eles. Enquanto desembrulhamos a dinâmica do nosso relacionamento e os temas despontam, as mentiras plausíveis em que a pessoa acreditava sobre si mesma são expostas.

Procuro descobrir as distorções funcionais na perspectiva que o aconselhado tem de Deus. As pessoas desenvolvem uma teologia com base na experiência, que lhes parece plausível porque vem de sua interpretação dos fatos da vida. Quanto mais esta interpretação - e não as Escrituras - molda a perspectiva que elas têm de Deus, maior é a distância entre a teologia que confessam (oficial) e a sua teologia funcional (do dia-a-dia). Ainda assim, a sua teologia funcional parecerá ter um halo de lógica e verdade porque se encaixa em sua visão da vida.

Por exemplo, o Deus de Joel mantinha-se distante, sem envolvimento em sua vida. Joel disse que nos seus momentos de maior depressão, quando mais ele precisava de Deus, ele nunca sentia que Deus estava próximo. Ele disse que sabia que Deus operava milagres, mas lutava com a falta de respostas de Deus às suas orações. Joel via Deus como um juiz duro, pronto a aplicar doses de conseqüências a todos quantos "fazem bobagens na vida". Mesmo assim, Joel dizia-se crente.

Como eu cheguei a conhecer o conteúdo da teologia funcional de Joel e como eu o ajudei a ficar ciente da distância entre o que ele *dizia* acreditar e aquilo em que ele *realmente* acreditava? Prestei atenção a como Joel fazia perguntas a respeito de Deus, e o ajudei a entender o impacto destas perguntas na sua maneira de viver. Por exemplo, Joel costumava dizer: "Eu não entendo. Por que Deus não opera em minha vida'?" (Este problema tem sido levantado por muitos dos meus aconselhados.) Esta pergunta baseia-se em uma pressuposição não-bíblica: Deus, por alguma razão, abandona alguns de Seus filhos. Ela não contribui para que aquele que a faz adquira um melhor entendimento da situação ou uma fé bíblica mais robusta e prática.

Minha estratégia foi a seguinte: à medida que Joel fazia perguntas a respeito de Deus, eu o ajudei a ver as pressuposições falsas em que estas perguntas estavam baseadas. Aqui estão algumas delas: os sentimentos são um indicador confiável da presença de Deus; o sofrimento é um sinal de punição divina; se eu não vejo evidência da mão de Deus operando em minha vida, isto significa que Ele não está respondendo às minhas orações; Deus está distante de mim, enão próximo. Ajudei Joel a perceber a natureza não-bíblica de suas perguntas fazendo as mesmas perguntas, mas reformulando-as com pressuposições bíblicas. Por exemplo: "Deus declara que Ele está presente, Joel; por que Ele lhe parece estar tão distante?" ou "Joel, Deus está operando em sua vida; o que o impede de ver isto?" ou ainda "Joel, vamos dar

uma olhada nas coisas pelas quais você orou e ver como Deus respondeu". Cada uma destas perguntas lida com a preocupação de Joel, mas cada uma delas foi reformulada com base em pressuposições bíblicas, expondo as mentiras plausíveis acerca de Deus nas quais Joel acreditava e destacando, em seu lugar, a verdadeira fé bíblica.

Escute aquilo que seus aconselhados falam a respeito de Deus. Escute as perguntas que fazem a respeito da Pessoa de Deus e de Sua obra. Procure identificar mentiras teológicas plausíveis. Poucos rejeitarão repentinamente o Deus das Escrituras para se tornarem ateus declarados. Todavia, muitos caem em um cinismo teológico frio e distante à medida que o Deus da sua teologia funcional não mais é digno de adoração e respeito.

Procuro evidências de que a pessoa tenha deixado de lado os meios de graça e crescimento cristão como, por exemplo, tempo devocional diário, participação nas ocasiões em que o corpo de Cristo está reunido, amizade e comunhão cristãs, ensino da Palavra e adoração em conjunto com o corpo. Procuro compreender por que ela se afastou, esperando expor e entender as mentiras que têm levado a um enfraquecimento da fé em Deus e à perda da motivação para buscar uma comunhão mais profunda com Ele e Seu povo.

1 Coríntios 10.13 pode ser a base para uma tarefa prática útil para expor as mentiras que o aconselhado abraçou a respeito de Deus e Sua obra. Por meio de quatro declarações a respeito de Deus e Sua obra, Paulo parece tratar de quatro mentiras plausíveis a respeito de Deus,nas quais somos tentados a acreditar. Costumo montar a tarefa da seguinte maneira:

1. Declaração: "Não lhe sobreveio tentação que não fosse comum"

Pergunta: Em que circunstância você foi tentado a pensar que a sua situação é única e que você foi separado para sofrer de modo especial?

2. Declaração: "Deus é fiel"

Pergunta: Em que momento você foi tentado a crer que Deus está sendo infiel nas promessas feitas a você?

3. Declaração: "Ele não permitirá que você seja tentado além das suas forças"

Pergunta: Em que momento você pensou que estivesse passando por algo maior do que aquilo com que pode lidar ou que as fortes pressões da situação fossem a causa de você pecar?

4. Declaração: "Ele proverá livramento, de sorte que você possa suportar a tentação".

Pergunta: Quando você foi tentado a se sentir preso em uma armadilha, sem nenhum recurso possível para lidar com a situação?

Esta é uma tarefa orientada para revelar ao conselheiro e ao aconselhado as mentiras sobre a Pessoa e a obra do Senhor, nas quais o aconselhado acredita.

Procuro descobrir distorções naquilo que a pessoa pensa a respeito da situação. À medida que você prossegue na coleta de dados, tenha em mente que a pessoa não está fazendo uma recitação mecânica e objetiva de sua situação. Ela não está relatando meros "eventos, lugares e pessoas". Visto que cada ser humano é um intérprete, cada aconselhado procurou compreender aquilo que aconteceu em sua vida. Cada um tem uma visão própria a respeito da vida e das circunstâncias em que está envolvido, independentemente de estar ou não ciente disso. Na verdade, é impossível a alguém contar com isenção uma história ou dar um resumo do que está acontecendo no momento. Sem-

pre haverá uma visão personalizada dos fatos. Portanto, preciso saber o que devo ouvir. A seguir, dou alguns dos indicadores mais comuns de uma perspectiva distorcida (mais uma vez, as mentiras plausíveis).

Procuro identificar **interpretações —** os momentos em que o aconselhado diz: "Eu acho que isso significa tal coisa". Nenhum aconselhado interrompe o que está falando para dizer: "Bom, Dr. Tripp, eu agora vou compartilhar com o senhor a noção que formei a respeito deste acontecimento". As interpretações vêm em meio à conversa, e numa variedade infinita. Você precisa estar alerta e de ouvidos atentos. Por exemplo, se alguém diz: "Eu pensei a esse respeito e decidi que devo...", esta pessoa está lhe dando uma interpretação. Pare, investigue e procure entender. Alguém pode dizer: "Eu sei exatamente por que isso aconteceu comigo..." Mais uma vez, não estamos recebendo fatos puros, mas uma interpretação que pode revelar distorções naquilo que a pessoa pensa a respeito da vida.

Também procuro identificar **avaliações** em todos os julgamentos de bom e ruim, certo ou errado, verdadeiro ou falso, importante ou sem importância, bem-sucedido ou mal-sucedido, possível ou impossível. Faço constantemente perguntas que procuram extrair as avaliações do aconselhado. Posso perguntar: "O que você acha que seria certo fazer em tal situação?" ou "O que você considerou mais importante quando tal coisa aconteceu?" ou "O que você identificou como verdadeiro ou mentiroso naquilo que lhe disseram?" ou ainda "O que o levou a pensar que tal situação fosse impossível?". Cada uma destas perguntas investiga as avaliações que são base para as decisões e ações do aconselhado. Estas perguntas têm a intenção de revelar o coração que está por trás das reações às diferentes situações enfrentadas.

Em seguida, procuro identificar **propósitos e objetivos.** O que a pessoa quer conseguir em meio a esta situação ou por meio dela? Qual o alvo que ela tem? Procure identificar o propósito. Procure identificar os objetivos. Procure afirmações que lhe digam o que o aconselhado está procurando alcançar - todos estão vivendo em função de alguma coisa. Faça perguntas que cheguem aos objetivos do aconselhado na situação. Verifique se são de fato os objetivos de Deus.

Por exemplo, quando o aconselhado nos conta o que ele fez ou como reagiu, precisamos perguntar o que ele estava tentando alcançar com aquele comportamento. Peça ao aconselhado que identifique quais são os seus "tesouros" e como estes tesouros moldam a sua maneira de responder. Faça perguntas que exijam que o aconselhado pense em motivações e responda de coração.

Procuro identificar **doutrina ou teologia.** Não quero dizer com isso que verifico se a pessoa leu recentemente a *Teologia Sistemática* de Berkhof. Procuro identificar declarações formais e informais que revelam aquilo que ela crê. Procuro identificar a teologia funcional do aconselhado. Ouço com muito cuidado cada vez que ele cita um texto bíblico. (Como ele usa o texto? Que sentido dá ao texto?). Ouço com muito cuidado cada vez que ele se refere a uma questão de doutrina. (Como ele está entendendo esta verdade bíblica, e como a está aplicando à sua situação?) Ouço com muito cuidado cada vez que o aconselhado faz alusão a uma história bíblica. (Como ele está se identificando na narrativa bíblica? Que ligação está estabelecendo com a sua situação?) Ouço com muito cuidado quando ele cita

um pregador, um professor ou autor cristão. (O que ele extraiu dali que o ajudou a compreender a própria vida?)

Todos dão interpretaçõesteológicas às suas situações de vida, embora a maioria das pessoas não esteja ciente do que faz! E a maioria dos aconselhados não fará observações teológicas diretas. Estas virão em meio às histórias contadas e, portanto, precisamos ouvir com cuidado e fazer perguntas que extraiam este material.

Procuro identificar **emoções.** É importante notar os sentimentos expressos quando o aconselhado fala sobre a situação. Alegria, ira, medo, esperança, desânimo, frustração, tristeza, gratidão, amargura, desespero e contentamento são janelas que permitem ver o coração. Todas precisam ser abertas, pois se relacionam a como o indivíduo interage com aquilo que Deus coloca em sua vida. Tenho o hábito de parar e comentar a respeito de uma emoção assim que o aconselhado a expressa. Em seguida, com o aconselhado, eu a "tiro da embalagem" para que eu possa entendê-la e ele possa ver como aquela emoção relaciona-se à sua maneira de ver a vida.

À medida que procuro identificar emoções, pergunto a mim mesmo se elas são apropriadas. Ou seja, estas emoções procedem de uma maneira de pensar bíblica a respeito da situação? Por exemplo, quando os israelitas murmuraram a respeito do maná providenciado por Deus e olharam para trás ansiando pela comida do Egito, suas emoções não eram apropriadas. Elas não procediam de fé e confiança em Deus nem de uma perspectiva da vida moldada pela Sua Palavra. Uma das maneiras mais fáceis de expor as mentiras plausíveis que um indivíduo abraçou é prestar atenção às suas emoções e fazer perguntas que revelem os seus sentimentos.

Nós pecadores somos indivíduos cegamente intencionados. Nossa tendência é crer em mentiras plausíveis. Há sofismas encravados na vida de cada um de nós que precisam ser descobertos e destruídos. Este era um dos alvos centrais do ministério de Paulo, e deve ser um dos nossos alvos também. À medida que procuramos conhecer o aconselhado por meio da coleta de dados, também devemos nos envolver na missão de trazer à luz todas as mentiras sutis do inimigo que seduzem as pessoas para que se afastem do caminho de Deus.

Como levar cada pensamento cativo a Cristo

Este é o resumo final que Paulo faz de seu ministério: "levamos cativo todo pensamento à obediência de Cristo". Este deve ser o alvo de tudo quanto nós também fazemos no ministério. Quando fazemos boas perguntas que procedem de uma perspectiva de vida distintamente bíblica, exigimos que nossos aconselhados pensem sobre si mesmos como nunca pensaram antes. Ao fazermos as perguntas que eles não haviam feito e de uma maneira que eles não haviam feito, Deus pode nos usar para quebrar os muros da cegueira espiritual e promover entendimento bíblico.

Lembro-me de uma mulher que, após responder a uma série de perguntas, disse: "Estou aprendendo muito a respeito de mim mesma, de Deus e das escolhas que tenho feito!". Eu não tinha usado minha Bíblia para instruí-la formalmente. Seu aprendizado resultou da coleta de dados. O processo havia confrontado suacegueira espiritual, e foi o ponto de partida para levar seus pensamentos cativos a Cristo.

A cegueira espiritual tenta enxergar sem Cristo, o que é tão impossível quanto tentar enxergar fisicamente sem os olhos.

Paulo diz em Colossenses 2.8: “Cuidado que ninguém vos venha a enredar com sua filosofia e vãs sutilezas, conforme a tradição dos homens, conforme os rudimentos do mundo e não segundo Cristo”. Se os meus pensamentos acerca de mim mesmo, de outros, de minha situação e de Deus não são levados cativos a Cristo, eles estão cativos à filosofia vã e enganosa do mundo. Quando os seus aconselhados perceberem esta verdade e virem padrões de pensamento específicos que precisam ser renovados, eles serão mais receptivos ao seu ensino e confrontação. Eles entenderão como as soluções bíblicas são realmente apropriadas para os problemas que eles enfrentam.

Perceba como Paulo descreve a filosofia do mundo: “vã e enganosa”. Ela é enganosa. Ela parece certa. Ela parece atraente, com bons argumentos e lógica rigorosa. Ela parece ter base firmada em anos de estudo e pesquisa. Ainda assim, é vã. Ela não tem substância. Ela não oferece respostas reais. Ela não leva a uma percepção verdadeira. Ela não dá aquilo que oferece. Ela é vazia. Por quê? Porque ela não está submissa a Cristo. Tudo quanto ela pode oferecer é aquilo que indivíduos vêem - indivíduos que são pecadores e lutam com a cegueira espiritual - e esta é a razão por que ela sempre estará aquém. No fim, ela sempre se mostrará deficiente.

No aconselhamento, reconhecemos que “todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento estão ocultos em Cristo” e procuramos levar todo pensamento cativo a Ele. Reconhecemos que toda a visão verdadeira começa com Jesus, mas também sabemos que aqueles que aconselhamos pensam que vêem, mas são cegos, pensam que entendem, mas suas percepções são vãs e enganosas.

Por esta razão é que procuramos expor e destruir as fortalezas da cegueira espiritual. bem fortificadas e ativamente defendidas Procuramos revelar e demolir os sofismas. aquelas mentiras plausíveis que iludem todo pecador. E feito isto, ainda não acabamos Nosso alvo principal é levar o intencionalmente cego e o cegamente intencionado cativos a Cristo, para que possam ver com claridade bíblica e viver em obediência por gratidão a Ele. Quando dependemos dEle. Deus pode usar nossas perguntas para expor e invadir a escuridão espiritual, capturando os pensamentos dos nossos aconselhados para que possam obedecer a Cristo.

"Como águas profundas são os propósitos do coração do homem, mas o homem de inteligência sabe descobri-los" (Pv 20.5).

COMO AJUDAR OS ACONSELHADOS A FICAREM CIENTES DAS INCLINAÇÕES QUE ORIENTAM SUA VIDA

(Descobrindo os propósitos do coração)

Perguntas que revelam o coração (em busca de temas comuns e padrões de comportamento)

As Escrituras nos ajudam a ganhar entendimento sobre o coração e aquilo que controla o seu funcionamento. Damos aqui alguns exemplos. Estas perguntas têm o propósito de ajudar os aconselhados a examinar os temas comuns em seus pensamentos, motivações e desejos para que comecem a reconhecer o(s) verdadeiro(s) tesouro(s) de seu coração e como esses tesouros moldam a maneira de reagir a Deus, outras pessoas e situações da vida.

1. Quais as ocasiões em que o aconselhado (AC) costuma ter medo ou lutar com preocupação e ansiedade (Mt 6.19-34)?

2. Em que circunstâncias o AC luta com desapontamento (Pv 13.12,19)?

3. Quais as situações em que o AC luta com ira (Tg 4.1,2; Pv 11.23)?

4. Em que situações de relacionamento o AC enfrenta problemas (Tg 4.1-10)?

5. Que situações da vida o AC considera particularmente difíceis (1 Co 10.13, 14)?

6. O que o AC tem o costume de procurar evitar? Quais os seus hábitos neste sentido?

7. Em que circunstânciaso AC experimenta com regularidade problemas em sua vida espiritual ou em seu relacionamento com Deus (Sl 73)?

8. Em que circunstâncias e quando o AC tende a duvidar das verdades da Palavra (Rm 1.25)?

9. Qual é o propósito real do AC com relacão a outras pessoas? Como ele define um bom relacionamento? Quais as suas expectativas com relação aos outros? Quais exigências ele coloca silenciosamente sobre as pessoas ao seu redor (Tg 4.1,2)?

10. Em que áreas da vida o AC luta com amargura (Ef 4.31; Pv 18.19)?

11. Em que situações o AC luta com remorso, sendo tentado a dizer "Se ao menos..."?

12. Quais experiências do passado o AC reluta em deixar para trás?

13. Quando o AC tende a ter problemas em sua vida de oração e adoração pessoal a Deus (Tg 4.3,4)?

14. Em que situações o AC tende a lutar com inveja? O que ele costuma desejar ardentemente (Pv 14.30)?

Tarefas Práticas no Aconselhamento Bíblico

Uma base teórica para sua formulação e uso

Paul D. Tripp[1]

Uma das marcas metodológicas do aconselhamento bíblico é o uso freqüente de tarefas práticas. Tarefas bem preparadas e apropriadas podem desempenhar um papel significativo no aconselhamento e no processo de mudança. Jay Adams escreveu: "Os conselheiros bíblicos descobriram que as tarefas práticas são uma das forças mais vitais e eficazes que eles têm a seu dispor no aconselhamento".[2] Mas por que usar tarefas práticas? Certamente não encontramos textos bíblicos que ordenem diretamente o seu uso. Jesus não disse ao jovem rico para listar seus erros diários durante uma semana e voltar na semana seguinte! Será que o uso de tarefas práticas não passa da mera descoberta de uma técnica pragmática?

Tarefas práticas têm sido uma ênfase constante no aconselhamento bíblico porque seu uso é motivado pelas doutrinas centrais das Escrituras. Para o conselheiro bíblico, teologia não é apenas uma questão de *conteúdo* de fé e prática. A teologia bíblica e exegeticamente fundamentada também trata do *processo* de mudança de crenças e comportamentos no que diz respeito tanto aos métodos de aconselhamento (do ponto de vista do conselheiro) como à santificação progressiva (do ponto de vista do aconselhado). Os métodos de aconselhamento bíblico têm seu alicerce em uma teologia bíblica. O que o conselheiro bíblico *faz* no aconselhamento - e pede ao aconselhado para fazer - deve ter a mesma consistência bíblica daquilo que ele *diz.* As tarefas são uma extensão lógica e prática das crenças que distinguem o aconselhamento bíblico dos demais sistemas de aconselhamento.

Neste artigo, trato de cinco doutrinas que nos incitam ao uso de tarefas práticas. Uma vez estabelecida a base teórica para o uso e a formulação de tarefas, em

[1]Tradução e adaptação de *Homework and Biblical Counseling*
Publicado em *The Journal of Biblical Counseling v.* 11, n.2, Winter 1993, p. 21-25.
[2]ADAMS, Jay E. *Ready to restore.* Phillpsburg, N.J.: *Presbyterian and Reformed*, 1981, p. 72.

outro artigo trabalharei tipos específicos de tarefas apropriadas para as diferentes fases do processo de aconselhamento e mudança.

1. A doutrina das Escrituras

João, um membro bastante antigo da igreja, está enfrentando dificuldades ultimamente: sua esposa morreu após uma longa enfermidade; sua farmácia está tendo problemas com a concorrência; uma antiga lesão na perna, herança do campo de futebol, voltou a se manifestar e o deixou meio manco; a igreja comprometeu-se com um projeto de construção, votando contra a posição verbalmente expressa por ele. João foi ficando cada vez mais mal-humorado, à medida que a vida não lhe era favorável. Ele está amargurado, desiludido, triste, cheio de queixas, de mal com Deus, com os vizinhos e com as circunstâncias. Como ajudar João? Que papel podem ter as tarefas práticas?

Por definição, os conselheiros bíblicos estão comprometidos com a autoridade e suficiência das Escrituras. Com base neste compromisso, eles procuram olhar de um ponto de vista bíblico para os inúmeros problemas atuais do ser humano. Por exemplo, a Palavra de Deus trata detalhadamente do problema de João em várias passagens sobre a "murmuração" motivada por aquilo que desejamos ardentemente ou tememos em situações de tensão.[3] Conseqüentemente, os conselheiros bíblicos querem ajudar seus aconselhados a pensar biblicamente sobre as questões da vida. A mente de João precisa ser renovada. Ele precisa trabalhar diferentemente as dificuldades que está enfrentando, de acordo com o capacitação de Deus.

O conselheiro bíblico oferece muito mais que um ouvido atento e palavras de conforto ou compreensão. Ele ouve. Ele é compreensivo diante de um homem como João - "tentado, provado e falho". Mas ele também conduz o aconselhado à compreensão bíblica de si mesmo e dos seus problemas, à luz de quem Cristo é: "Mesmo quando meu coração está partido, Ele, meu Consolador, socorre a minha alma".[4] A compreensão bíblica conduz à ação, ou seja, a fazer aquilo que é biblicamente apropriado em cada situação. E o que as tarefas práticas têm a ver com isso? O conselheiro bíblico esforça-se desde o início para promover uma imersão do aconselhado na Palavra de Deus, de modo que aquilo que o aconselhado planeja alcançar com o aconselhamento seja cada vez mais condizente com o plano bíblico. João talvez quisesse desabafar suas queixas e provar para si mesmo e para você que não há esperança na vida. Mas Deus quer que João se arrependa de suas murmurações e viva para a glória dEle, mesmo em tempos difíceis.

As tarefas práticas permitem que o aconselhado sonde as riquezas das Escrituras em busca de entendimento, convicção, promessas e orientação. Quando concebidas biblicamente, elas dão ao conselheiro a oportunidade maravilhosa de surpreender o aconselhado com a sabedoria prática das Escrituras que lida singularmente com os detalhes da vida pessoal - vamos olhar para pessoas que passaram por dificuldades, e ver como foram tentadas a reagir (Nm 11-21); vamos ver o que Deus fez em meio a dificuldades que levaram pessoas a perceber a fragilidade de

[3]Números 11-21; Filipenses 2.14-16 etc.

[4]Versos de *Jesus, What a Friend for Sinners! (Jesus, que Amigo para os Pecadores)*.Tradução livre.

sua vida (Dt 8); vamos atentar para o que Deus quer que façamos para lidar com a murmuração e o distanciamento, retornando a Ele (Fp 2.1-16).

As tarefas práticas bíblicas exigem compromisso por parte do aconselhado. Desde o início do aconselhamento, elas o colocam sob a autoridade de Deus, por meio das Escrituras. Todos os caminhos de Deus são retos e todas as Suas palavras são verdadeiras, de modo que as tarefas práticas convocam o aconselhado a aprender a testar cada questão à luz das Escrituras. Isso requer por parte dos aconselhados um investimento sólido no estudo bíblico, que resulta em uma sabedoria bíblica funcional a respeito dos problemas da vida. As tarefas práticas chamam o aconselhado a deixar de lado uma interpretação pessoal da vida e assumir a interpretação de Deus. Isso requer que o aconselhado tenha uma vida motivada e moldada pelos princípios bíblicos e não mais pelas emoções e desejos pessoais.

Em resumo, as tarefas práticas aplicam a doutrina da autoridade e suficiência da Palavra à vida do aconselhado. Elas convidam a pensar e agir em compatibilidade com os ensinos das Escrituras. **Nossa doutrina das Escrituras requer tarefas práticas que levem os aconselhados à Bíblia.**

2. A doutrina da responsabilidade do homem

Quando Antônio e Francisca entraram em meu escritório, este era o quadro: Antônio mantinha-se rígido e distante, enquanto Francisca já estava em prantos antes mesmo que eu lhes dirigisse a primeira pergunta. Passei os olhos no Inventário de Dados Pessoais[5], apresentei-me e fiz minha primeira pergunta. "Digam-me o que os trouxe aqui hoje; o que pensam ser o problema?" Ambos pronunciaram ao mesmo tempo uma palavra apenas que resumia sua avaliação do problema conjugal. Antônio disse: "Francisca"; Francisca disse: "Antônio". Como conselheiro, eu me deparava com um problema! Nem Antônio nem Francisca estavam diante de mim com a intenção de assumir o papel de aconselhado. Olhavam um para o outro como o problema. Cada um dizia que tudo ficaria acertado se o outro mudasse.

Esta é uma situação difícil para um conselheiro, pois é como se não houvesse um aconselhado na sala. Nem um nem outro está pronto a assumir a responsabilidade pelos problemas no relacionamento ou pelas mudanças que devem acontecer. O aconselhamento não vai a lugar nenhum, a menos que cada um deles comece a aceitar a responsabilidade pelos problemas existentes e mudanças necessárias. Como as tarefas práticas podem ajudar a dar uma nova orientação para a maneira de pensar dos aconselhados?

Obviamente, a questão da responsabilidade pessoal é de suma importância para o aconselhamento bíblico. A Bíblia diz que cada um de nós é responsável perante Deus e prestará contas de toda palavra e ação. Deus nos chama ao auto-exame, confissão e arrependimento honestos. Ele também nos chama a participar integralmente de Sua obra de mudança. As Escrituras convocam cada um de nós a estar mais preocupado com a trave que há no próprio olho do que com o cisco no olho do irmão. Deus pede que substituamos o ato de apontar o dedo por um exame do próprio coração.

[5]NdT. Ficha de dados pessoais preenchida pelos aconselhados antes do primeiro encontro com o conselheiro.

Se a doutrina das Escrituras requer tarefas práticas que levem os aconselhados a ouvir a Deus, a doutrina da responsabilidade humana envolve um outro gênero de tarefa: olhar para si mesmo. Tarefas práticas têm a função de orientar o foco do aconselhamento. O auto-exame apropriado dá uma nova direção, tirando o foco de atenção de sobre as ações dos outros e orientando-o para a reação do próprio aconselhado diante dascircunstâncias. As tarefas práticas conduzem o foco de atenção para longe do aconselhamento "profissional" e da crença mágica de que a mudança acontece supostamente durante aquela hora de encontro semanal. As tarefas práticas fazem com que Antônio e Francisca assumam responsabilidade pela participação no processo de mudança a cada momento, a cada dia.

As tarefas práticas dão uma nova orientação à esperança. Elas afastam a esperança de que outras pessoas ou circunstâncias mudarão e farão com que a vida se torne mais fácil. Elas afastam a esperança de que o conselheiro terá uma atuação poderosa que resultará em mudança. Olhar para a responsabilidade pessoal focaliza a atenção na esperança em Deus e no poder do evangelho para mudar o aconselhado.

As tarefas práticas requerem que o aconselhado, já nos primeiros estágios do aconselhamento, comece a compreender a si mesmo diante de Deus, confie nEle e caminhe responsavelmente diante dEle. Elas ajudam a manter o aconselhado responsável por mudanças que precisam acontecer no relacionamento com Deus e com o próximo. O aconselhado não vem ao aconselhamento para se sentar passivamente diante de um guru. Pelo contrário, o conselheiro é um guia, um mestre que indica ao aconselhado a parte que lhe cabe no processo de mudança.

Os seres humanos são responsáveis, e desta verdade resultam boas tarefas práticas. É algo importante a considerar, visto que a força motriz da queda do homem e da cultura atual caminha em direção oposta. Antônio e Francisca vivem em uma cultura que institucionalizou a transferência da culpa. A "criança interior", a "co-dependência", a "família disfuncional", o "filho-adulto de pais problemáticos" são sistemas que lançam sobre outros a culpa pelas atitudes e comportamentos do aconselhado. Acrescente a estas vozes, já tão divulgadas entre nós, a inclinação natural do coração pecaminoso para construir argumentos bem desenvolvidos para desculpar a si mesmo e culpar a outros, fechando os olhos aos próprios erros. Você começará, então, a entender quão importantes as tarefas práticas podem ser para que o aconselhado envolva-se ativamente no auto-exame e em mudanças com base na esperança e dependência em Deus. **Nossa doutrina da responsabilidade do homem requer tarefas práticas que induzam os aconselhados a pararem para avaliar a si mesmos apropriadamente.**

3. A doutrina de Deus

Jane estava com a voz trêmula ao reconhecer sua ansiedade a respeito de "tentar, mais uma vez, um aconselhamento. Estou uma pilha de nervos. Já consultei oito terapeutas. Fui hospitalizada e submetida a eletrochoque. Já tomei mais medicamentos do que posso me lembrar. Já experimentei fazer *biofeedback.* Tentei tomar decisões de ano novo. Tirei férias. Tentei me ocupar em empregos na esperança de que isso fosse ajudar. Já partici-

pei de grupos de apoio. Também participei de encontros de cura interior para ver se conseguiria encontrar cura espiritual para minhas feridas interiores. Fui tão chata com meus amigos, que queimei todas as amizades. Tentei..." Como as tarefas práticas poderiam ajudar Jane?

Os conselheiros bíblicos distinguem-se de todos os demais conselheiros por acreditarem que Deus é quem opera mudança nos aconselhados. O que distingue o aconselhamento bíblico é a confiança em um Deus Redentor que tem poder para transformar radicalmente o coração do homem. O conselheiro bíblico vê a si mesmo não como o gerador de mudança, mas como um mero instrumento nas mãos dAquele que é capaz de gerar mudança além do que qualquer conselheiro ou aconselhado poderia pedir ou imaginar.

O problema é que as pessoas perdem de vista a Deus em meio às pressões circunstanciais e ao egocentrismo de seu coração. Este não é um fenômeno novo. Israel, acampado diante do Mar Vermelho, ficou aterrorizado quando percebeu que o exército egípcio o estava perseguindo. Israel perdeu de vista a Deus, Seu controle amoroso e Seu propósito redentor. Os primeiros versos de Êxodo 14 deixam evidente que a situação não escapara ao controle de Deus, que Israel não estava entregue a si mesmo e que Deus tinha um propósito em toda aquela circunstância.

Jane não era diferente do povo de Israel. Como os israelitas, ela perdeu de vista a Deus, Seu Senhorio sobre as circunstâncias e Seu poder para capacitá-la na execução de tudo quanto Ele a havia chamado a fazer em meio à situação que ela estava enfrentando. Com freqüência, os aconselhados deixam de interpretar as circunstâncias pela perspectiva bíblica básica: Deus existe e Ele mantém todas as coisas sob Seu controle amoroso e redentor. Por deixarem de olhar para a situação do ponto de vista de Deus, Seu caráter e Sua obra, eles respondem ao que está acontecendo como se estivessem sozinhos. O fato de ignorarem a Deus molda seu pensamento e seu comportamento.

As tarefas práticas oferecem uma oportunidade maravilhosa para trazer Deus de volta à lembrança. As tarefas que apontam para Deus e Sua obra em favor de Seu povo dão a Jane uma interpretação radicalmente diferente das circunstâncias. As tarefas que a levam a estar ciente da presença de Deus ajudam-na a perceber com clareza quais aspectos da situação são de sua responsabilidade e quais ela deve entregar a Deus. As tarefas centradas em Deus tendem a afastá-la da dependência no conselheiro e levam-na a uma dependência de Deus cada vez maior e mais profunda. Esta noção de Deus permite-lhe enfrentar sem medo os próprios erros, sua fraqueza e incapacidade, pois a sua esperança está em Deus. Livre da ansiedade, Jane está apta para disciplinar sua atenção para aquilo que Deus a chamou para fazer e confiar em Deus com respeito àquilo que ela é incapaz de fazer.

Os nossos aconselhados precisam ver a Deus de acordo com quem Ele realmente é. Jane precisa entender o envolvimento de Deus em sua vida e o Seu plano para ela como Sua filha. A existência e a atuação de Deus devem se tornar a base principal para o aconselhado interpretar a experiência pessoal. Os estudos bíblicos que contribuem para formar uma perspectiva correta de Deus são vitais, incluindo aspectos como:

1. quem é Deus: Seu caráter e Seus atributos;

2. como Deus opera: o processo de santificação, Seu controle soberano, Sua graça e perdão;

3. o relacionamento do aconselhado com Deus: identidade em Cristo e adoção como filhos; como encontrar-se com Deus; como servir a Deus pela capacitação do Espírito Santo;

4. estudos de caso nas Escrituras: Deus operando em favor de Seu povo e Deus como cumpridor de Suas promessas.

As tarefas práticas que focalizam estas verdades a respeito de Deus colocam as circunstâncias e problemas do aconselhado dentro de uma perspectiva bíblica apropriada.

A verdade dirige os olhos do aconselhado para longe dos dilemas do momento e leva-o a olhar com confiança e esperança para Aquele que é o Autor e Consumador da fé. É importante fazer algo mais que simplesmente falar sobre estas verdades com os aconselhados. Eles precisam se envolver no processo de examinar as Escrituras para que a presença poderosa de Deus fique marcada para sempre em seus corações. **Nossa doutrina de Deus requer tarefas práticas que conduzam os aconselhados a um encontro com Deus.**

4. A doutrina do pecado

Quando Jorge e Maria procuraram-me para um aconselhamento conjugal, ficou evidente que os problemas com que estavam lidando não eram novos. Seu casamento sempre fora caracterizado por conflitos. Jorge era um trabalhador inveterado, exigente e perfeccionista, que via o fracasso como uma maldição e as horas vagas como um sinal de irresponsabilidade. Seu hábito era exigir muito de Maria e julgá-la severamente sempre que o trabalho dela não resultasse em um sucesso tremendo. Suas conversas com Maria e os filhos eram negativas e cínicas.

Maria era uma mulher que nutria muita ira e relembrava diariamente os erros cometidos contra ela por Jorge. Ela era capaz de lembrar estes incidentes nos mínimos detalhes. Em sua maneira de agir, ela travava uma guerra diária contra Jorge e o atacava repetidamente. Mesmo assim, Maria não se considerava uma pessoa irada. Ela não via erro em si mesma, e se considerava uma vítima desamparada que suportava uma vida infernal. Como entender o problema de Maria? Como as tarefas práticas contribuiriam para uma melhor compreensão do problema por parte de Maria e do conselheiro?

Os problemas dos aconselhados vão além do mero comportamento. São mais profundos que os sentimentos. São mais profundos que os rótulos que nossa cultura lhes atribui: baixa auto-estima, co-dependência, compulsão, personalidade *borderline,* transtorno de controle dos impulsos, filhos-adultos de pais problemáticos, e assim por diante. Há problemas mais profundos que hábitos, ações, palavras e auto-papo. O conselheiro bíblico preocupa-se com muito mais que a mera substituição de comportamentos, sentimentos ou pensamentos. O conselheiro bíblico preocupa-se em alcançar a raiz do problema do aconselhado.

A preocupação com o "coração", conforme definido pela Bíblia, é própria do conselheiro bíblico. Trata-se de uma ênfase radical diante de uma cultura que nem mesmo acredita na existência do coração. Na psicologia moderna, o termo "coração" é um anacronismo. Nas psicologias cristianizadas, o termo "coração" vem carre-

gado de todo tipo de bagagem secular: ouvimos falar em "coração ferido" ou "coração necessitado", e no coração como um "depósito de feridas reprimidas e memórias traumáticas". Nenhuma destas definições é verdadeira. A causa dos problemas do homem é inevitavelmente mal diagnosticada quando as categorias seculares controlam o diagnóstico.

Os nossos aconselhados certamente estão debaixo da influência do atual debate cultural a respeito do "problema" do homem. Se queremos que uma mudança profunda e duradoura aconteça, o aconselhado precisa entender o problema biblicamente. O aconselhado precisa chegar a uma definição bíblica de pecado, e esta definição não pode deixar de incluir uma abordagem do coração.

As Escrituras declaram que a raiz dos problemas do homem está no coração. As raízes do pecado estão lá. São as raízes do coração (Hb 4.12; Gn 6.5) que produzem os frutos que vemos em ações e palavras. Aquilo que controla o coração molda o comportamento. Aquilo que controla o coração influencia cada aspecto da vida de uma pessoa.

Cristo expressou essa verdade em linguagem clara e simples: o bem vem daquilo que há de bom no coração, e o mal procede daquilo que há de mau no coração. Os problemas evidentes nos frutos estão diretamente relacionados a problemas nas raízes. Ainda assim, poucos aconselhados vêm a nós com intenção de examinar o coração. Na maioria das vezes, planejam lidar apenas com o exterior. Eles querem que o "problema" circunstancial seja removido ou contornado para que possam voltar a ser felizes. Ou talvez planejem lidar com o interior apenas para remover sentimentos desagradáveis.

Ezequiel 14.5 diz que a intenção de Deus é diferente: "apanhar o próprio coração" daqueles que se afastam dEle. Deus recaptura o coração daqueles que Lhe pertencem para que O sirvam, e O sirvam com exclusividade. O conselheiro bíblico deve ter em mente esta mesma intenção.

Mais uma vez, as tarefas práticas assumem papel de importância. As Escrituras funcionam como um espelho. À medida que o aconselhado olha atentamente para a Palavra, ele vê a si mesmo como de fato é. Hebreus 4.12 diz que a Palavra é o melhor instrumento para revelar os mistérios do coração. Ela é capaz de penetrar e expor os pensamentos e intenções que há no coração e que moldam o comportamento do aconselhado.

O aconselhado precisa reconhecer que seu coração interage com tudo quanto acontece ao seu redor, e se seu coração estiver controlado por algo que não seja Deus, ele não responderá às circunstâncias conforme Deus ordena. Por exemplo, Tiago apresenta os desejos que militam no coração como causa dos conflitos interpessoais. Devido a estes desejos "acampados" no coração, as pessoas lutam umas contra as outras. É vital que o aconselhado reconheça e assuma responsabilidade pelos pensamentos e intenções do seu coração, pois estes determinam a maneira como ele responde à vida. Como podemos criar tarefas práticas específicas a partir da doutrina do pecado?

Pedi a Maria para registrar num diário as suas interações com Jorge. Eu lhe disse que queria que ela fizesse as anotações durante algumas semanas, e depois eu ficaria com o diário por uma semana para estudá-lo. Eu sabia que a ira seria um dos temas registrados, e eu estava certo. Pe-

guei o diário e marquei em vermelho todos os lugares onde a ira era evidente. O diário ficou, literalmente, vermelho de ira. Enquanto Maria estava fazendo suas anotações, eu lhe pedi para estudar Ezequiel 14.1-5, Lucas 6.43-44 e Tiago 4. Ela começou a olhar para o próprio coração, e perceber a ira que a dominava e como esta ira moldava seu comportamento para com Jorge.

Os registros cuidadosos num diário, associados ao estudo bíblico sobre o coração, despertam e orientam o aconselhado para que assuma responsabilidade por uma mudança profunda na raiz do problema. Eles atuam corrigindo as falsas pressuposições culturais a respeito da causa do problema e dissipam a cegueira causada pelo engano do pecado.

O pecado é identificado à luz de suas alternativas: retidão, ação pacificadora, amor, obediência e solução de problemas. À medida que Maria identificava o que estava errado (despojar-se), ela também começava a ver o que Deus queria que ela fizesse (revestir-se), acolhendo o evangelho de Cristo. As tarefas práticas lidaram especificamente com a habilidade de ser pacificadora: buscar o perdão, aprender a confrontar com amor e humildade e praticar atos tangíveis de amor mesmo quando o próximo estivesse agindo como inimigo.

As tarefas práticas são ocasião para planejar aquelas "boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas" em situações específicas. **Nossa doutrina do pecado requer tarefas práticas que ajudem os aconselhados a repensar a maneira de compreenderem seus problemas, e os dirijam a mudanças específicas em sua vida.**

5. A doutrina da santificação progressiva

Josué disse: "Mas eu tenho tentado, eu tenho feito tudo quanto Deus manda fazer para lidar com a cobiça, e nada funciona. Já me arrependi. Orei e me submeti totalmente ao Senhor. Eu já repreendi Satanás. Às vezes penso que o problema está resolvido, de uma vez por todas, e um mês depois acabo caindo de novo". O conselheiro fez mais perguntas sobre aspectos diversos: as circunstâncias que envolviam as quedas de Josué na imoralidade, o quanto Josué já havia compartilhado as suas lutas com algum cristão maduro, e se ele estava à procura de uma solução definitiva. As respostas eram previsíveis. Josué não conhecia praticamente nada sobre o andamento da vida cristã e os meios de graça que Deus usa.

Quais são os meios que Deus usa para a santificação de Seus filhos? Os três que mais se destacam no Novo Testamento são: a Palavra de Deus, a providência de Deus e o ministério de edificação do corpo de Cristo. O aconselhamento nada mais é que isto: o ministério daPalavra, de crente para crente, no contexto daquilo que Deus está operando em cada situação pessoal. O aconselhamento bíblico reconhece a autoridade da Palavra, a soberania de Deus sobre as circunstâncias e o chamado do corpo de Cristo ao ministério pessoal.

O que tudo isso tem a ver com as tarefas práticas? Elas oferecem uma oportunidade para que o aconselhado compreenda o propósito divino de santificação e participe deste processo. As tarefas fazem com que o aconselhado seja ativo nas disciplinas da santificação, particularmente o estudo da Palavra, a consistência no aplicar a Palavra em atos de fé e obediên-

cia, e a submissão ao ministério de edificação, encorajamento e admoestação do corpo de Cristo.

As tarefas práticas ensinam ao aconselhado que o crescimento na graça não vem por meio de raios, trovões e encontros milagrosos, mas pela aplicação humilde, honesta, obediente e prática da Palavra de Deus a detalhes específicos da vida diária. No processo de santificação, Deus chama Seus filhos a nada mais que seguir, permanecer firmes, abandonar, confiar, despojar-se e revestir-se, correr, obedecer, mortificar, estudar, fugir, resistir etc. As tarefas práticas aplicam este chamado de Deus a situações específicas da vida do aconselhado. Elas transportam de um plano abstrato para um plano concreto a ordem para resistir, abandonar, seguir e revestir-se. No contexto de uma situação pessoal, as tarefas práticas levam o aconselhado a fazer aquilo que Deus o chamou a fazer como participante de Sua misericórdia santificadora.

As tarefas práticas também combinam bem com a natureza prolongada do processo de santificação. As metáforas de santificação nas Escrituras - participar de uma corrida, deixar de ser uma criança para ser um adulto, e desenvolver-se de semente para planta madura - retratam a santificação como um processo demorado. Na realidade, é um processo que se estende ao longo de toda a nossa vida. As tarefas práticas ajudam a afastar o aconselhado da esperança de uma "solução instantânea". Elas ajudam o aconselhado a abraçar o processo divino de mudança passo-a-passo. As tarefas práticas mapeiam cada passo significativo dado pela graça de Deus, colocando marcos para os quais o aconselhado pode voltar a olhar em espírito de louvor a Deus. Um diário ou caderno de tarefas funciona como um registro encorajador do progresso alcançado à medida que Deus usa o aconselhamento para dar continuidade à Sua obra santificadora.

Por último, as tarefas práticas desafiam a atitude de "direito à privacidade" que muitos crentes procuram defender na vida cristã. Com freqüência, a santificação é vista como uma questão particular, entre a pessoa e Deus. Mas é impossível ler Efésios 4 e 1 Coríntios 12 e concluir que a santificação é uma preocupação individual. A natureza das tarefas práticas requer prestação de contas e submissão a outro crente, exigindo que o aconselhado seja honesto diante de Deus e também diante de um dos Seus instrumentos de redenção - o conselheiro. Um ótimo exemplo é o livro devocional de Jay Adams, *Four Weeks with God and Your Neighbor* (Quatro Semanas com Deus e seu Próximo), planejado para ser usado pelo aconselhado durante a semana e compartilhado com o conselheiro no encontro. Sua leitura chama o aconselhado a abandonar o orgulho e o medo que fazem com que ele se esconda daqueles que Deus levantou para o ajudar, ser honesto e agradecer a Deus pelos recursos de ajuda que Ele providenciou. **Nossa doutrina da santificação progressiva requer tarefas práticas que encorajem os aconselhados no processo de mudança e que os leve a interagir com outras pessoas ao longo do percurso.**

Resumo

- **Nossa doutrina das Escrituras requer tarefas práticas que levem os aconselhados à Bíblia.**
- **Nossa doutrina da responsabilidade do homem requer tarefas**

práticas que induzam os aconselhados a pararem para avaliar a si mesmos apropriadamente.

- **Nossa doutrina de Deus requer tarefas práticas que conduzam os aconselhados a um encontro com Deus.**
- **Nossa doutrina do pecado requer tarefas práticas que ajudem os aconselhados a repensar a maneira de compreenderem seus problemas, e os dirijam a mudanças específicas em sua vida.**
- **Nossa doutrina da santificação progressiva requer tarefas práticas que encorajem os aconselhados no processo de mudança e que os leve a interagir com outras pessoas ao longo do percurso.**

Tarefas práticas são uma parte essencial do aconselhamento bíblico. Usá-las é coerente com as doutrinas que constituem o fundamento do aconselhamento verdadeiramente bíblico, conforme ilustrei com os cinco exemplos acima. As tarefas práticas são oportunidade para que estas doutrinas passem a ser princípios operantes na vida diária de cada aconselhado.

Tarefas Práticas no Aconselhamento Bíblico

Exemplos de tarefas práticas pelas diferentes fases do processo de aconselhamento

Paul D. Tripp[1]

O medo controlava a vida de Sílvia. Quando ela procurou aconselhamento, contou que havia eliminado de sua casa as facas, pois tinha muito medo de se levantar como sonâmbula e ferir seu marido ou os filhos. Ela estava constantemente preocupada com contrair alguma doença fatal. Alimentava uma desconfiança irracional com relação ao marido. Temia ter dito ou feito alguma coisa para ferir, irritar ou afastar seus poucos amigos. Ela estava com medo do aconselhamento porque "ninguém entenderá aquilo que estou passando" e "eu serei internada". *Como as tarefas práticas poderiam penetrar neste pesadelo e ajudar Sílvia a aprender a confiar em Deus e em seu conselheiro?*

O Salmo 37 oferece aos aflitos e temerosos Alguém em quem confiar, Alguém cujo cuidado excede seus problemas. O Salmo 37 fala abertamente sobre circunstâncias de vida amedrontadoras, e desafia as pessoas temerosas para que examinem a própria vida. No final de nosso primeiro encontro, eu pedi a Sílvia que lesse este Salmo várias vezes durante a semana seguinte e perguntasse a si mesma: "O que Deus está me dizendo?". Durante as semanas que se seguiram, o Salmo 37 forneceu-me um instrumento para entrar no mundo de medo em que Sílvia vivia e construir um relacionamento para o aconselhamento. Tarefas posteriores sobre este Salmo acabaram com as experiências de medo de Sílvia, confrontando-as com as promessas de Deus. Ela lidou de frente com a causa de seus medos destrutivos: a sua maneira de reagir aos pecados das pessoas ao seu redor revelava os próprios pecados e a falta de fé de Sílvia.

Nem Francisca nem Antônio procuraram aconselhamento para serem aconselhados.[2] No primeiro encontro, quando lhes perguntei o que viam de errado em seu

[1]Tradução e adaptação de *Homework and Biblical Counseling: Parte 2,* Publicado em *The Journal of Biblical Counseling. v.* 11, n.3, Spring 1993, p. 5-18.

[2]Francisca e Antônio foram apresentados no artigo anterior, *Tarefas Práticas no Aconselhamento Bíblico: uma Base Teórica para sua Formulação e Uso.*

casamento, eles imediatamente falaram o nome um do outro. Ambos vieram ao meu escritório para me dizer como mudar o outro. *Como poderiam as tarefas práticas direcionar nosso levantamento de dados e abrir caminho em meio à acusação mútua e a uma atitude defensiva?*

Durante nosso segundo encontro, falamos sobre o "princípio da trave e do cisco", a graça de Deus e o arrependimento.[3] Pedi a cada um deles que fizesse uma lista de "traves": o que *você* está fazendo de errado que prejudica a união que Deus ordenou para seu casamento? Francisca e Antônio fizeram a tarefa. Naquela semana, ambos começaram a assumir a posição de aconselhados-discípulos do Senhor Jesus Cristo. Nos encontros que se seguiram, a solução dos problemas deu-se a partir de suas listas e dos princípios das Escrituras envolvidos.

"Você não acredita o que eu descobri na minha tarefa prática esta semana!". Estas foram as primeiras palavras de Juliana no início de nosso quinto encontro. Eu havia pedido que Juliana fizesse um diário do relacionamento com seu marido. Seu casamento era um campo de batalha, e Juliana estava convencida de que a única causa era "a resposta tipicamente egoísta que João dá a praticamente tudo". Juliana tinha orado "durante anos, sem ver nenhuma mudança". *Como as tarefas práticas ajudaram Juliana a olhar para si mesma biblicamente?*

Juliana registrou em seu diário todas as discussões entre ela e João, olhando especificamente para o que ela estava pensando, desejando, sentindo e fazendo em cada ocasião. Juliana foi fiel em suas anotações durante três semanas. Na quarta semana, sua tarefa foi ler o diário várias vezes, procurando identificar hábitos de pensamento, motivação e comportamento. Ela comparou suas descobertas com passagens bíblicas sobre relacionamentos: Tiago 4.1-6; Efésios 4.25-32; 1 Coríntios 13. Eu *já* sabia o que Juliana havia descoberto naquela semana; a verdade de Deus havia trabalhado em sua vida. Eu podia ouvir em suas palavras uma humildade nova e uma esperança renovada; eu podia ver em seu rosto e ouvir em sua voz que as palavras não eram meras palavras.

Roberto fora ignorado por sua família durante muitos anos. Ao longo do aconselhamento, sua amargura e a indiferença fria cederam à graça de Deus. *Como as tarefas práticas deram partida às mudanças no coração e na atitude de Roberto?* Como tarefa prática, ele escreveu uma carta de reconciliação para sua mãe, com quem ele não tivera contato por mais de dez anos. Eu lhe pedi que não enviasse a carta, mas que a trouxesse ao nosso encontro seguinte para que a avaliássemos juntos. Roberto e eu queríamos estar certos de que aquela carta expressasse o plano de mudança de Deus para o relacionamento de Roberto com a família, mudanças que procediam da mudança do relacionamento de Roberto com Deus.

Você viu nestas histórias quatro exemplos de tarefas práticas, uma bem diferente da outra, cada uma buscando alcançar um propósito diferente. A tarefa que dei a Sílvia era um meio para derrubar os muros de auto-proteção e construir seu relacionamento com Deus e comigo. Para Francisca e Antônio, a tarefa foi o instrumento

[3]Mateus 7.1-5; Lucas 6.37-42

principal para orientar o processo de levantamento de dados. A tarefa de Juliana foi auto-reveladora: contribuiu para que ela pudesse ver a si mesma no espelho das Escrituras. A tarefa de Roberto foi um exemplo de aplicação concreta do plano de Deus no cotidiano.

As tarefas práticas são mais que um estudo bíblico dirigido, reforçando o aspecto de ensino do aconselhamento. Para o conselheiro bíblico, as tarefas práticas não se limitam a uma única direção e propósito. Quando concebidas criativamente e usadas apropriadamente, elas auxiliam em cada fase do aconselhamento. Bem usadas, as tarefas práticas não funcionam como um adendo ao processo de aconselhamento, mas como parte integral deste. Cada passo do processo de aconselhamento tem prosseguimento, mesmo quando o conselheiro e o aconselhado não estãojuntos, porque a boas tarefas práticas mantêm o andamento do processo.

O conselheiro bíblico deve perguntar durante cada fase do aconselhamento: "Que tipo de tarefa é apropriada e útil? Como a tarefa poderia reforçar, apoiar e levar adiante aquilo em que estamos trabalhando no momento?".

Para o propósito deste artigo, quero dividir o processo de aconselhamento em quatro "fases". É evidente que estas fases nunca são tão distintas nas situações reais de aconselhamento como parecem ser aqui. As quatro fases do aconselhamento que orientam a minha argumentação são:

1. Boas-vindas: construir um relacionamento cristão com o aconselhado.

2. Entendimento: colher dados orientados às questões do coração.

3. Confrontação e consolo: ajudar o aconselhado a olhar para si mesmo biblicamente e a abraçar as promessas de Deus.

4. Ação: colocar em prática na vida cotidiana mudanças de acordo com o propósito de Deus.

Para cada fase darei um alvo e exemplos de tarefas que derivam deste alvo. Meu propósito com este artigo é abrir seu apetite para boas tarefas práticas. Cabe a você desenvolver um cardápio completo e diversificado para o seu ministério de aconselhamento.

Boas-vindas

Alvo: construir um relacionamento de compreensão e confiança com o aconselhado, e também firmar a esperança em Deus.

Aconselhamento é um relacionamento entre duas (ou mais) pessoas. Aconselhamento é um relacionamento que Deus, em Sua soberania, proporcionou para alcançar Seu propósito santificador.

O quanto são importantes no aconselhamento a vida e o amor do conselheiro? Preste atenção no exemplo de Cristo, o Maravilhoso Conselheiro. Ele entrou em nosso mundo e se familiarizou intimamente com a nossa experiência. Ele se tornou nosso Sumo Sacerdote compassivo e compreensivo, sensível às nossas fraquezas, tentações e sofrimentos. Podemos nos achegar a Ele com confiança porque sabemos que Ele será misericordioso e gracioso em nossos momentos de necessidade.[4] Preste atenção ao exemplo de Paulo: seu amor evidente por aqueles a quem ministrou e a honestidade com que ele vi-

[4]Hebreus 4.14-5.9 é uma passagem marcante que motiva à confiança em Cristo pelaidentificação dEle conosco.

veu diante das pessoas conferiram integridade e força de persuasão ao ministério da Palavra.[5]

Em poucas palavras, o que é aconselhamento *bíblico?* Podemos responder: "Seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo".[6] Os aconselhados precisam saber que você está falando a verdade de Deus. Eles precisam saber que podem confiar em você, pois você está a favor deles. Se você quer que os aconselhados comecem a colocar em suas mãos aquilo que lhes é precioso, você precisa demonstrar compaixão, entendimento e humildade à semelhança de Cristo. Será que os aconselhados sabem que o conselho que recebem vem de alguém que entende seu mundo e se compadece de sua fraqueza? Isso atrai os aconselhados a uma participação confiante no processo de aconselhamento.

Como isso se relaciona com tarefas práticas? Um dos alvos das tarefas práticas durante a fase inicial do aconselhamento é construir relacionamentos que sejam canais da graça transformadora. Eu quero que o aconselhado saiba desde o início que "Deus fala às minhas lutas". Quero que o aconselhado saiba desde o início que "o conselheiro me ouviu e entende a minha luta".

Quando começo a aconselhar, procuro *portas de entrada* que permitam que meu retorno inicial e as tarefas práticas sejam relevantes. As portas de entrada costumam ser aqueles "problemas imediatos" com os quais o aconselhado está lutando no momento. Podem não ser a questão central com a qual finalmente teremos de lidar, mas abrem uma porta de acesso à vida da pessoa. As *portas de entrada* precisam ser trabalhadas se queremos que o aconselhado se comprometa com mudança e se torne participante do processo de discipulado. Eu me pergunto: "Com o que esta pessoa está lutando neste momento? Que tarefa prática posso dar para alcançá-la em sua luta?" Exemplos de *portas de entrada* são: medo, falta de ânimo, ira, amargura, solidão e falta de esperança.

Se forem bem trabalhadas pelo conselheiro, as *portas de entrada* com freqüência conduzem a problemas mais fundamentais. Por exemplo, Sílvia, cuja vida estava se desintegrando pelo medo, precisava de uma garantia inicial: seus problemas eram compreensíveis; ela não estava louca; Deus se importa; o aconselhamento bíblico poderia ajudá-la. Mais adiante, problemas mais elementares vieram à tona: ira, exigências, temor do homem, egoísmo, perfeccionismo e falta de fé. Desde o início, criamos um contexto de confiança e verdade que, mais adiante, permitiu-nos lidar com estas questões.

Quando planejo e dou tarefas práticas para lidar com as questões de entrada, quero transmitir duas coisas aos aconselhados. Primeiro, "Eu ouvi o que você me disse e estou procurando entender aquilo que você está enfrentando para que eu possa ajudá-lo". Segundo, "Deus se importa com você; você pode depositar nEle a sua esperança". Com freqüência, os aconselhados vêm ao aconselhamento com pouca ou nenhuma esperança. Tarefas práticas que dão esperança oferecem

[5]2 Coríntios 1.2-2:4; 1 Tessalonicenses 2.1-20 e Atos 20.17-38 são três passagens em que o amor e a honestidade pessoal foram base para um ministério efetivo da Palavra. Paulo construiu constantemente o relacionamento com seus ouvintes, mesmo naquelas epístolas que são relativamente mais "impessoais" e "objetivas" (p. ex. Efésios, Colossenses, Romanos).

[6]Efésios 4.15

um caminho de entrada natural para o relacionamento com o aconselhado e estimulam a confiança em Deus.

Sara era uma moça solteira, beirando os trinta anos. Ela descreveu a si mesma na Folha de Informações Pessoais[7] como "uma gorda solitária e introvertida". Sara odiava o seu trabalho, sentia-se pouco à vontade e incompreendida em sua igreja, rejeitada pela família. Ela disse que seu amigo mais chegado era seu gato! Ela estava convicta de que sua vida era terrível, que ela era "um dos erros de Deus", e que não havia outra saída senão a morte. Que tarefa prática poderia encorajar Sara mostrando que tanto Deus como o seu conselheiro a compreendiam? Pedi que ela fizesse uma tarefa sobre esperança, baseada em 1 Coríntios 10.13 (veja na página seguinte).

Antes que o aconselhado possa fazer esta tarefa, é preciso que o conselheiro o prepare com cuidado para o trabalho. Isso implica estudar o texto de 1 Coríntios 10.1-14 com o aconselhado durante o encontro em que a tarefa será pedida. O texto fala a pessoas que estão passando por provações, identifica reações pecaminosas que são comuns diante das provações e fala de como Cristo o Senhor está presente para abençoar em meio à tentação.[8] O que esta tarefa realizou na vida de Sara? Em primeiro lugar, ajudou-me a entrar na experiência de Sara. Em segundo lugar, ajudou Sara a ver que sua falta de esperança tinha uma causa identificável: estava associada àquilo que ela pensava a respeito de Deus, de si mesma e da situação, e estava também intimamente ligada à sua maneira de reagir. E em terceiro lugar, ajudou Sara a começar a re-interpretar as lutas que ela estava enfrentando. À medida que ela passou a olhar para seus problemas biblicamente, sua esperança cresceu. Aplique esta tarefa a você mesmo. Faça cópias do srcinal e use em seus aconselhamentos, ou faça adaptações.

Há outras tarefas práticas que servem como *porta de entrada* e ajudam a construir relacionamento.

1. A esperança cresce ao identificar o que Deus está operando em meio a seus sofrimentos e dificuldades. Por exemplo, estude Romanos 5.1-11; 8.18-39; Tiago 1.2-27; 1 Pedro 1.1-2.3.

2. Concentre a atenção em seus recursos e sua identidade como filho de Deus. Por exemplo, estude o livro de Efésios e o significado de estar "em Cristo".

3. Estude narrativas bíblicas que enfatizam a importância de ver a Deus na sua situação. Por exemplo, Êxodo 13-14; Números 11, Números 20, 1 Samuel 17 destacam ocasiões em que o povo de Israel esqueceu-se ou lembrou-se de Deus. Faça as seguintes perguntas a respeito das narrativas: Que dificuldades eles estão enfrentando? O que as pessoas pensavam a respeito da situação? Quais eram seus sentimentos? Como elas reagiram? O que queriam? O que Deus estava fazendo? Quais eram as indicações de que Deus estava envolvido na situação? Como aquelas pessoas teriam reagido diferentemente se tivessem "visto a Deus" na situação?

[7]Um exemplo de Folha de Informações Pessoais pode ser encontrado no livro de Jay Adams O *Manual do Conselheiro Cristão* (São Paulo: Fiel, 1982. p. 395-7).

[8]Esta folha de tarefa pode ser útil em combinação com o livreto de jay Adams *Seus Problemas e Cristo* (Brasília: Refúgio, 1985), que faz uma exposição de 1 Coríntios 10.13.

1 Coríntios 10.13

A Mentira do Inimigo	A Verdade de Deus
"Seus problemas são singulares, maiores e mais difíceis que os de outras pessoas" (Liste problemas em sua vida a respeito dos quais você está pensando assim).	"Você está lidando com tentações comuns" (Liste as tentações diárias que você enfrenta que não são diferentes das que outras pessoas enfrentam.).
"Deus esqueceu-se de você" (Liste os momentos em que você tende a se sentir esquecido).	"Eu sou fiel" (Liste evidências da fidelidade de Deus em sua vida).
"Você tem mais problemas do que pode suportar" (Em que ocasiões você se sentiu sobrecarregado?).	"Eu não permitirei que você seja tentado além do que pode suportar" (Quais os recursos para lidar com os problemas que estão presentes em sua vida?).
"Você está preso em uma armadilha e não há meio de escape" (Liste os problemas que você está enfrentando e que lhe parecem não ter solução).	"Eu darei um meio de escape para que você possa permanecer firme" (Identifique mudanças pessoais que podem capacitá-lo para lidar com aspectos difíceis em sua situação).

4. Estude a vida de personagens bíblicos que ficaram desanimados como, por exemplo, Elias em 1 Reis 19, Samuel em 1 Samuel 8, Moisés em Números 11. Concentre-se em três perguntas: Qual foi a causa do desânimo? Qual foi a resposta de Deus em meio ao desânimo? Qual foi a solução para o desânimo?

5. Lide com o medo e a ansiedade como experiências comuns ao homem. Estude Filipenses 4.4-10, Salmo 37, Salmo 46 e responda às seguintes perguntas: O que causa o medo? Quais os resultados do medo na vida de uma pessoa? Quais os resultados do medo na sua vida? Que soluções estas passagens oferecem para o medo? Como o seu relacionamento com Deus afeta o seu medo? O que seria diferente em sua vida se você estivesse livre do medo?

Você encontrará na vida dos aconselhados questões que servem de *porta de entrada* e ao redor das quais é possível construir tarefas práticas. Este tipo de tarefa comunica ao aconselhado: "Eu ouvi a sua luta. Eu levei você a sério. Estou procurando entender aquilo com que você está lidando. Deus está envolvido. NEle é possível encontrar esperança e auxílio". Quando Sara foi embora, ao término de nosso encontro, ela se sentia compreendida e encorajada porque a tarefa prática a atingiu em suas lutas.

Entendimento

Alvo: Conhecer o aconselhado, a situação em que Deus o colocou, como ele está respondendo à situação e quais questões do coração moldam estas respostas, e ser usado por Deus para trazer ao aconselhado uma maior percepção de si mesmo.

As tarefas práticas devem servir ao alvo duplo da fase de coleta de dados: ganhar conhecimento em primeira mão e dirigir a atenção para aquilo que de fato é importante. Primeiro, é vital obter um entendimento detalhado da pessoa e da situação em que ela está envolvida. Pecado e obediência nunca são algo genérico. Eles são sempre respostas específicas a situações específicas em que Deus coloca determinada pessoa. O aconselhamento bíblico tem como alvo aplicar a Palavra de Deus de modo específico. Isso o distingue da pregação. O conselheiro colhe dados para entender suficientemente bem o aconselhado como pessoa e os detalhes de sua situação, e então poder fazer aplicações concretas das Escrituras. A coleta de dados tem a ver com entrar no mundo do aconselhado, familiarizar-se com os detalhes deste mundo e ser tocado por suas realidades.

Segundo, a coleta de dados focaliza a atenção naquilo que é de fato importante. Ela proporciona uma oportunidade natural de ensino interativo. Quando eu faço perguntas que surgem de uma perspectiva bíblica das pessoas e seus problemas, os aconselhados são forçados a pensar com maior precisão bíblica a respeito de si mesmos e das situações que enfrentam. Meu alvo aqui é levar oaconselhado a uma auto-percepção bíblica. À medida que a coleta de dados prossegue, o aconselhado já deve estar aprendendo coisas novas mesmo antes que algum ensino propriamente dito tenha lugar. Não estou apenas coletando dados para descobrir quais mudanças precisam acontecer. Pelo contrário, a coleta de dados, quando bem feita, torna-se parte do processo de mudança. A coleta de dados é uma forma de instrução, visto que perguntas bem formuladas começam a ensinar o aconselhado a organizar, interpretar e explicar o mundo biblicamente.

Quero que as tarefas práticas, durante esta fase do aconselhamento, projetem estes dois propósitos para além dos encontros semanais. Uma das melhores ferramentas para coletar dados é um diário. Seria pesado e contra produtivo pedir que o aconselhado registrasse toda e qualquer ocorrência do seu dia. Mas pode ser muito útil pedir que ele faça registros específicos. Vou dar um exemplo de como planejei isto com Juliana, a aconselhada que pensava que todos os seus problemas eram resultado de falhas do marido.

1. Pedi que ela comprasse um caderno de tamanho tal que pudesse caber em seu bolso ou em sua bolsa. Esse caderno serviria para fazer anotações rápidas para consulta posterior. Eu queria que Juliana tivesse o caderno às mãos o tempo todo. Ela poderia rabiscar poucas palavras que, no fim do dia, quando ela se sentasse para redigir o diário, poderiam ajudá-la a lembrar a situação.

2. Pedi a Juliana que focalizasse o seu diário nas situações de conflito com seu marido, João.

3. Pedi que ela respondesse cinco perguntas a respeito de cada incidente:

- O que aconteceu?
- O que você sentiu?
- O que você estava pensando? - O que você queria?
- O que você fez?

4. Pedi que ela fizesse anotações em seu diário durante três semanas. Terminado este prazo, Juliana leu seu diário como tarefa, procurando temas e padrões que se repetiam. No encontro seguinte, comparamos aquilo que ela descobriu com o que as Escrituras dizem.

O diário de Juliana forneceu-me todo tipo de dados detalhados a respeito dela e de suas lutas. Ele também ajudou Juliana a parar e começar a pensar devidamente sobre sua situação e como ela estava interagindo com esta situação.

Há muitos outros tipos de tarefas práticas úteis para coletar dados. Por exemplo, costumo usar com freqüência listas e questionários que guiam o aconselhado a uma auto-avaliação:

- listas de "traves", conforme mencionei no caso de Francisca e Antônio, no início do artigo;
- "Que mudanças eu gostaria de ver no meu casamento";
- "Meios que tenho identificado para lidar com este problema";
- "Se eu pudesse apertar um botão mágico e minha vida passasse a ser do jeito que eu quero, como ela seria?";
- o livro de Wayne Mack *Tarefas Práticas para Uso no Aconselhamento Bíblico*[9] inclui várias tarefas muito úteis para a avaliação do relacionamento conjugal.

Uma redação costuma ser útil para fazer com que as pessoas descrevam e avaliem sua vida:

- Estou descontente com minha vida porque...
- Aquilo que considero mais importante em minha vida agora é...
- Minha infância em casa foi...
- Meu casamento seria melhor se...
- Aquilo que eu mais temo na vida é...

Use estes exemplos e crie tarefas sob medida para as pessoas com as quais você está trabalhando.

[9] MACK, Wayne. *Tarefas práticas para uso no aconselhamento bíblico.* 2. ed. São José dos Campos, SP: Fiel, 1992.

Para alguns aconselhados, histórias e desenhos permitem comunicar dados que eles teriam tido dificuldade para expressar em palavras. Quando estou colhendo dados do passado, com freqüência peço ao aconselhado que escreva a respeito de sua família de srcem em forma de história "Minha vida na Família _____". Desenhos também podem ser úteis. Por exemplo, peça ao aconselhado que desenhe um quadro que represente o relacionamento em sua família de srcem. Durante o encontro seguinte, ele pode explicar e interpretar o quadro.

Uma de minhas tarefas preferidas para colher dados é aquilo que chamo de "O Grande Quadro" (veja na página seguinte). Como introdução a esta tarefa prática, abro com o aconselhado Lucas 6.43-45 e apresento-lhe o conceito de "fruto e raízes". Esclareço que não quero que o aconselhamento se concentre em olhar apenas para as situações e as dificuldades, para outras pessoas ou para o comportamento. Quero que guardemos distância e olhemos para o grande quadro: situação, fruto e raízes. Para isso, peço que o aconselhado responda às quatro perguntas que aparecem na folha da tarefa prática. Você pode fazer cópias desta página ou adaptar às necessidades do seu aconselhado.

Escrever uma carta pode ser um instrumento de ajuda para fazer com que o aconselhado expresse honestamente o que está acontecendo. Não se trata de uma carta para enviar a alguém. Ela é escrita unicamente com o propósito de coletar dados. É um meio de fazercom que o aconselhado coloque no papel os seus planos, e funciona bem quando ele está lutando com determinado relacionamento. Eu lhe peço que escreva "a carta dos seus sonhos", sendo honesto acerca de seus pensamentos e sentimentos com respeito àquele relacionamento. Por razões óbvias, é muito importante que esta carta não seja enviada. Ela é de uso do conselheiro e do aconselhado como meio de coletar dados sobre os verdadeiros desejos e intenções do aconselhado.

Cláudio, um rapaz solteiro de vinte anos, bastante irado, escreveu uma carta para sua mãe conforme lhe pedi. Foi uma carta de dez páginas! A carta foi muito útil para mim como instrumento para eu conhecer o que motivava Cláudio. Mas algo mais aconteceu: Cláudio passou a se conhecer melhor quando viu algumas coisas escritas no papel. A carta e algumas perguntas que eu lhe fiz a partir daquele texto começaram a abrir janelas para que Cláudio conhecesse melhor a si mesmo e ganhasse algumas convicções. A tarefa de coleta de dados conduziu Cláudio ao primeiro passo para a mudança: "Eu sou uma pessoa irada. Como posso mudar?".

As tarefas práticas oferecem oportunidade para manter a continuidade da coleta de dados, mesmo fora do escritório de aconselhamento. Elas envolvem o aconselhado em um processo ativo de auto-exame. As tarefas práticas mantêm o aconselhado envolvido no aconselhamento, não apenas no processo de ser conhecido por outra pessoa, mas assumindo responsabilidade por um auto-exame e aprendendo a ver a si mesmo sob uma nova perspectiva bíblica.

Confrontação e consolo
Alvo: ajudar o aconselhado a olhar para si mesmo biblicamente e acolher as promessas de Deus.

Devido ao engano do pecado, todos nós precisamos ser confrontados. Devido ao poder do pecado e ao estado de culpa e miséria a que ele conduz, todos nós pre-

Lucas 6.43-45

"O Grande Quadro"

SITUAÇÃO:

O QUE ESTÁ ACONTECENDO? (Circunstâncias, comportamento de outras pessoas)

FRUTO:

COMO VOCÊ ESTÁ RESPONDENDO À SITUAÇÃO? (emoções, ações, reações)

RAÍZES:

O QUE VOCÊ PENSA A RESPEITO DA SITUAÇÃO? (o que pensa a respeito de Deus, de você mesmo, de outros, da vida)

O **QUE VOCÊ QUER?** (alvos, desejos, exigências)

cisamos do consolo que há em Cristo. Precisamos de pessoas que levem a sério o chamado de Deus para "falar a verdade em amor". Confrontação passou a ser um nome feio em nossa cultura, ganhando a conotação de aspereza. Mas as Escrituras apresentam a confrontação como um ato de amor: palavras amorosas, perceptivas e sinceras, motivadas pela necessidade do meu próximo e não pela minha conveniência.

Semelhantemente, consolo e encorajamento adquiriram conotações enganosas: tolerância irrestrita, relatividade, afirmação plena, reforço de auto-estima, aceitação incondicional. Mas o consolo bíblico é cheio de verdade, baseado no evangelho do Salvador crucificado e no poder do Espírito Santo para nos transformar.

Três aspectos de como falar a verdade biblicamente devem guiar o seu pensamento a respeito do processo confrontação-consolo e do uso de tarefas práticas como parte deste processo. Primeiro, promova o engajamento de seu aconselhado. Segundo, mostre e ofereça a Palavra de Deus. Terceiro, coloque à prova as questões do coração bem como as de comportamento.

Em primeiro lugar, como podemos engajar o aconselhado, visto que ele pode ser alguém que resiste à verdade? 2 Samuel 12.1-25 nos fornece um exemplo. O profeta Natã confrontou Davi por seu adultério e homicídio. Preste atenção à metodologia que Natã usou para confrontar: ele estabeleceu primeiramente um diálogo, em lugar de colocar Davi imediatamente na área de defesa. Sua história engajou a consciência de Davi, penetrando os muros do auto-engano e proteção. Natã, então, disse: "Você é o homem". Esta confrontação franca e oportuna não encontrou uma atitude defensiva nem desculpas. Os Salmos 32 e 51 retratam a dinâmica interior da resposta de Davi expressando arrependimento diante da confrontação habilidosa de Natã.

Natã foi um confrontador habilidoso, em tempo oportuno. Ele não ofereceu a Davi uma mensagem de aceitação incondicional, tolerância ou desenvolvimento da auto-estima. Mas ele amou Davi e levou a ele a esperança de Deus: "o SENHOR te perdoou o teu pecado; não morrerás". Davi creu de todo coração. Mais tarde, Natã entregou a Davi outra mensagem de consolo da parte de Deus: "O SENHOR ama Salomão". Portanto, Salomão ganhou um segundo nome, Jedidias, "amado do SENHOR".[10] Os Salmos 32 e 51 retratam a fé de Davi nas promessas de graça que Natã lhe ministrou. A confrontação e o consolo que você oferece no aconselhamento podem se beneficiar do modelo interativo de Natã.

O segundo aspecto do processo bíblico de confrontação-consolo é encontrado no primeiro capítulo de Tiago: mostre os padrões de Deus e ofereça as promessas de Deus. O texto de Tiago 1.22-24 compara as Escrituras a um espelho, descrevendo maravilhosamente o papel da confrontação no aconselhamento bíblico. Na fase do aconselhamento em que "falo a verdade", quero ajudar os aconselhados para que possam ver a si mesmos refletidos com exatidão na Palavra de Deus. Com freqüência, eles têm se olhado em espelhos deformadores, espelhos do auto-engano ou da opinião de outros. Desta forma, têm uma visão distorcida de si mesmos. A confrontação coloca diante do aconselhado o espelho da Palavra de Deus

[10] 2 Samuel 12.24-25

para que ele possa ver a si mesmo como de fato é. Os conselheiros bíblicos efetivos nem sempre precisam usar palavras de repreensão. Eles levantam o espelho, usando as Escrituras de forma tal que a Palavra de Deus penetre a cegueira e convença. Um auto-conhecimento verdadeiro conduz ao arrependimento verdadeiro e à confissão.

Tiago 1 contém também consolo em abundância.[11] O âmago do consolo bíblico não é uma afirmação humana para elevar a auto-estima— um substituto fraudulento do mundo: "Estou a seu favor. Eu acredito em você. Você está ok". O consolo, assim como a confrontação, vem de Deus. Se a confrontação levanta o espelho de Deus, o consolo oferece as promessas de Deus. "Se alguém de vós necessita de sabedoria — se a sua estultícia e o pecado vêm a tona quando você é provado — peça sabedoria a Deus, que dá generosamente e não o repreende por precisar da ajuda que apenas Ele pode dar." Esta é uma promessa que os aconselhados podem acolher como encorajamento e colocar em ação.

O terceiro aspecto crucial da fase do aconselhamento que chamamos de confrontação-consolo também está presente em Tiago 1. Os versículos 14 e 15 mostram como os desejos pecaminosos geram um estilo de vida pecaminoso, que resulta na miséria da maldição de Deus. Sílvia, Francisca e Antônio, Juliana e Roberto, todos eles experimentaram tristeza e confusão. Todos eles se expressaram por meio de pecados específicos em suas atitudes, ações e palavras. Todos eles se afastaram de Deus em seu coração, servindo a crenças falsas e à cobiça da carne. Você precisa expor estas questões do coração bem como os comportamentos resultantes.

Qual o plano de Deus para estas vidas? Considere Joel 2.12-13:

> Convertei vos a mim de todo o vosso coração; e isso com jejuns, com choro e com pranto. Rasgai o vosso coração, e não as vossas vestes, e convertei vos ao SENHOR, vosso Deus, porque ele é misericordioso, e compassivo, e tardio em irar se, e grande em benignidade.

O profeta refere-se ao costume do Antigo Testamento de rasgar suas roupas em sinal de luto. Vestimentas rasgadas eram um sinal exterior de uma resposta do coração. Deus não quer "arrependimento" apenas no comportamento, mas arrependimento que começa com e flui do coração que retorna a Ele. Deus quer reconquistar e controlar o coração do seu aconselhado, mudando o estilo de vida. O consolo oferecido pelo aconselhamento convida as pessoas a voltarem ao Deus misericordioso de todo seu coração. A verdade falada no aconselhamento deve se dirigir ao coração bem como ao comportamento.

O aconselhamento precisa ser interativo, bíblico e penetrante. Como as tarefas práticas podem ajudar? As tarefas que peço nesta fase do aconselhamento pertencem a duas categorias: tarefas de instrução e tarefas de auto-conhecimento. Vou tratar de ambas, e dar alguns exemplos.

Uso as tarefas de instrução porque muitos dos meus aconselhados não receberam ensino suficiente. Eles não conhecem ou não entendem conceitos fundamentais, categorias, princípios, mandamentos

[11] Por exemplo, versículos 2-5, 12, 17, 18, 25

e promessas da Palavra de Deus. Entender a verdade é vital para que o aconselhado interprete e responda à vida biblicamente, por isso preciso ensinar à medida que confronto e ofereço consolo.

A tarefa "O Que é a Vida Cristã?" (veja na página seguinte) é um exemplo de tarefa prática que instrui o aconselhado. Ela é especialmente encorajadora em seu ensino e também desafia sugestivamente os aconselhados. Na verdade, o aconselhamento bíblico não faz uma grande divisão entre confrontação e consolo; os dois trabalham lado a lado para completar os propósitos de Deus.

Por que um estudo como este pode ser útil? Muitos aconselhados não entendem os pontos básicos do processo de santificação progressiva: "Deus está operando em sua vida. O discípulo percorre um caminho de transformação progressiva—ele não é ainda perfeito, pode errar, mas está sempre crescendo na fé e na obediência". Poucos entendem que a vida cristã é um processo de mudança, não de perfeição nem derrota. Muitos aconselhados procuram algum "segredo" da vida cristã para remover a luta, enquanto simplesmente desistem de mudar e se entregam a um caminho de pecados e miséria. Enquanto alguns nunca ouviram que o senhorio de Cristo abrange todos os crentes, e não apenas uma elite que deu um segundo passo de consagração, outros ainda nunca compreenderam que Deus nos salvou não apenas da condenação do pecado (justificação), mas também do domínio do pecado (santificação e discipulado). A citação de Lutero e os textos bíblicos são simultaneamente um chamado a despertar, um desafio e um encorajamento. Use a folha "O Que é a Vida Cristã" para um estudo pessoal e também para auxiliar as pessoas que você aconselha, ou adapte as perguntas para que sejam apropriadas a cada caso.

Os sistemas de pensamento não-bíblicos devem ser substituídos por uma visão da vida distintamente bíblica. Costumo pedir como tarefa, vez após vez, o seguinte estudo:

1. O que as Escrituras dizem a respeito do coração? (Pv 4.23; Lc 6.43ss.; Tg 4.1-5)

2. O que é idolatria? (Ez 14.1-6; Rm 1.18-32; 1 Co 10:1-14; Ef 5:3-7)

3. Qual é a sua nova identidade em Cristo? (Rm 6:1-14; Efésios; 2 Pe 1.3-9)

4. Quem é Deus e como Ele está agindo? (Sl 34; Sl 46; Is 40; Rm 8)

5. Como você deve entender as provações e o sofrimento? (Rm 5.1-5; Tg 1.1-8; 1 Pedro)

6. O que você deve fazer quando outros pecam contra você? (Mt 5; Mt 18.15-35; Rm 12.9-21)

Esta lista não esgota o assunto, mas exemplifica o tipo de tarefa prática instrutiva que pode ser pedida durante a fase de confrontação-consolo. Estas tarefas permitem usar o tempo do aconselhamento com maior eficiência, pois o aconselhado já vem ao nosso encontro com o estudo dirigido feito sobre as verdades cruciais que precisam ser discutidas durante nosso tempo juntos e incorporadas em sua vida.

O segundo tipo de tarefa prática de confrontação-consolo que costumo usar são tarefas de auto-percepção. Elas focalizam as questões do coração, visto que o coração modela o comportamento. Aluta com o engano do pecado acontece no interior do homem, bem o como o arrependimento e a fé.

Uma tarefa que dou com freqüência vem de Tiago 4.1-6. Tiago afirma que os conflitos interpessoais têm como causa os

O Que é a Vida Cristã?

1. Estas perguntas refletem diferentes perspectivas da vida cristã:
   a. Você acredita na existência de um "segredo" para a vida cristã, que põe fim às lutas e faz com que a vida corra mais facilmente?
   b. Você já se resignou com o fato de ser um fracasso como cristão, pois lhe parece muito difícil mudar?
   c. Você já se tornou um "discípulo", alguém que está mudando de modo consciente, aprendendo a pensar e a agir à semelhança de Cisto em cada situação da vida?
   d. Quando você se torna ciente de falhas em sua vida, você as trata como uma grande crise, seja para se desculpar, para se desesperar ou para procurar perfeição e livramento instantâneos?

2. Leia esta descrição da vida cristã normal:

Esta vida, portanto, não é retidão,
mas crescimento em retidão,
não é saúde, mas cura,
não é ser, mas se tornar,
não é descanso, mas exercício.
Ainda não somos o que viremos a ser,
mas estamos crescendo nesta direção;
o processo ainda não está concluído,
mas em andamento;
este não é o fim, mas o caminho.
Nem tudo já refulge em glória,
mas tudo está sendo purificado.
Martinho Lutero

   a. A que se assemelha a vida?
   b. Quais as promessas reafirmadas para o presente e o futuro?
   c. Esta visão condiz com a sua visão da vida cristã? No que você foi desafiado? De que forma foi encorajado?
   d. Em que pontos específicos você precisa mudar?

3. Lutero escreveu estas palavras como resultado de seu estudo da Palavra. Estude as seguintes passagens das Escrituras: Tiago 1.2-5; Filipenses 1.6; 1.9-11; 2.12-13; 2 Pedro 1.3-11. Para cada um dos texto, faça as mesmas perguntas que fez para a citação de Lutero.
   a. A que se assemelha a vida?
   b. Quais as promessas reafirmadas para o presente e o futuro?
   c. Esta visão condiz com a sua visão da vida cristã? No que você foi desafiado? De que forma foi encorajado?
   d. Em que pontos específicos você precisa mudar?

desejos que governam o coração - as pessoas dirigem-se uma às outras com determinada intenção, com exigências expressas ou não. Peço ao aconselhado que responda por escrito à seguinte pergunta: "O que eu realmente quero obter na vida?" ou "O que realmente quero das pessoas ao meu redor?" Em seguida, peço-lhe que liste como estes desejos têm afetado os seus relacionamentos. Uma forma de fazer a pergunta é: "Como as intenções do seu coração (desejos dominadores) moldaram a sua maneira de sentir e agir para com outros?".

Obviamente, o alvo desta tarefa é levar o aconselhado a reconhecer os ídolos do coração que persistem em distanciá-lo do comportamento que Deus exige. Muitos aconselhados não discutem a lógica do seu comportamento. Na verdade, eles nem pensam que o comportamento tem um sentido, ou seja, que nossas ações expressam os pensamentos e intentos do coração. Por isso, costumam pensar que não têm escolha a não ser fazer aquilo que estão fazendo. Quando os aconselhados entendem que há escolha, a promessa de Tiago 4.6 ganha sentido: "Antes, ele dá maior graça; pelo que diz: Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes". O conhecimento de si mesmo e o conhecimento de Deus conduzem a um encontro com Deus (Tg 4.7-10).

Quero ajudar os aconselhados a pensar nas motivações. Quero ajudá-los para que sejam capazes de falar a partir do coração. Um instrumento para isso é a tarefa "Respostas às Situações da Vida" (página seguinte), em que escrevo um parágrafo ilustrativo de um problema enfrentado pelo aconselhado e, em seguida, peço ao aconselhado que reaja à minha ilustração, listando cinco possíveis respostas acompanhadas da razão por que alguém escolheria cada uma delas. Esta última parte da tarefa ajuda-o a reconhecer a natureza estratégica do comportamento. Peço-lhe então que aponte para as características da sua resposta a uma determinada situação com que estamos lidando no aconselhamento e examino o que isso revela sobre os desejos e propósitos do seu coração.

O estudo de narrativas bíblicas pode ser de ajuda nisto, e pode ser facilmente incluído na tarefa "Respostas às Situações da Vida". Peço ao aconselhado que examine a resposta de um personagem bíblico diante de determinada situação - Jonas; Moisés em Números 11; Gideão em Juízes 6; Pedro em Gálatas 2; Herodes em Marcos 6; Ester em Ester 4-5 - e depois procure pistas do que estaria motivando tal resposta. Esta tarefa prepara o terreno para o desafio de responder de modo piedoso, motivado por gratidão a Deus e preocupação com a glória de Deus.

Outra tarefa que uso com freqüência a esta altura do aconselhamento baseia-se em Mateus 22.37-40. Costumo preparar o aconselhado conversando sobre o texto bíblico durante o encontro. Peço ao aconselhado que medite nos dois grandes mandamentos e em como eles estabelecem um plano para lidar com as diversas situações de vida e os relacionamentos diários. Em seguida, ele deve fazer duas listas com os seguintes títulos: "Se eu amar a Deus verdadeiramente, acima de tudo mais, eu irei..." e "Se eu amar ao meu próximo verdadeiramente, como a mim mesmo, eu irei..." Na semana seguinte, conversamos sobre as listas e as mudanças específicas que elas exigem.

O alvo da fase de confrontação-consolo é o verdadeiro arrependimento que inclui pensamentos, motivações e comportamentos. O conselheiro bíblico precisa

Respostas às Situações da Vida

Leia cuidadosamente a história abaixo.
(O conselheiro escreve uma história ilustrativa, relacionada a uma situação vivida pelo aconselhado).

Liste cinco possíveis reações que alguém poderia ter à situação acima e, para cada resposta, estabeleça uma razão ou o propósito a alcançar.

REAÇÃO	**RAZÃO**
1.	**1.**
2.	**2.**
3.	**3.**
4.	**4.**
5.	**5.**

COMO VOCÊ REAGIU QUANDO _____?

O QUE ISSO LHE REVELA A RESPEITO DOS DESEJOS E PROPÓSITOS DO SEU CORAÇÃO?

traçar tarefas que engajem o aconselhado no processo de auto-exame à luz da Palavra, conduzindo a uma confissão sincera a Deus, à aceitação de Cristo como modelo e mudanças práticas no estilo de vida.

Ação

Alvo: Ajudar o aconselhado a aplicar às situações específicas da vida as verdades aprendidas a respeito de Deus, de si mesmo e de outros, fazendo as correções necessárias com base na Bíblia e adquirindo novos hábitos bíblicos.

O aconselhamento não acaba no momento em que o aconselhado adquire *insight* sobre a situação. A percepção que ele ganha de si mesmo à luz da Palavra de Deus é a base para as mudanças fundamentais que devem acontecer em sua vida. As Escrituras têm um propósito funcional: que o aconselhado seja "perfeitamente habilitado para toda boa obra". O conselheiro bíblico precisa permanecer alerta à medida que o aconselhado começa a aplicar o que aprendeu às realidades freqüentemente duras da vida diária.

A esta altura do aconselhamento, várias coisas significativas já foram aprendidas e precisam ser aplicadas. A descrição de trabalho do conselheiro é variada. Primeiro, ele funciona como um *guia espiritual,* ou pastor de almas, dirigindo o aconselhado no processo de aplicar verdades que talvez sejam novas para ele. Em seguida, o conselheiro funciona como um *amigo,* oferecendo consolo, apoio e encorajamento enquanto o aconselhado procura lidar com as velhas pressões de um modo novo. Terceiro, o conselheiro funciona como *pastor,* chamando o aconselhado à responsabilidade diante dos padrões de Deus nos momentos em que surge a tentação de voltar atrás ou desistir. Quarto, o conselheiro funciona como uma *sentinela,* ciente da realidade da tentação, advertindo o aconselhado dos ataques do inimigo e ajudando a traçar meios de defesa contra as estratégias inimigas. Quinto, o conselheiro funciona como *professor.* As aulas não acabam quando o discípulo ganha novos *insights* bíblicos. A vida real é a aula prática, o laboratório. O professor precisa reforçar com continuidade as verdades que foram aprendidas.

Quero lançar mão destas cinco funções como estrutura para que examinemos os tipos de tarefa prática apropriados para a fase de ação no aconselhamento.

1. Guia espiritual. O aconselhado deve traçar um *Plano Pessoal* bíblico. Primeiro, eu peço que ele estabeleça *alvos* em áreas onde precisam ocorrer mudanças. O aconselhado precisa perguntar a si mesmo: "Onde Deus está querendo ver mudanças na minha vida diária?" (por exemplo, mudança em hábitos, mudança nos relacionamentos, mudança em situações específicas da vida). Segundo, peço ao aconselhado que liste abaixo de cada alvo maneiras específicas de alcançá-lo, criando uma *lista de tarefas estratégicas.* As mudanças a serem instituídas têm um propósito: aproximar o aconselhado dos alvos de Deus. Terceiro, peço ao aconselhado que priorize os alvos e as tarefas listadas debaixo de cada alvo. No encontro seguinte, trabalhamos no aprimoramento do plano para que o aconselhado o coloque em prática.

Outra maneira de ajudar um aconselhado a manter o foco certo na fase de ação do aconselhamento bíblico é trabalhar aspectos do despojar-se e revestir-se. Quero que o aconselhado pergunte a si mesmo: "Que aspectos de minha vida — hábitos pessoais, relacionamentos e situa-

ções do cotidiano — precisam ser abandonados? O que não estou fazendo, mas agora preciso me comprometer a fazer?". Peço esta tarefa prática ao aconselhado porque quero que ele assuma responsabilidade por esse tipo de auto-exame bíblico e planejamento. Planos específicos conduzem a obediência específica.

Definir as responsabilidades também é muito importante. Vários aconselhados estão confusos sobre quais são ou deixam de ser as suas responsabilidades. Para esclarecer esta questão, uso a tarefa prática "Esclarecendo as Responsabilidades" (veja na página seguinte), baseada no chamado de Deus para "confiar e obedecer". A maioria das pessoas às quais aplico esta tarefa reconhecem sua utilidade. Para apresentar o assunto de maneira simples, costumo dizer: "Na vida de cada um de nós é possível identificar dois círculos— um círculo limitado de responsabilidades e um círculo mais amplo de preocupações. Nosso círculo de responsabilidades contém todas as coisas que Deus nos manda fazer e às quais cabe-nos simplesmente obedecer. Não podemos transferir estas responsabilidades para mais ninguém. São ordens que recebemos de Deus nas situações em que Ele nos coloca pela Sua soberania. O segundo círculo é o das preocupações. Este reúne coisas que são importantes para nós e parte das nossas preocupações diárias, mas que não são nossa responsabilidade em termos de execução nem estão debaixo do nosso controle. São coisas que precisamos entregar a Deus. Quero que você considere tudo quanto faz parte da sua vida e coloque cada aspecto no círculo apropriado".

Este método tem-se provado simples e útil para esclarecer as questões de responsabilidade. Ele também esclarece a causa de pecados como ira, ansiedade, medo, manipulação, passividade e outros mais: tentar controlar aquilo que somos chamados a entregar e fracassar em agir onde somos chamados a obedecer resulta em toda sorte de problemas.

Uma das maneiras de preparar o aconselhado para esta tarefa é orientá-lo no estudo de Romanos 12.17-21. Paulo fala sobre as circunstâncias em que outros pecam contra nós, e faz uma distinção entre a responsabilidade de Deus e a nossa: não é nossa tarefa pagar mal por mal, pois a vingança pertence a Deus. Nossa tarefa é vencer o mal com o bem. Paulo diz: "Dê lugar à ira de Deus". O que ele está dizendo é: "Não tente fazer o trabalho de Deus; fique fora disso. Entregue a vingança a Deus e faça aquilo que Ele claramente exige de você". Paulo também diz: "O quanto depender de você, tenha paz com todos os homens". Sua tarefa é ser um pacificador, mas você não é responsável por mudar as outras pessoas ou transformar um inimigo em amigo. Você precisa entregar a Deus o resultado dos seus esforços — sejam estes resultados bons ou maus. Este texto bíblico provê uma maneira simples de preparar o aconselhado para a tarefa de identificação de responsabilidades. Use a tarefa conforme proposta ou adapte-a àqueles que você está aconselhando.

2. Amigo. A ênfase aqui é encorajar e apoiar o aconselhado com a verdade bíblica durante o trabalho árduo de aplicação prática. Em geral, peço que o aconselhado faça estudos dirigidos de passagens das Escrituras que destacam sua identidade como filho de Deus, a esperança do evangelho, as promessas de Deus, os recursos que Deus providenciou, o poder que Deus deu para mudar e obedecer, o ministério atual do Espírito Santo, uma pers-

Esclarecendo as Responsabilidades

Preocupações que fazem parte de minha vida, mas que escapam à minha esfera de responsabilidade. Estas coisas eu devo entregar a Deus.

Responsabilidades que Deus atribui a mim e que, portanto, não podem ser transferidas para ninguém mais.

1 1

2 2

3 3

4 4

5 5

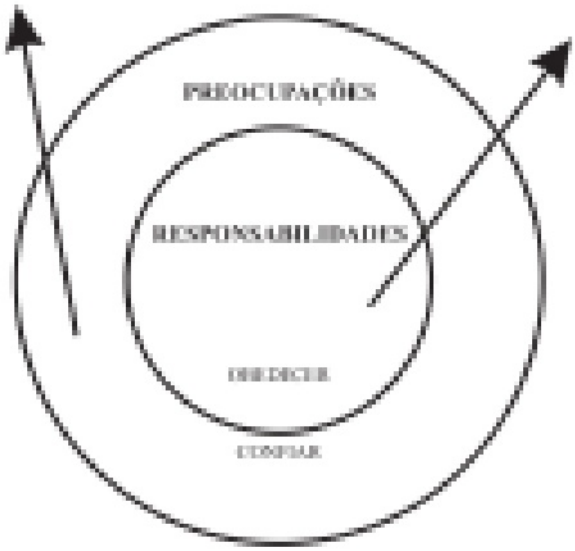
6 6

7 7

8 8

9 9

10 10



Mudanças que preciso fazer:

pectiva das lutas atuais tendo em vista a eternidade, e o poder de Deus sobre o maligno. Preparo as tarefas de acordo com as necessidades específicas de cada aconselhado, entrego a ele para que leve para casa e trabalhe durante a semana, e então discutimos juntos o assunto no início do encontro seguinte.

3. Pastor. Em Hebreus 13, o pastor é descrito como alguém que "vela" pelo rebanho de Deus "como quem deve prestar contas". Aconselhar é mais que advertir. Aconselhar tem uma função pastoral. Devo prestar contas pessoalmente perante Deus das pessoas que ele colocou sob os meus cuidados. O pastor não apenas oferece a verdade ao povo de Deus, mas ele chama à responsabilidade de crer e obedecer. No papel de pastor, costumo pedir dois tipos de tarefas práticas. A primeira é uma tarefa de avaliação:

- O que aprendi (a respeito de Deus, da minha pessoa, de outros, da vida, do evangelho, da minha situação de vida etc.).
- O que preciso aprender (áreas de dúvida ou confusão).
- O que já mudou (mudanças específicas que aconteceram).
- O que ainda precisa mudar.
- O que estou fazendo para atingir aqueles pontos da minha vida onde mudanças ainda são necessárias.

Mais uma vez, uso o formato de tarefa-discussão-ação que já mencionei várias vezes.

A segunda tarefa que uso é o diário. Apresento a tarefa ao aconselhado com as mesmas cinco perguntas que descrevi anteriormente. Elas funcionam muito bem, tanto para a avaliação como para a prestação de contas. Comparar este diário com aquele que foi feito no início do aconselhamento resulta em encorajamento. O aconselhado pode louvar de coração a Deus e reconhecer a necessidade de constância, disciplina e ainda outras mudanças.

4. Sentinela. Aqui o conselheiro tem duas funções principais. Primeiro, a sentinela adverte. Quero manter o aconselhado alerta aos ataques do inimigo. Segundo, a sentinela protege. Quero ajudar o aconselhado a planejar uma defesa apropriada contra estes ataques. Aqui está um exemplo de tarefa prática para estas funções:

- Advertência - uma tarefa que dou com freqüência é listar os *pontos de pressão.* Quero que o aconselhado identifique onde as lutas estão acontecendo, e em que ele está sendo tentado a ceder. E quero que ele considere a razão de ser particularmente vulnerável nesses pontos. A discussão que resulta desta tarefa é muito útil para planejar a tarefa seguinte.
- Proteção - uma vez completada a tarefa de identificação dos *pontos de pressão,* costumo pedir ao aconselhado que trace um *plano para enfrentar a tentação* naqueles pontos onde os ataques costumam acontecer. Com freqüência, depois que o aconselhado fez a tarefa e tivemos oportunidade de aprimorá-la juntos, peço que ele escreva os elementos mais importantes em cartões que possa carregar consigo e ter disponível nos momentos de tentação. O plano inclui três aspectos:
  - Coisas para pensar (textos e conceitos bíblicos importantes, advertências);
  - Ações a cumprir (coisas que precisam ser feitas para alcançar vitória sobre a tentação);

- Uma pessoa a quem recorrer (alguém que concordou em estar disponível para apoio e encorajamento nos momentos em que for preciso).

5. Professor. Finalmente, assumo o papel de um professor que se movimenta em meio aos alunos reunidos ao arredor de uma mesa em um laboratório de ciências para guiar no trabalho aplicativo. O professor faz perguntas e observações que poderiam passar despercebidas aos alunos. E até mesmo ensina coisas novas, quando apropriado. Desta forma, como um "especialista no assunto", continuo a ensinar meus aconselhados à medida que eles aplicam aquilo que já aprenderam. Quero mencionar dois tipos de tarefas práticas ligadas ao ensino.

Em primeiro lugar, temos a *"tarefa de interpretação bíblica". O* propósito desta tarefa não é apenas ajudar o aconselhado a pensar biblicamente a respeito da vida, mas ajudá-lo também a aprender a desenvolver um entendimento e uma interpretação bíblica válidos a respeito daquilo com que deve lidar diariamente. Identificamos situações que ainda geram dúvidas e lutas. Encontramos passagens relevantes das Escrituras que resultam em tarefas. Peço ao aconselhado que faça quatro perguntas diante de cada texto bíblico:

- Como Deus descreve esta situação?
- Qual o propósito de Deus nesta situação?
- O que Deus quer que eu faça?
- Quais os recursos que Deus me dá para isso?

Uma vez feita a tarefa, lanço mão daquilo que ele aprendeu nas Escrituras e o ajudo a usar este conteúdo para interpretar a situação que ele está vivendo.

O segundo tipo de tarefa prática que dou no papel de professor é a *"tarefa assunto novo ".* Esta tarefa resulta da identificação de determinados assuntos que o aconselhado não entende biblicamente. Estes assuntos podem ser finanças, sexo, trabalho e profissão, igreja local, criação de filhos, comunicação, vida devocional etc. Preparo estudos dirigidos apropriados à maturidade do aconselhado, e quero que ele tenha algum trabalho de pesquisa antes de olharmos juntos para o assunto.

O alvo final do aconselhamento é agir, ou seja, fazer de fato o que Deus me chamou a fazer no lugar em que Ele soberanamente me colocou. Para o conselheiro, agir significa ser um guia espiritual, ser amigo, pastorear, proteger e ensinar. As tarefas práticas são uma das ferramentas que o conselheiro bíblico deve usar para alcançar seus alvos, e as razões para tanto deveriam estar claras. Se o aconselhamento deve se mover em direção à ação, as tarefas práticas produzem justamente isso. Elas exigem ação por parte do aconselhado. Elas exigem que ele assuma responsabilidade pelas mudanças em sua vida, e faça um trabalho árduo de investigação, estude, avalie, faça e refaça. Ao longo do processo, o aconselhado fortalece seus músculos espirituais e adquire disciplina.

É difícil exagerar quanto à importância que as tarefas práticas tiveram no aconselhamento de pessoas que Deus colocou no meu caminho como Sílvia, Francisca e Antônio, Juliana e João. As tarefas práticas não são artigo supérfluo. Não são um acréscimo ao processo normal de aconselhamento, mas uma parte vital do aconselhamento bíblico efetivo. Seja para construir relacionamentos, coletar dados, confrontar o pecado, oferecer consolo ou fa-

zer aplicações concretas, as tarefas práticas são úteis. Elas mantêm o aconselhado ativo e com o foco nas Escrituras; elas chamam o seu coração ao engajamento e o fazem responsável pelo próprio comportamento. As tarefas práticas fazem com que o aconselhado tenha participação ativa durante todas as fases do aconselhamento. Elas reforçam o trabalho do conselheiro à medida que o aconselhado leva o conselheiro consigo para casa na forma de tarefas práticas produtivas, sábias e que honram a Deus. Jay Adams, falando sobre tarefas práticas disse:

> Desde o começo eles (os aconselhados) são exortados a fazer o que Deus espera deles, à luz das Escrituras, e na dependência do poder do Espírito Santo. O conselheiro não faz o trabalho em lugar dos aconselhados. Ele os treina; ele é um pastor que conduz as suas ovelhas. Os aconselhados é que fazem o trabalho. O conselheiro insiste em que eles aprendam a "desenvolver a própria salvação" (solução), mediante obediência a Deus e dependência de Sua ajuda. A tarefa prática coloca a ênfase onde ela realmente cabe — na responsabilidade do aconselhado diante de Deus e do próximo.[12]

[12]ADAMS, Jay E. *The Christian counselors* manual. USA: Presbyterian & Reformed, 1973. p. 306-7.

Palavras que Edificam

Paul D. Tripp[1]

Eu estava no segundo grau e em meu primeiro emprego quando, pela primeira vez, enfrentei um grande problema fora do contexto familiar. Meus colegas de trabalho estavam roubando e causando prejuízos à firma. Eu sabia quem era o culpado, mas meu chefe não sabia. Eu não queria me envolver com o que estava acontecendo e, muito menos, queria ser culpado de algo que eu não havia feito. Embora eu soubesse que precisava falar com meu chefe e, possivelmente, com meus colegas de trabalho, eu estava com medo. Tomei coragem para conversar com meu pai sobre o que estava acontecendo e ele admitiu que eu precisava falar com as pessoas envolvidas. "Seja cuidadoso, filho. Escolha as suas palavra com cuidado", foi o que meu pai me disse. Uma maneira amável de dizer que eu precisava comunicar com propósito definido e domínio próprio.

O falar que edifica tem tudo a ver com a escolha cuidadosa das nossas palavras. Inclui não apenas as palavras que dizemos, mas também aquelas que deixamos de dizer. O falar que edifica diz respeito a estarmos preparados para usar as palavras certas, no momento certo, praticando domínio próprio. É não deixarmos que nosso discurso seja dirigido pela impulsividade e pelos desejos pessoais, mas comunicarmos tendo em vista os propósitos divinos. É colocarmos em prática a fé necessária para ser parte da obra que Deus está realizando naquele momento.

Quando as palavras destroem

Embora João e Beatriz fossem pessoas bastante perceptivas, eles nunca tinham sido capazes de resolver os problemas em seu relacionamento. Na época em que começamos a nos encontrar, as brigas conjugais eram intensas. Nos últimos dois anos, João havia saído de casa três vezes, por períodos que variaram de duas semanas a um mês. Beatriz havia saído uma vez para "férias prolongadas" na casa dos pais. Eu tinha diante de mim dois cris-

[1]Tradução e adaptação de *Speaking Redemptively* Publicado em *The Journal of Biblical Counseling. v. 16,* n.3, Spring 1998, p. 10-18.

tãos, casados há vinte anos, com uma compreensão sólida das Escrituras e boa percepção mútua, mas que ainda assim não sabiam resolver seus problemas pessoais.

Quando nos encontramos pela primeira vez, a tensão estava a ponto de gerar faíscas. Ou melhor, poderia mesmo provocar um incêndio! João estava tão irado que se levantou imediatamente após minha oração e disse: "Eu não sei o que estou fazendo aqui! Sei exatamente o que há de errado em nosso relacionamento. Já falei isso para Beatriz centenas de vezes. Ela se recusa a ouvir e se faz de vítima. Eu não tenho interesse algum em sentar-me aqui e repassar mais uma vez todas as coisas horríveis que aconteceram entre nós dois nos últimos vinte anos! Eu simplesmente não posso fazer isso!". Com estas palavras, ele saiu. Eu pedi licença a Beatriz e segui João até o carro para convencê-lo a voltar.

Havia muita verdade no que João disse. Ele realmente tinha uma boa percepção dos problemas do seu casamento, e já havia falado várias vezes com Beatriz sobre coisas que ela simplesmente se recusava a ouvir. Ela costumava assumir o papel de vítima nos momentos deconfrontação. João tinha sido forçado, vez após vez, a repassar cenas horríveis ocorridas no relacionamento conjugal. E ainda assim, com toda esta análise e conversa, ele estava bem longe de ser um instrumento de mudança na vida de Beatriz. Na verdade, o fruto das palavras de João era uma esposa cada vez mais amargurada e que se fazia de vítima. Apesar de toda a sua percepção, ele nunca atuava como participante naquilo que Deus estava procurando fazer na vida de Beatriz. Muito pelo contrário, ele atrapalhava a ação do Senhor e dava grandes oportunidades para que Satanás agisse.

Tanto Beatriz quanto João haviam trazido para o casamento uma bagagem que contribuía para seus problemas. O pai de Beatriz era um homem tremendamente crítico e legalista. Beatriz presenciou sua mãe sendo agredida verbalmente à mesa do jantar, noite após noite, quando o pai criticava os trabalhos domésticos, a comida, o vocabulário, a aparência, e mesmo a sua voz ("esta ladainha estridente"). Várias noites Beatriz chorou até pegar no sono ou ficou pensando em como dar o troco ao pai por aquilo que ele fazia.

No início do namoro, João percebeu que Beatriz tendia a ser extremamente sensível e isto, algumas vezes, o irritava. Mas havia outras características em Beatriz que ele admirava, e então João tentou passar por cima deste aspecto. Ele não tinha uma idéia muito clara de que estava se unindo a uma mulher amargurada, autoprotetora, medrosa e determinada a fazer o que quer que fosse para se manter a salvo do "inferno" vivido pela mãe.

Os pais de João, por outro lado, tinham um relacionamento maravilhoso e expressavam regularmente o seu apreço um pelo outro. Quando discutiam, eles costumavam pedir perdão não somente um ao outro, mas também aos filhos que tivessem presenciado o desentendimento. Na família de João, os erros não eram considerados o fim do mundo, mas havia encorajamento para erguer-se e começar de novo. João sempre alimentou a esperança de ter um casamento como o de seus pais. Ele sonhava com aqueles bons momentos ao redor da árvore de Natal e, desta vez, ele estaria no papel de pai. Ele se casou com Beatriz com esta idéia em mente.

O casamento de João com Beatriz não foi um erro da soberania de Deus. Usar o relacionamento entre eles como canteiro de obras para o processo contínuo de san-

tificação era parte do propósito sábio e redentor de Deus. No contexto deste relacionamento, os corações seriam expostos e transformados. Mas João não se casou tendo em vista o plano redentor de Deus; seus olhos estavam voltados para os próprios sonhos. Beatriz também não se casou tendo em vista o plano redentor de Deus; seus olhos estavam voltados para os próprios temores. Sendo assim, quando João viu seu sonho desmoronar e Beatriz começou a ver seus temores se concretizarem, eles não reagiram com pensamentos nem palavras edificantes.

Sim, João sabia que Beatriz estava sempre pronta a identificar críticas em suas palavras, mesmo quando ele não as fazia. E Beatriz sabia que João estava sempre desapontado porque a família real não condizia com a família dos seus sonhos. Mas apesar de toda a percepção que tinham do problema, a situação entre os dois foi se agravando no decorrer dos anos. A conversa que girava em torno das dificuldades conjugais não fez nada além de acrescentar barreiras e maior sofrimento. Ao invés de exigir mudanças na vida um do outro, João e Beatriz precisavam aprender o que significava falar de modo edificante frente ao desapontamento, à dor, aos erros e ao pecado em experiências corriqueiras neste mundo caído.

Por que as palavras destroem?

Como podemos entender a falta de habilidade de João e Beatriz para resolver os problemas em seu relacionamento? Qual é o caminho de mudança para eles? O que significa para eles, e também para nós, "escolher as palavras certas" e falar "palavras que edificam"?

Há um texto na Epístola aos Gálatas que nos explica com clareza o relacionamento entre João a Beatriz. Este texto é seguido por outro que aponta o caminho de mudança. Ambos definem o que significa escolher nossas palavras para que façamos parte daquilo que o Senhor está operando na nossa vida e na de outros.

Para começar, vamos olhar para o que há de errado com João e Beatriz. Nossa ferramenta de diagnóstico é o texto de Gálatas 5.13-15.

Porque vós, irmãos, fostes chamados à liberdade; porém não useis da liberdade para dar ocasião à carne; sede, antes, servos uns dos outros, pelo amor. Porque toda a lei se cumpre em um só preceito, a saber: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Se vós, porém, vos mordeis e devorais uns aos outros, vede que não sejais mutuamente destruídos.

As três partes em que este texto se divide podem nos ajudar a entender o que há de errado no relacionamento entre João e Beatriz, particularmente na área de comunicação.

1. "Não useis da liberdade para dar ocasião à carne; sede, antes, servos uns dos outros pelo amor".

Se você perguntasse a João e Beatriz se o relacionamento entre eles baseava-se em dar ocasião à carne, ambos responderiam com um forte "NÃO", mas estariam inteiramente errados. O relacionamento e a comunicação entre eles não eram moldados pela lei do amor. Faltava-lhes muito da postura de servo recomendada neste texto.

Eles não costumavam perguntar a Deus como poderiam ser um instrumento útil para encorajar um ao outro ou apoiar a obra de Deus na vida um do outro. Eles não pensavam em como "estimular um ao outro ao amor e às boas obras" (Hb 10.24) nem procuravam consolar, encorajar, admoestar e ensinar um ao outro. Eles não

encaravam as dificuldades como oportunidades para ministrar a graça divina nem buscavam ajudar um ao outro a carregar os fardos pessoais. Eles não escolhiam palavras que encorajassem unidade, amor e ministério mútuo. João e Beatriz simplesmente buscavam ser servidos - ele queria concretizar seus sonhos, enquanto ela queria distância de seus medos. Desta forma, nenhum dos dois estava procurando servir.

A esta altura, o texto de Gálatas é particularmente proveitoso, pois nos fala que o oposto de servir em amor não *é falta* de amor *e falta* de serviço, mas a prática de *dar ocasião à* natureza pecaminosa! Temos duas opções: vivemos como servos do Senhor, aceitando o Seu chamado para servir aqueles que estão ao nosso redor ou vivemos para satisfazer os desejos da natureza pecaminosa, esperando que os outros também colaborem para nossa satisfação. Embora discordassem inicialmente deste ponto de vista, João e Beatriz chegaram à compreensão de que tinham entrado no relacionamento conjugal centrados em desejos egoístas.

João estava correndo atrás do alvo de ter uma esposa e uma família perfeitas. Com isso, ele logo ficou nervoso e desapontado quando percebeu que Beatriz era um obstáculo que o impedia de alcançar seu alvo. Beatriz casou-se tendo como alvo pessoal a auto-proteção. O relacionamento e a comunicação com João eram constantemente dominados pelo foco voltado para si mesma - "Como estou sendo tratada?". Movida por este alvo de auto-proteção, ela analisava tudo quanto João dizia ou fazia e sempre conseguia encontrar algo que julgava ser insensível, crítico, negligente ou "abusivo". Desapontada, ela despejava então sua raiva contra João.

Tiago 4.1-2 explica como os desejos de João e Beatriz afetavam a dinâmica de seu relacionamento: "De onde procedem guerras e contendas que há entre vós? De onde, senão dos prazeres que militam na vossa carne? Cobiçais e nada tendes." O relacionamento deste casal era um conflito constante porque o coração de ambos estava governado pelos desejos da natureza pecaminosa. Tiago fala sobre desejos que lutam no nosso interior, desejos que militam para estabelecer controle sobre pessoas, recursos, "territórios". A batalha entre o desejo de uma família perfeita e o desejo de auto-proteção tomava conta do casamento de João e Beatriz. De acordo com a descrição de Tiago, o resultado eram contendas contínuas.

2. "Porque toda a lei se cumpre em um só preceito, a saber: Amarás o teu próximo como a ti mesmo".

Este versículo também oferece *insights* significativos para o caso de João e Beatriz. O problema no relacionamento do casal não era essencialmente horizontal (pessoa/pessoa), mas vertical (pessoa/Deus).

Se alguém considera o viver para a glória de Deus como um alvo de vida mais importante do que buscar a realização pessoal, e se o seu amor a Deus está acima do amor a qualquer outra pessoa ou coisa e também do amor a si mesmo, então o seu objetivo prático será duplo: agradar a Deus em tudo quanto fizer e falar tudo quanto Ele mandar. É um fruto garantido deste compromisso de coração com o Senhor é amar ao próximo como a si mesmo. O primeiro grande mandamento sempre precede e determina o cumprimento do segundo - ninguém pode amar a seu próximo como a si mesmo se não amar acima de tudo a Deus.

Mais uma vez, o capítulo quatro de Tiago pode-nos ser útil. No versículo 4, em meio à sua argumentação sobre as causas e a solução do conflito humano, Tiago apresenta o conceito de adultério espiritual. O adultério ocorre quando o amor que foi prometido a uma pessoa é dado a outra. O adultério espiritual se dá quando o amor que pertence a Deus é dirigido para algum outro aspecto do mundo criado (cf. Rm 1.25). Tiago diz algo extremamente proveitoso para que entendamos o relacionamento entre João e Beatriz: os conflitos humanos têm suas raízes no adultério espiritual! Quando o desejo de determinada coisa assume o lugar de Deus como força que controla o coração, o resultado será conflito em nossos relacionamentos. Os conflitos têm raízes verticais que frutificam na dimensão horizontal em lutas e contendas. O amor a Deus que nos faz desejar cumprir a Sua lei sempre resulta em uma expressão prática de amor para com o próximo.

3. "Se vós, porém, vos mordeis e devorais uns aos outros, vede que não sejais mutuamente destruídos".

Está última parte do capítulo 5 de Gálatas é uma descrição bem apropriada da comunicação diária entre João e Beatriz. Eles mordiam e devoravam um ao outro com palavras. Seu diálogo nunca era construtivo, fortalecedor ou encorajador. Muito pelo contrário, eles tinham habilidade para ferir um ao outro. João conhecia os pontos fracos e vulneráveis de Beatriz e atacava justamente estes pontos sempre que olhava para Beatriz como obstáculo no caminho para a realização de seu sonho. Beatriz sabia como ferir João: ela conseguia destruir a alegria ou esperança do esposo com algumas poucas palavras sagazes.

As palavras do casal eram cheias de crítica e condenação, manipuladoras, ameaçadoras, carregadas de julgamento, egoísmo, malícia, exigência, aspereza e vingança. Elas revelavam que uma mudança radical no vocabulário de João e Beatriz não era tão necessária quanto uma mudança radical em seu coração. Esta última é que alteraria profundamente a maneira de falarem um com o outro.

A questão principal não era o fato de terem entrado no casamento com problemas. Isto acontece com todos nós e, além do mais, problemas fazem parte do próprio projeto de Deus para o casamento. O mais importante dentre os relacionamentos humanos existe primeiramente não para o nosso prazer, mas como instrumento do processo contínuo de santificação que Deus está operando em nós, a fim de sermos para o louvor da Sua glória. Não é por acaso que o relacionamento humano mais significativo (o casamento) acontece em meio ao processo mais importante da vida (a santificação). Deus planejou que fosse assim, para a Sua glória e para o bem de Seus filhos!

Seria um erro dizer que o casamento de João e Beatriz chegou a este estado lamentável porque sobrevieram dificuldades fora do comum. O problema não estava em terem problemas. O âmago da questão era como os desejos do coração ditavam sua maneira de reagir um ao outro em meio aos problemas. Por estarem vivendo para si mesmos e não para Deus, eles mordiam e devoravam um ao outro até quase o ponto de se destruírem. João estava expressando dúvidas sobre a fidelidade e o amor de Deus, e Beatriz tinha

deixado completamente de ir à igreja. A fé de ambos jazia ferida sob os destroços do conflito.

Hebreus diz que a Palavra é eficaz "para discernir os pensamentos e propósitos do coração" (Hb 4.12). Gálatas 5 tem exatamente este papel na vida de João e Beatriz, revelando que seu relacionamento não era governado pela lei do amor, mas pelos desejos da natureza pecaminosa. Visto Deus não estar no controle, eles viviam cada situação procurando satisfazer os próprios sonhos, desejos e exigências. Irados e desapontados um com o outro, eles agrediam verbalmente um ao outro. Suas palavras dilaceravam o relacionamento porque a fé em seus corações estava dilacerada.

O uso de palavras edificantes em um mundo pecaminoso

João e Beatriz ajudam-nos a perceber que falar de modo edificante não é apenas uma questão de escolha superficial de palavras certas, mas de um coração fundamentalmente comprometido com a escolha de palavras que promovam a obra de Deus em determinada situação. Eles tinham perdido de vista a verdadeira batalha por trás das contendas humanas. Pensando que sua batalha fosse contra carne e sangue, lutavam um contra o outro para concretizar os sonhos que haviam conquistado o domínio do seu coração. Suas armas principais eram as palavras. O que representaria para João e Beatriz falar de modo edificante nesta situação?

Gálatas 5 oferece-nos ainda outras respostas proveitosas:

> Digo, porém: andai no Espírito e jamais satisfareis à concupiscência da carne. Porque a carne milita contra o Espírito, e o Espírito, contra a carne, porque são opostos entre si; para que não façais o que, porventura, seja do vosso querer. Mas, se sois guiados pelo Espírito, não estais sob a lei. Ora, as obras da carne são conhecidas e são: prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçarias, inimizades, porfias, ciúmes, iras, discórdias, dissensões, facções, invejas, bebedices, glutonarias e coisas semelhantes a estas, a respeito das quais eu vos declaro, como já, outrora, vos preveni, que não herdarão o reino de Deus os que tais coisas praticam. Mas o fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio. Contra estas coisas não há lei. E os que são de Cristo Jesus crucificaram a carne, com as suas paixões e concupiscências. Se vivemos no Espírito, andemos também no Espírito. Não nos deixemos possuir de vanglória, provocando uns aos outros, tendo inveja uns dos outros. Irmãos, se alguém for surpreendido nalguma falta, vós, que sois espirituais, corrigi o com espírito de brandura; e guarda te para que não sejas também tentado. Levai as cargas uns dos outros e, assim, cumprireis a lei de Cristo. (Gl 5.16-6.2)

Esta passagem provê, passo a passo, um guia para descobrir o que significa o falar que edifica. Lembre-se de que dizer palavras que edificam não significa desconsiderar os problemas práticos da vida. Seria impossível ignorá-los, pois estão diante de nós diariamente. Pelo contrário, dizer palavras que edificam significa lidar

com estes problemas de forma que promova os interesses do Rei, conforme veremos a seguir.

1. Falar o que edifica tem início com o reconhecimento da luta que há dentro de nós (veja versículos 16 e 17). Enquanto o pecado ainda habitar em nós, haverá uma guerra em nosso coração (Rm 7.7-15; Ef 6.10-20; Tg 4.1-10). Devemos estar sempre cientes deste conflito, pois esquecer a presença e o poder do pecado que habita em nós leva-nos imediatamente a problemas em nosso falar. Este é o conflito verdadeiro, a base de qualquer outra batalha que combatemos. Nunca devemos dar lugar à idéia de que nossa guerra principal é contra a carne e o sangue (veja Ef 6.10-12).

Nunca devemos nos permitir olhar para nosso cônjuge, pai, mãe, filho, irmão ou amigo como o inimigo. Quando agimos desta forma, nosso alvo logo passa a ser a vitória sobre quem está ao nosso lado, e o falar que edifica sai de cena. Há somente um inimigo que está conspirando, manipulando, tentando, enganado e usando disfarces para nos fazer esquecer da batalha verdadeira e para nos tentar a ceder aos desejos da natureza pecaminosa. Derrotamos a obra deste inimigo quando falamos uns com os outros motivados por uma consciência ativa da verdadeira batalha espiritual em nosso interior.

2. Falar o que edifica significa nunca ceder aos desejos da natureza pecaminosa em nossa conversação (veja versículo 16). Todos nós lutamos contra uma variedade de desejos conflitantes. Quando algo dá errado, podemos ter o desejo de encontrar uma solução apropriada, de acordo com o propósito de Deus. Mas outros desejos também estão atuando. Talvez queiramos avaliar de quem é a culpa ou nos afastar da responsabilidade. Pode ser que sejamos levados pelo desejo de relembrar todas as outras vezes em que aquela pessoa falhou conosco ou fazer com que a pessoa sofra tanto quanto nós. Talvez queiramos compartilhar os erros desta pessoa com outra pessoa. Pode ser que fiquemos com ciúmes, achando que alguém mais está roubando a atenção que julgamos merecer. Podemos nos sentir amargurados e cheios de ódio para com alguém que tenha o costume de falhar conosco regularmente. Podemos ficar cheios de raiva.

Falar o que edifica significa dizer não para qualquer comunicação que flua destes desejos. O falar edificante não começa pela avaliação da situação, das necessidades da(s) pessoa(s) com quem precisamos falar nem de trechos das Escrituras que possam nos dar discernimento quanto àquilo que devemos dizer. Não. Falar o que edifica tem início com um *auto-exame.*

3. Falar o que edifica significa recusar-se a dizer qualquer palavra que seja contrária ao que o Espírito está procurando produzir em mim e nos outros (veja versículos 16-18). Como cristão, o que há de mais importante em minha vida é a conclusão da obra de Deus em mim e nos outros "para o louvor da Sua glória". Em momento algum eu quero impedir a obra de edificação de Deus nos menores detalhes da vida. Reconheço que, no final das contas, estes momentos não pertencem a mim, mas a Ele. São laboratórios onde Ele opera a Sua obra de santificação. Minha tarefa é ser um instrumento útil nas mãos dAquele que produz a edificação. Todas as vezes que eu falo com base nos meus desejos pecaminosos, es-

tou comunicando de modo contrário àquilo que o Espírito Santo está procurando produzir em mim.

4. Falar o que edifica envolve disposição para examinar como as obras da carne estão presentes na minha fala (veja versículos 19-21). Se estou procurando viver de modo coerente com a obra do Espírito em mim, sem dar lugar ao inimigo, eu devo estar disposto a examinar minha fala com o espelho da Palavra de Deus. Quero que "as palavras da minha boca e o meditar do meu coração" sejam agradáveis aos olhos do Senhor (Sl 19.14). Procuro identificar as palavras de inveja, ciúme, orgulho, facção, dissensão e divisão. Também procuro identificar as palavras de cólera, raiva, malícia e ódio, e ainda as palavras de egoísmo, justiça própria, autoproteção e defesa, bem como aquelas que evidenciam impaciência, irritação, falta de perdão, longanimidade e bondade. Procuro identificar um falar que seja ríspido ou materialista.

Não examino a mim mesmo com uma atitude de autocrítica mórbida que tende ao desalento. Eu me examino com alegria, reconhecendo que pela presença do Espírito Santo que habita em mim, eu não sou obrigado a viver debaixo do controle da natureza pecaminosa (Rm 8.5-11). Com alegria, eu busco agradá-lO em todos os aspectos, em todas as situações! Quero falar de modo digno da vocação a que fui chamado (Ef 4.1).

5. Falar o que edifica significa dizer "não" a qualquer racionalização, transferência de culpa ou discussão egoísta que possa servir de desculpa para um falar contrário à obra do Espírito Santo ou que possa fazer com que este falar pareça apropriado ou aceitável para um crente (veja versículos 19-20).

Eu era um jovem pastor de uma pequena congregação que lutava para sobreviver, necessitada de muito aconselhamento. Parecia-me impossível ter um momento quieto em casa sem que alguém não me telefonasse em meio à maior e mais recente crise. Eu temia ouvir o telefone tocar à noite e temia ainda mais ouvir as palavras "Paul, é para você". Embora eu não percebesse isto, cada vez mais eu olhava para determinadas pessoas da igreja como obstáculo para aquilo que eu queria, ao invés de vê-las como objeto do chamado que eu havia tão alegremente recebido do Senhor. Posso me lembrar de ocasiões em que recebia telefonemas e perguntava à minha esposa "Quem *é agora*?! *".* Mas em seguida, respondia com um "Alô" amigável e pastoral.

Um sábado à tarde, eu estava em casa com minha esposa e filhos, gozando momentos de descontração, quando recebi uma ligação de um jovem desesperado. Ele já andava desesperado há muito tempo e parecia ter o dom de me ligar nos momentos errados. Estava sempre desanimado, sempre pedindo ajuda, embora sempre oferecesse resistência ao auxílio que lhe era oferecido. Nada parecia funcionar para ele; dizia ter tentado de tudo, sem obter benefício algum. Ele estava agora em um dos hotéis de baixa categoria da cidade, dizendo que daria fim à sua vida de uma vez por todas e cometeria suicídio antes do fim dia a não ser que encontrasse uma razão para viver. Eu descobri onde ele estava, pedi a minha esposa que orasse, e entrei no carro para ir falar com ele.

Orei pelo caminho, e sabia que minha esposa estava orando, mas havia uma ba-

talha dentro de mim. Meus desejos eram conflitantes! Eu realmente não gostava daquele rapaz - não gostava da sua postura, da voz lamurienta, da necessidade que ele tinha de ser o centro das atenções. Eu odiava o modo como ele havia desprezado cada conselho que eu havia lhe oferecido, e estava ressentido do tempo que ele havia roubado da minha família e de outras áreas do meu ministério. Agora eu estava com raiva de ter que ir ajudá-lo mais uma vez. Enquanto eu dirigia, meus pensamentos agitavam-se em uma guerra entre preocupação pastoral e ressentimento pessoal.

Cheguei ao hotel, e nos sentamos em um cômodo com aspecto sujo, cheirando a cigarro e suor. Ele despejou a ladainha de reclamações costumeiras, e eu comecei a responder com verdades bíblicas. Foi então que ele me interrompeu e disse: "Você não vai pregar o mesmo sermão de novo, não é mesmo? Você não tem nada novo para me dizer?". Eu não podia acreditar no que estava ouvindo. Lá estava eu, preocupado com ele a ponto de dispor do tempo que teria com minha família, e ele zombava do meu esforço para auxiliá-lo, sem mostrar nenhuma consideração! Perdi o controle, dei lugar à raiva que eu havia alimentado por semanas e o agredi verbalmente, arrasando-o. Eu disse a ele exatamente o que eu e a igreja pensávamos a seu respeito. Lancei sobre ele tanta culpa quanto pude e disse-lhe que devia acordar daquela mesmice e finalmente fazer algo de bom. Orei por ele (!) e saí. Eu estava fervilhando enquanto voltava para casa.

No caminho para casa, não demorou muito para que eu começasse a me condenar. Também não demorou muito para que eu começasse a racionalizar e criar argumentos para me desculpar. Chegando em casa, eu estava convencido de que havia falado como um dos profetas do Antigo Testamento, proclamando um "assim diz o Senhor" em meio ao pecado e à rebeldia. Eu havia me convencido de que Deus usaria aquele momento dramático de revelação da verdade para gerar uma mudança permanente na vida daquele homem. Quando entrei em casa, minha esposa, que estivera orando, perguntou-me o que havia acontecido. Contei-lhe que eu havia falado tão duro com aquele rapaz quanto eu nunca havia falado antes no meu ministério. Certifiquei-me de usar a analogia do profeta com minha esposa. Ela imediatamente disse: "Parece-me mais que você ficou irado e falhou". No momento em que ela disse estas palavras, eu percebi com clareza minhas racionalizações auto-protetoras e fiquei tomado de remorso. Mais tarde, Deus usou a confissão do meu pecado e o conflito com aquele homem para começar a transformá-lo.

Deus quer que atentemos não só para o falar que se opõe à obra do Espírito, mas também para as racionalizações pecaminosas que utilizamos para fazer com que o nosso discurso seja aceitável à consciência.

6. Falar o que edifica significa "andar no Espírito" no que diz respeito às nossas palavras (veja versículo 25). Andar no Espírito significa estar comprometido com falar de modo coerente com a Sua obra em mim e que encoraje a Sua obra em outras pessoas. Neste texto, a obra do Espírito é apresentada com clareza. O Espírito trabalha para produzir em nós um fruto correspondente ao caráter de Cristo: amor, alegria, paz,longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio. Andar no Espírito

no que diz respeito ao falar significa que, por um ato de fé e submissão, eu elevo o meu falar ao padrão do fruto do Espírito e olho para as situações difíceis da vida como oportunidades concedidas soberanamente por Deus para o amadurecimento deste fruto em mim, pela Sua graça. Dificuldades não são obstáculos para o desenvolvimento do fruto do Espírito, mas oportunidades para vê-lo crescer.

Anos atrás, havia um homem em nossa igreja que era particularmente crítico em relação ao meu ministério. Eu travava uma luta interior todas as vezes que via aquele homem ou mesmo pensava nele. Posso lembrar-me de como ficava aliviado quando chegava a alguma programação da igreja e descobria que ele não estava lá. Eu também estava ciente de que ele não guardava consigo mesmo as suas opiniões. Ele havia começado a reunir ao redor de si pessoas que concordavam com ele. Nossa igreja não era grande, e assim o descontentamento foi ficando cada vez mais evidente. Eu decidi que já era tempo de pedir àquele homem para termos uma conversa. Contei a minha esposa que eu estava planejando falar com Pedro (nome fictício), e ela imediatamente perguntou-me o que eu estava pretendendo dizer. Enquanto eu compartilhava meus pensamentos com ela, pude perceber que ela estava reagindo negativamente, e então perguntei o que havia de errado. Ela disse: "Antes de você lidar com ele, Paul, você precisa lidar consigo mesmo. Parece-me que você odeia este homem. Eu não creio que algo bom possa resultar de uma confrontação do erro de Pedro até que você lide com as próprias atitudes".

Eu queria crer que Luella, minha esposa, fosse apenas mais uma entre as pessoas que estavam me entendendo mal e julgando erradamente; mas não era de fato assim. Ninguém havia dito palavras tão verdadeiras quanto as dela. Eu odiava aquele homem. Odiava o efeito controlador que ele exercia sobre mim e também odiava o fato de ele ter influenciado outros contra mim. Odiava o quanto a sua crítica provocava uma reavaliação constante de tudo quanto eu fazia como pastor! Ainda odiava a maneira pela qual ele havia destruído meu sonho de ministério e nossa igreja, bem como odiava o sorrisinho arrogante no seu rosto. Na verdade, eu não queria lidar com ele. Eu simplesmente queria vê-lo longe de mim!

Luella tinha razão. Eu não estava em condições de ser um instrumento do Espírito na vida de Pedro. O meu falar não seria edificante. Eu decididamente *não* estava andando no Espírito no que dizia respeito a este relacionamento, e precisava *de fato* lidar em primeiro lugar comigo mesmo, examinar o meu coração, confessar o pecado que estava lá e decidir falar de modo condizente com o fruto que o Espírito estava trabalhando em mim.

À medida que examinei meu coração, encontrei mais coisas que precisavam de mudança do que eu havia imaginado. Meu problema não era apenas ódio e ira, mas pecados ainda mais profundos. Boa parte da minha motivação para o ministério não era a obra do Senhor, mas meu sonho pessoal.

Eu sonhava ir para um campo ministerial difícil e ser bem sucedido como ninguém mais. Eu sonhava ser altamente respeitado por uma igreja em crescimento contínuo e, em pouco tempo, pela comunidade evangélica inteira. Eu sonhava ver um crescimento numérico, construir instalações amplas e modernas e liderar a igreja mais dinâmica da região. Mais que tudo, eu sonhava ser visto como a figura central em tudo isso.

Eu odiava aquele homem porque ele estava certo! A maneira pela qual ele lidava com suas preocupações a respeito do meu ministério não era correta, mas ele estava certo na percepção que tinha do meu orgulho. Sim, eu gostava de estar no centro de cada programação. Sim, eu queria ter a palavra final em cada assunto. Sim, eu ficava frustrado quando as pessoas eram obstáculos para meus planos. Eu odiava o quanto as coisas andavam devagar e o quanto as pessoas eram negativas. E eu lutava com Deus por ter-me colocado em um ministério tão árduo.

Aquele homem que eu odiava começou a ser um instrumento de resgate nas mãos do Senhor. Por meio de Pedro, meus sonhos egoístas e arrogantes foram expostos e começaram a morrer. Sob o calor desta provação, Deus revelou-me o pecado em meu coração de uma maneira nova. À medida que gastei vários dias examinando a mim mesmo e a situação, comecei a ser grato pelo homem que eu havia odiado. Não se tratava de uma gratidão pelo pecado de Pedro, mas por como Deus o havia usado em minha vida. Assim que desenvolvi gratidão, comecei a ouvir o que Pedro tinha dito a meu respeito e como ele havia falado. Percebi que havia coisas que Deus queria que eu aprendesse mesmo por meio daquele mensageiro irritante. Finalmente, à medida que atentei para como ele comunicava seus pensamentos, descobri muitas semelhanças entre ele e eu. Pedro era orgulhoso, opinioso, pronto a falar e impaciente. Eu odiava todas estas coisas, mas descobri que elas estavam presentes em mim também.

Naqueles dias, Deus me deu um amor genuíno e pastoral por Pedro. Quando conversamos, eu fui capaz de comunicar com ele de modo paciente, amoroso, bondoso, pacificador e com domínio próprio. À medida que refleti no bem que o Espírito havia feito em mim por meio de Pedro, eu até mesmo fui capaz de estar alegre com a oportunidade de ter aquela conversa difícil.

Andar no Espírito quanto ao falar não significa somente falar de maneira consistente com o que o Espírito está fazendo em *mim;* significa também falar de maneira que encoraje o crescimento do fruto na *outra pessoa.* Sinceramente, eu não estava me importando com o fato de Deus me usar na vida de Pedro até que Luella mencionou isso para mim. Apenas duas coisas importavam para mim: eu queria provar que Pedro estava errado, e depois eu queria que ele saísse da nossa igreja e me deixasse em paz! Eu tinha me deixado levar pela idéia de que a minha luta era contra "carne e sangue" (Ef 6.10-12). Eu via Pedro com o inimigo a ser derrotado, e tinha perdido de vista a batalha espiritual que acontecia abaixo da superfície. Eu não queria ser um servo para Pedro; eu queria que ele desse apoio aos meus sonhos. Mesmo como pastor de Pedro, a última coisa que eu queria era ser um instrumento de edificação na vida dele. Até o momento da conversa com Luella, eu nem mesmo tinha considerado a possibilidade de ser um instrumento útil ao Espírito para produzir fruto bom na vida de Pedro.

Afinal, quando a conversa com Pedro aconteceu, eu tinha uma disposição radicalmente diferente daquela que eu havia revelado inicialmente à minha esposa. Eu não queria mais "vencer". Eu não queria mais que ele se calasse e concordasse com os meus sonhos. Eu realmente desejava ser usado por Deus para produzir o fruto do Espírito em Pedro. Ele chegou para a nossa conversa pronto para a luta. Estava evidente que ele havia preparado as suas armas e ensaiado a defesa. Mas não hou-

ve batalha. Eu lhe disse que estava agradecido por suas percepções; que por meio dele o Espírito tinha de fato exposto o meu coração, e lhe pedi perdão. Antes mesmo que eu tivesse oportunidade de falar a respeito dele, ele disse: "Paul, eu também errei. Para ser honesto, eu deveria dizer que odiei você e que procurei oportunidades para criticá-lo diante dos outros. Eu estava irado com você e irado com Deus por ter-nos colocado nesta igreja. Eu lhe peço perdão".

Aquela noite, pela primeira vez em muito tempo, Pedro e eu andamos no Espírito em nosso falar, e o Espírito produziu um novo crescimento em nós. Mas não deixe que a questão central passe despercebida: tudo começou com alguém que me confrontou e encorajou a examinar o próprio coração antes de confrontar Pedro. Andar no Espírito quanto ao falar significa separar tempo para ouvir, examinar, refletir e preparar. Significa comunicar com base no compromisso de participar da obra contínua do Espírito na nossa vida e na de outros.

7. Falar o que edifica significa não dar lugar às paixões e aos desejos da natureza pecaminosa(veja versículos 24 e 16). Preste bastante atenção às palavras do versículo 24: "E os que são de Cristo Jesus crucificaram a carne, com as suas paixões e concupiscências". Repare que este texto não está na voz passiva. Ele diz que quando aceitamos a Cristo *nós* crucificamos as paixões e os desejos da natureza pecaminosa. Este texto leva-nos a considerar um aspecto do evangelho que com freqüência é omitido. O evangelho é uma mensagem gloriosa que fala de *consolo,* perdão dos pecados, livramento da condenação, restauração dorelacionamento com Deus, dádiva do Espírito e garantia da eternidade. Mas o evangelho é também um *apelo* a abandonar a vida em conformidade com os anseios da natureza pecaminosa para que possamos viver para Cristo. Asalvação, no sentidomais amplo, não se resume em receber consolo; ela inclui também a resposta ao apelo de santidade. O compromisso assumido de uma vez por todas com uma vida piedosa, crucificando as paixões e os desejos da natureza pecaminosa, deve ser vivido em todos os nossos relacionamentos e circunstâncias de vida, pelo poder de Cristo em nós.

Não há lugar onde este compromisso seja mais necessário que na área da comunicação. Se formos humildes e honestos, admitiremos que muito do que dizemos é guiado pelas paixões e desejos da natureza pecaminosa e não por um compromisso com a vontade e a obra de Cristo. Os maridos que lançam em direção às esposas palavras de crítica carregadas de ira, as esposas que se entregam à murmuração e às queixas, as crianças que explodem em ira contra os pais, os pais frustrados que agridem seus filhos com palavras, os membros do corpo de Cristo desapontados que difamam seus líderes, todos estes estão dando lugar às paixões e desejos da natureza pecaminosa. O resultado é uma colheita de fruto mau: relacionamentos quebrados, problemas não resolvidos e complicações adicionais.

Falar palavras moldadas pela emoção e por desejos da natureza pecaminosa é negar a promessa que Cristo fez de nos libertar do domínio do pecado e também negar o nosso compromisso de vivercomo pessoas que *pertencem* a Ele. Falar de modo edificante significa falar com base na capacidade de domínio próprio concedida a nós por Cristo, Aquele que quebrou as cadeias de nossa escravidão ao peca-

do e nos deu o dom de Seu Espírito que habita em nós. Nossa boca pode ser instrumento de justiça! Podemos dizer "não" às emoções e desejos da natureza pecaminosa.

8. Falar o que edifica significa ver os relacionamentos como meio de restauração (veja capítulo 6, versículos 1 e 2). Paulo diz:

"Irmãos, se alguém for surpreendido nalguma falta, vós, que sois espirituais, corrigi-o com espírito de brandura". Ele está mencionando uma condição que diz respeito a todos nós aqui na terra. Somos "surpreendidos" em ira, orgulho, autocomiseração, inveja, vingança, justiça própria, amargura, cobiça, egoísmo, medo e falta de fé. Muitas vezes não estamos cientes de que caímos em pecado, nem mesmo sabemos como nos livrar. Há pecados aos quais somos cegos ou que constituem nosso campo de batalha em particular. Haverá um dia em que as ciladas cairão por terra e estaremos *com* Cristo para sempre! Mas até aquele dia, precisamos reconhecer que nós, como pecadores, caímos facilmente no pecado. Por isso precisamos uns dos outros.

Paulo diz: "vós, que sois espirituais, corrigi-o com espírito debrandura". Quando "andamos no Espírito" (verso 25), estamos em condições de ser um dos instrumentos de restauração de Deus.

Falar o que edifica significa permitir que esta disposição restauradora controle nossos relacionamentos. Todos nós somos tentados a pensar que nossos relacionamentos nos pertencem. Tendemos a olhar para as outras pessoas como se elas nos pertencessem. Os pais caem nesta armadilha com seus filhos; mais tarde, na adolescência, quando os filhos são mal-sucedidos, os pais são incapazes de superar a própria ira e dor para serem agentes de restauração daquilo que eles mesmos promoveram! Maridos e esposas acreditam que é responsabilidade do cônjuge fazê-los feliz. A vida passa a se constituir de uma série de testes em que as pessoas são julgadas de acordo com a maneira de reagir a nós e com base em como elas nos afetam. Procuramos receber respeito, amor, apreciação, aceitação e honra adequados, e descobrimos que é difícil dar continuidade a um relacionamento quando estas coisas não existem.

Paulo está nos chamando a algo completamente diferente. Esta nova disposição nos relacionamentos tem suas raízes no reconhecimento básico de que nossos relacionamentos não pertencem a nós, mas a Deus. Uma vez que começamos a conceber nossos relacionamentos desta forma, percebemos também a necessidade de restauração ao nosso redor. Por exemplo, quando você está em viagem de férias e as crianças começam a discutir no banco de trás, há algo mais acontecendo do que o simples fato de suas férias tão preciosas estarem sendo arruinadas! A necessidade de restauração está se fazendo sentir. Você pode reagir a esta situação como um pai irritado, cujos filhos estão roubando as férias dos seus sonhos, ou você pode responder como um restaurador que quer ser um instrumento nas mãos do grande Restaurador.

Quando um casal discorda mais uma vez a respeito daquele assunto já tão batido, é hora de fazer algo mais que lamentar um casamento que não funciona ou queixar-se do cônjuge que nunca se define. Eles precisam descobrir onde estão sendo "surpreendidos" e precisam reagir um ao outro não com uma disposição de fazer exigências, mas de restaurar. A maior tarefa nos relacionamentos humanos

não é a procura da felicidade do homem, mas a reconciliação com Deus e a restauração da imagem de Seu Filho.

9. Falar o que edifica significa falar com humildade e brandura (veja capítulo 6, versículo 1). Diante da fraqueza do próximo, da tentação e do pecado, as palavras ásperas ("Por que você não dá um jeito na vida?", "Se você acha que vou arrumar a sua bagunça, está muito enganado!") e orgulhosas ("No meu tempo" ou "Não posso me relacionar com alguém que faz isso!") simplesmente contradizem a mensagem do evangelho.

Nossa reação natural quando vemos um irmão seduzido pelo pecado deve ser de brandura. Devemos reconhecer que, não fosse pela graça de Deus, estaríamos onde ele está. E então devemos responder com a mesma graça que recebemos. Deus nos amou quando não éramos merecedores de amor. Ele nos perdoa a despeito de pecarmos repetidas vezes. Na verdade, é Seu amor que nos leva das trevas para a Sua maravilhosa luz. Mesmo enquanto ainda lutamos com a realidade do pecado, é vital que a nossa comunicação uns com os outros seja reflexo do amor de Cristo que nos constrange. Ele é nossa única alegação persuasiva, nossa única esperança. Apenas Ele é capaz de mudar nosso coração. Queremos falar de modo tal que leve as pessoas a depositarem esperança nEle.

Também estamos livres para falar com brandura porque abrimos mão completamente da esperança de que o coração possa ser transformado por pressão, lógica e poder humanos. Em momento algum é o volume da nossa voz, o poder das nossas palavras, o drama da situação, a criatividade das nossas ilustrações, a força do nosso vocabulário, o fantasma das nossas ameaças, a majestade dos nossos gestos o que provoca mudança nas pessoas. A brandura flui do conhecimento da verdadeira fonte do poder. Deus pode usar palavras pronunciadas em voz baixa para produzir uma convicção tremenda em um coração. Sim, queremos pensar e falar adequadamente, mas somente porque queremos ser instrumentos úteis nas mão dAquele que produz de fato a mudança, e não porque depositamos confiança na nossa habilidade para produzir mudança.

Palavras de brandura não vêm de uma pessoa que está irada e querendo decidir o placar. Vêm de uma pessoa que está falando motivada não por aquilo que quer *de* você, mas por aquilo que quer *para* você. Sou capaz de falar com brandura somente quando não falo motivado por dor, ira e amargura pessoal, mas por um amor sacrificial que visa edificação. Eu me dirijo a você não porque o seu pecado me atingiu, mas porque ele está prendendo você em uma armadilha e eu desejo vê-lo livre deste laço. Não estou em missão de confrontação egoísta, mas de resgate amoroso. E eu sei que, de certa forma, todos nós precisamos deste resgate diariamente.

10. Falar o que edifica significa viver e comunicar tendo os outros como centro da atenção (veja Gálatas 6.2). A ilustração aqui é de pessoas caminhando. Elas não estão fixando o olhar apenas naquilo que precisam carregar, mas olhando ao redor para identificar aqueles que precisam de ajuda. Com as palavras "levai as cargas uns dos outros", Paulo apresenta-nos a sua intimação. Ele nos chama aolhar além do conforto, sucesso e vantagens pessoais, de modo que enxerguemos as

pessoas que estão lutando para carregar seus fardos e dividamos com elas o peso. Este é o método de Cristo.

Também somos intimados a falar uns com os outros movidos por esta mentalidade de "carregadores de fardos". Quando vemos alguém que luta com sua fraqueza, apontamos para a força que há em Cristo. Ao ignorante falamos com palavras de verdade que transmitem sabedoria; ao temeroso falamos do Deus que está sempre presente nas dificuldades; ao aflito procuramos oferecer palavras de conforto; ao desencorajado procuramos levar palavras de esperança; ao solitário acolhemos com expressões do nosso amor e da presença de Cristo; ao irado apontamos um Deus de retidão, vingança e justiça; ao que está envolvido em conflitos procuramos falar como pacificadores e reconciliadores; ao ansioso apontamos para o descanso que Cristo deu aos Seus.

Falar de modo edificante significa escolher nossas palavras com cuidado, sem dar lugar às paixões e aos desejos da natureza pecaminosa. Não queremos induzir outros ao pecado por meio da nossa própria vaidade e inveja. Também não queremos morder e devorar uns aos outros com palavras, antes estamos comprometidos em servir uns aos outros em amor por meio das nossas palavras. Queremos falar em consonância com aquilo que o Espírito está procurando produzir em nós e nos outros, de modo compatível como Seu fruto e que encoraje o crescimento deste fruto em outros. Finalmente, queremos falar em humildade e brandura, como agentes de restauração, como carregadores de fardos comprometidos com viver pela lei do amor de Cristo.

Que reavivamento, reconciliação e restauração radical aconteceriam em nossas igrejas, lares e amizades se respondêssemos a esta intimação em cada relacionamento e situação! Quão diferentes as coisas seriam se estivéssemos firmemente comprometidos com falar de modo edificante! Quão diferente teria sido o relacionamento entre João e Beatriz se eles tivessem atendido ao apelo de Deus para falarem um com o outro usando palavras que edificam! Como é importante para nós a boa escolha das nossas palavras!

Cuidado com suas Palavras

E. Bradley Beevers[1]

Recentemente, assisti a um filme de Disney chamado *Aladim.* Como bom expectador, coloquei-me no lugar do herói. Mais tarde, pensando sobre o filme, perguntei a mim mesmo o que eu pediria a Deus se pudesse ter três desejos realizados. Imediatamente, a história do sonho de Salomão veio-me à mente. Deus deu oportunidade ao rei para expressar um desejo, e ele pediu sabedoria para governar Israel. Será que eu também teria desejado sabedoria? Mas eu não tenho a responsabilidade de governar Israel como ele, pensei. Talvez eu desejasse santidade. Por fim, acabei descartando da minha mente estes pensamentos.

No entanto, alguns dias mais tarde, a idéia do "desejo" voltou-me à mente. Eu havia pensado em algo que poderia pedir. Desejei poder retirar alguma palavra que eu tivesse dito, um comentário impensado, talvez feito sem intenção hostil, mas pecaminoso, maldoso - ou até mesmo tolo. Se você tivesse um cupom que lhe desse direito a ter um desejo atendido no final do dia, quantas vezes você o usaria para "desdizer" palavras que saíram da sua boca? Você poderia usar esse cupom em diversas situações. Por exemplo, digamos que você estava conversando informalmente e soltou uma piada boba ou um comentário que ofendeu outra pessoa. Ou talvez você estava nervoso e acabou falando demais. Ou então você estava em casa, irritado, e se expressou de modo agressivo com um colega, com o cônjuge ou as crianças. Ou depois de cometer um erro, você tentou se explicar; mas quanto mais você falou, pior ficou a situação. A lista poderia não ter fim. Como Tiago está certo em dizer que "... se alguém não tropeça no falar é perfeito varão, capaz de refrear também todo o seu corpo" (Tg 3.2)!

As Escrituras advertem-nos quanto a levar a sério as nossas palavras. Trata-se de uma batalha contínua, ao longo da vida cristã. Jesus descreveu odia do julgamento

[1]Tradução e adaptação de *Watch your Language!* Publicado em *The Journal of Biblical Counseling. v.12,* n.3, Spring 1994, p. 24-30.
E. Bradley Beevers dirige um centro de discipulado e é candidato a PhD no Westminster Theological Seminary.

final como aquele dia em que os homens darão conta "de toda palavra frívola que proferirem..." (Mt 12.36). O uso que fazemos das nossas palavras, disse Jesus, estabelece a diferença entre o salvo e o perdido. "Porque, pelas tuas palavras, serás justificado e, pelas tuas palavras, serás condenado" (Mt 12.37). As palavras são muito importantes, pois elas revelam quem de fato somos. As árvores boas produzem frutos bons, enquanto que as más, frutos maus. Cada um revela o que há no seu interior: "... a boca fala do que está cheio o coração" (Lc 6.45). Por conseguinte, Paulo exorta aqueles que se despiram do velho homem para que não deixem sair da sua boca "nenhuma palavra torpe, e, sim, unicamente a que for boa para edificação, conforme a necessidade, e assim transmita graça aos que ouvem" (Ef 4.29).

Conversa torpe não consiste apenas em falar quando você deve ficar calado ou em dizer alguma coisa da qual venha a se arrepender logo em seguida. Algumas coisas que dizemos são más por outras razões. Por exemplo, em algumas conversas, determinamos o que é bom ou mau perguntando-nos quando, para quem, em que circunstâncias, com que tom de voz falamos alguma coisa. Por outro lado, fazemos distinção entre uma "conversa obscena" e outros tipos de conversa. A "conversa obscena" é intrinsecamente má. Não é uma questão de dizer algo na hora errada ou à pessoa errada. Este tipo de "conversa torpe" é sempre errada e deve ser sempre evitada pelo crente.

Pense nisto. A linguagem obscena é torpe, sempre, e os cristãos estão certos em evitar o seu uso. Mas afinal, o que faz esta linguagem ser torpe? Não é o fato dela se referir a coisas que não deveríamos mencionar. Ela é torpe porque expressa uma cosmovisão pervertida, blasfema ou fortuita. Por exemplo, "maldito" não é sempre uma palavra torpe; no seu significado correto, refere-se a um ato divino. Deus condena o perverso. Quando o mundo usa esta palavra no sentido imprecatório, banaliza e zomba do julgamento divino. Outro exemplo poderia ser o uso que os crentes fazem dos termos "Deus", "Senhor" ou "Jesus" em expressões vulgares de surpresa ou irritação.

Escolhi, deliberadamente, dois exemplos que esclarecem como uma cosmovisão pervertida faz de uma expressão comum uma imprecação. "Maldito" ou "Deus" são palavras que podem ser usadas indevidamente ou de maneira correta. No entanto, a maioria das palavras obscenas ou expressões vulgares não são tão flexíveis assim; elas são sempre blasfemas ou pervertidas. Carregam uma cosmovisão "embutida" nelas mesmas. Tais expressões comunicam por si só rebeldia e incredulidade - não *naquilo* que descrevem, mas na *interpretação* implícita na descrição. Por exemplo, a maioria das expressões obscenas expressam hostilidade e/ou atitudes imorais por meio de termos baseados nas funções naturais do corpo humano. *Aquilo* que descrevem foi criado por Deus; *a interpretação* maldosa avilta e perverte aquilo que Deus criou. Não há como usar corretamente estas palavras. Elas devem ser simplesmente evitadas. As Escrituras reconhecem esta cosmovisão pervertida "Ninguém que fala pelo Espírito de Deus diz: Jesus seja amaldiçoado." (1Co 12.3)[2]. Há exemplos que talvez nem devam ser mencionados, pois "o que eles fazem em oculto, o só referir é

[2]O Novo Testamento. Nova Versão Internacional da Sociedade Bíblica Internacional.

vergonha" (Ef 5.12). Os cristãos, em geral, identificam este vocabulário como expressão de uma cosmovisão incrédula e, corretamente, consideram o seu uso pecaminoso.

Mas palavras "obscenas" não são as únicas expressões baseadas em uma cosmovisão incrédula. Muitas das nossas descrições e definições mais comuns concordam sutilmente com a maneira de pensar do incrédulo. Assim como as imprecações, os eufemismos também trazem uma cosmovisão implícita. Quando o mundo chama adultério de "caso", será que não está torcendo a descrição para eliminar qualquer avaliação moral e indignação? E a palavra substituta não foi pega por acaso no dicionário. Adultério lembra pecado; caso lembra quase um divertimento. O mundo está constantemente procurando uma maneira de fazer com que o seu comportamento pareça normal, aceitável e correto. Substituindo fornicação por "transa", ele elimina qualquer senso de desaprovação. "Sexualmente ativo" sugere que abstinência é sinônimo de passividade ou fraqueza. O que antes era sodomia (mencionada inicialmente em Gênesis 19) veio a ser "homossexualidade", em seguida "gay", e depois uma mera "preferência sexual" ou "estilo de vida alternativo". Atualmente, até mesmo a indignação moral contra estas perversões é rotulada pejorativamente de "homofobia".

Um passo à frente

Esses exemplos são bem conhecidos e o preconceito que expressam para com a Bíblia é obvio. Os cristãos devem vigiar as suas palavras (e freqüentemente o fazem) para que não reforcem a perspectiva mundana nem se rendam sutilmente a ela. Mas vamos dar um passo à frente. Todas as áreas em que a rebeldia e a incredulidade são expressas em forma de palavras devem ser igualmente confrontadas. Até aqui, eu não ataquei aspectos sutis do linguajar. Aquilo que definimos como expressões blasfemas e "politicamente corretas" está obviamente baseado em uma visão mundana contrária ao cristianismo. Mas agora vamos lidar com um caso um pouco menos óbvio: como as pessoas usam as palavras para diminuir a responsabilidade por seu comportamento. Primeiro, considere como o mundo costuma se referir aos pecados óbvios. Vivemos em uma sociedade onde gastar demais é comum. No entanto, dificilmente usamos a palavra cobiça para descrever este tipo de comportamento. Trata-se simplesmente de um estilo de vida "confortável". Padrões de desobediência são "problemas", e não pecados. Reclamar ou murmurar são maneiras de dizer "o que eu estou sentindo" ou de "ser honesto". Às vezes, até mesmo na igreja, falamos mal de alguém e chamamos isso de "compartilhar" ou "pedir um conselho", em vez de maledicência ou calúnia.

Compreenda o que está acontecendo aqui. Palavras não apenas descrevem, mas interpretam. Quando usamos uma palavra como maledicência, muitas imagens e exortações bíblicas vêm à nossa mente - e é certo que venham! Quando tentamos descrever a mesma atividade de maneira mais "neutra", o que fazemos, na verdade, é uma descrição não-bíblica. As categorias descritivas de Deus *não* são neutras. Uma mente cientificamente orientada pode nos condicionar a pensar naneutralidade como apropriada. Mas não é assim que deve ser Vivemos em um universo que ecoa a voz de Deus. Tudo quanto Ele criou e governa expressa a Sua glória e manifesta a Pessoa de Deus. Na verdade, "neutralidade" é uma rendição à incredulidade. É uma

recusa a falar e pensar de acordo com a perspectiva de Deus. Falar com "neutralidade" é falhar na proclamação da verdade de Deus a um mundo perdido e deixar de convocá-lo ao arrependimento. Será que não estamos proclamando a verdade de Deus e Sua perspectiva quando usamos o termo adultério ou fornicação em lugar de usar uma linguagem mais neutra com um colega de trabalho? Ou será que o termo "estilo de vida alternativo" não tem a função de suavizar a consciência e silenciar a condenação de Deus? O nosso falar deve afirmar a interpretação de Deus, opondo-se ao pensamento rebelde do mundo. Não somos "neutros"; somos a favor de Deus. Os incrédulos também não são "neutros"; eles são contra Deus. O nosso falar deve refletir esta verdade de tal maneira que "quer comais, quer bebais, ou façais outra cousa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus".

A linguagem do mundo subestima a responsabilidade pessoal quando descreve padrões emocionais e de comportamento. Estes são assuntos importantes que têm recebido a atenção popular. Mas quando descreve um comportamento sexual, o mundo muda os termos para que a atenção não recaia sobre a responsabilidade pessoal e o pecado. Primeiro, o mundo desvia a atenção da responsabilidade pessoal falando como se a situação, e não a pessoa, fosse responsável pela ação. *"Isso* me deixou muito irado". *"O comportamento dele* deixou-me amargurado". *"Você* é tão irritante". *"O sofrimento intenso* tirou-me o desejo de seguir a Deus". Supostamente, nada podemos fazer quanto às nossas reações. Desde que elas são resultados diretos da situação, elas se tornam parte da própria situação. Não há como escapar.

Segundo, o mundo desvia a atenção da pecaminosidade da situação buscando uma descrição "neutra" da experiência. Por exemplo, os cristãos reconhecem a diferença entre falta de esperança, tristeza, culpa, medo, ira e aflição. Biblicamente, são distintos. Cada descrição refere-se a algo específico, e cada uma destas emoções pode ser facilmente inserida em um contexto moral. O incrédulo as reúne todas em uma categoria *neutra* (esvaziada de valor em termos descritivos) como "abalo emocional". Padrões pecaminosos que geram contendas são chamados de "conflitos de personalidade" (a respeito dos quais nada se pode fazer). Hábitos escravizadores pecaminosos são chamados de "doenças", "compulsões" (irresistíveis) , "vícios". Tais termos ignoram a perspectiva de Deus acerca destas experiências humanas, e fazem com que a maneira de pensar do mundo sobre emoções, ações ou opiniões pareça normal ou mesmo natural. Os passos para o distanciamento de uma perspectiva bíblica são freqüentemente sutis. Eu só estava "mal-humorado" - não fui grosseiro nem expressei ódio ou falta de amor. Estou "desencorajado" - não perdi a verdadeira perspectiva nem vacilei na fé. Estes exemplos mostram claramente que não há como falar de maneira neutra. Procurando ser neutro, o incrédulo está na verdade tentando justificar o seu comportamento pecaminoso. A assim chamada neutralidade é um pretexto para ódio e rebeldia para com Deus.

Mas espere um pouco. Nós ouvimos expressões semelhantes a estas não só no trabalho, mas na igreja também. Precisamos saber mais a esse respeito. Por que esses termos são tão populares? O que há de atraente neles? Uma possível explicação é que as descrições neutras são atra-

entes aos incrédulos porque elas justificam sua rebeldia. Elas fazem o pecado parecer normal. Naturalmente, essa dinâmica pecaminosa atrai também o crente. Ela alimenta desejos carnais de autocomiseração e justiça própria. Mas há uma outra razão a ser considerada. Freqüentemente, fatores circunstanciais, lutas pessoais, tentações, pensamentos, desejos, anseios e experiências podem ser descritos em detalhes vívidos. "Sexta-feira à tarde, após uma semana estressante, meu chefe chamou-me em seu escritório. Em cinco minutos eu estava despedido, sem muitas explicações. Eu não sabia bem o que fazer. Nem mesmo me lembro do momento em que saí da sala. Eu queria sair dali correndo; eu queria bater nele. Eu queria desistir de tudo. Eu simplesmente sentei à minha mesa em estado de choque. Eu estava transtornado. Que ousadia! Passei os três dias seguintes dividido entre o desânimo e o desejo de matá-lo. Eu não conseguia dormir. Não conseguia pensar em nada mais. Foi um tremendo choque. Eu precisava parar de pensai nele, pois cada vez que isso acontecia eu ficava ensaiando o que eu deveria ter dito a ele, e eu tremia de raiva".

Ouvimos esta descrição e pensamos: "Foi assim mesmo!". A precisão é impressionante. Mas cuidado! "Esse homem de fato entende o que significa passar por isso!" Cuidado! Estas descrições são seletivas. As respostas naturais ou carnais são retratadas em grandes detalhes. As lutas espirituais não. Detalhes vívidos não são neutros; eles trazem uma visão secular implícita.

A descrição daquela sexta-feira à tarde poderia ter sido muito diferente. "Quando eu saí daquele escritório, fui tentado a extravasar a ira como nunca antes nos três anos em que trabalhei lá. Eu estava em estado de choque. Lembro-me vagamente de ter balbuciado uma oração pedindo ajuda, ao mesmo tempo que eu repassava em minha mente aquilo que ele havia dito e lutava com minha ira. De repente, as passagens bíblicas que eu havia memorizado vieram à minha mente de maneira clara: `Deus não permitirá que sejais tentados além das vossas forças; pelo contrário, juntamente com a tentação, vos proverá livramento, de sorte que a possais suportar'. A situação ficou clara aos meus olhos, como se o Senhor tivesse acendido a luz em um quarto escuro. Eu sabia que estava em uma encruzilhada. Eu poderia nutrir a amargura, a ira e a frustração; poderia fugir; deixar o emprego sem mais falar com ele; poderia alimentar em meu coração amargura e ódio. Ou então eu poderia fazer o que Jesus teria feito: ser gentil, retribuir com o mal com o bem, orar por ele. Eu poderia voltar na segunda-feira, bem disposto, e limpar a minha mesa".

Qual a diferença básica entre as duas descrições? Você já sabe. A primeira pretendia ser neutra, mas na verdade expressou as tendências da carne. Ela ignorou tudo quanto diz respeito à vida cristã: o propósito de Deus, Sua perspectiva, a natureza espiritual da tentação, a luta em busca de esperança e da resposta correta, a solução para o problema. No processo, a primeira descrição sutilmente justificou a ira e a depressão, fazendo-as parecer naturais. E de certa forma, tais reações são muito naturais. Mas desde que Cristo nos salvou, não somos mais como o "homem natural" que não entende as coisas do Espírito de Deus. Uma descrição precisa é importante; as lutas espirituais precisam ser descritas em detalhes vívidos para que o nosso ensino seja prático e reflita a realidade da vida. No entanto, uma descrição exata inclui uma interpretação

exata. Precisamos compreender corretamente o quadro todo.

Um exemplo para estudo: "Estou mal".

Como você pode começar a identificar a linguagem torpe e se arrepender de seu uso? Comece um passo por vez. Vamos trabalhar um exemplo específico. Os cristãos deveriam usar a expressão "estou mal?". "Estar mal" é uma maneira neutra de expressar tristeza ou depressão, que pode ser traduzida como falta de esperança ou fé, como uma maneira de focalizar em situações desagradáveis em vez de se concentrar no cuidado soberano de Deus, ou ainda como uma murmuração. "Estou mal" tira qualquer indício de que haja uma problema moral envolvido na emoção. A maioria de nós ficaria muito surpreso se um amigo nos dissesse que deveríamos nos arrepender quando compartilhamos que "estamos mal"! No conceito popular, não ficamos "mal" porque há alguma coisa errada conosco. Nós simplesmente ficamos desse jeito. Algo está errado na situação; nós estamos reagindo normalmente. Isso vale para todos nós, quando falamos com pessoas que "estão mal". Costumamos perguntar "O que aconteceu?", em vez de perguntar "Por que você está reagindo assim à situação?".

Há outras coisas a considerar sobre esse termo. Primeiro, ele é vago. As emoções descritas são amplas - depressão, ira, falta de esperança, tristeza, aflição, ressentimento, culpa, autocomiseração. Segundo, a explicação do porquê nos sentimos dessa maneira é inadequada. O foco recai quase que exclusivamente sobre a situação; nenhuma atenção é dada aos demais pensamentos ou sentimentos que nos levaram a "estar mal". Poderíamos traçar o seguinte diagrama: *Situação* → *Emoção.* O termo central e crucial é omitido: *Situação* → *Pessoa* → *Ação.* Mais uma vez, isso é neutralizar! Quando omitimos o termo "pessoa", não faz diferença se a situação atinge um crente ou um incrédulo, o próprio Senhor Jesus ou o pior dos pecadores. Certo ou errado deixam de ser categorias relevantes. Mas isso não é nem de longe verdadeiro no que diz respeito aos termos mais específicos que listamos anteriormente. Quando uma pessoa diz que está triste por causa da morte de seu pai, sabemos que ela está triste porque sofreu uma perda. A reação é boa. Se aquela pessoa dissesse estar sem esperança, deprimida ou imersa em autocomiseração por causa dessa morte, nossa reação deveria ser diferente! Termos específicos nos dão informações cruciais sobre a pessoa, permitindo-nos saber como melhor lidar com a situação dentro de uma perspectiva bíblica. O mundo não tem essa visão. Quando alguém "está mal", o mundo não pode oferecer nada além de inúmeras expressões de compaixão e um fraco "tudo vai dar certo" na melhor das hipóteses. Não há esperança de mudança verdadeira de vida nem de uma melhora futura.

Será que a Bíblia não fala da experiência de "estar mal" focalizando especificamente a pessoa, Deus e aquilo que é certo, em vez de olhar simplesmente para a situação? Observe, por exemplo, os Salmos 42 e 43. Quando o salmista está "abatido" e "perturbado", não é porque ele parou de ir à casa de Deus com a multidão de adoradores. Não é porque ele está sendo oprimido pelos inimigos, homens fraudulentos ou injustos. Essas coisas estão acontecendo. Mas a causa da angústia é que a sua alma não está esperando

em Deus. Ele não descreveria a si mesmo como alguém que "está mal". Ele vê a situação de maneira mais clara: "Por que estás abatida, ó minha alma? ...Espera em Deus". O foco do Salmo é que o salmista tem sede de Deus assim como a corça suspira por água corrente.

Que quadro diferente do quadro de transferência de culpa e autocomiseração da linguagem do mundo! O vocabulário que o salmista usa indica um estudo cuidadoso do seu coração, a descoberta do verdadeiro problema e a busca de uma solução em Deus. Esse vocabulário deve ser o seu alvo! O seu falar deve não apenas evitar a lamúria desagradável do mundo, mas expressar com precisão a sua situação espiritual e sua reação. Já descrevi esse tipo de atitude em alguns exemplos que mencionei acima. Mas este é apenas o começo! Precisamos de um vocabulário completamente cristão; devemos agir como cristãos em cada detalhe da vida. Isso não quer dizer que inventamos e internalizamos uma atitude de "supercrentes" que nos faz menos acessíveis ao mundo. Nosso alvo é usar palavras que proclamam a verdade de Deus a respeito de nós mesmos e do Seu universo - uma linguagem que evita a maneira enganosa de falar do mundo.

Um outro exemplo para estudo: "Porque".

Porque. Trata-se de uma palavra tão simples, mas de muito conteúdo. Usamos esta palavra quando queremos falar sobre o que causa o nosso comportamento ou nos motiva a fazer algo. Por que eu fiz aquilo? Eu fiz *porque ...* A Bíblia fala alguma coisa sobre o porquê agimos como agimos? Ela nos ensina o que causa nossas reações? Sem dúvida que sim. Nossas ações revelam as motivações que há no nosso coração. Se os pensamentos e as intenções do coração são maus, então nosso falar e comportamento refletirão isso; se o nosso coração for puro, nossas ações serão puras. Embora eu esteja dando um resumo rápido, tudo o que a Bíblia diz sobre causas e motivações encaixa-se nesta estrutura.

Esta é a questão básica. Todas as nossas palavras, assim como todas as nossas ações, refletem obediência ou desobediência a Deus. Linguagem torpe é aquela que comunica o que é falso ou impiedoso. As palavras retratam uma cosmovisão e expressam (ou nos traem ao expressar) o que acreditamos na prática. Nossas ações revelam aquilo em que acreditamos. Lucas 6.45 ensina-nos claramente a este respeito: "O homem bom do bom tesouro do coração tira o bem, e o mau, do mau tesouro tira o mal; porque a boca fala do que está cheio o coração". Não podemos nos esconder; as nossas palavras revelam quem somos. A nossa tarefa é fazer com que as nossas palavras, assim como as nossas ações, apliquem os ensinos da Bíblia.

Vejamos um exemplo. Roberto e Susana saem para uma caminhada no campo. Sem querer, esquecem um dos cantis no carro. O dia está quente e a trilha é difícil. Depois de aproximadamente uma hora e meia, a água disponível acaba. Eles continuam a caminhada na montanha, mas não há nenhuma bica à vista. Eles prosseguem por mais uma hora e avistam uma placa de sinalização. Roberto descobre, então, que ele deixou passar a entrada de retorno há cerca de 45 minutos. Susana diz: "Ótimo. Que divertido! Obrigada por ter-me trazido aqui". Roberto, um pouco surpreso com o sarcasmo dela, decide não

responder. Susana percebe o que disse e tenta se explicar: “Desculpe-me. Eu disse isso apenas porque...

- estou muito cansada. Não ligue para isso”.
- eu sou assim mesmo. Às vezes sou um pouco ríspida. E apenas minha maneira de me relacionar. Não é nada com você”.
- eu sempre fui tratada assim na minha família, e agora faço o mesmo”.
- meu dia está péssimo hoje. Esse é o problema”.
- é horrível ficar sem água, sentir calor e estar perdida. Eu só estou chateada”.
- só estou falando o que eu sinto”.

É possível até imaginar estas respostas sendo dadas. Mas qual delas está certa? Qual delas você esperaria receber de um crente naquela situação? Dê uma olhada novamente para a lista. Quais respostas são razoáveis?

A resposta correta é nenhuma delas. Por quê? Porque nenhuma oferece uma explicação bíblica adequada para o comportamento de Susana. A maneira ríspida com que Susana dirigiu-se a Roberto é errada; é pecado. Talvez o cansaço, o pano de fundo familiar ou os hábitos de relacionamento possam ser fatores de influência. Eles certamente moldam as tentações específicas que Susana enfrentou. Mas eles não explicam *o porquê* ela respondeu com frustração. Susana é certamente singular em seu cansaço, no calor, na família de srcem ou no “dia péssimo”. Mas em termos bíblicos, nenhum desses fatores *causam o* seu comportamento pecaminoso. Nenhum deles nos dá o porquê dela ter sido ríspida. Portanto, ela não deveria dizer “Eu agi assim *porque..., ”* e completar a frase com razões que na verdade são desculpas.

Lembre-se de que vimos que o salmista refletiu sobre o seu comportamento e estudou o que estava acontecendo. Tente imitá-lo. Tente ver a situação de Roberto e Susana de um ponto de vista cristão. O que “causou” o comportamento? Você se lembra do nosso diagrama? *Situação* → *Pessoa* → *Ação* (no diagrama anterior, o terceiro item era emoção; neste, comportamento). A Bíblia nos ensina que o comportamento de Susana não procede da situação, mas da pessoa que reage à situação. Sendo assim, a pergunta “por quê” não deve ser respondida com referência à situação, mas com referência à pessoa. Por que Susana expressou seu mau-humor com sarcasmo? Não é porque ela *estava* com calor ou sede. É porque ela não *queria o* transtorno e o incômodo de estar com calor e sede.

Quero dar uma ilustração simples que aprendi quando criança, na escola dominical. Uma pessoa é como um esponja; as circunstâncias da vida espremem a esponja. O que sai de uma esponja quando você a espreme? Bem, isso depende daquilo em que ela está banhada. Se a esponja estiver ensopada de tinta, sairá tinta; se ela estiver ensopada de água, então sairá água. O mesmo acontece com o crente. Se você está cheio da vida de Cristo, você responde às circunstâncias desagradáveis de maneira que evidencia a Cristo. Se você está cheio de desejos egoístas e mundanos, o seu comportamento reflete tais desejos. 2 Coríntios 4.6-18 ensina isto com clareza. Temos o tesouro da luz do conhecimento da glória de Deus que brilha nos nossos corações, um tesouro contido em vasos de barro. Visto que contamos abundantemente com o poder de Deus, quando somos “pressionados”, não ficamos angustiados, desamparados nem destruídos. Antes, a vida de Jesus revela-se em

nosso corpo mortal. Não ficamos desanimados, pois embora o nosso exterior se desgaste, o nosso interior renova-se a cada dia. Os nossos problemas leves e momentâneos produzem eterno peso de glória, pois aguardamos ansiosamente pelas coisas eternas que agora não vemos.

As circunstâncias espremem a esponja, e a tinta sai. Por quê? Há duas possíveis respostas: (1) porque a esponja foi espremida (a razão da tinta *sair); ou (2)* porque havia tinta na esponja (a razão de sair *tinta). A* resposta bíblica à pergunta *"por quê?"* é a segunda. Deus está interessado no porquê saiu *tinta,* em vez de sair alguma outra coisa. E Ele tem uma boa razão! Ele está interessado na questão central a respeito de Susana. A questão não é saber o porquê Susana reagiu. Sabemos que ela reagiu porque é um ser humano vivo que se expressa! Mas a questão real é saber o porquê Susana reagiu *daquela maneira.* Por que *aquilo* foi exteriorizado? As explicações de Susana, listadas acima, são várias maneiras de dizer "a tinta saiu porque eu fui pressionada". A explicação bíblica é sempre "a tinta saiu porque havia tinta lá dentro". Palavras duras e pouco amáveis não têm como causa o calor excessivo, a falta de água, o cansaço, o pano de fundo familiar ou ofato do casal ter-se perdido por culpa de Roberto. A causa é um coração não consagrado.

Sofrimento, comportamento e linguagem

Essa abordagem levanta uma questão bíblica ainda mais ampla. Qual é a relação entre as situações difíceis, dolorosas (ou desagradáveis) e o comportamento? A resposta mais clara é que asituação é como o cenário de uma peça teatral. Ela é o palco, mas não a ação. Se alguém disser que a cena se dá em uma estação de trem, isso ainda não nos diz muito a respeito do enredo! Este poderia ser alegre, triste ou de terror. O mesmo acontece com as nossas situações. "Eu cresci em uma família marcada por abuso" poderia dar início a uma história que destaca a fidelidade e o livramento de Deus, ou poderia dar início a uma história centrada em autocomiseração e murmuração. Cada situação tem suas tentações próprias, mas a trama é encenada pelo coração. Olhe para Deuteronômio *8.2-6:*

> Recordar-te-ás de todo o caminho, pelo qual o Senhor teu Deus te guiou no deserto estes quarenta anos, para te humilhar, para te provar, para saber o que estava no teu coração, se guardarias ou não os seus mandamentos. Ele te humilhou, e te deixou ter fome, e te sustentou com o maná, que tu não conheceste, nem teus pais o conheceram, para te dar a entender que não só de pão viverá o homem, mas de tudo o que procede da boca do Senhor, disso viverá o homem. Nunca envelheceu a tua veste sobre ti, nem se inchou o teu pé nestes quarenta anos. Sabe, pois, no teu coração que, como um homem disciplina a seu filho, assim te disciplina o Senhor teu Deus. Guarda os mandamentos do Senhor teu Deus, para andares nos seus caminhos, e o temeres.

Que situação difícil! E o propósito de Deus em usar o deserto como "cenário" era humilhar, testar e ensinar o Seu povo. O texto continua:

> Porque o Senhor teu Deus te faz entrar numa boa terra, terra de ri-

> beiros de águas, de fontes, de mananciais profundos, que saem dos vales e das montanhas; terra de trigo e cevada, de vides, figueiras e romeiras; terra de oliveiras, de azeite e mel; terra em que comerás o pão sem escassez, e nada te faltará nela; terra cujas pedras são ferro, e de cujos montes cavarás o cobre. Comerás e te fartarás, e louvarás ao Senhor teu Deus pela boa terra que te deu. Guarda-tenão te esqueças do Senhor teu Deus, não cumprindo os seus mandamentos, os seus juízos e os seus estatutos, que hoje te ordeno; para não suceder que, depois de teres comido e estiveres farto, depois de haveres edificado boas casas, e morado nelas; depois de se multiplicarem os teus gados e os teus rebanhos, e se aumentar a tua prata e o teu ouro, e ser abundante tudo quanto tens, se eleve o teu coração e te esqueças do Senhor teu Deus, que te tirou da terra do Egito... Não digas, pois, no teu coração: A minha força e o poder do meu braço me adquiriram estas riquezas. (Dt 8.7-14, 17).

Esta situação é diferente; completamente oposta à primeira. Mas o foco de Deus ainda está no coração. Ambas as circunstâncias constituem testes para o povo de Deus, embora sejam testes diferentes. Dificuldades no deserto (p. ex., Roberto e Susana caminhando na trilha sem água!) pressionam-nos por um lado. O que virá à tona - murmuração ou fé? A terra prometida (p. ex., Roberto e Susana de volta ao carro com um cantil de água fresca) pressionam-nos por outro lado. Eles esquecerão de Deus ou lembrarão de agradecê-lO? A questão é sempre se o povo de Deus responderá de maneira justa ou pecaminosa. O que Deus diz é que a situação é o cenário, mas Ele está interessado na trama. Ele quer saber se a pessoa responderá corretamente ou não.

Vamos olhar para um outro relato bíblico sobre essa época da história do povo de Israel - 1 Coríntios 10.1-13:

> Ora, irmãos, não quero que ignoreis que nossos pais estiveram todos sob a nuvem, e todos passaram pelo mar, tendo sido todos batizados, assim na nuvem, como no mar, com respeito a Moisés. Todos eles comeram de um só manjar espiritual, e beberam da mesma fonte espiritual; porque bebiam de uma pedra espiritual que os seguia. E a pedra era Cristo. Entretanto, Deus não se agradou da maioria deles, razão por que ficaram prostrados no deserto. Ora, estas cousas se tornaram exemplos para nós, a fim de que não cobicemos as cousas más, como eles cobiçaram. Não vos façais, pois, idólatras, como alguns deles; porquanto está escrito; 'O povo assentou-se para comer e beber, e levantou-se para divertir-se'. E não pratiquemos imoralidade, como alguns deles o fizeram, e pereceram pelas mordeduras das serpentes. Nem murmureis como alguns deles murmuraram, e foram destruídos pelo exterminador. Estas cousas lhes sobrevieram como exemplos, e foram escritas para advertência nossa, de nós outros sobre quem os fins dos séculos tem chegado,. Aquele, pois, que pensa estar em pé, veja que não caia.

> Não vos sobreveio tentação que não fosse humana; mas Deus é fiel, e não permitirá que sejais tentados além das vossas forças pelo contrário, juntamente com a tentação, vos proverá livramento, de sorte que a possais suportar.

Há lições profundas aqui. Pense nesta situação! Coloque-se no lugar do povo de Israel. Como você reagiria se tivesse somente uma muda de roupa (que nunca se gastou!), não tivesse abrigo permanente, estivesse incerto quanto ao futuro, em meio a calor, areia e vizinhos hostis, ficasse freqüentemente sem água e não houvesse qualquer variação na dieta alimentar ou na rotina? Isso é duro! É de se esperar que aquele povo lutasse com descontentamento. Sentimo-nos inclinados a ser compreensivos com alguém que murmurasse em tal situação. Você poderia imaginar como seria o compartilhar de um grupo pequeno de oração no deserto? Eles acabavam de se acomodar, ajeitando as tendas confortavelmente, e então a nuvem movia-se repentinamente e tudo tinha que ser removido! Isso é dureza.

Mas qual é o foco de Deus no relato de 1 Coríntios? Ele ignora completamente as "circunstâncias atenuantes". Ele olha apenas para a murmuração, para o ato de colocá-lO à prova, a prática da imoralidade, os desejos maus e a idolatria. Ele nem mesmo menciona as dificuldades que o povo enfrentava. E com uma boa razão: Deus está interessado na trama. Ele adverte os coríntios - e nós também - para que não voltemos a representar esta trama em nosso cenário particular. O cenário não tem importância. A mesma trama poderia ser montada em um cenário totalmente diferente do Sinai. Ela pode ser encenada em sua vida. Deus sabe disso, e a advertência que Ele faz coloca o cenário no devido lugar: as circunstâncias são irrelevantes para *a causa* do comportamento pecaminoso. Talvez sejamos mais predispostos à murmuração quando as coisas são difíceis ou à arrogância quando as coisas vão bem; mas estamos *sempre* propensos a cometer esses pecados porque eles não são causados pela situação. Tanto a murmuração como a arrogância procedem de um coração pecaminoso.

Com freqüência, somos tentados a pensar nestas reações pecaminosas como causadas por um coração pecaminoso *e* por circunstâncias difíceis. Esta é a tentação sutil da justiça própria: reconhecer a própria culpa, mas apenas parcialmente; assumir parte da responsabilidade, mas apenas parte. Pense novamente no relato que Deus faz sobre a peregrinação de Israel no deserto. Não há sequer uma alusão a essa responsabilidade "compartilhada". Na verdade, como poderia haver? Confira novamente Deuteronômio 8. Podemos presumir que Israel certamente teria entrado na terra prometida não fossem os inimigos, a fome e a sede, e se a jornada tivesse sido curta. Mas Deus diz que *Ele* mandou as dificuldades para testar Israel, "para saber o que estava no teu coração". Se dissermos que Israel murmurou porque era um povo de pecadores e porque as circunstâncias eram difíceis, dividimos a responsabilidade entre Israel e Deus. Isso não pode ser! O povo de Israel não pôde entrar na terra prometida por uma só razão: eles pecaram.

Por que isso é importante? Porque somos todos parecidos com Susana. Nossa tendência é explicar o comportamento pecaminoso falando da situação. Dizemos que fizemos algo porque... e não admitimos que o nosso coração é a única causa.

Será que isso é tão mau? Sim! É algo sutil, mas estas afirmações sobre causas e motivações são um ataque à verdade de Deus. Desculpamos parcialmente a nós mesmos e deixamos de nos arrepender devidamente. Apontando para as circunstâncias em lugar de apontar para nós mesmos, deixamos de crer que as coisas podem realmente ser diferentes. As circunstâncias podem voltar a ser desagradáveis. Susana não tem nenhuma garantia de que ela e Roberto não se perderão em uma caminhada futura (ou mesmo no caminho de volta). Se foi esse o motivo que a levou a ser ríspida, poderá acontecer de novo. Mas em Cristo ela tem uma esperança real e magnífica. O evangelho pode transformá-la. É possível que Roberto e ela se percam novamente. Mas se ela estiver sendo transformada pelo Espírito Santo, Roberto não precisará temer as mesmas palavras ríspidas nem mesmo a frustração interior e falta de amor anteriormente expressadas! O alvo de Deus é que em uma situação semelhante, no futuro, Susana esteja pronta para reagir com alegria, paz, perseverança e amor. Talvez ela rirá da situação e até mesmo apreciará a caminhada de volta! Ou talvez encarará a situação pacientemente e sem murmurar e, no final da caminhada, beberá água com gratidão a Deus.

O caminho de Deus é reto. Os nossos caminhos são insensatos. Precisamos cultivar e dirigir a vida em todas as suas áreas de acordo com a verdade dEle. O uso de "porque" é algo pequeno. Mas a prática de desculparmo-nos parcialmente, de arrependermo-nos superficialmente, de termos uma fé pequena porque o nosso objetivo é conforto e não a semelhança com Cristo - estes são problemas maiores, e muito comuns. Treinar os nossos lábios pode nos ajudar, de maneira específica, a lidar com os assuntos mais sérios do coração.

Aqui está o meu desafio. Vigie os seus lábios nas próximas duas semanas; observe como você usa "estou mal" e outras categorias enganosas para descrever suas emoções. Pense naquilo que você está sentindo, pensando e fazendo, à luz do contexto do que está acontecendo entre você e Deus. Observe como você usa a palavra "porque". Quando você se pegar falando sobre como as circunstâncias eram "difíceis" ou "dolorosas", pare e dirija o seu foco para obediência e desobediência. O restante é apenas o cenário. Se você precisar falar sobre situações difíceis, use a expressão "embora" em vez de "porque" - uma expressão que mantém o foco nas questões importantes do coração. Mas depois destas duas semanas iniciais, deixe que esses exemplos venham a ser dois entre muitos outros à medida que você, como o salmista, aprender a considerar e analisar as suas palavras. Que as palavras dos nossos lábios e o meditar do nosso coração sejam aceitáveis diante de Deus. E que Deus conceda graça para que "quer comais, quer bebais ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus" (1 Co 10.31).

Não fique com medo nem se deixe abater pelo processo. Se você avaliar as suas palavras e identificar pecado por todo lado, este é um primeiro passo encorajador! A menos que tenhamos uma experiência de pecado abundante, nossa experiência de graça não poderá ser superabundante. A graça é muito mais abundante onde uma conscientização elevada de pecado nos leva a um arrependimento mais profundo e a uma apreciação maior do poder tremendo de Cristo para nos liber-

tar, perdoando-nos e transformando-nos. Para o cristão, Romanos 8.9 deve oferecer a interpretação para Gálatas 5.16-25; 1 Coríntios 1.30, para Provérbios 12.18-19 ou Mateus 12.37.

Conclusão

Ao seu redor, há forças invisíveis que querem impedir que você se conforme à imagem de Jesus Cristo: o mundo, a carne e o diabo. A Bíblia o adverte para quevocê lute contra as influências destas forças: não se conforme com o mundo, mortifique os desejos da carne, revista-se de toda a armadura de Deus contra as forças espirituais do mal. Deus também nos adverte que a batalha é travada particularmente no nosso falar. As atitudes do coração são reveladas por meio daquilo que você fala. À medida que você procura andar na justiça, deve dar uma atenção especial às suas palavras, pois elas são a melhor maneira de transparecer o que realmente está em seu coração. Quando estiver travando batalhas espirituais, você deve ser diligente na análise de como os seus inimigos procuram distorcer o seu linguajar, fazendo com que maneiras rebeldes de falar pareçam "normais". Ser santo no seu falar não é fácil. Tiago nos adverte que embora possa domar animais selvagens de várias espécies, o homem não consegue domar sua língua - ela é "mal incontido, carregado de veneno mortífero" (Tg 3.8). Assim como em outras situações, aqui também o que é impossível para o homem é possível para Deus. A sabedoria que vem do alto, concedida liberalmente por Deus, faz com que nossa língua seja uma fonte que jorra água fresca.

Estudo Pessoal

1. De que maneira você e as pessoas ao seu redor usam termos neutros para descrever experiências emocionais? (p. ex., "estou chateado", "estou mal", "meu dia está péssimo").

2. Que termos neutros você e as pessoas ao seu redor usam para descrever comportamentos pecaminosos? (p. ex., "caso", "conflitos de personalidade", "baixa auto-estima", "desabafo").

3. Que termos neutros você e as pessoas ao seu redor usam para descrever as razões para certos comportamentos e emoções? (p. ex., "Porque ele/ela fez...", "Eu sinto necessidade de...", "Eu tenho vontade de...").

4. A palavra de Deus não é neutra. Deus define o que é bom, mau, verdadeiro e falso. Encontre termos bíblicos mais adequados para cada uma das frases acima.

5. Busque a Cristo em arrependimento, e cultive a esperança e a fé bíblicas de que Ele o transformará. Medite sobre quem você é nEle e como essa união o libertará.

Diga a outras pessoas como você quer mudar o seu falar. Peça a elas que orem pelo poder do Espírito e pratiquem uma cobrança cristã durante o processo.

Atingindo em Cheio a sua Preocupação

Robert D. Jones[1]

"Don't worry, be happy!" — "Não se preocupe, seja feliz!" Este era o conselho dado por uma canção popular norte-americana vários anos atrás. Mas para quem luta com a preocupação, este conselho é altamente simplista e mais fácil de ser dito do que praticado.

Talvez não haja outro problema que atormente mais o ser humano do que a preocupação ou ansiedade. A preocupação pode surgir de repente. Ela pode ser nossa companheira diária — tira-nos o sono, mina a alegria, esgota as energias, arruína os relacionamentos e agrava os problemas físicos. Para alguns, a preocupação é crônica e resulta em incapacitação. Para todos nós, a preocupação é um dos pecados mais típicos da vida diária.

Mas a boa notícia é que a preocupação é um problema que tem solução pela graça de Deus. Pelo Espírito Santo e pela Sua Palavra, Deus dá aos crentes tudo quanto necessitam para lutar contra a ansiedade e vencer a preocupação.

Deus dá esperança ao crente para vencer a preocupação

O que você deve fazer com a sua preocupação? Como lidar com a ansiedade quando ela surge? Podemos nos alegrar no fato de que a Bíblia — a Palavra viva de Deus — tem respostas eficazes para este problema tão constante.

Em Mateus 6.19-34, Jesus fala a respeito da preocupação. Antes de examinar as Suas palavras, quero lhe oferecer um pouco de esperança. O próprio fato de Jesus falar sobre a preocupação significa que Deus tem respostas para o seu problema. Você não está à mercê das psicologias humanistas no que diz respeito às respostas para os problemas da vida. O crente em Cristo não precisa depender das idéias, teorias e técnicas do homem. Como cristão, você dispõe da Bíblia para ensiná-

[1]Tradução e adaptação de *Getting to the Heart of your Worry.*
Publicado em *The Journal of Biblical Counseling.* v. 17, n.3, Spring 1999, p. 21-24.
Robert D. Jones é pastor da Grace Fellowship Church em Hurricane, West Virginia, desde 1985. E Doutor em Aconselhamento Pastoral pelo Westminster Theological Seminary.

lo a lidar com a preocupação. O próprio Deus garante ajuda e esperança para as pessoas preocupadas como você e eu.

Além disso, em Mateus 6, o fato de Jesus estar se dirigindo aos Seus discípulos é fonte de esperança para nós. Por quê? Porque isso lhe garante que os crentes em Cristo também podem lutar e lutam com a preocupação. Até mesmo os filhos de Deus ficam ansiosos. Deus sabe disso, e Ele quer nos libertar progressivamente da preocupação. As palavras do nosso Senhor transbordam de esperança.

A preocupação é pecado

O que Jesus fala a respeito da preocupação? Ele nos diz que ela é errada. Ele a proíbe por nada menos que três vezes no mesmo texto — "Não andeis ansiosos" (versos 25, 31, 34). Preocupação, portanto, é pecado. O apóstolo Paulo repete esta proibição em Filipenses 4.6: "Não andeis ansiosos por coisa alguma". Todavia, saber que a sua preocupação é pecado não o deve desencorajar. Há esperança, justamente por se tratar de um pecado. Jesus Cristo veio ao mundo para salvar pecadores como você e eu — para perdoar-nos e nos ajudar a mudar nosso padrão de comportamento. Embora Deus possa não mudar a situação difícil que o está preocupando, Ele é especialista em perdoar, purificar e ajudar a pessoa preocupada. Ele quer transformar a sua vida em meio às situações difíceis.

Alguém poderia perguntar: "Por que a preocupação é pecado? Ela é tão comum e natural! Todos ficam preocupados. Além do mais, ela mostra que estamos levando a vida a sério. Não é melhor ficar um pouco preocupado do que ser insensível, indiferente e apático para com o mundo ao redor?".

O que há de errado com a preocupação? Por que ela é pecado? Jesus Cristo responde a esta pergunta em Mateus 6.19-34. Ele não apenas proíbe a preocupação, mas apresenta as razões pelas quais ela é errada. Ele revela as raízes pecaminosas da sua ansiedade por meio de duas ilustrações contundentes.

A preocupação é idolatria e a solução é arrependimento

Primeiro, nos versículos 19 a 25, Jesus diz que a preocupação é idolatria. Idolatria significa adorar alguém ou alguma coisa que não o Deus vivo e verdadeiro. Também significa entregar-se a alguma pessoa, a algum alvo, ideal ou objeto que não o Senhor. Idolatria envolve apegar-se de coração a algum salvador ou refúgio falso, exaltar os desejos pessoais acima do Senhor e servir a algum outro senhor que não Deus. A preocupação revela idolatria no coração. A sua preocupação é sinal de que de alguma forma você está confiando em si mesmo e alicerçando a sua vida em outras coisas ou pessoas que não o Senhor. A sua ansiedade é um indicador automático de um coração que não está seguindo inteiramente aoSenhor, mas que, temporariamente, está indo atrás de alguma outra coisa.

No versículo 25, Jesus diz: "Por isso, vos digo: não andeis ansiosos...". A expressão "por isso" leva-nos de volta ao contexto dos versículos 19 a 24. Nesta passagem, Jesus mostra como a idolatria compete com Deus de três maneiras.

Primeiro, a preocupação revela que você busca e confia em *tesouros* que competem com Deus. Jesus diz que devemos juntar tesouros no céu e não tesouros perecíveis na terra. As coisas de Cristo e do Seu reino são imperecíveis.

Muitas das suas preocupações envolvem coisas terrenas — trabalho, casamento, dinheiro, bens materiais, saúde, filhos etc. Você fixa nelas a sua atenção, prende o seu coração a elas, e vive constantemente preocupado com quando, como, se ou quão depressa elas podem perecer ou faltar. Estas coisas acabam controlando a sua mente e as suas ações. Aquilo que você valoriza em extremo governa a sua vida. Por quê? Porque os seus tesouros exercem controle sobre você.

> Não acumuleis para vós outros tesouros sobre a terra, onde a traça e a ferrugem corroem e onde ladrões escavam e roubam; mas ajuntai para vós outros tesouros no céu, onde traça nem ferrugem corrói, e onde ladrões não escavam, nem roubam; porque, onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração.

Os tesouros celestiais incluem todo o bem que temos em Cristo, cada jóia da herança preciosa que a morte de Cristo nos garantiu. Enfim, o maior tesouro que temos é o próprio Deus e Seu Filho Jesus. "Não temas, Abrão, eu sou o teu escudo, e teu galardão será sobremodo grande" (Gn 15.1). Deus revelou a Si mesmo como o tesouro. Um dos Salmos defende esta verdade da seguinte forma: "Quem mais tenho eu no céu? Não há outro em quem eu me compraza na terra. Ainda que a minha carne e o meu coração desfaleçam, Deus é a fortaleza do meu coração e a minha herança para sempre" (Sl 73.25-26). Ver a Deus e gozar para sempre a presença dEle e do Cordeiro supera de longe em peso e brilho as quinquilharias perecíveis a que loucamente damos valor.

Segundo, a preocupação revela que você olha para a vida com *olhos* que competem com Deus (versos 22 e 23). Os olhos bons trazem a luz de Deus para o corpo, enquanto que os olhos maus resultam em trevas.

> São os olhos a lâmpada do corpo. Se os teus olhos forem bons, todo o teu corpo será luminoso; se, porém, os teus olhos forem maus, todo o teu corpo estará em trevas. Portanto, caso a luz que em ti há sejam trevas, que grandes trevas serão!.

Cristo é luz. Os seus olhos estão postos nEle ou em outras coisas?

Quando os seus olhos deixam de ser bons — deixam de estar firmados em Jesus e Seu reino —, você é tomado pelas trevas da preocupação crônica e invadido por uma ansiedade intensa. A sua visão fica nublada, limitada ao momento e às coisas terrenas. Não é de admirar que as Escrituras o convidem a buscar "as coisas lá do alto, onde Cristo vive, assentado à direita de Deus" (Cl 3.1). "Volte seus olhos para Jesus, contemple o Seu rosto maravilhoso; e as coisas da terra ficarão cada vez menores à luz da Sua glória e da Sua graça."[2]

Terceiro, a preocupação revela que você serve a outros *senhores* que competem com Deus (verso 24). Senhores de escravos exigem lealdade exclusiva. E impossível servir ao mesmo tempo a dois senhores.

> Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de aborrecer se de um e amar ao outro, ou se devotará a um e desprezará ao outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas.

[2]Tradução livre do hino de Helen H. Lemmel, *Turn Your Eyes Upon Crist*(Volte Seus Olhos para Cristo).

Jesus declara que você não pode servir a Ele e a algo ou alguém mais, seja dinheiro (um objeto comum de preocupação) ou qualquer outro deus. Quando você deixa de seguir ao Deus verdadeiro, você busca viver por si mesmo, adorando a outros deuses. As coisas com as quais você se preocupa revelam os seus ídolos — agradar ao cônjuge, um perfeccionismo legalista, seus filhos, dinheiro, vingança, sucesso e outros mais.

Stanley Gale afirmou: "A preocupação é uma tentativa de destituir o único Deus que no Seu senhorio nos cria e redime... Em vez de confiar em Deus, submetendo-se e rendendo-se à Sua vontade boa e agradável, aquele que vive preocupado revolta-se e reivindica seus direitos de autonomia e independência com relação ao Deus em Quem ele vive, move-se e existe".[3]

Amigo cristão, sempre que você estiver preocupado, verifique o estado da sua fé. Você está confiando em _____? Você está olhando para _____? Você está seguindo _____? Esse algo ou alguém que não Deus é objeto de idolatria no seu coração e uma fonte certa de preocupação.

Ninguém a não ser o Deus das Escrituras — o Deus vivo e verdadeiro, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo — é suficientemente poderoso, bom e sábio para cuidar de você e orientá-lo. Ele é um Senhor bondoso, um Deus fiel, um refúgio seguro, merecedor de uma confiança incomparável com relação aos substitutos que procuramos. Enquanto o nosso antigo senhor — o pecado — paga aos seus escravos o salário da morte, nosso novo senhor — Deus — dá liberalmente aos Seus escravos o dom da santidade e vida eterna (Rm 6.22-23). Arrependa-se de seguir aos falsos senhores, falsos deuses e falsos refúgios, e renove a sua fé em Deus nosso Salvador.

Preocupação é incredulidade e a solução é fé

Nos versículos 25 a 34, Jesus nos dá uma segunda ilustração para percebemos as raízes da nossa preocupação. A preocupação é fruto da incredulidade remanescente no coração. Jesus identifica aqueles que se preocupam como pessoas de "pequena fé" (6.30). A quem Jesus está falando? A pagãos? Não. Ele está se dirigindo aos Seus discípulos! Ele não diz que você "não tem fé", mas que tem só uma "pequena fé". Portanto, quando um crente está preocupado, a preocupação srcina-se de uma "pequena fé", da incredulidade e dúvida remanescentes que estão até mesmo no coração de um cristão.

Conforme vimos anteriormente, Jesus proíbe a preocupação. Mas isso nãoé tudo. Ele também apresenta razões para que não nos preocupemos, e estas estão centradas no caráter e nas promessas de Deus Pai. Preocupar-se é negar — de modo prático — o poder, a sabedoria e o amor de Deus por você na situação que você está enfrentando. Preocupar-se é esquecer o pleno alcance das implicações da sua identidade como filho de Deus, escolhido, adotado e profundamente amado.

Jesus lhe dá fundamentos para que você evite a preocupação nutrindo a sua fé. O Deus que cuida dos pássaros e das flores é o seu Deus e, para Ele, você vale muito mais que os pássaros e as flores.

> Por isso, vos digo: não andeis ansiosos pela vossa vida, quanto ao que haveis de comer ou beber; nem

[3]GALE, Stanley D. Worry unmasked. *Journal of Pastoral Practice,* v. 9, n.4, 1989, p. 18.

> pelo vosso corpo, quanto ao que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o alimento, e o corpo, mais do que as vestes? Observai as aves do céu: não semeiam, não colhem, nem ajuntam em celeiros; contudo, vosso Pai celeste as sustenta. Porventura, não valeis vós muito mais do que as aves? Qual de vós, por ansioso que esteja, pode acrescentar um côvado ao curso da sua vida? E por que andais ansiosos quanto ao vestuário? Considerai como crescem os lírios do campo: eles não trabalham, nem fiam. Eu, contudo, vos afirmo que nem Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como qualquer deles. Ora, se Deus veste assim a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada no forno, quanto mais a vós outros, homens de pequena fé? (6.25-30).

Se Deus cuida das plantas e dos animais, quanto mais Ele cuidará de você, amigo cristão — você que foi criado à imagem dEle, resgatado pela morte e ressurreição de Seu Filho e selado pelo Espírito Santo! Os pássaros e as flores não foram criados à imagem de Deus, e ainda assim Ele os sustenta. Afinal, Deus não enviou o Seu Filho para assumir a forma de uma planta ou animal, mas para assumir a forma de homem, como nós. Ele não sacrificou o Seu Filho amado para comprar pardais e lírios!

Além disso, Jesus diz que você não deve se preocupar porque a preocupação é característica dos gentios, e não daqueles que pertencem ao Pai celestial e são por Ele conhecidos.

> Portanto, não vos inquieteis, dizendo: Que comeremos? Que beberemos? Ou: Com que nos vestiremos? Porque os gentios é que procuram todas estas coisas; pois vosso Pai celeste sabe que necessitais de todas elas (6.31,32).

Gentios — idólatras, incrédulos — buscam ansiosamente as coisas deste mundo, mas os crentes em Cristo Jesus devem viver de modo diferente. Você tem um Pai celestial que conhece as suas verdadeiras necessidades e as supre. Ele cuida do Seu povo. Jesus encoraja-nos no capítulo seguinte: "Ora, se vós, que sois maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará boas coisas aos que lhe pedirem?" (Mt 7.11). Preocupar-se é duvidar do Seu conhecimento, poder e bondade para com você. Crer na bondade de Deus é viver livre da preocupação.

Comentando este texto, Dr. John Piper escreveu: "Jesus diz que a raiz da ansiedade é uma fé insuficiente na graça futura do nosso Pai. Quando a incredulidade toma conta do nosso coração, um dos efeitos é a ansiedade. A raiz que causa a ansiedade é a falta de confiança em tudo quanto Deus promete ser para nós em Cristo".[4] Atente para a observação perspicaz de Piper: a preocupação surge quando a nossa incredulidade remanescente e fé deficiente ganham o controle do coração. A solução? Crer em Jesus e nas promessas do Seu evangelho, confiar em tudo quanto Deus prometeu ser para nós em Cristo.

O antídoto para a preocupação, portanto, é confiar em Deus. Você precisa substituir a ansiedade por uma atenção crescente nas coisas de Deus. É isto que Jesus afirma quando diz: "Buscai, pois, em

[4]PIPER, John. *Future grace.* Sisters, *Ore.:* Multnomah, 1995. p 54.

primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas" (6.33). A solução para a preocupação é buscar o Senhor, crer em Suas promessas e orientar a sua vida pelas prioridades dEle. "Não temais, ó pequenino rebanho; porque vosso Pai se agradou em dar vos o seu reino." (Lc 12.32). Você precisa entregar a sua vida a Ele e confiar nas promessas relativas ao Seu reino. Deus garante lhe dar aquilo de que você necessita verdadeiramente. "Aquele que não poupou o seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou, porventura, não nos dará graciosamente com ele todas as coisas?" (Rm 8.32). Nenhuma das promessas que Ele nos fez deixou de se cumprir. Ele é um socorro bem presente nos momentos de necessidade. Deixe que as garantias oferecidas pelo reino de Deus impulsionem a sua fé e dissipem a sua preocupação.

Jesus conclui a Sua mensagem dirigida aos que costumam se deixar vencer pela preocupação com um apelo final: "Portanto, não vos inquieteis com o dia de amanhã, pois o amanhã trará os seus cuidados; basta ao dia o seu próprio mal" (6.34). A preocupação não tem poder para melhorar o seu futuro. Pelo contrário, ela o distrai das responsabilidades do presente, ela mina as suas energias e esgota a sua vitalidade. Também faz com que você não desfrute a alegria do presente e as bênçãos da provisão de Deus.

Conclusão

Amigo cristão, sempre que você estiver preocupado com alguma coisa ou for tentado a se preocupar, saiba que a sua preocupação é sintoma de idolatria e incredulidade remanescentes em seu coração. Há alguém ou alguma coisa que está controlando a sua vida em lugar de Deus. Há alguma verdade ou promessa a respeito de Deus que você está deixando de abraçar, e alguma mentira que você está aceitando em seu lugar.

O que você deve fazer? Converse com o Senhor a respeito das suas preocupações. Admita que ficar preocupado é pecado. Peça a ele que o ajude a identificar os ídolos específicos e as mentiras que estão governando a sua vida. Confesse-os a Ele. Arrependa-se por deixar que os cuidados deste mundo o controlem e por buscar seus próprios interesses em lugar de buscar a Cristo. Diga a Deus que você está triste por duvidar das promessas dEle — as promessas que o Seu Filho garantiu e selou por meio da morte e ressurreição. Peça a Ele que o perdoe e purifique.

Mas não pare por aqui. Volte para Deus, dedique a Ele a sua adoração e desfrute Suas graciosas promessas, mesmo em meio às situações inquietantes. Para destruir os ídolos e as mentiras, encha a sua mente com verdades a respeito de Deus. E então levante-se com uma fé renovada, agarrando-se somente a Cristo, obedecendo a Ele e lançando sobre Ele toda a sua ansiedade, sabendo que "Ele tem cuidado de nós" (1 Pe 5.7). Enfim, invista as suas energias livremente nas tarefas de *hoje,* nas responsabilidades de hoje, nos problemas do dia de hoje com os quais Deus quer que você lide. Preocupação é um desperdício de tempo. A fé utiliza melhor o tempo como um dom deDeus.

As perguntas abaixo podem ajudá-lo a aconselhar a si mesmo, examinado a sua preocupação à luz da Palavra de Deus. Trabalhe com base nas suas respostas enquanto progride no crescimento contínuo rumo à vitória sobre a preocupação.

1. Quais são as áreas (uma ou duas) da sua vida que geram preocupação e ansiedade com maior freqüência?

2. Preocupação é sempre um sinal de idolatria ou incredulidade remanescentes no seu coração. Quais são as mentiras e os ídolos específicos que estão controlando você?

3. Que verdades específicas a respeito de Deus e que promessas dEle você precisa abraçar?

4. Dê passos específicos para se arrepender, deixando a preocupação, os ídolos e as mentiras. Abrace as verdades e as promessas de Deus. Peça a Ele que o perdoe e purifique com base na morte e ressurreição de Cristo.

5. Substitua estes ídolos e mentiras por verdades apropriadas e promessas a respeito de Deus, creia nelas e conte com elas diariamente.

6. Responda ao Senhor com os devidos passos de obediência. Qual é a sua tarefa para hoje?

Como próximo passo, estude passagens como Mateus 6.19-34; Filipenses 4.4-9; João 14; 1 Pedro 5.6-7; Salmo 27, 37, 46, 56, 73, 94, e ore a respeito. Medite em Deus e nas promessa do evangelho de Cristo para você. Decore e aplique a frase sugestiva de Jack Miller: "Pregue o evangelho a si mesmo diariamente".

Você não deve tentar fazer isso sozinho. Converse com um pastor fiel às Escrituras, um amigo sábio, ou um conselheiro bíblico que possa ajudá-lo com amor e sabedoria na tarefa de conhecer e aplicar a Palavra de Deus às situações da sua vida que lhe trazem preocupação. Procure aplicar estas verdades com a ajuda contínua de outros crentes da sua igreja local.

Caro leitor, Jesus Cristo pode transformá-lo de uma pessoa preocupada em alguém que confia em Deus, e Ele pode começar a fazer isso hoje!

Uma Crítica do DSM-IV à Luz da Bíblia

John Babler[1]

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, em sua quarta edição, é o livro de referência decisivo para os diagnósticos psiquiátricos. O DSM-IV, como é popularmente conhecido, apresenta-se como uma obra médica científica e objetiva, pretendendo gerar categorias de diagnóstico válidas e procedimentos de avaliação para uma atribuição precisa das mesmas. A sua apresentação é a de um livro científico. Os seus numerosos colaboradores, todos médicos ou profissionais graduados, dividem-se em grupos de trabalho específicos de acordo com suas supostas áreas de especialização clínica: grupo de trabalho para transtornos da ansiedade; grupo de trabalho para *delirium,* demência, transtorno amnésico e outros transtornos cognitivos; grupo de trabalho para transtornos alimentares; grupo de trabalho para transtornos do humor; grupo de trabalho para esquizofrenia e outros transtornos psicóticos, e assim por diante. A pressuposição operante é que os problemas de vida podem ser codificados por número e uma nomenclatura diagnóstica, à semelhança dos problemas médicos. Por exemplo, se você tem temores intensos de abandono, se os seus relacionamentos interpessoais são caracterizados pela alternância entre extremos de idealização e desvalorização, se você tem acessos de raiva e age impulsivamente, então você é um indivíduo classificado em 301.83, você "tem" um "transtorno da personalidade *borderline",* você "é um indivíduo com personalidade borderline". Aqueles que conversam com você ou o medicam na tentativa de ajudá-lo podem ser remunerados pelo atendimento prestado.

Neste artigo, apresento um ponto de vista bíblico para refutar o DSM-IV. Meu alvo não é fazer uma análise bíblica profunda de cada problema citado nem ofe-

[1]Tradução e adaptação de *A Biblical Critique of the* DSM-IV
Publicado em *The Journal of Biblical Counseling. v.* 18, n.1, Fall 1999, p. 25-29.
Dr. John Babler é professor de Evangelismo em Contextos Ministeriais Diversos no Southwestern Baptist Theological Seminary em Fort Worth, Texas.

recer uma metodologia de aconselhamento completa. Este é um artigo de apologética, um desafio a que pensemos biblicamente sobre aquilo que nossa cultura está propondo. Os textos bíblicos citados não são necessariamente aqueles que costumo usar nos casos de aconselhamento nem vou apresentá-los na ordem em que eu os usaria em um aconselhamento. Meu propósito principal é mostrar que as Escrituras aplicam-se diretamente aos transtornos estabelecidos por uma nomenclatura de classificação com aparência altamente científica. A Palavra de Deus dirige-se diretamente aos critérios comportamentais, emocionais e mentais que constituem cada "diagnóstico".

A hipótese central do DSM-IV é que há um todo maior que a soma das partes, um "diagnóstico" que explica os "sintomas". Por exemplo, se você apresenta seis ou mais comportamentos, emoções ou processos mentais característicos (as partes) por um período de seis meses, você se qualifica para receber uma classificação diagnóstica abrangente (otodo). A nomenclatura usada identifica o "transtorno" que você tem. Contrariamente, minha hipótese central é que a Bíblia trata de cada comportamento, emoção ou processo mental característico (as partes) sem atribuir um termo da nomenclatura classificatória pseudo-científica a um suposto todo. As Escrituras não mencionam o "transtorno obsessivo compulsivo" como um diagnóstico abrangente, mas o Senhor aconselhou com relevância e sem rodeios alguém que apresentava os comportamentos que qualificam um indivíduo para receber este diagnóstico. Os transtornos mentais e de personalidade codificados no DSM-IV não são matéria de uma ciência médica objetiva. Cada um dos problemas identificados tem a ver com o relacionamento do indivíduo com Deus e outros seres humanos. O que o DSM-IV diagnostica como transtornos mentais, as Escrituras diagnosticam como transtornos espirituais. Inicialmente, dou uma breve introdução ao DSM-IV, para em seguida tratar de quatro categorias comuns de diagnóstico: transtornos de déficit de atenção/hiperatividade, anorexia nervosa, transtorno desafiador de oposição e transtorno da personalidade narcisista.

A estrutura do DSM-IV

O DSM-IV oferece um modelo de diagnóstico "multiaxial" para transtornos mentais. Ele avalia os indivíduos em cinco eixos ou dimensões: (1) prejuízos no funcionamento, (2) distorções estruturais da personalidade, (3) problemas clínicos que contribuem para problemas de vida, (4) fatores contribuintes do ambiente social, (5) nível global de funcionamento. Os primeiros dois eixos são os mais significativos.

O Eixo I identifica os chamados "transtornos clínicos", que descrevem prejuízos funcionais do indivíduo em comportamentos, humor, pensamentos, atitudes. O DSM-IV lista 374 transtornos clínicos, incluindo diagnósticos como ataque de pânico, transtornos de déficit de atenção/hiperatividade, transtornos do humor (por exemplo, depressão ou mania), abuso de drogas e álcool, perversões sexuais, demência e transtornos alimentares.

O Eixo II descreve "transtornos da personalidade" e retardo mental. A finalidade é identificar problemas mais profundos na estrutura da personalidade do indivíduo, incluindo o transtorno da personali-

dade narcisista, transtorno da personalidade *borderline,* transtorno obsessivo-compulsivo e vários outros.[2]

Eixo III reúne condições médicas que afetam o pensamento, o humor e o comportamento. Várias doenças infecciosas ou degenerativas, parasitas, problemas do aparelho digestivo, ferimentos e outras condições físicas podem afetar um indivíduo. Com freqüência, na avaliação de um psicólogo ou assistente social não constam diagnósticos neste eixo porque somente um psiquiatra, ou um médico de outra especialidade, podem determiná-los.

O Eixo IV reúne variáveis circunstanciais que complicam a vida do indivíduo, tais como problemas na vida familiar ou no ambiente social, educação, ocupação, habitação e finanças. Embora estes fatores sejam de grande importância para um ministério bíblico (a matéria que leciono, Evangelismo em Contextos Ministeriais Diversos, ensina a atingir pessoas com carência nestas áreas), o DSM-IV atribui importância secundária aos problemas do Eixo IV.

Por último, o Eixo V fornece a Escala de Avaliação Global do Funcionamento (AGF), uma escala de 0 a 100 que representa um *continuum* hipotético de saúde-doença mental. Uma pontuação alta representa um funcionamento superior em uma ampla faixa de atividades. Uma pontuação média pode representar sintomas sérios como, por exemplo, ideação suicida, rituais obsessivos graves, furtos habituais em lojas ou qualquer prejuízo sério no funcionamento social, ocupacional ou escolar. Uma pontuação baixa é atribuída quando há um perigo persistente de ferir gravemente a si mesmo ou a outros (por exemplo, violência recorrente) ou inabilidade persistente para manter uma higiene pessoal mínima.

O DSM-IV fornece, de fato, um sistema de classificação científico e objetivo como reivindica fazer? As "síndromes" e os "transtornos" que ele descreve representam entidades reais de diagnóstico à semelhança de uma fratura múltipla do fêmur, um carcinoma da córnea ou uma infecção por estreptococos? Ou o DSM-IV simplesmente lança mão de uma nomenclatura exótica, com aparência médica, para classificar uma amostra da grande variedade de problemas humanos de que a Bíblia trata abertamente? A seguir, consideramos quatro exemplos, três do Eixo I e um do Eixo II.

1. "Transtorno de déficit de atenção/ hiperatividade"

Crianças que tendem a ser distraídas, dispersivas e irrequietas têm recebido, com frequência cada vez maior, o diagnóstico de transtorno de déficit de atenção/hiperatividade. O DSM-IV fornece uma lista de sintomas de falta de atenção ou hiperatividade-impulsividade e diz que seis ou mais deles devem persistir por durante no mínimo seis meses em grau mal-adaptativo e inconsistente com o nível de desen-

[2]Uma variação significativa são os "transtornos de personalidade sem outra especificação". A expressão "*Sem outra especificação'* ou SOE é importante para ilustrar como o DSM é usado, de fato, na prática. Pessoas que reúnem apenas quatro ou cinco dos seis sintomas pedidos não preenchem os critérios para um determinado diagnóstico. Mas um psiquiatra ou conselheiro pode finalizar o diagnóstico adicionando o multi-uso SOE. Com freqüência, o SOE é essencial para finalizar um diagnóstico, pois sem um diagnóstico uma seguradora não pagaria os honorários. O uso de SOE permite uma subjetividade que revela claramente a ausência de objetividade científica.

volvimento para que a transtorno de déficit de atenção/ hiperatividade seja diagnosticado. Entre estes sintomas estão:

- deixar de prestar atenção a detalhes ou cometer erros por descuido em atividades escolares, de trabalho ou outras;
- ter dificuldade para manter a atenção em tarefas ou atividades lúdicas;
- parecer não escutar quando lhe dirigem a palavra;
- não seguir instruções;
- não terminar seus deveres escolares, tarefas domésticas ou deveres profissionais;
- ter dificuldade para organizar tarefas e atividades;
- evitar, antipatizar ou relutar em envolver-se em tarefas que exijam esforço mental constante;
- perder coisas necessárias para tarefas ou atividades;
- ser facilmente distraído por estímulos alheios à tarefa;
- estar freqüentemente "a mil" ou muitas vezes agir como se estivesse "a todo vapor";
- falar em demasia ou dar respostas precipitadas antes de as perguntas terem sido completadas;
- ter dificuldade para aguardar a sua vez.

O DSM-IV diz que alguns dos sintomas devem ter-se manifestado antes dos sete anos para se suspeitar de que têm srcem fisiológica. O DSM-IV também dá abertura para uma categoria de transtorno com sintomas de desatenção, hiperatividade ou impulsividade que não preenche plenamente os critérios para o transtorno de déficit de atenção/ hiperatividade. É o chamado "transtorno de déficit de atenção/hiperatividade sem outra especificação". Será que isso soa como objetividade científica?!

Quando eu ouço falar nestes "sintomas", logo penso em garotos - até mesmo em quando eu era garoto! Eu me distraía com muita facilidade quando a grama da minha casa precisava ser cortada! Quase todos estes "critérios de diagnóstico" caracterizam simplesmente seres humanos caídos, que necessitam da graça de Deus para serem mais atenciosos, cuidadosos, diligentes, amorosos e fiéis.

Certo dia, um amigo meu recebeu um telefonema do professor do seu filho que cursava a segunda série. O professor disse que a criança necessitava passar por uma avaliação de transtorno de déficit de atenção/hiperatividade e passou a enumerar os comportamentos do menino. Meu amigo respondeu: "Trata-se apenas de uma criança. Eu não estou desculpando o comportamento do meu filho; ele precisa ser disciplinado. Mas ele não precisa de remédios". Este amigo foi capaz de lidar com o problema do filho, como um bom pai amoroso. Ainda assim, o DSM-IV encoraja as pessoas a fazerem diagnósticos baseados em sintomas ou comportamentos, sem fundamento sólido para, então, prescreverem medicamentos com base no fato de que estes funcionam para acalmar as pessoas e favorecer a concentração. O fato de uma droga produzir determinado efeito não significa que ela é apropriada - ou aceitável biblicamente.

De acordo com o DSM-IV, o transtorno de déficit de atenção/hiperatividade é diagnosticado quando seis ou mais dos sintomas citados acima persistiram por pelo menos seis meses "em grau mal-adaptativo e inconsistente com o nível de desenvolvimento". Mas que critérios estão sendo usados para falar em níveis de desen-

volvimento? Alguém que segue o modelo de desenvolvimento de Piaget não terá uma perspectiva diferente acerca dos níveis de desenvolvimento de alguém que segue um outro modelo? Posso encaminhar meu filho para dois profissionais diferentes e cada um deles terá uma perspectiva diferente, baseada em uma teoria psicológica supostamente legítima. Aquilo que eles entendem por "mal-adaptativo e inconsistente com o nível de desenvolvimento" varia de um para outro. Que resposta a ciência objetiva oferece a isso? Concordo que as ciências do comportamento e a medicação podem oferecer certo grau de alívio ou alteração dos sintomas. Mas mudança e cura verdadeiras para o coração vêm apenas por meio de Deus e da Sua Palavra. Com apenas um pouco de trabalho, o conselheiro pode facilmente encontrar textos bíblicos que tratam de cada um dos comportamentos mencionados no transtorno de déficit de atenção/hiperatividade, e ele pode ser um instrumento divino de cura, em lugar de prover alívio temporário.

2. "Anorexia nervosa"

Muitos jovens adultos, especialmente moças, perdem o apetite por razões "nervosas". O DSM-IV não fala na perda do apetite ("anorexia") que é comum em muitas doenças orgânicas como, por exemplo, o câncer. Mas se uma pessoa deixa de comer, faz exercícios intensos e excessivos, e desenvolve uma repulsa pela comida porque pode deixá-la "gorda" ou "disforme", o DSM-IV a classifica como portadora de anorexia nervosa. Que entendimento a Bíblia nos dá acerca deste estilo de vida?

Primeiro, o DSM-IV descreve a anorexia nervosa como uma "recusa a manter o peso corporal em um nível igual ou acima do mínimo normal adequado à idade e à altura". "Recusa", de um ponto de vista bíblico, equivale a rebeldia ou controle, com o centro da atenção voltado para a própria pessoa. As adolescentes com quem trabalhei não se importavam com a maneira de pensar dos seus pais, do médico ou de Deus. Elas se preocupavam somente consigo mesmas e os colegas. Se você for procurado por uma moça acompanhada de seus pais, sendo que eles já tentaram a abordagem "psicológica" e ela não funcionou, você pode estar certo de que eles conhecem todos os critérios de diagnóstico do DSM-IV para a anorexia. Conseqüentemente, faz-se necessário que você não apenas conheça estes critérios, mas seja capaz de pensar e responder biblicamente a eles desde o contato inicial.

Por exemplo, considere as palavras de Jesus em Lucas 9.23: "Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, dia a dia tome a sua cruz e siga me". Embora possa parecer que a aconselhada anoréxica esteja negando a si mesma por deixar de comer, na verdade ela não está negando a si mesma, mas sendo indulgente consigo mesma: o verdadeiro desejo que a domina é o de ser magra. Ela fará qualquer coisa para conseguir o que quer: privação de alimentos auto-imposta, vômito auto-induzido, exercícios físicos durante três horas ao dia.

Um outro versículo das Escrituras que fala a uma aconselhada anoréxica é Filipenses 2.13: "porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade". Já ouvi aconselhadas anoréxicas dizerem: "Eu não consigo fazer isso". Mas você pode encorajá-las a orar pedindo que Deus as ajude, dando-lhes o desejo e a capacidade de obedecê-1O. Filipenses 2.15 prossegue: "para que vos torneis irrepreensíveis e sinceros, filhos de Deus inculpáveis no meio

de uma geração pervertida e corrupta, na qual resplandeceis como luzeiros no mundo". Moças anoréxicas sabem que esta geração prefere mulheres com um "corpo ideal", e acreditam que elas, também, precisam disso. O Senhor desafia e convida a jovem com comportamento anoréxico a não seguir a ênfase falsa e depravada que esta geração atribui à forma corporal.

Você poderia citar 1 Coríntios 6.19, 20: "Acaso, não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo, que está em vós, o qual tendes da parte de Deus, e que não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por preço. Agora, pois, glorificai a Deus no vosso corpo". Quando uma adolescente induz o vômito ou faz um uso inadequado de enemas e laxantes, ela resiste abertamente à verdade de Deus em que ela deve crer, confiar e andar.

Considere também Filipenses 2.3: "Nada façais por partidarismo ou vanglória, mas por humildade, considerando cada um os outros superiores a si mesmo". Uma adolescente com "anorexia nervosa" não considera seus pais nem qualquer outra coisa como mais importante do que ela mesma. Privando-se de alimento, ela centra a atenção em si mesma com uma ambição egoísta e um pensamento fútil.

As Escrituras podem ter uma utilidade ampla no caso desta aconselhada que teme ganhar peso. Você pode levá-la a Provérbios 29.25: "Quem teme ao homem arma ciladas, mas o que confia no SENHOR está seguro". Mateus 10.28 ensina igualmente sobre o temor apropriado: "Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; temei, antes, aquele que pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo". Geralmente, alguém que está lidando com anorexia e temores moldados pelo mundo não baseia a sua vida no temor a Deus. Na verdade, o temor a Deus não se manifesta na sua vida porque as preocupações com as suas próprias opiniões e as opiniões de outras pessoas a governam. Perceba que a Bíblia não trata do assunto pelo nome de "anorexia nervosa", mas ela fala sobre todos os comportamentos, atitudes, motivações e crenças que se somam no estilo de vida classificado por este termo.

3. "Transtorno desafiador de oposição"

O que dizer acerca de indivíduos inclinados a discussões, rebeldes e exaltados? Eles "têm" o transtorno desafiador de oposição. É divertido questionar esta categoria de diagnóstico - embora não seja divertido viver desta maneira ou lidar com pessoas que vivem assim! E um dos "diagnósticos" que revelam com maior clareza a verdade a respeito do DSM-IV.

Um seminarista, meu aluno, foi diagnosticado como tendo "transtorno desafiador de oposição". Fiquei surpreso ao saber que o diagnóstico havia sido feito por um conselheiro cristão. Os critérios estabelecidos para este transtorno apoiam-se em rebeldia e falta de controle, não em uma condição que seja objeto da ciência médica. Na verdade, o transtorno é caracterizado como "um padrão recorrente de comportamento negativista,desafiador, desobediente e hostil para com figuras de autoridade, que persiste por pelo menos seis meses e se caracteriza pela ocorrência freqüente de pelo menos quatro dos seguintes comportamentos: perder a paciência, discutir com adultos, desafiar ativamente ou recusar-se a obedecer a solicitações ou regras dos adultos, deliberadamente fazer coisas que aborrecem outras pessoas, responsabilizar outras pessoas por seus erros ou mau comportamento, ser suscetível ou facilmente aborreci-

do pelos outros, mostrar-se enraivecido e ressentido, ou ser rancoroso ouvingativo". Como a ciência qualificaria "suscetível"? Como irritabilidade, provocação, aborrecer outros e transferência de culpa passam a ser "transtornos" médicos?

O DSM-IV, de maneira muito clara, desconsidera o pecado e acaba sendo um manual sobre como ser uma vítima de síndromes e transtornos. Mas as Escrituras têm algo diferente a dizer a alguém que fica irado com freqüência. Olhe para o Salmo 37.8: "Deixa a ira, abandona o furor; não te impacientes; certamente, isso acabará mal". A Bíblia não tolera uma mentalidade de vítima, mas intima o iracundo ao arrependimento, à mudança verdadeira de coração e comportamento. Em resposta àqueles que discutem com adultos e desafiam suas solicitações, as Escrituras ordenam: "Filhos, em tudo obedecei a vossos pais; pois fazê-lo é grato diante do Senhor" (Cl. 3.20). De acordo com Hebreus 4.16, Deus dá graça em Cristo para perdoar e ajudar tais pessoas a mudar. Poderíamos continuar a citar textos bíblicos relevantes, mas creio que a questão está clara.

4. Transtorno da personalidade narcisista

Por último, considere um problema mais profundo do que um eventual prejuízo no funcionamento por falta de atenção, privação alimentar auto-imposta ou hostilidade. Como o DSM-IV classifica um indivíduo extremamente centrado e absorto em si mesmo? Para isso há uma categoria no Eixo II - um "transtorno da personalidade" cujo nome vem de Narciso, o belo jovem grego que se enamorou de si mesmo e não conseguiu parar de fitar o próprio reflexo. De acordo com as teorias da psicologia, os transtornos da personalidade são os mais difíceis de tratar. O transtorno da personalidade narcisista é definido como "um padrão invasivo de grandiosidade, necessidade de admiração e falta de empatia, que começa no início da idade adulta e está presente em uma variedade de contextos". O egocentrismo acentuado é identificado por vários termos na Bíblia e nenhum deles entrevê o problema como doença mental! O DSM-IV prossegue citando outros sintomas que permitem diagnosticar um indivíduo como portador deste transtorno. À medida que listamos alguns deles, reflita em como as Escrituras "classificam" ou "tratam" alguém com este problema:

- sentimento grandioso da própria importância
- preocupação com fantasias de sucesso ilimitado, poder, inteligência, beleza ou amor ideal
- crença de ser "especial" e único e de que somente pode ser compreendido ou deve associar-se a outras pessoas (ou instituições) especiais ou de condição elevada
- exigência de admiração excessiva
- sentimento de intitulação
- manipulação nos relacionamentos interpessoais
- ausência de empatia
- inveja freqüente de outras pessoas
- comportamentos e atitudes arrogantes e insolentes

Não está evidente que Deus considera cada um destes sintomas em Sua Palavra, e lida com cada um deles pela Sua graça? Em Cristo, estes indivíduos orgulhosos e absortos em si mesmos podem nascer de novo e ter uma vida nova. Nós não nos limitamos a codificar estas pessoas para que possam receber benefícios assistenciais. Não oferecemos um curativo superficial, uma droga psicotrópica ou

uma panacéia. O assim chamado transtorno da personalidade narcisista é uma ilustração ambulante da pecaminosidade básica do homem. É natural que seja um dos problemas "mais difíceis de tratar"! O Filho de Deus precisou morrer por estes pecados. O Espírito Santo precisa regenerar tais pessoas, conduzi-las à humilhação e a tirar os olhos de sobre si mesmas. Deus resiste ao soberbo, mas dá graça ao humilde (Tg 4.6). Estes padrões de comportamento e o tratamento para eles é exatamente aquilo de que a Bíblia trata.

Com freqüência, quando as pessoas que aconselho foram diagnosticadas como tendo um destes transtornos, elas chegam com a crença de que a perspectiva do DSM-IV está correta. Elas crêem que têm um transtorno mental objetivamente científico. É comum que tenham assimilado a lógica dupla destes diagnósticos. Inicialmente, os diagnósticos as liberam para que vejam a si mesmas como vítimas de um "transtorno" e ganhem o direito legítimo de transferir para uma doença emocional ou mental a culpa devida aos seus problemas essencialmente espirituais. Mas em seguida, os mesmos diagnósticos as condenam. Nas categorias diagnósticas do DSM-IV não há como encontrar esperança e nem mesmo a pessoa de Cristo, que se compadece de nossas fraquezas e lutas, oferece perdão misericordioso e graça para nos ajudar e nos transformar.

Você tem a oportunidade de penetrar na vida destas pessoas por meio de um relacionamento de amor. Você pode identificar os problemas usando a nomenclatura que Deus usa e aplicar as verdades das Escrituras para libertar estas pessoas. Mesmo que você tenha poucos momentos de conversa, e não possa desenvolver um relacionamento de discipulado, ainda pode recomendar ou entregar um livro, uma fita ou um artigo. Você pode encorajar alguém para que vá a uma igreja fiel à Palavra e praticante do amor bíblico, e ali procure dar início a um relacionamento de discipulado. Você pode orar a favor de e com esta pessoa, independentemente do relacionamento entre vocês ser de curta ou longa duração. Deus trabalha em vidas. Às vezes, Ele atua por seu intermédio; outras vezes, por intermédio de outros.

Estou convencido de que as Escrituras falam a respeito de cada um dos critérios de diagnóstico dos transtornos de personalidade. O todo - a nomenclatura adotada - não é maior que a sorna das partes, e serve apenas para obscurecer as partes e induzir ao erro tanto os indivíduos a quem os diagnósticos são atribuídos como aqueles que querem ajudar. É de grande encorajamento perceber que se as Escrituras tratam de cada critério individualmente, então a idéia de um pretenso diagnóstico que abranja o todo fica invalidada. Algumas pessoas são extremamente narcisistas, uma variante do egocentrismo que caracteriza o pecado em geral, mas ninguém "tem" um transtorno de personalidade narcisista - a não ser em um sentido altamente metafórico (Ec 9.3; Mt 9.11-13). Em uma cultura em que domina uma mentalidade que leva a sério as categorias do DSM-IV, as metáforas com aparência de ciência médica não são um método útil para identificarmos os problemas da vida.

Conclusão

O DSM-IV tenta explicar as questões mentais e comportamentais deixando em aberto perguntas sobre a validade das condições fisiológicas que estão em sua base. Se alguns problemas são comprovadamente físicos - a Síndrome de Tourette é um dos poucos no DSM-IV que, possivelmen-

te, estão incluídos nesta categoria -, então a medicação pode complementar o ministério bíblico. Mas vimos que não há base para reconhecer a grande maioria destes transtornos como parte de uma ciência médica objetiva. As Escrituras são o campo apropriado para o entendimento dos assim chamados transtornos mentais: eles consistem em comportamentos derivados do pecado. Uma mudança verdadeira pode acontecer a partir do momento em que o pecado é admitido e há arrependimento. Quando o problema consiste em um coração perdido, a Palavra de Deus é o remédio mais seguro porque o Espírito Santo nos conduz a Cristo.

Como Ajudar Mulheres que Comem em Excesso

Elyse Fitzpatrick[1]

"Pastor, espero que o senhor possa me ajudar", disse Janice, uma jovem senhora de 35 anos, casada e mãe de dois filhos. Ela é membro da igreja, leciona em uma escola cristã e parece ter uma vida piedosa. O marido é diácono, e eles aparentam manter uma vida familiar cristã. Ainda assim, vez ou outra, percebe-se que ela está deprimida. Certa vez, ela teve uma explosão inesperada de ira, presenciada por pessoas da igreja.

"Veja só", ela continua, começando a chorar de mansinho, "eu tenho um problema. É o meu peso. Parece que estou engordando cada vez mais; quanto mais regime eu faço, pior fica. O médico diz que estou vinte e cinco quilos acima do peso, e não há causa orgânica para isso. Mas este ainda não é o problema maior. Meu marido está muito insatisfeito comigo e eu não quero mais manter relações sexuais com ele. Estou com muita vergonha da minha aparência. Nem mesmo quero que ele toque em mim. Eu não quero mais vir à igreja. Recusei-me a participar do jantar de confraternização na semana passada, pois eu não queria que ninguém me visse comendo. Eu realmente tenho tentado fazer regime e gasto muito dinheiro com alguns deles. Mas nunca persevero por mais de uma semana ou duas, e depois ganho de volta todo o peso. Às vezes, simplesmente desisto e penso que o Senhor não se importa com o tamanho de roupa que uso. Outras vezes, sinto-me culpada e horrível em minha aparência. Eu sei que Ele não poderia me amar. Eu oro, vez após vez, mas nada parece mudar. O senhor acha que pode me ajudar, pastor?"

Quais são os mandamentos bíblicos relacionados com alimentação, regimes e peso? Quais os verdadeiros problemas de Janice? O Senhor se importa com o fato dela estar vinte e cinco quilos acima do peso? Você deve encaminhá-la a um grupo de Vigilantes do Peso?

[1]Tradução e adaptação de *Helping Overeaters* Publicado em *The Journal of Biblical Counseling v.* 11, n.1, Fali 1993, p. 51-56.
Elyse Fitzpatrick pertence à equipe do Institute of Biblical Counseling, na Califórnia. Parte importante de seu ministério é o programa "Vasos Raros" que ajuda mulheres com problemas alimentares.

Estabelecer alvos bíblicos com relação a comer e fazer regime

Quais são os alvos bíblicos no que diz respeito a comer e fazer regime? Existem mandamentos diretamente relacionados a este assunto? Primeiramente, vamos deixar claro que não há nas Escrituras nenhum mandamento direto ou implícito para ser magra. A "magreza" não é um mandamento nem uma recomendação bíblica. Não há promessas de um "corpo esbelto" para aquelas que amam a Cristo. Concluímos, portanto, que a "magreza" não é um alvo bíblico. Perder peso para "sentir-se melhor" a respeito de si mesma não é uma iniciativa abençoada. Mas se "magreza" não é o alvo certo, como lidar com o problema de comer exageradamente? Durante o primeiro encontro de aconselhamento, o conselheiro precisa reajustar os propósitos de Janice. Ela deve perceber que um dos seus problemas básicos é estar preocupada principalmente com a aparência, enquanto Deus está preocupado com o coração (1 Sm 16.7) .

Janice precisa mudar os seus alvos. O único alvo central aceitável para um cristão é agradar a Deus. Ela também precisa aprender a ter o desejo dominante de agradar a Deus em tudo quanto faz: "Quer comais, quer bebais ou façais qualquer outra coisa, fazei tudo para a Glória de Deus" (1 Co 10.31). Ela precisa aprender a comer e a de fato viver cada aspecto da sua vida para agradar a Deus e não a si mesma. Você não ajudará Janice se simplesmente supervisionar uma perda de peso, e se ela trocar o pecado da glutonaria e auto-indulgência pelo pecado do orgulho e vaidade. Ter uma aparência de modelo não é um alvo santo; conformar-se à imagem de Cristo, sim. Se Janice estabelecer como prioridade qualquer outro alvo que não seja a glória de Deus, ela deixará de alcançar as mudanças que são realmente importantes e permanentes. O que isto significa especificamente?

Aprender a ser auto-disciplinada e grata

Em segundo lugar, Janice deve começar a se disciplinar. Ela precisa aprender a abandonar os seus hábitos alimentares antigos que envolvem motivações, quantidades de alimento e horários não apropriados. Ela precisa aprender a adquirir hábitos novos de moderação e gratidão. Estes são os propósitos novos que Deus quer que Janice trabalhe para alcançar. Gálatas 5 fala em auto-indulgência e, em seguida, fala em autocontrole como evidência da obra do Espirito na vida do crente. Você deve encorajar Janice, lembrando-a de que ela dispõe da ajuda do Espirito Santo para este projeto, desde que esteja lutando pelos alvos certos. Não é de fato uma questão de controle de peso ou de alcançar aquele "número ideal", mas de sujeitar cada aspecto da sua vida ao senhorio de Cristo. "Eu quero ser auto-disciplinada para glorificar a Deus" seria uma declaração apropriada.

Mais adiante, você deve ensiná-la a ser grata por tudo quanto come, em lugar de murmurar sobre a qualidade ou quantidade. I Timóteo 4. 3-5 manda-nos ser gratos e orar antes de comer. Ela deve se comprometer a orar e agradecer antes de comer qualquer coisa, tendo em vista dois objetivos: primeiro, ela terá tempo para aquietar seu coração antes de "avançar" no alimento; segundo, ela encontrará dificuldade em agradecer a Deus por algo que já sabe que não deve comer.

A auto-disciplina, com coração grato, é um dos frutos da mudança que o Espiri-

to está operando na natureza de Janice. Como filha de Deus, ela não deve se submeter a nenhum tipo de escravidão— nem mesmo à comida. Romanos 6.16 declara com clareza que ceder continuamente ao pecado resulta em escravidão — a pessoa passa a ser dominada pelo seu hábito alimentar pecaminoso. Mediante a cruz e Seu Espirito, Cristo abriu um caminho para libertá-la desta escravidão e fazê-la serva de Deus. As velhas amarras da alimentação descontrolada podem ser substituídas por uma alimentação controlada e por gratidão. Mudança verdadeira envolverá bastante esforço da parte de Janice.

Tudo na vida é santo

Você precisa treinar Janice para ver a vida em seu todo como santa ou separada para Deus. Muitas vezes os cristãos consideram santas somente as suas obrigações "religiosas" (ir à igreja, ler a Bíblia etc.). Porém Deus olha para todas as áreas da vida — da mais corriqueira e secular à mais "religiosa" — como vividas em fé e submissão ao Seu domínio ou em rebeldia e incredulidade. É algo de suma importância o fato de Janice comer um doce ao invés de se voltar para o Senhor em busca de refúgio quando está sob pressão, deprimida ou entediada. Deus *está* interessado no que ela come e no *porquê* come. Janice está obcecada por comida, peso e aparência. Deus quer abrir os seus olhos para muitas outras coisas a respeito de si mesma e dEle.

A maioria das pessoas que comem excessivamente tem as mesmas motivações controladoras que qualquer outra pessoa auto-indulgente, em especial os desejos de receber aprovação, sentir-se bem ou sentir prazer e conforto. Por exemplo, se Janice está frustrada por não receber a aceitação que deseja (não se trata de uma "necessidade" legítima), o prazer que ela sente comendo em excesso pode lhe proporcionar um conforto imediato de modo "semi-legítimo". Em boa parte do meio cristão, a glutonaria não é vista como pecado. O resultado final desta gratificação imediata pode ser, no entanto, maior ansiedade, isolamento e falta de aceitação (especialmente se ela estiver muito acima de seu peso). O ciclo se repete vez após vez. A verdadeira comunhão e o companheirismo com Deus e outras pessoas fica impedido quando se vive em pecado (1 Jo 1.7). Como conselheiro ou conselheira, além de trabalhar com os hábitos externos e óbvios, você deve investir tempo na descoberta das motivações básicas e dos "ídolos" do coração.

Ter como alvo um arrependimento abrangente

Um plano bíblico de ação traz à tona motivações não-bíblicas, orienta a atenção para os alvos bíblicos e traz à luz os desejos idólatras da carne. Este todo lança Janice em direção ao chamado de Deus ao arrependimento, fé e mudança genuína. Mas Janice tem urna visão superficial de arrependimento e confissão: "Eu me sinto mal por ter comido os biscoitos; por favor, ajude-me". Tal arrependimento é vago com relação ao que realmente está errado, vago com relação à graça de Cristo e vago com relação aos alvos de mudança.

Janice obviamente "sente-se mal" por comer em excesso, ganhar peso e precisar comprar roupas de tamanho maior. Mas a sua versão de arrependimento assemelha-se mais a uma tristeza do mundo, que leva à morte, do que a uma tristeza segundo Deus, que leva à vida, alegria e força para mudar (2 Co 7.9,10).

A auto-indulgência de Janice na alimentação é a ponta do icebergue dos seus pecados. Janice luta com a preocupação e estabelece um círculo vicioso comendo em excesso para aliviar o desconforto desta preocupação, e depois preocupando-se por comer excessivamente. Ela não sabe lidar com as pressões da vida, converte-as em estresse e come para aliviar o estresse. Janice costuma ficar entediada, sentar-se em frente à televisão e comer sem estar ciente do que faz e sem sequer sentir o gosto da comida. Ela age movida pelo egocentrismo, deixando de se preocupar com o dinheiro que desperdiça em lanchonetes ou com o quanto sua família sofre ao ouvi-la reclamar sobre comida e peso.

Com freqüência, Janice é desonesta, mentindo para si mesma e os outros acerca do seu consumo de alimentos e roubando comida quando sua família não está por perto. Ela está tomada de cobiça. Em Números 11 e Salmo 78.21-31, o consumo compulsivo de comida é descrito como "cobiça" habitual, um termo mais bíblico do que "compulsão" para se referir a estes hábitos de glutonaria.

O hábito de comer em excesso que Janice adquiriu, e a sua preocupação com as conseqüências resultantes, impedem-na de encarar as verdades mais concretas e duras a respeito de si mesma. A verdade de Deus recai com dureza sobre nós— "miserável homem que sou, quem poderá me livrar desse corpo de morte?" Mas o amor de Deus é bondoso para com o arrependido— "graças a Deus em Cristo Jesus nosso Senhor" (Rm 7.24,25). Um arrependimento específico e honesto estabelece a base para ser capaz de mortificar as obras da carne pelo Espirito (Rm 8.13). O fruto deste arrependimento específico é auto-disciplina, em espírito de gratidão. Como outros crentes podem ajudar Janice no processo de mudança?

Estabelecer uma forma de prestação de contas

Janice precisa estabelecer uma forma de prestação de contas daquilo que come. Por exemplo, ele deveria concordar em registrar por escrito tudo quanto come durante o dia, indicando não só os diferentes tipos de alimento, mas as quantidades. Você poderia sugerir uma boa dieta (se ela realmente precisa perder peso), com recomendação e orientação médica. Ela também poderia registrar a prática de exercícios físicos, verificando a quantidade de calorias gastas. Tabelas que indicam queima de calorias são de fácil acesso.

Há outras disciplinas que Janice deveria anotar neste diário: os pedidos e respostas de oração, a leitura da Palavra e sua maneira de lidar com a preocupação, o tédio, a murmuração e a desonestidade. O diário passa a ser um instrumento básico para que outros possam exercer cobrança, orar por ela e oferecer encorajamento. Os alvos para o crescimento espiritual e a perda de peso devem ser estabelecidos no segundo ou terceiro encontro, certificando-se de que eles sejam razoáveis e alcançáveis. Para quem está envolvido em ajudar mulheres que precisam perder peso, é bom ter uma balança no escritório para medir o sucesso ou o fracasso. Os conselheiros devem pedir às suas esposas ou secretárias que se encarreguem da tarefa de pesagem das aconselhadas.

Visto que comer é uma atividade necessária para a sobrevivência, é mais difícil controlar o comer em excesso do que outros pecados. A abstinência total obviamente não funciona. Mas se você persis-

tir em treinar as suas "Janices" para viverem de maneira agradável a Deus e para a glória dEle, alcançará êxito. Lembre-se das palavras de Paulo: "a fim de viverdes de modo digno do Senhor, para o seuinteiro agrado, frutificando em toda boa obra e crescendo no pleno conhecimento de Deus; sendo fortalecidos com todo o poder, segundo a força da sua glória, em toda a perseverança e longanimidade; com alegria, dando graças ao Pai, que vos fez idôneos à parte que vos cabe da herança dos santos na luz" (Cl 1.10-12). O sentido da vida não está em ter uma boa aparência ou sentir-se bem, mas está em glorificar a Deus em cada aspecto da nossa existência. Tudo quanto ultrapassa isto é vaidade do mundo.

Ajudar a sua igreja local como um todo

Em meus vinte anos de crente, não me lembro de ter ouvido um sermão sequer que mencionasse a glutonaria como pecado. Provérbios 23.20-21 e Deuteronômio 21.20 ensinam que a glutonaria e a bebedice estão vinculadas entre si. Você permitiria que um terço da congregação se reunisse para adorar em estado de estupor devido ao consumo de álcool? O mau uso da comida é um problema a que a Bíblia se dirige'. A primeira coisa que você pode fazer é começar a desafiar a sua congregação a uma vida disciplinada. Ter fartura de alimentos não é razão para comer em excesso.

Talvez você possa desafiar a sua congregação a deixar de consumir durante um mês o cardápio caro e rico em calorias oferecido pelas lanchonetes, e doar o dinheiro para um projeto de missões. Evite que todas as reuniões de comunhão incluam bolos e biscoitos. Será que realmente precisamos de comida em todas as reuniões? Por que não sugerir saladas e legumes crus ao invés do cardápio costumeiro das reuniões? Seria certo pensar em oferecer pelo menos uma escolha de prato pobre em calorias — um alimento mais saudável para quem quer participar da comunhão, mas está lutando com a glutonaria.

Conclusão

1 Coríntios 6.19-20 diz: "acaso não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espirito Santo que está em vós, o qual tendes da parte de Deus, e que não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por preço. Agora, pois, glorificai a Deus no vosso corpo". O corpo de Janice não pertence a ela, mas a Deus. Quando abusa do seu corpo comendo em excesso, ela está abusando do templo de Deus. Ela deve, portanto, se esforçar para usar bem o seu corpo, praticando uma boa mordomia da propriedade de Deus.

Eu acredito que a Palavra e a obra de Deus são suficientes para lidar com todo tipo de problema na vida do crente. Comer em excesso é um destes problemas, e não é preciso abraçar os padrões e os métodos do mundo para lidar com ele. Que Deus abençoe você e que você seja útil nas mãos dEle para ajudar todas as "Janíces" em sua igreja.

---

[2]Alguns textos para um estudo bíblico sobre alimentação: Gn 3.1-7; Dt 8.3; Jr 15.16; Gn 25.27-34; Ex 16.12; Nm 11.4-6; SI 78.21-31; 1 Sm 2.12-17; Dn 1.8; Mt 4.1-4; Lc 12.22-24; Is 55.1-2; Mt 6.25-34; 1 Tm 4.3-5; Rm 14.14-23; 1 Co 10.31; Hb 13.9.

Como Ajudar Mulheres com Bulimia

Elyse Fitzpatrick[1]

Bulimia é um ciclo habitual de comportamento caracterizado por ingerir uma grande quantidade de alimentos e, em seguida, induzir o vômito ou alguma outra forma de purgação. Bulimia — literalmente "fome de boi" — ganhou, na última década, um grande espaço na mídia com "vítimas" famosas como, por exemplo, a princesa Diana. À medida que os comportamentos e riscos característicos da bulimia são objeto de sensacionalismo, com modelos e bailarinas que confessam o uso destes procedimentos para controle do peso, muitas jovens tentam fazer o mesmo. Divulgar amplamente o assunto e "educar" o público a respeito da bulimia induzem, ironicamente, um número maior de mulheres a praticá-la. Nos grupos de emagrecimento que eu coordeno, tenho ouvido mulheres dizerem (brincando): "Estou orando para ter bulimia". Já que está na "moda" ser "bulímica", imagino que encontraremos mais e mais casos de bulimia em nossos aconselhamentos. Precisamos de respostas seguras, claras e bíblicas, que falem ao coração.

Neste artigo, pretendo expor as manifestações fisiológicas e comportamentais da bulimia, descrever algumas motivações pessoais mais comuns, identificar os padrões habituais errados e aqueles que devem substituí-los, e esboçar um plano específico que você, conselheira ou conselheiro bíblico, pode usar com a sua aconselhada.

Antes de começar, quero fazer uma observação sobre a nomenclatura diagnóstica ou "rótulos". O que é "bulimia"? À semelhança dos órgãos governamentais que têm exigido informações verdadeiras nos rótulos de produtos comercializados, os conselheiros bíblicos também precisam zelar pela verdade. Qual é a verdade a respeito da nomenclatura usada nos diagnósticos? Em certo sentido, ela pode ser útil. Por exemplo, estou usando o termo "bulimia" neste artigo e você tem uma idéia, em poucas palavras, do que estou querendo dizer. Todavia, há certos proble-

[1]Tradução e adaptação de *Helping Bulimics* Publicado em *The Journal of Biblical Counseling. v.* 11, n.2, Winter 1993, p. 16-20.

mas inerentes a esta nomenclatura que me levam a resistir ao uso do termo "bulimia" com as aconselhadas.

Primeiro, esta nomenclatura tende a promover a idéia de doença ou de um modelo médico. Por ter um problema cujo nome soa ligado à medicina e é usado pela comunidade médica, a aconselhada pode pensar que está com uma doença. "Eu estou com bulimia" pode ser usado da mesma forma que "Eu estou com gripe" ou "Eu estou com tuberculose". Em vez de dizer "Eu pratico um comportamento bulímico", o que seria mais exato, ela fala sobre seus maus hábitos como se eles fossem uma doença com que ela "está" e sobre a qual não tem controle. Os termos médicos são obviamente úteis e apropriados para descrever os problemas *somáticos,* ou seja, as anormalidades orgânicas que prejudicam o funcionamento fisiológico normal e podem derivar de infecções, fraquezas constitucionais ou estresse ambiental.[1] Em muitos casos, a pessoa não é responsável por estar doente. Em outros, a doença é causada por determinados comportamentos como fumar, consumir de bebidas alcoólicas em excesso, manter relacionamentos promíscuos, abusar de drogas, alimentar mal etc. Mas mesmo nestes casos em que a doença tem como causa comportamentos específicos, ela tem um diagnóstico, prognóstico e patologia estabelecidos com base orgânica.

Atualmente, muitos comportamentos — alcoolismo, co-dependência, bulimia, anorexia etc. — estão sendo classificados popularmente como doença e tidos como doenças reais. É verdade que há certos efeitos fisiológicos da prática contínua da privação de alimentos ou da glutonaria seguida de vômito, mas não há agentes químicos conhecidos, lesões cerebrais, genes, vírus ou bactérias que *causam* estes comportamentos. Meu ponto de vista é o seguinte: bulimia *não* é uma doença; ela é um comportamento.

Segundo, o uso desta nomenclatura pode enganar sutilmente a aconselhada e levá-la a crer que ela tem uma desculpa para pecar. "Não há nada que eu possa fazer... Não posso parar com isso... Eu estou com uma doença, estou com bulimia... foi o que o conselheiro me disse..." Nenhum de nós (incluindo as nossas aconselhadas) precisa de novas desculpas para pecar ("É uma doença"). Somo peritos em arranjar desculpas por conta própria! Somos responsáveis por nosso comportamento,[3] quer este comportamento tenha ou não um nome que se pareça com doença. Desculpas não somente "desculpam", mas elas também condenam. Se a sua aconselhada acredita que ela está com uma doença que não tem causa nem cura conhecidas, ela pode facilmente perder a esperança e se tornar uma presa de soluções enganosas.

[2]Há várias obras que lidam com a diferença entre o modelo médico (doença) e o modelo bíblico (pecado) e que podem nos ser úteis. Destacamos BOBGAN, Martin and Deidre, *12 steps to destruction.* Santa Barbara, Calif.: EastGate, 1991; PLAYFAIR, William L. *The useful lie.* Wheaton, Ill.: Crossway, 1991; WELCH, Edward *T. The counselor's guide to the brain and it's disorders.* Grand Rapids, Mich.: Zondervan, 1991. Também há vários livros seculares que identificam corretamente a diferença entre doenças "reais" e problemas comportamentais: PEEL, Stanton. *The diseasing of America.* Lexington, Mass.: Lexington, 1989; FINGARETTE, Herbert. *Heavy drinking* the myth of alcoholism as a disease. Lexington, Mass.: D.C.Heath, 1989.

[3]Romanos 14.12

Terceiro, o uso desta nomenclatura pode levar algumas aconselhadas a crer que Deus precisa "curá-las" para que possam mudar. Se sofre de uma doença, a sua aconselhada pode vir a crer que o único caminho para ficar livre deste "sofrimento" seja um encontro sobrenatural com o Senhor. O processo de libertação de hábitos escravizadores é sobrenatural e ocorre no contexto da comunhão com Deus. Todavia, o desejo de ser "curada" de modo especial do comportamento bulímico não é bíblico. A aconselhada pode correr em vão de ministério em ministério de libertação ou cura interior, procurando alguém com fé e poder suficientes para "curá-la". É de se esperar que ela acabe frustrada, desiludida, sem esperança. A Bíblia é clara sobre como lidar com problemas que envolvem pensamentos e comportamentos errados. Ela nos dá todas as ferramentas de que precisamos para a vitória sobre o pecado.

Quarto, o uso desta nomenclatura desvia os nossos olhos da verdade e os orienta em direção ao engano atraente. Uma doença não é algo tão duro de encarar como o pecado. Quando estou com um mal-estar físico, em lugar de reconhecer que sou egocêntrica e quero o melhor para mim, eu preferiria pensar que meu resfriado me faz agir de maneira indelicada com minha família. Há perigos no uso de "rótulos" com as aconselhadas, a menos que tanto elas como você saibam com clareza o que eles significam ou não. Neste artigo, faço uso do termo "bulimia" apenas com o propósito de ser breve, e quero deixar claro que defino bulimia como um determinado tipo de comportamento e não de *doença.*

E agora, mãos à obra. Bulimia é um padrão habitual de comportamento caracterizado por episódios freqüentes de ingestão copiosa de alimentos,[4] que resulta geralmente em desconforto estomacal, sono, vômito e outras formas de purgação (comportamentos compensatórios). Os episódios bulímicos são normalmente planejados, secretos e rápidos. Tive oportunidade de ler o relatório de uma mulher que ingeriu alimentos no total de 54 mil calorias em um período de oito horas, alternando com vômitos auto-induzidos. Também há casos documentados de mulheres que tomaram até duzentos laxantes antes de dar início a um episódio bulímico ou que engoliram "marcadores" (pequenos pedaços de plástico colorido) para que pudessem controlar a eliminação completa de todo o alimento ingerido.

Estes comportamentos são mais comuns entre as mulheres jovens, mas não há um limite de idade definido. Muitas vezes, adolescentes começam a praticá-los durante o ensino médio para controlar ou eliminar o aumento de peso natural entre os catorze e dezesseis anos. Mais tarde, recorrem a este comportamento vez ou outra durante os anos da faculdade ou, na vida adulta, após o parto. Estatísticas mostram que muitas mulheres com bulimia vêm de famílias em que os pais são obesos.

A prática contínua da bulimia pode ter vários efeitos fisiológicos: erosão do esôfago e dos dentes, alterações no processo de digestão dos alimentos, vômito involuntário, irregularidade no funcionamento in-

[4]NdT. O termo *binge* - usado na língua inglesa para descrever um episódio de ingestão alimentar copiosa e descontrolada em um curto período de tempo - não tem tradução adequada para o português, sendo por vezes referido como "comer compulsivo", "comilança", "empanturramento". Vamos dar preferência ao uso da expressão *episódio* bulímico.

testinal ou diarréia grave, ausência da menstruação, batimento cardíaco fraco, hipotermia, crescimento de penugem no corpo. Embora o peso esteja geralmente dentro da normalidade, há oscilações freqüentes dependendo dos episódios bulímicos, dos procedimentos compensatórios, das dietas e jejuns. Se você for procurado por uma aconselhada que apresenta sinais de bulimia ou alguns dos sintomas fisiológicos mencionados acima, sua primeira tarefa é encaminhá-la para um médico, pois precisa ter certeza de que está lidando de fato com algo causado por um comportamento e não por um problema orgânico.

A seguir, identificarei quatro entre as motivações mais comuns na vida da mulher com comportamento bulímico, ligadas à cobiça ou avidez. Não quero dizer com isso que todas as mulheres que praticam a bulimia têm automaticamente estes desejos no controle de sua vida, nem mesmo quero eliminar a possibilidade de haver outros desejos também presentes. Creio apenas que estes são os mais comuns. Use-os como ponto de partida para começar a pensar biblicamente a respeito das pessoas que passam por ciclos de episódios bulímicos e purgação.

1. Hábitos de cobiça e o desejo de gratificação instantânea: "Um grande desejo de comidas no deserto"

Na vida da mulher com comportamento bulímico, encontramos certos comportamentos que ela talvez descreva como "compulsivos". Ela pode identificar uma forte sensação física de estar sendo compelida à ingestão copiosa e descontrolada de alimentos. Assim que ela começa a comer, ela pode nem mesmo sentir o sabor do alimento. Quando enche a boca de comida, ela pode não pensar de modo consciente sobre o que está fazendo, pode perder a noção do tempo e de quanto alimento ingeriu. Ela pode sentar em frente à televisão e assistir a um programa qualquer enquanto devora batatas fritas, taças de sorvete, pacotes de salgadinhos ou biscoitos. Ela experimenta um certo prazer no comer, não apenas pelo gosto e textura do alimento ou pela reação química do açúcar no sangue, mas também pelo relaxamento e calma que vêm após a auto-indulgência apressada e quase frenética. O episódio bulímico pode ter curta duração, especialmente se ela for interrompida por seus familiares, ou ele pode prosseguir durante horas, intercalado à ingestão copiosa de alimentos, ao remorso e ao desânimo com as práticas de purgação.

Não se engane — esta compulsão relacionada à ingestão de alimentos é tão forte quanto aquela enfrentada pelos que têm o hábito de beber em excesso ou usar drogas, e provavelmente está presente entre os membros de sua igreja. Você precisa colher dados com cuidado, descobrindo os "gatilhos" do comportamento bulímico da sua aconselhada. O que desencadeia os episódios bulímicos? Você pode descobrir as inclinações da carne e dos pensamentos.[5] Talvez os episódios bulímicos sejam desencadeados por preocupação, ira ou estresse, ou quem sabe por desejos naturais do corpo associados a tensão, fatiga, fraqueza ou tensão pré-menstrual. Pode ser parte do comportamento habitual da mulher dar lugar a um episódio bulímico às três da tarde, aos sábados ou no primeiro dia de seu ciclo menstrual. Seja como for, dados sobre o "gatilho" são importantes para que você possa

[5]Efésios 2.3

depois ensiná-la a se despojar dos velhos hábitos e revestir-se de novos hábitos.

Estou convencida de que esta "compulsão" seria melhor definida biblicamente como uma cobiça hábitual. Cobiça é um desejo voraz de obter mais do que aquilo que você precisa ou merece, e já que cobiça é um assunto tratado amplamente na Bíblia, há como oferecer uma ajuda consistente à sua aconselhada. Para começar, podemos gerar esperança desfazendo o aspecto místico deste comportamento ("compulsão") e transportando-o para o campo da vivência cotidiana e compreensível. Você pode enfatizar que a sua aconselhada não está sozinha em sua luta com a cobiça (1 Co 10.13). O povo de Israel foi culpado de cobiça no deserto (Nm 11.4, 6, 13-14, 31-34), e muitos dos israelitas foram até mesmo enterrados na "sepultura do forte desejo". As causas deste "forte desejo" estão ilustradas na história de Israel. O Salmo 78, a partir do versículo 17, fala em rebeldia, tentar a Deus, falar contra Deus e não ter fé em Deus: "porque não creram em Deus, nem *confiaram* na Sua salvação" (Sl 78.22). Este Salmo fala com clareza dos fortes desejos como sendo comuns e um sub-produto da confiança em si mesmo para obter satisfação e salvação, ao invés de uma confiança depositada em Deus. Quando a sua aconselhada está tensa, irada, triste ou preocupada, ao invés de se voltar para o seu gracioso Salvador, ela procura salvar a si mesma e aplacar seus sentimentos de desconforto com o alimento. Está evidente que ela precisa aprender a confiar em Deus. [6]

O Novo Testamento também fala amplamente sobre cobiça. Jesus nos recomendou: "Tende cuidado e guardai-vos de toda e qualquer avareza; porque a vida de um homem não consiste na abundância dos bens que ele possui".[7] Se Jesus nos advertiu a respeito de algo, há uma boa possibilidade de que sejamos enganados por aquilo. Ele prossegue: "Por isso, eu vos advirto: não andeis ansiosos pela vossa vida, quanto ao que haveis de comer... Porque a vida é mais do que o alimento... Não andeis, pois, a indagar o que haveis de comer ou beber e não vos entregueis a inquietações."[8] Perceba a ligação que o Senhor estabeleceu entre auto-indulgência e preocupação com comida e auto-indulgência e preocupação com bebida. [9] Preocupação é um sub-produto da confiança em si mesmo e deve ser tratada no contexto deste hábito de cobiça. O apóstolo Paulo trata da cobiça em Colossenses 3.5, afirmando que ela equivale àidolatria e é parte da velha natureza que deve ser posta a morte. Como qualquer outra forma de idolatria, o que tem início como algo ocasional, agradável e inofensivo, toma-se uma armadilha escravizadora — uma "sepultura de fortes desejos". Como conselheiro ou conselheira, é útil que você use o termo "cobiça habitual" ao invés de compulsão.

2. Um desejo pecaminoso de perfeccionismo "aparente" e orgulho: "O fariseu interior"

Uma combinação específica de motivações pecaminosas e implacáveis costu-

[6]Jeremias 17.5-8

[7]Lucas 12.15

[8]Lucas 12.22, 23, 29

[9]Veja também Lucas 21.34:¨Acautelai-vos por vós mesmos, para que nunca vos suceda que o vosso coração fique sobrecarregado com as conseqüências da orgia, da embriaguez e das preocupações deste mundo..."

ma governar a mulher com comportamento bulímico. Associado aos hábitos dominadores que envolvem cobiça, preocupação e auto-indulgência, há um forte desejo de estar no controle da situação e ter uma aparência bonita. As conseqüências naturais de episódios bulímicos regulares são o aumento do peso e o desconforto. A mulher que pratica a bulimia não está disposta a pagar o preço da sua auto-indulgência. Ela oculta seu hábito, é desonesta e transfere a culpa para não encarar o aumento de peso resultante. Conseqüentemente, ela recorre à purgação — pode usar laxantes ou auto-induzir o vômito, pode jejuar por vários dias para compensar o episódio bulímico ou pode calcular a quantidade necessária de exercícios para compensar o aumento de peso. Em quaisquer destes casos, ela está evitando a verdade sobre a sua auto-indulgência.

Mateus 23 fala sobre o costume de viver pela aparência. Neste capítulo, Jesus confronta os fariseus e os escribas por sua hipocrisia e seu orgulho: "Praticam todas as suas obras com o fim de serem vistos dos homens"; "Limpais o exterior do copo e do prato, mas estes, por dentro, estão cheios de rapina e intemperança"; "Exteriormente pareceis justos aos homens, mas, por dentro, estais cheios de hipocrisia e de iniqüidade". O Senhor fala com clareza ao coração de todos nós. A menos que Ele nos liberte, na verdade, somos todos fariseus, prontos a agradar a homens e desejosos de cobrir o nosso pecado para que outros pensem o melhor a nosso respeito. À semelhança do que Eva fez no jardim, a nossa aconselhada faz vestes de folhas para si mesma: "Não me veja como realmente sou!". Somente o coração humilde, transparente e confiante, que se abre diante de Deus e dos outros, aprenderá a se libertar desta escravidão. Para tanto, ela precisa se comprometer a confessar todos os episódios bulímicos ou de purgação ao marido (se for casada), aos pais ou colega com quem mora, ou a você como conselheiro(a). Não deve mais encobrir! Ela deve se comprometer a registrar toda a comida que come durante determinado período de tempo (talvez seis meses).

Conforme afirmei no artigo anterior, *Corno Ajudar Mulheres que Comem em Excesso,* não há uma ordem bíblica para ser magra. Há mandamentos para glorificar a Deus com o nosso corpo, praticar o domínio próprio, fazer tudo para a glória de Deus e para agradá-lO, mas não há uma ordem para ser magra. Quando a mulher com comportamento bulímico recorre à purgação, ela está querendo alcançar um alvo que não é bíblico. O alvo apropriado não é meramente ter uma "boa aparência" (embora não haja nada de errado com a boa aparência), mas agradar a Deus com um coração submisso a Ele. Amar e esforçar-se por alcançar os padrões do mundo,[10] ter "boa aparência" e buscar a aprovação de outros pela aparência física não deve encontrar lugar no

[10]1 João 2.15-16. Perceba a ligação que este textos estabelece entre o amor ao mundo, a cobiça e o orgulho. O padrão do mundo, "Eu devo ter boa aparência para ser aceita e respeitada (adorada e obedecida)", está em franca oposição à Palavra de Deus que ordena que a beleza da mulher não seja "meramente exterior!.. mas... o interior do coração, unido ao incorruptível trajo de um espírito manso e tranqüilo, que é de grande valor diante de Deus". Este texto de 1 Pedro será útil para mostrar o contraste entre o amor que a sua aconselhada nutre pelas aparências e o amor do Senhor por um coração puro. Veja também 1 Samuel 16.7; Isaías 3.16, 18-23 (perceba a ligação entre amor excessivo pela aparência, orgulho e "olhos sedutores"); Mateus 23.28; Romanos 2.28; 2 Coríntios 5.16; 1 Timóteo 2.9-10.

coração da mulher cristã. Julgar a si mesma ou aos outros de acordo com a carne é pecado.

Visto que a sua aconselhada tem o pensamento centrado em descobrir como os outros a vêem, ela julgará com facilidade e freqüência as pessoas que lutam com excesso de peso.[11] Ela pode se assemelhar aos fariseus descritos por Jesus em Lucas 18.9, "...que *confiavam em si mesmos,* por se considerarem justos, *e desprezavam os outros".* Pergunte-lhe como ela vê as pessoas que estão acima do peso. Ela se compraz em receber cumprimentos do tipo "Você está bonita! Meus parabéns!"? Talvez ela goste de flertar (os conselheiros devem estar atentos a esta tendência). Há possibilidade de envolvimento atual ou anterior em comportamento imoral. Ela precisa aprender a se humilhar, a começar a olhar para as mulheres que estão acima do peso como irmãs (e não rivais) pelas quais ela deve orar fielmente, e olhar para os homens como irmãos e não objetos de conquista. Em outras palavras, ela precisa aprender a amar o próximo como já ama a si mesma . Uma tarefa prática útil pode ser estabelecer contato com outras mulheres, descobrir fatos significativos ou interessantes a respeito delas, aprender a compartilhar com elas o evangelho, confessar seu orgulho pecaminoso e a auto-indulgência, e orar com elas.

3. Um desejo de salvar a si mesma do seu pecado.

Creio que a purgação é de certa forma um ato de penitência ou auto-flagelação, na tentativa de mascarar ou reparar a auto-indulgência pecaminosa. A penitência, em si, é pecado, pois expõe o coração que confia em seus próprios esforços em vez de confiar em Cristo e Sua provisão. A pedra de tropeço da cruz é justamente o fato de que não podemos salvar a nós mesmos. Qualquer tentativa neste sentido despreza o sangue precioso de Cristo.

É preciso investir algum tempo no aconselhamento para esclarecer a diferença entre arrependimento e penitência. Recomendo o livro de C. John Miller *Repentance and 20th Century Man (Arrependimento e o Homem do Século 20).*[12] Estude com a sua aconselhada Filipenses 3.7-9: "Mas o que, para mim, era lucro, isto considerei perda...para ganhar a Cristo e ser achado nele, *não tendo justiça própria, que procede de lei,* senão a que é mediante a fé em Cristo, a justiça que procede de Deus, baseada na fé" e Gálatas 2.16: "sabendo, contudo, que o homem não é justificado por obras da lei, e sim mediante a fé em Cristo Jesus, também temos crido em Cristo Jesus, para que fôssemos justificados pela fé em Cristo e não por obras da lei, pois, por obras da lei, ninguém será justificado". Independentemente de estar servindo a velha lei ou o seu próprio legalismo[13], ela não progredirá na caminhada com Cristo enquanto procurar servir a lei ao invés da graça.

Arrependimento e confissão humildes são assuntos importantes para discutir nos encontros, incluindo textos como 2 Coríntios 7.9-10, que contrasta a diferença entre a tristeza segundo o mundo e a tristeza segundo Deus para o arrependimento.[14]

---

[12]Publicado por Christian Literature Crusade, 1975.
[13]Para uma abordagem de como as pessoas constroem seus próprios sistemas legalistas, consulte o artigo de Edward Welch *"O aconselhamento bíblico é legalista?"* em *Coletâneas de Aconselhamento Bíblico* v.4, p. 28.
[14] Veja também Salmo 103.3, 12-13; Isaías 30.15; Joel 2.12-13; Hebreus 10.17; 1 João 1.8-9.

4. A preguiça e o desejo de alcançar soluções instantâneas

"Trabalho diligente — o que é isso? Despojar-se e revestir-se — isso exigirá tempo e esforço". A sua aconselhada talvez queira se ver livre do desconforto dos episódios bulímicos ou mesmo do embaraço da purgação. Entretanto, com certa freqüência, quando você traça as linhas gerais do trabalho diligente que precisa ser feito, este não lhe parece convidativo. Por que toda esta resistência, mesmo por parte de uma aconselhada que reconhece seus pecados no comportamento e na motivação?

Repare como Provérbios une a preguiça à cobiça. "O preguiçoso *deseja e* nada tem..."[15] e "O preguiçoso morre desejando, porque as suas mãos recusam trabalhar. O cobiçoso cobiça todo o dia..."[16] A sua aconselhada precisa aprender que pegar um atalho, o caminho da preguiça (a purgação), levará apenas a uma cobiça cada vez maior (o episódio bulímico) e finalmente à morte. Trabalhar com diligência para se despojar de hábitos de auto-indulgência pela prática de uma dieta alimentar sábia, registrando todo o alimento ingerido, vivendo em espírito de gratidão e oração ao invés de cultivar amargura e ansiedade levará finalmente a uma mudança verdadeira em sua vida. Este processo de santificação não é apenas uma questão de aprender determinados hábitos alimentares. Isto faz parte, mas é preciso que aconteça uma mudança de acordo com o propósito de Deus em outras áreas da sua vida. Também é bom lembrar que esta mudança será algo lento, uma firme *progressão* rumo à conformação com a imagem de Cristo, e não uma transformação da noite para o dia. Com freqüência, o Senhor usa os hábitos envolvidos na bulimia para revelar outras áreas de dúvida e incredulidade. A sua aconselhada precisa ser encorajada a trabalhar diligentemente, sabendo que o Senhor também está operando nela para resultar na sua liberdade e na glória dEle.[17]

Há muitas promessas maravilhosas sobre a recompensa da diligência que encorajarão sua aconselhada a continuar lidando com a auto-indulgência de acordo com o método de Deus.[18] Além disso, considere que Efésios 4.28 também fala em desonestidade (roubo) como tendo relação com a indolência e a aversão ao trabalho. Muitas mulheres, de fato, roubam comida de lojas ou de outras pessoas e mentem a respeito daquilo que comeram.

A indolência, a preguiça e o desejo de "pegar um atalho", que podem estar tão óbvios nesta área específica da vida da sua aconselhada, podem se estender a outras áreas também. Há outras situações em que ela busca a saída mais fácil? Aprender a ser totalmente honesta sobre o que ela come e onde ela consegue esta comida será para ela um grande passo rumo à santificação em muitas outras áreas.

Um plano de ajuda

A seguir, você encontra um plano que pode usar para identificar como as informações anteriores caracterizam individualmente a sua aconselhada.

[15]Provérbios 13.4
[16]Provérbios 21.25,26
[17]Filipenses 2.13
[18]Deuteronômio 6.17; 28.1; Provérbios 10.4; 12.24, 27; 13.4; 21.5

1. Certifique-se de que a sua aconselhada é salva. Verifique sempre o estado do seu relacionamento com Deus. Há convicção de pecado? Há confiança na misericórdia e poder de Deus?

2. Colha dados a respeito dos seguintes aspectos:

a. Início do comportamento bulímico

b. Histórico familiar

- relacionamento com pais e irmãos

- problemas de peso na família

- dietas e comportamento alimentares na família

c. Peso atual e histórico de alterações do peso

d. Comportamento alimentar atual. Faça com que ela mantenha um diário alimentar durante algumas semanas, registrando *tudo* quanto come e *quando* come.

e. Problemas fisiológicos atuais Encaminhe para uma consulta médica.

3. Estabeleça o propósito para o aconselhamento — não aceite nada menos que viver para agradar a Deus

4. Planeje como lidar com a resistência — lembre-se de Provérbios 26.16

5. Construa esperança!

6. Estabeleça prestação de contas nos seguintes aspectos:

a. Envolvimento da família

b. Confissão de episódios bulímicos e purgação

c. Registro diário do alimento ingerido e do momento devocional

d. Pesagem semanal (no caso de um conselheiro, deve ser feita pela secretária ou outra mulher)

e. Memorização semanal de versículos. Os versículos mencionados anteriormente podem ser úteis.

f. Lista de motivos de louvor a Deus

g. Oração e ação de graças antes de comer *qualquer* coisa — 1 Timóteo 4.4-5

h. Eliminação de todos os laxantes, diuréticos e balanças que tiver em casa

i. Se possível, comprometer-se com nunca comer sozinha. Comer sozinha facilita os episódios bulímicos. De qualquer forma, você deve lembrá-la de que nunca está sozinha—Jesus Cristo está ao seu lado.

j. Guardar o seu coração de modo que não gaste tempo fantasiando sobre alimentos.

7. Ensine-a a lidar com a tentação de se entregar aos episódio bulímicos:

a. Clamar pela ajuda de Deus, confiando humildemente nEle.

b. Identificar aquilo que a tenta. Buscar o Deus de misericórdia e graça para receber ajuda em tempo de necessidade (Hb 4.16).

c. Deste momento em diante, evitar lugares e alimentos que desencadeiam os episódios bulímicos.

d. MUDAR. MUDAR. MUDAR! Faça com que ela mude de lugar ou atividade, ou mesmo saia de casa se for preciso.

e. Lembrar que é responsável por prestar contas dos episódios bulímicos — deve pegar uma caneta e começar a escrever o que comeu.

f. Lembrar que a purgação como meio de escape não é mais uma opção para ela. Ela deve se voltar para Jesus como seu Salvador, o verdadeiro meio de escape (1 Co 10.13).

g. Entoar seus cânticos e hinos favoritos e começar a louvar a Deus.

h. Chamar uma pessoa amiga para orar com ela.

i. Mesmo que ela já tenha dado início ao episódio bulímico, ela pode parar, clamando pela ajuda de Deus

j. Colocar trechos de Isaías 53 na porta da geladeira e despensa. Deve lê-los.

k. Estar ciente dos "gatilhos" específicos: estado de ânimo, período do mês, circunstâncias difíceis. Planejar com antecedência como enfrentará a tentação.

Para concluir, como conselheira ou conselheiro bíblico, não se deixe intimidar nem duvide da sua habilidade para ajudar mulheres que lutam nesta área. As atitudes do coração da mulher que pratica a bulimia são decididamente semelhantes às do seu coração. A Bíblia fala de modo maravilhoso e penetrante a todos nós.

Como Ajudar Mulheres com Anorexia

Elyse Fitzpatrick[1]

Com este artigo, o terceiro da série sobre comportamentos alimentares pecaminosos, tentarei alcançar três objetivos. Primeiro, dar um resumo dos comportamentos mais comuns e conseqüências fisiológicas do estilo de vida destrutivo freqüentemente chamado de "anorexia". Segundo, descrever as motivações ou desejos dominadores mais comuns que induzem a esse comportamento. Terceiro, oferecer orientações quanto aos métodos de aconselhamento. Há vários passos a dar e aspectos a considerar com cuidado se você quiser realmente ajudar alguém com anorexia.[2] Não se surpreenda se ou quando você descobrir que as anoréxicas são difíceis de aconselhar. Seu padrão de comportamento, suas crenças e motivações costumam estar profundamente arraigados. Saiba que não há solução mais eficaz que a de Deus. Fale a verdade em amor, com paciência e persistência.

Sem repetir aquilo que já foi dito no artigo anterior sobre os rótulos da psicologia e psiquiatria, quero simplesmente relembrar que o termo "anorexia", conforme o uso que fazemos aqui, refere-se a um *comportamento* deliberado e não a uma *doença.* O comportamento anoréxico pode ter conseqüências físicas graves e até fatais. Você deve intimar as aconselhadas a procurar orientação, diagnóstico e tratamento médicos para monitorar estas conseqüências. Mas a anorexia recai na categoria de estilo de vida deliberado e não de vitimação inocente resultante de doença, trauma ou herança genética. Com freqüência, a anorexia gera sintomas físicos reais, à semelhança do que ocorre com a alimentação em excesso, a bulimia e vários outros pecados dominadores. Mas não se trata de um problema médico em sua *essência.* Visto que a anorexia é um comportamento deliberado, você — con-

[1]Tradução e adaptação de *Helping Anorexics* Publicado em *The journal of Biblical Counseling. v.* 11, n.3, Spring 1993, p. 19-23

[2]Recomendo aos leitores uma revisão dos dois primeiros artigos desta série sobre alimentação *(Como Ajudar Mulheres que Comem em Excesso e Como Ajudar Mulheres com Bulimia).* Há aspectos comuns aos vários problemas relacionados com a alimentação, e não vou tratar neste artigo de assuntos já discutidos anteriormente.

selheira ou conselheiro bíblico — pode estar seguro de que tem todos os recursos necessários para alcançar os alvos de Deus e oferecer ajuda para que a sua aconselhada caminhe em direção a uma vida liberta e útil a Deus e ao povo de Deus[2]

O que é anorexia?

Anorexia é a prática intencional e voluntária de privação alimentar auto-imposta. Com freqüência, há períodos intercalados de ingestão copiosa de alimentos e purgação (padrão bulímico). Os médicos consideram como sintoma de anorexia a recusa por parte da pessoa em manter no mínimo 85% do peso corpóreo esperado. Por exemplo, uma jovem que está 10 quilos abaixo do peso esperado pode fixar a atenção em sua dieta e preocupar-se com estar ou ficar gorda. A anorexia é mais comum em mulheres entre os doze e dezoito anos de idade, por isso estou dirigindo meu artigo às mulheres.

Os hábitos alimentares costumam estar associados a outros comportamentos característicos. Por exemplo, é comum que as anoréxicas desenvolvam meios para enganar as pessoas e levá-las a crer que estão comendo. Já que comer é costumeiramente uma atividade social, e deixar de comer gera comentários, a comida pode ser guardada, escondida, enfiada disfarçadamente no bolso ou jogada fora.

Descobrir que a mãe, a irmã, a colega de classe ou de quarto da anoréxica também lutam com o mesmo problema não deve surpreender, pois a anorexia é um comportamento aprendido. "Ser magra" e "ter boa aparência" são conceitos freqüentemente enfatizados na família de srcem. É interessante notar que o comportamento anoréxico é típico das culturas ocidentais onde há abundância de alimento e liberdade de consumo. Este comportamento não "funcionaria", por exemplo, na Somália, onde há uma privação real e a população carece em demasia de alimentos. Também não "funcionaria" em Samoa ou Tonga, onde o ideal cultural é o que nós consideraríamos uma mulher "robusta". Em geral, o comportamento anoréxico tem início como resposta a um ligeiro aumento de peso, muitas vezes associado ao desenvolvimento normal da mulher na fase da adolescência, que se torna motivo de preocupação para a moça e as pessoas ao seu redor. A garota de 11 anos, magra, transforma-se na moça de 15 anos com formas arredondadas, que então passa a seguir um padrão de dieta que pode, finalmente, tornar-se em uma forma lenta de suicídio.

Quais são as conseqüências da anorexia? Não causa espanto que a privação alimentar auto-imposta tenha efeitos físicos sérios. A prática contínua resulta em interrupção do ciclo menstrual, queda da temperatura, distensão abdominal, batimentos cardíacos lentos, queda da pressão sanguínea e crescimento de lanugo (pelos finos que cobrem o corpo). A taxa de mortalidade é de aproximadamente 15 a 20%. A anorexia não é algo para se tratar com descuido. Como um conselheiro bíblico responsável, insista em um exame médico completo como um dos primeiros passo do aconselhamento. Certifique-se de que você está mesmo lidando com um caso de anorexia e não com algum problema orgânico que afeta o apetite. Certifique-se de que os efeitos físicos da privação alimentar auto-imposta estejam sendo acompanhados clinicamente.

[3]Gálatas 6.1-2. Para um tratamento mais amplo dos alvos do aconselhamento bíblico, veja ADAMS, Jay. *Ready to Restore.* USA: Presbyterian & Reformed, 1981.

Entre os passos que você normalmente daria para conhecer uma aconselhada, dê atenção especial a estes:

1. Como é o relacionamento da aconselhada com Deus? Você tem certeza de que ela é convertida, ou será que ela é apenas uma crente nominal? Há sinais de alguma convicção de pecado? Há alguma evidência de arrependimento e fé? Ela tem uma visão legalista de Deus?[4] Ela conhece o amor e o cuidado de Deus, e tem certeza da sua salvação? É comum que as anoréxicas se submetam a um aconselhamento a pedido dos pais e não tenham um relacionamento vital com o Senhor.

2. Como é o histórico pessoal e familiar no que diz respeito a problemas relacionados à alimentação? Como é o relacionamento com os pais?[5] E com os irmãos? Outros familiares têm problemas com alimentos e peso? Que situações foram contexto para o estabelecimento inicial do comportamento anoréxico? Qual o seu peso atual e qual o padrão de comportamento? Há problemas fisiológicos presentes no momento?

Conhecer estes dados ajudará a montar um quadro da qualidade do relacionamento da aconselhada com Deus e do alcance e dimensão dos seus problemas alimentares.

Quero relembrar também a importância de dar atenção especial ao propósito do aconselhamento. Você precisará investir tempo, com certa freqüência, na negociação deste propósito. A aconselhada ou os pais podem estar procurando apenas um alívio temporário para a deterioração física assustadora ou para a escravidão a uma compulsão que é socialmente humilhante. Se a anoréxica foi encaminhada ao aconselhamento por familiares preocupados, ela pode ter pouco ou nenhum desejo de mudar. Ela pode tentar enganar você, assim como tenta enganar outros. Você deverá ser capaz de apresentar a necessidade de uma mudança *bíblica,* sem pressupor que a sua aconselhada esteja compreendendo o propósito do aconselhamento ou concordando com ele. O seu trabalho é orientado por um alvo de restauração completa de vida em direção a Deus e à semelhança de Deus. Isso implica trabalhar em todas as áreas da vida da sua aconselhada, atingindo todos os pecados que a dominam, e não simplesmente lidar com o problema alimentar.

O que motiva o comportamento anoréxico?

As anoréxicas são algumas vezes movidas pela astúcia e outras vezes pela cegueira. Em ambos os casos, procurar entender os padrões de motivação pode ser elucidativo para o conselheiro e a aconselhada. A seguir, descrevo três padrões de cobiça da carne e crenças falsas que costumam motivar as anoréxicas.

1. As anoréxicas, normalmente, não têm uma noção clara do conceito de "Perfeição":

Muitas jovens praticam esses hábitos porque desejam provar que são superiores, perfeitas e capazes de controlar os impulsos desagradáveis do corpo, que ditam ordens na vida das demais pessoas. A jovem anoréxica pode dizer em seu coração: "Sou melhor que o restante da minha

[4]Os padrões legalistas que Edward Welch descreve em Is Biblical Nouthetic Counseling Legalistic? *The Journal of Pastoral Practice v.* 9, n.1, fall 1992, p. 4-21 são freqüentes na anorexia.

[5]Problemas alimentares em adolescentes e jovens podem abrir as portas para muitos outros problemas familiares com os quais o aconselhamento precisa li-dar: ira, medo, falta de comunicação etc.

família. Posso controlar aquilo que como e os exercício físicos que faço — meu corpo não me domina". Ela pode estar confusa, incapaz de definir se o próprio corpo é em si bom ou mau[6], se comer é algo bom ou mau[7], se parecer uma mulher madura (e possivelmente atraente aos homens) é algo bom ou mau.[8] Você precisa investigar o que ela pensa a respeito de perfeição, sucesso-fracasso, bom-mau e normal-anormal. As anoréxicas costumam viver em completo equívoco a respeito da vida, e o aconselhamento bíblico deve ter como alvo promover um entendimento exato.

Embora Jesus tenha ordenado a perfeição, "Portanto, sede vós perfeitos corno perfeito é o vosso Pai celeste",[9] a privação alimentar auto-induzida não é um reflexo da santidade e perfeição de Deus. Pelo contrário, é um tratamento rigoroso imposto ao corpo para tentar demonstrar algum padrão moral mais elevado que, na verdade, está ligado ao orgulho. Não há padrões mais altos que os padrões de Deus. Não há forma de disciplina ou santidade que seja mais perfeita que a de Deus. Lembre-se de Isaías 55:8,9: "Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos, os meus caminhos, diz o SENHOR, porque, assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os meus pensamentos, mais altos do que os vossos pensamentos". Adotar um padrão de comportamento que identifica como pecaminoso aquilo que Deus não apenas permitiu, mas abençoou, é adotar um padrão inferior e pecaminoso e não um padrão superior. A sua aconselhada não pode ser mais disciplinada, equilibrada ou santa que Deus.

Paulo ensinou aos Colossenses que o tratamento rigoroso do corpo não estabelece uma forma de superioridade ou perfeição. "Não manuseies isto, não proves aquilo, não toques aquilo outro, segundo os preceitos e doutrinas dos homens? Pois que todas estas coisas, com o uso, se destroem. Tais coisas, com efeito, têm aparência de sabedoria, como culto de si mesmo, e de falsa humildade, e de rigor ascético; todavia, não têm valor algum contra a sensualidade."[10] Este tratamento severo do corpo não tem valor contra a indulgência da carne. Na verdade, a única coisa que a adoção deste "padrão superior" produz no coração é *orgulho:* orgulho da habilidade de recusar aquilo de que os outros têm necessidade, orgulho da habilidade de controlar situações e provar as próprias forças. Em lugar de se vangloriar em seu coração das restrições duras que impõe a si mesma, ela deve aprender a se gloriar no Senhor. "Não se glorie o sábio na sua sabedoria, nem o forte, na sua força, nem o rico, nas suas riquezas; mas o que se gloriar, glorie-se nisto: em me conhecer e saber que eu sou o SENHOR e faço misericórdia, juízo e justiça na terra; porque destas coisas me agrado, diz o SENHOR."[11] Ela está procurando assumir a posição de um deus no controle da situação? Em substituição, ela precisa aprender a respeito da misericórdia, juízo e justiça de Deus.

Talvez você descubra que a sua aconselhada está tentando ser a "menininha perfeita". É possível que ela se vista como

[6]Gênesis 1.31
[7]1 Timóteo 4.3-5
[8]Gênesis 1.27 e 31.
[9]Mateus 5.48
[10]Colossenses 2.21-23
[11]Jeremias 9.23,24

uma criança, tente esconder seus traços femininos ou, na verdade, até mesmo se comporte como uma menininha. Esse ídolo do coração — "Sou uma menininha perfeita" — precisa ser quebrado. Em seu lugar, ela precisa de um relacionamento genuíno com Deus que a leve a reconhecer a própria pecaminosidade, a sua feminilidade como um presente de Deus, a sua completa dependência de Deus e o seu lugar como serva de Deus. Além disso, ela precisa reconhecer que a privação alimentar é de fato apenas mais uma forma de *auto-indulgência,* mais abominável e enganosa do que outras. Ela está dando lugar ao desejo do seu coração de controlar outras pessoas, demonstrar justiça própria e provar a sua superioridade. Isto é auto-indulgência. E o prazer que ela sente preparando refeições para outros e vendo-os comer, enquanto ela se considera acima disto, é tão perverso quanto o comer em excesso com voracidade.

2. As anoréxicas, com freqüência, expressam um forte desejo de controlar, manipular e revelar sua insatisfação com as circunstâncias da vida

Conheço o caso de uma filha que começou a se privar de alimento porque estava magoada com a maneira insultante como o pai tratava a mãe. Ela imaginou que não poderia conter os acessos de ira do pai por meios legítimos, de modo que tentou controlá-lo fazendo com que ele ficasse mais preocupado com ela e, ao mesmo tempo, mostrando seu descontentamento para com ele. Em outro caso, uma jovem estava começando a praticar a anorexia (junto com o abuso de remédios para emagrecer) apenas como a última de uma série de tentativas para manipular sua mãe, facilmente influenciável e super-protetora, e ganhar sua compaixão. A pergunta que você precisa fazer à sua aconselhada (não necessariamente nestas palavras) é "O que você está tentando conseguir ou quem você está tentando controlar com este comportamento?" É preciso ensinar-lhe que ela tem campos legítimos de responsabilidade, um dos quais é o cuidado do próprio corpo que é templo do Espírito Santo, mas que há áreas que não são de sua responsabilidade ou não estão debaixo do seu controle. Seu desejo de manipular e controlar a vida de outras pessoas é pecaminoso. No seu coração, há falta de confiança em Deus — é possível que ela acredite que tudo estará perdido se ela não estiver no controle ou se não agir do seu jeito.

3. As anoréxicas são freqüentemente dominadas por medos pecaminosos

A ansiedade e o medo pecaminoso são um resultado de viver para agradar a si mesmo. A sua aconselhada precisa aprender a temer a Deus em lugar de temer a perda de qualquer suposto poder que ela possa ter sobre outros ou qualquer "supremacia" orgulhosa que a sua condição lhe garanta.[12] Ela também precisa aprender a demonstrar amor aos outros, servindo-os independentemente de crer ou não que perderá a posição de controle.[13]

---

[12]Lucas 12.4,5. Ela não deve temer um aumento natural de peso, mas deve temer a Deus. Veja também Mateus 25.14-30 (em especial os versículos 25 e 26); 1 Pedro 3.1-16; Deuteronômio 5.29.

[13]0 panfleto de Jay Adams *Para Vencer o Medo* (Brasília: Refúgio, 1985) pode ser de grande ajuda nesta área. Sua vida não deve ser desperdiçada com medo de perder o controle sobre outros, mas investida no serviço humilde aos outros.

Para ilustrar esta questão, vou relatar minha experiência no aconselhamento de uma anoréxica. Eu havia caminhado bem durante o encontro inicial, e estava chegando o momento de concluir a conversa. Presumi que tínhamos feito um bom progresso. Tínhamos descoberto algumas das razões que estavam por trás do seu comportamento, o que incluía a manipulação da família e a ira para com um dos seus membros. Tínhamos conversado sobre passos positivos para superar a escravidão à anorexia, que ela usava para controlar a situação. Também tínhamos falado sobre maneiras apropriadas de lidar com a ira. Antes de orar, encerrando o nosso encontro, perguntei-lhe se ela tinha alguma dúvida. Ela respondeu: "Mas... e se eu ganhar peso?" Este medo de ganhar peso e perder sua supremacia precisou ser trabalhado ainda naquele primeiro encontro. Investi tempo expondo a questão de que seu corpo era propriedade de Deus e que ela era responsável por tratá-lo com cuidado — não apenas para se sentir melhor, mas para que estivesse em condições físicas de obedecer a Deus naquilo que Ele lhe ordenava fazer, o que incluía cuidar de crianças em idade pré-escolar. Medos pecaminosos são sempre vencidos como serviço amoroso e um temor sincero a Deus.

Passos específicos no aconselhamento

1. Insista em que ela consulte um médico e obtenha as seguintes informações:

a. o seu peso ideal,

b. o intervalo de tempo razoável para a reposição de peso,

c. uma dieta alimentar que especifique a variedade e quantidade de alimentos e eventuais complementações com polivitamínicos,

d. alterações fisiológicas previstas à medida que ela começar novamente a comer — distensão abdominal, constipação intestinal ou diarréia — e a duração destas alterações,

e. quantidade apropriada de exercícios físicos (queima de calorias por semana). Este ponto é especialmente importante para as jovens que praticam exercícios físicos em excesso. Você precisa ter em seu escritório uma balança bem aferida que será usada para medir o progresso. E recomendável que o conselheiro delegue a uma mulher a medição do peso para não criar situações constrangedoras com a aconselhada. Perda ou aumento de peso podem ser registradas semanalmente em um cartão de alvos que pode ficar com o conselheiro.

2. Faça um revisão do plano estabelecido pelo médico para a alimentação e os exercícios físicos, certificando-se de que a sua aconselhada está disposta a cumprir as instruções recebidas e prestar contas registrando a ingestão de alimentos e os exercícios em um diário que entregará a você semanalmente. Ela deve registrar qualquer consumo exagerado de alimentos (episódio bulímico) ou qualquer situação em que se alimentar indevidamente (comer apenas um pedaço de bolo durante o dia todo ou comer sobremesa em excesso) e depois fizer exercícios (correr 15 km) para compensar. Também deve registrar todas as vezes em que ela fingir comer, mas na verdade estiver dissimulando (colocar a comida no bolso, esconder a comida no guardanapo e jogar fora mais tarde). Não presuma que ela não esteja lutando com a desonestidade. Faça perguntas específicas sobre os comportamentos dissimuladores. Lembre sua aconselhada de que embora possa estar enganando a família, ela não está enganando a

Deus, mas está reforçando a própria rebeldia habitual e auto-destruidora.

3. Peça-lhe que liste os alvos pessoais para lidar com o comportamento. Se tudo quanto ela quer é ganhar algum peso (de modo que ela possa voltar com segurança à privação alimentar auto-imposta) ou sentir-se melhor, ou se ela está apenas tentando se ver livre de seus pais ou do marido, você precisará voltar à questão do propósito do aconselhamento. Lembre-se de que você está trabalhando rumo ao alvo de treiná-la para viver de modo agradável a Deus. Qualquer outro propósito ficará aquém do plano de Deus para que ela seja útil no Seu reino.

4. Durante um encontro com seus pais ou com o marido, reforce o papel que eles têm no crescimento da sua aconselhada:

a. Eles devem orar diariamente por ela e com ela, ensinando-a a ser grata e a confiar em Deus para alcançar vitória não apenas sobre seu comportamento, mas também sobre as motivações que causam o comportamento.

b. Eles devem cultivar o hábito de ter um tempo de conversa familiar, buscando estabelecer a boa comunicação. Os pais devem ensinar amorosamente às suas filhas que a responsabilidade de um membro da família acaba onde começa a de outro. Eles não são responsáveis por exercer controle uns sobre os outros.

c. Os pais (e especialmente a mãe) ou o marido devem confessar qualquer ênfase pecaminosa em perfeição exterior ou na aparência que possam ter modelado ou ensinado. A ênfase em "limpar o exterior do prato" é própria dos fariseus e precisa ser evitada. Eles devem também confessar qualquer insistência inoportuna ou manipulação pecaminosa que tenham feito. No caso de se terem deixado manipular pela privação alimentar, devem confessar isto como pecado, pedir perdão e deixar claro que não se deixarão mais manipular pelo seu comportamento.

d. Os pais ou o marido devem confessar diariamente qualquer preocupação ou medo que alimentem. Talvez queiram tomar nota dos padrões de preocupação, medo ou insistência inoportuna que devem ser abandonados. Eles devem também adotar um plano de oração, ação de graças e disciplina nos pensamentos. Peça que listem possíveis maneiras de demonstrar a ela amor e serviço sem que se deixem manipular.

Uma vez que ela tenha começado a registar o alimento ingerido e os exercícios físicos, eles não devem ficar importunando ou "relembrando" a questão. Se ela pedir ajuda, eles certamente podem auxiliá-la. Mas importuná-la não será proveitoso. Certifique-se de que eles estejam cumprindo seus compromissos para que ela cumpra os dela.

5. Peça à sua aconselhada que liste tudo quanto ela sente que pode "perder" abandonando seu comportamento (isto é, controle, supremacia, atenção, magreza). Há elementos desta lista que podem ser identificados como motivações dominadoras ou "ídolos" que requerem arrependimento e confissão contínuos, ao lado de ensino sobre como abandoná-los e revestir-se de novas motivações. Depois de conversarem a respeito e orarem, ela deve entregar estas coisas ao Senhor. Ajude-a a ver as bênçãos maravilhosas de Deus para aqueles que são obedientes e dedicam sua vida ao serviço sacrificial.

6. A cada encontro, reforce tanto a esperança como a responsabilidade. Ela pode ter esperança porque Deus promete ajudá-la à medida que ela confia nEle e

decide obedecê-1O, e ao mesmo tempo ela é também responsável perante Ele por seu comportamento. Ela deve se despojar dos hábitos de autocomiseração e transferência de culpa que a levam à privação alimentar.

7. Ensine com firmeza a diferença entre os temores pecaminosos e o temor a Deus. Peça-lhe que faça um estudo bíblico sobre o temor a Deus e as bênçãos que dele resultam.

Conclusão

Com certeza há muitas outras áreas que os conselheiros precisam abordar em casos específicos. Algumas anoréxicas têm problemas graves com depressão — uma depressão que é sub-produto da vida egocêntrica e também é efeito físico da privação alimentar. Com freqüência, você se deparará com a desonestidade e o engano: a aconselhada pode ter o hábito de dizer "Eu já comi" quando, na verdade, não comeu. Você lidará com auto-engano: a aconselhada que acredita em si mesma quando diz "Eu pareço muito gorda". Você lidará com transferência de culpa: "Se ao menos os meus pais.... então eu...". A sua aconselhada anoréxica talvez esteja muito isolada e solitária: pessoas que estão absortas em si mesmas não fazem boas amizades, e o pecado quebra a amizade com Deus e com outras pessoas. [13] As anoréxicas costumam perder a esperança, e com razão — onde a adoração aos ídolos e a incredulidade dominam, o resultado é escravidão, e escravidão produz desalento.

O que teve início como uma maneira de receber a atenção, assemelhar-se a uma modelo de capa de revista, controlar a vida ou expressar ira de modo acobertado, passou a dominar e determinar a sua vida. Ela pode realmente acreditar que agora é incapaz de controlar a anorexia. Cada um destes aspectos ligados ao problema da anorexia é penoso, mas cada um deles está ao alcance da sabedoria bíblica. O Espírito Santo opera comunicando perdão, esperança e poder para que ela seja honesta e amorosa. Você precisa conhecer a anoréxica e amá-la. Neste contexto, você precisa ensinar à sua aconselhada que Deus a considera responsável por suas ações e também a capacita para vencer esta escravidão à medida que ela se submete a Ele.

Como conselheiro bíblico, anime-se em saber que Deus lhe dá tudo quanto você necessita para estimular a sua aconselhada em direção a uma vida de amor e boas obras abundantes, para que ela cresça no amor e no conhecimento de Jesus Cristo seu Salvador.

[14]João 1.7

Transtornos Alimentares... para o Restante de Nós

Elyse Fitzpatrick[1]

Agora que já tratamos do comer em excesso, da bulimia e da anorexia, os chamados "transtornos alimentares", vamos falar um pouco sobre o transtorno alimentar "normal". A sua maneira de se alimentar reflete o seu coração. À semelhança de outras atividades do dia-a-dia — o uso que você faz do dinheiro e a importância que dá a ele, a sua maneira de dirigir um carro ou falar — o seu modo de comer também revela a sua fé ou idolatria, a sua vida ao lado de Deus ou distante dEle. A Bíblia trata dos "transtornos alimentares" mais graves e também dos hábitos alimentares do restante de nós.

Todos nós temos algo em comum: nós comemos. Todos nós conhecemos a sensação de dar uma mordida em um sanduíche maravilhoso, um pedaço de frango ou uma fatia de torta. Recentemente, estive com meu marido em um restaurante chinês onde três garçons nos serviram abacaxi caramelizado acompanhado de molho quente — uma sobremesa muito especial para uma ocasião memorável. Você prefere comida crocante ou cremosa? E que tal comidas típicas de países como México, Grécia, Itália ou Japão? As comidas típicas de determinado lugar encorajam ou desencorajam você a visitá-lo? Por exemplo, eu já participei de várias viagens missionárias breves ao México, mas não me sinto muito atraída por uma viagem ao Japão ou à Índia. Tenho certeza de que uma das razões é porque peixe crú e *curry* não me agradam. Você gosta de certos programas por causa da comida? Se eu dissesse "festa caipira", você diria "canjica com amendoim e pamonha"?

Muitas outras coisas combinam com comida. Você pode ter amizades que nasceram da comunhão ao redor de uma mesa. Partilhar a refeição com alguém que gosta de olhos de caribu (um prato especial nas regiões árticas) seria algo difícil para alguns de nós . Mas vários entre nós têm amizades que cresceram ao redor de uma pizza! Como crentes, a celebração da

[1]Tradução e adaptação de *Disorderly Eating...for the Rest of us.*
Publicado em *The Journal of Biblical Counseling. v.* 12, n.1, Fall 1993, *p. 20-23*

ceia do Senhor envolve compartilharmos o pão e o vinho em memória do nosso Salvador ressurreto.

Às vezes, a maneira de comermos gera julgamentos errôneos e superficiais a respeito de nós mesmos. Por exemplo, "Eu acabei de comer pão integral quentinho, com mel puro" pode querer dizer "Eu sou uma pessoa virtuosa". Ou então, "Eu comi uma barra de chocolate" pode significar "Eu não tenho jeito mesmo". A questão é que todos nós comemos. Todos nós temos razões, motivações, hábitos e desejos que interagem com como, o quê, quando e por que comemos. Gastamos muito tempo e energia pensando no que comer, planejando, fazendo compras, preparando o alimento, limpando a cozinha e depois queimando as calorias que ingerimos. Comer é um denominador comum a todos nós. E o nosso comportamento alimentar reflete o nosso coração.

Antes de mais nada, vamos olhar para alguns exemplos bíblicos que revelam maneiras erradas de comer. Deixe que a Bíblia o informe a respeito daquilo que está em seu coração e que as ilustrações das Escrituras falem sobre a sua cobiça.[1] À medida que discorrermos sobre o assunto, farei algumas aplicações a partir daquilo que tenho observado na minha vida e na de outros. Meu alvo é suscitar perguntas bíblicas e oferecer uma perspectiva bíblica para que você examine a si mesmo à luz daquilo que Deus diz sobre o alimento. No final, teremos uma sobremesa — será que há lugar, diante de Deus, para celebrar com fartura a provisão que Ele dá?

Por enquanto, vamos nos ater ao prato principal. E interessante verificar que o primeiro pecado registrado nas Escrituras envolveu o ato de comer. Adão e Eva demonstraram a independência orgulhosa e o desejo de ser deus (não de ser como Deus) por meio daquilo que comeram. Gênesis 3 relata os passos.

1. Satanás levantou dúvidas acerca da veracidade da palavra de Deus e Sua provisão completa para as necessidades do homem. Será que Adão acreditava que deveria viver pela palavra de Deus e que até mesmo alimentar-se seria uma atividade moralmente dirigida pela vontade de Deus?

2. Eva olhou para a árvore e viu que o seu fruto era bom para comer, agradável aos olhos (um ponto importante, priorizado por empresas de marketing ao redor do mundo), desejável para tornar alguém sábio ("Isso realmente me ajudará a ..."). Ela apanhou o fruto e o compartilhou com Adão.

O seu modo desordenado de comer pode ter srcem em diferentes motivações. Pode ser fruto de um espírito independente, orgulhoso: "Eu posso comer o que eu quiser, quando eu quiser". Também pode ser impulsionado pelo desejo dos olhos: "Parecia tão gostoso que eu não pude me controlar". Você pode ingerir alimento com o desejo de fortalecer a sua carne fora dos limites da provisão de Deus: "Eu sei que provavelmente não deveria comer mais este hamburguer, mas eu estou tão cansado e trabalhei tanto que preciso me alimentar". O "amor ao mundo" envolve cada um destes aspectos: "Porque tudo que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida não procede do Pai...".[3] Estas são expressões de um "transtorno alimentar". Contudo, é certo que somos

[2] 1 Coríntios 10.6

[3] 1 João 2.16

capazes de comer ordenadamente, pela fé, com motivações certas — nutrição e prazer tanto para o corpo como para a alma, visando nos fortalecer para a obra de Deus.

Gênesis e I João convidam-no a perguntar a si mesmo: "De que maneira os meus hábitos alimentares demonstram um desejo de independência de Deus, ao mesmo tempo que eu alego ter um forte anseio por participar das bênçãos de Deus?". Há muitas nuanças de fé ou idolatria expressas pelos seus hábitos alimentares. O que eles revelam sobre aquilo que o governa? O que você ama? No que você confia? O que você teme? Quais são as suas prioridades? Respondendo a estas perguntas, e descobrindo as respostas de Deus, você crescerá no seu andar com Ele e também será capaz de aconselhar pessoas que lutam com os transtornos alimentares. Você terá compaixão, esperança e confiança nas verdades bíblicas testadas em sua própria vida.

Prosseguindo nas Escrituras, podemos ouvir a advertência vinda da vida de Esaú. A Bíblia nos diz que Esaú vendeu a sua primogenitura por uma simples refeição. O coração "impuro e profano"[4] de Esaú revelou-se quando ele desdenhou da herança concedida graciosamente por Deus e a trocou por "um pouco desse cozinhado vermelho, pois estou esmorecido"[5]. O desejo físico de comer que exigia satisfação imediata — uma fome que em si era boa, dada por Deus — tornou-se mais importante para Esaú que a vocação de Deus para a sua vida. É interessante notar que a comida também esteve envolvida no engano que Jacó armou em seguida, levando Esaú a perder a bênção de Isaque que lhe pertencia. Aquilo a que Esaú serviu em lugar de servir a Deus entrou novamente em cena para destruir a bênção futura. Aqui está uma pergunta para você: de alguma forma você tem colocado "um pouco desse cozinhado vermelho" acima da sua vocação para ser um líder amoroso em seu lar? Você tem considerado a alimentação mais importante do que as oportunidades de ministério? Quando você precisa escolher entre orar por quinze minutos depois do culto do domingo de manhã ou sair imediatamente para o almoço, você escolhe alegremente a cruz?[6] A fome controla de alguma maneira o seu ministério? Se sim, como?

Olhe para mais um exemplo bíblico. Os filhos de Israel que vagavam pelo deserto revelaram uma idolatria requintada na sua reação diante da escassez de alimentos e da falta de variedade de comidas que desejavam. Preste atenção em Êxodo 16.2: "...E toda a congregação murmurou...e os filhos de Israel disseram...'Quem nos dera tivéssemos morrido pela mão do SENHOR, na terra do Egito, quando estávamos sentados junto às panelas de carne e comíamos pão a fartar!". Eles tinham acabado de atravessar o Mar Vermelho e assistir à destruição dos seus inimigos sob o julgamento de Deus. E logo em seguida queriam voltar ao Egito para comer! Decerto Estevão declara em seu discurso de Atos 7 que "no seu coração, voltaram para o Egito". Na verdade, este teste inicial com a comida colocou à prova a sua confiança em Deus para a sobrevivência. A primeira reação

[4]Hebreus 12.16
[5]Gênesis 25.30
[6]Diante dos nossos desejos físicos, precisamos relembrar continuamente que agradar a nós mesmos não é nossa prioridade (Rm 15.1).

do povo foi esquecer-se de Deus e colocar a culpa nos líderes. Teriam eles acreditado que o Deus que os livrara da "dura escravidão"[7] providenciaria também tudo quanto necessitavam? Aqueles corações, que amavam a segurança da escravidão no Egito ("pelo menos tínhamos comida"), ficaram angustiados com a possibilidade de ficar sem uma refeição e se expressaram em murmuração.

Não apenas Deus estava testando o povo de Israel, mas Salmo 78.18 nos diz que *eles* testaram a Deus pedindo alimentos de acordo com os seus desejos. Ouça a sua incredulidade e o seu sarcasmo: "Pode, acaso, Deus preparar-nos mesa no deserto?.... Pode Ele dar-nos pão também? Ou fornecer carne para o Seu povo?". A ira de Deus levantou-se contra eles "porque não creram em Deus, nem confiaram na sua salvação"[8]. Pergunte a si mesmo como você reage à ansiedade e incerteza quando percebe que a sua segurança ou a sua "área de conforto" estão sendo ameaçadas. A maioria de nós raramente enfrenta a tentação de temer a possibilidade de passar fome, porém nossa segurança e conforto são ameaçados com frequência. Deus deseja livrar nosso coração da confiança na força da carne, bem como da confiança na carne que supre esta força. Você costuma cair no velho hábito confortável de comer para lidar com o medo e a ansiedade? Você deixa de lado a gratidão e começa a murmurar e duvidar? Tudo ficará bem se tão somente você puder dar uma garfada no prato de sua preferência? O SENHOR ainda será o seu Deus quando os seus colegas o criticarem pelas suas crenças? O seu Deus merece confiança? Deus demonstrou ao povo de Israel que Ele é digno de confiança quando "fez chover maná sobre eles, para alimentá-los, e lhes deu cereal do céu. Comeu cada qual o pão dos anjos; enviou-lhes ele comida a fartar".[9] Deus foi fiel em suprir as necessidades do povo de Israel. Deus continua fiel. Você é grato pelo Pão da Vida que satisfaz a sua fome e a sua sede como nada mais?[10]

Mas mesmo depois de Deus ter providenciado fielmente o maná e a água, o povo de Israel *ainda* estava insatisfeito. Números 11.4-6, 25 narra a incredulidade e exigência daqueles corações.

> E o populacho que estava no meio deles veio a ter grande desejo das comidas dos egípcios; pelo que os filhos de Israel tornaram a chorar e também disseram: Quem nos dará carne a comer? Lembramo-nos dos peixes que, no Egito, comíamos de graça; dos pepinos, dos melões, dos alhos silvestres, das cebolas e dos alhos. Agora, porém, seca-se a nossa alma, e nenhuma coisa *vemos* senão este maná... E o povo falou contra Deus e contra Moisés: Por que nos fizestes subir do Egito, para que morramos neste deserto, onde não há pão nem água? E a nossa alma tem fastio deste pão vil.

Ouça o coração exigente! Ele exagera os prazeres do passado: quando é que o Egito teve abundância de leite e mel?[11] Ele mente sobre a provisão atual: "Não há comida nem água". A verdade é que eles desejavam algo que Deus não estava dan-

[7]Êxodo 6.9
[8]Salmo 78.22
[9]Salmo 78.24-25
[10]João 6.32-33; Habacuque 3.17-19
[11]Números 16.13

do. “Nós queremos algo diferente! Nós queremos algo novo! Nós queremos algo... qualquer coisa, menos aquilo que o SENHOR está nos dando! Queremos agora!” Aqueles corações cheios de cobiça foram expostos quando Deus os testou.[12] Eles ficariam satisfeitos com a provisão de Deus ou o paladar estava treinado para exigir variedade?

Exigências semelhantes no que diz respeito aos alimentos podem estar presente na nossa vida de várias maneiras. No livro *Cartas do Inferno,* de C. S. Lewis, a mãe do cliente de Cupim demonstra esse tipo de exigência, que o Murcegão identifica como uma forma moderna de glutonaria. Tudo quanto ela queria era “um pedaço pequeno de pão, levemente torrado” e “uma xícara pequena de chá na temperatura certa” — que ela mandou de volta para a cozinha repetidas vezes, sem pensar que estaria sendo inconveniente — “É pedir muito querer uma simples torrada e um pouco de chá?”.

Estamos diante de algo diferente ou apenas de uma pequena variação de expressão de exigência? Você precisa de certos alimentos “saborosos” ou “saudáveis”? Crianças reclamam abertamente. Mas será que você é impaciente e indelicado com garçons que, no seu entender, demoram mais do que deveriam para atendê-lo? Qual é a sua reação quando você chega em casa à noite com a esperança de encontrar o jantar na mesa e descobre que ainda demorará uns quarenta e cinco minutos para ficar pronto? Você permite que aquilo que lhe é servido em uma refeição controle as suas atitudes? A comida providencia um retrato — um retrato bem colorido — das suas atitudes e das inclinações do seu coração. Paulo classifica a prática de fazer exigências na categoria de “cobiçar coisas más”. Ele nos admoesta a não murmurar “como alguns deles murmuraram e foramdestruídos pelo exterminador”.[13] É errado gostar de uma boa refeição, bem servida? Obviamente, o problema não está na comida nem no ato de comer, mas no coração exigente e egocêntrico que insiste em querer que o mundo gire ao seu redor e o sirva.

Aqui está uma pergunta crucial: em que momento o apreciar “um pouco desse cozinhado vermelho” passa a ser cobiça? Pergunte a si mesmo: Eu estou recebendo este alimento com gratidão, como concedido por Deus para que eu o coma e compartilhe com outros?[14] Ou estou desprezando sua aparência e choramingando por alguma coisa ... qualquer coisa contanto que diferente? Isto é cobiça. Em uma dimensão mais ampla, você se alegra com aquilo que Deus tem-lhe dado ou se lamenta acerca de seus dons, família, igreja, vocação? Ouça a avaliação do Espirito: “Sem embargo disso [a provisão de Deus], continuaram a pecar e não creram nas suas maravilhas. Por isso, ele fez que os seus dias se dissipassem num sopro...”[15]. A falta de sentido na vida, frustrante e *angustiante,* é o resultado inevitável de um coração cheio decobiça. “Todo trabalho do homem é para a sua boca; e, contudo, nunca se satisfaz o seu apetite...” [16]

Jesus, o verdadeiro pão da vida, admoesta-nos: “Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela que subsiste para a

[12]Deuteronômio 8.2

[13]1 Coríntios 10.6,10
[14]1 Timóteo 4.3-4
[15]Salmo 78.32,33
[16]Eclesiastes 6.7

vida eterna, a qual o Filho do Homem vos dará..."[17]. Isaías diz: "Ah! Todos vós, os que tendes sede, vinde às águas... Por que gastais o dinheiro naquilo que não é pão, e o vosso suor, naquilo que não satisfaz? Ouvi-me atentamente, comei o que é bom e vos deleitareis com finos manjares."[18].

Para terminar, ouça a resposta do nosso Senhor quando Satanás o tentou a satisfazer Seu desejo físico, precipitadamente, por meios pecaminosos: "Está escrito: Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus". Será que você pode dizer como Jó que "do mandamento de Seus lábios nunca me apartei, escondi no meu íntimo as palavras da Sua boca"? [19] A Palavra de Deus e Seus mandamentos são doces para você? "Quão doces são as tuas palavras ao meu paladar! Mais que o mel à minha boca."[20] Você tem elevado o desejo físico de comer acima da Palavra de Deus? Ao passar por uma experiência de fome intensa, você ignora os preceitos bíblicos sobre paciência, paz e gratidão? Você tem sede e fome de justiça, de piedade, ou de apreciação e reconhecimento? Ou talvez queira "um pouco desse cozinhado vermelho"? O que você mais deseja comer? Como você reage quando é tentado a ficar preocupado, irado, cheio de si ou deprimido, ou quando você sente dor, cansaço, tédio ou solidão? A comida em algum momento é o seu deus, o seu salvador ou consolador? Como? Onde? Quando? Jesus Cristo pode mudar o seu coração.

Propus a você uma série de perguntas para colocá-lo à prova e lhe mostrei o Pão da Vida e a Água Viva. Agora vamos à sobremesa. Há lugar para um banquete piedoso? Eu acredito que as Escrituras nos ensinam tanto a respeito de banquete como de jejum. As falsificações que o mundo oferece são a glutonaria e a anorexia. Em Deuteronômio, depois de dar parâmetros para o uso do alimento — especificações sobre os tipos de alimento, o dízimo para Deus, o cuidado com os pobres — Deus disse: "Esse dinheiro, dá-lo-ás por tudo o que deseja a tua alma, por vacas, ou ovelhas, ou vinho, ou bebida forte, ou qualquer coisa que te pedir a tua alma; comerás ali perante o SENHOR, teu Deus, e te alegrarás, tu e a tua casa".[21] Leia mais uma vez este texto bíblico. Deus concedeu ao povo de Israel liberdade para se alegrar em "qualquer coisa que te pedir a tua alma", desde que fosse feito debaixo do senhorio dEle. À semelhança dos israelitas, uma vez estabelecidas em sua vida as prioridades de Deus, faça um banquete! Regozije-se com sua família! Faça uma festa! Sinta-se à vontade para celebrar a bondade de Deus desfrutando a provisão divina, mas lembre-se de quem é Deus.

Os fariseus, que amavam a aprovação dos homens e a religiosidade aparente, chamaram Jesus de glutão. Jesus comia com os Seus discípulos e preparava as refeições para eles. Ele queria que o Seu rebanho comesse bem. Perceba a abundância da Sua provisão: houve sobra[22] e, no casamento, havia bom vinho em

[17]João 6.27
[18]Isaías 55.1,2
[19]Jó 23.12
[20]Salmo 119.103
[21]Deuteronômio 14.26
[22]João 6.12
[23]João 2.6-10

quantidade mais do que suficiente[23]. Jesus desfrutava as bênçãos da vida e a convivência com os discípulos, inclusive a comida. A Bíblia não ensina o ascetismo nem Deus incentiva as orgias e a glutonaria.[24] Deus tem algo melhor.

A questão central é: você está comendo e se alegrando *perante* Deus ou posicionando-se *contra* Deus? Comer não é pecado. O que importa é a atitude do coração que produz determinados hábitos alimentares. O comer é para você um momento de regozijo e gratidão, uma anestesia para a tensão ou uma oportunidade para estar no papel de um deus exigente? Pense que o plano magnífico de Deus através dos séculos culminará em uma celebração indescritível de magnitude e alcance eternos — as bodas de casamento do Seu Filho com a Noiva. Podemos apreciar de antemão esta celebração, desfrutando hoje a provisão abundante de Deus, compartilhando com outros, com gratidão, e recebendo humildemente as Suas dádivas de alimento para o corpo e para a alma . Regozije-se. "Aleluia! Pois reina o Senhor, nosso Deus, o Todo-Poderoso. Alegremonos, exultemos e demos-lhe a glória, porque são chegadas as bodas do Cordeiro, cuja esposa a si mesma já se ataviou."[25]

Há lugar para um banquete. Há também lugar para jejuar.[26] Você já aprendeu com Paulo o segredo de estar contente na fartura e na escassez? Você consegue tanto banquetear-se como jejuar em memória do Senhor? Você encontra alegria em ambas as situações porque o Senhor e Sua Palavra (e não a comida) são a sua fonte constante de força? Você está livre para apreciar tanto a comida quanto o jejum?

Você pode dizer com Paulo "quer comais, quer bebais ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus"?[27] Vamos buscar ativamente colocar debaixo do senhorio de Deus todos os aspectos da vida e alinhar com a vontade dEle tanto a nossa alimentação como a atitude para com a comida. Nossa vida e nosso aconselhamento serão mais sábios.

[24]1Pedro 4.3; 1 Coríntios 11.20-22

[25]Apocalipse 19.6-7
[26]Mateus 6.16-18, 9.15
[27]1 Coríntios 10.31

Mas Afinal, o Que É o Aconselhamento Bíblico?

Edward T. Welch[1]

> O aconselhamento bíblico é "para resolver suas dúvidas que eles possam ter, ajudá-los na luta contra os seus pecados, orientá-los em suas responsabilidades e promover crescimento do conhecimento e de toda a graça salvadora". (*Richard Baxter, 1656).*[2]

"Quando você acha que esta moda de aconselhamento vai passar?" Meu colega, professor de seminário, não tencionava atingir-me pessoalmente com esta pergunta, mas devo admitir que eu a recebi como uma ofensa pessoal. Inicialmente, até considerei a possibilidade de atacar a área de especialidade dele, mas hebraico certamente não é uma moda passageira. Então, não tendo o que dizer, não me restou outra alternativa a não ser considerar a pergunta que ele fez. Afinal, era uma boa pergunta. Ele estava consciente tanto da popularidade do aconselhamento quanto da crítica crescente dirigida ao assunto. Também estava familiarizado com a evidência crescente de que o aconselhamento "formal", na maioria das vezes, não é mais produtivo do que uma conversa entre amigos. Ele havia lido artigos de autores conceituados, sugerindo que o aconselhamento e a psicoterapia promovem nossa tendência de culpar outros pela nossas falhas e nos colocarmos no lugar de vítimas. E ele conhecia pessoas que pareciam ter piorado com o aconselhamento.

Diante destas considerações, talvez o aconselhamento *seja mesmo* um modismo cujos dias estão contados.

No entanto, aconselhamento, no seu sentido mais amplo, não é o mesmo que aconselhamento *bíblico.* O que se aplica a um não se aplica necessariamente a outro. Minha tarefa para com o meu amigo

[1]Tradução e adaptação de *What is Biblical Counseling, anyway.* Publicado em *The Journal of Biblical Counseling. v.*16, n.1, Fall 1997, p. 2-5.
Edward Welch é deão acadêmico da Christian Counseling and Educational Foundation em Glenside, Pennsylvania.

[2]BAXTER, Richard. *The reformed pastor.* New York: Robert Carter & Brothers, 1860. p. *346*

teólogo era articular com clareza a essência do aconselhamento bíblico para diferenciá-lo das terapias seculares e outras formas de terapias cristãs que compartilham o nome *aconselhamento.* Para cumprir a tarefa, eu poderia ter-lhe dado algumas edições anteriores desta revista, mas pensei que valeria a pena usar a própria pergunta feita por ele como um catalisador para reavaliar o que é realmente o aconselhamento bíblico.

Os leitores das *Coletâneas de Aconselhamento Bíblico* tendem a ter maior interesse na parte aplicativa, ou seja, como *fazer* aconselhamento bíblico. Mas devez em quando, uma descrição ou uma definição mais trabalhada podem ser úteis na consideração dos aspectos distintivos do nosso campo de atuação. Sem dúvida, se todos os leitores fossem manifestar o próprio ponto de vista, discordaríamos em alguns aspectos específicos, mas também concordaríamos em aspectos fundamentais. O que veremos a seguir, em forma sucinta, é uma maneira de responder à pergunta proposta por meu amigo teólogo.

Meu ponto de vista atual é que o aconselhamento bíblico é um híbrido de discipulado com amizade bíblica, e nenhum dos dois pode ser confundido com um modismo passageiro. Pelo contrário, o aconselhamento bíblico é tão antigo quanto a história do homem e prosperará ao longo das gerações futuras. Ele teve início com Deus falando ao Seu povo; mais tarde, firmou-se por meio dos reis, profetas, sacerdotes e apóstolos à medida que aplicavam a mensagem de Deus a situações específicas. Ao longo da história, o aconselhamento bíblico tem sido praticado por pastores, amigos, irmãos e pais sábios. Ele tem continuidade em nossos dias com homens e mulheres que, tendo estudado o que Deus diz em Sua Palavra, recebem conselhos bíblicos e também os oferecem a outros.

O conteúdo do aconselhamento bíblico

O aconselhamento bíblico está fundamentado sobre um princípio simples e duradouro: *o Deus trino tem-nos falado por meio das Escrituras.* Além disso, por meio da história, doutrina, mandamentos da lei, poesias e canções da Bíblia, *Deus tem-nos revelado tudo quanto NECESSITAMOS saber sobre Ele, nós mesmos e o mundo ao nosso redor* (2Pe 1.3).

Esta promessa fundamental — "Deus tem falado"— tem feito parte da confissão de fé da igreja ao longo do tempo. Até aqui, todos concordam sem hesitar. No entanto, algumas expressões de surpresa talvez se estampem nos rostos diante da frase "tudo quanto necessitamos". Entendemos que a Bíblia fala sobre muitas coisas importantes, mas há situações complexas da vida para as quais gostaríamos de uma orientação mais específica, uma informação extra ou técnicas de aconselhamento mais atuais. Mas a realidade é que temos acesso a tudo quanto Jesus teve acesso: "...tudo o quanto ouvi de meu Pai vos tenho dado a conhecer." (Jo 15.15). Deus não retém de nós nenhum conhecimento. Podemos conhecer aquilo que o Pai deu a conhecer a Jesus.

As Escrituras falam com alcance amplo. Considerando o quanto Deus revelou acerca da Sua Pessoa e de nós mesmos, podemos admitir que o conselho oferecido pela Bíblia é amplo em seu alcance, tratando do conjunto dos problemas da vida. Com certeza, a Bíblia dirige-se aos problemas comuns que enfrentamos como, por exemplo, os conflitos nos relacionamentos, as pressões financeiras, nossas

reações diante da saúde física ou da doença, os relacionamento entre pais e filhos, a solidão. Mas ela se dirige também aos problemas típicos da atualidade como a depressão, a ansiedade, a mania, a esquizofrenia e o transtorno do déficit de atenção, só para mencionar alguns.

É claro que a Bíblia não trata de cada um destes problemas como uma enciclopédia o faria. Também não oferece técnicas de mudança que parecem ter saído de um livro de receitas culinárias. Mas pela oração e meditação nas Escrituras, e com disposição para receber orientação teológica uns dos outros, descobrimos que os ensinamentos bíblicos sobre a criação, queda e redenção fornecem percepção específica e útil para o entendimento de todos os assuntos da vida.

As Escrituras falam com grande profundidade. O alcance amplo das Escrituras é certamente uma boa nova. Saber que a Palavra de Deus não silencia a respeito de tudo aquilo com que podemos nos deparar é de grande conforto para nós. No entanto, há mais: as Escrituras falam com grande profundidade. Em outras palavras, o aconselhamento bíblico não consiste simplesmente de um conselheiro que procura alguns versículos expressivos em uma concordância bíblica e pede que você os leia todos os dias e ore sobre os seus problemas (o aconselhamento equivalente a "tome dois comprimidos ao dia e, se não melhorar, volte a me procurar"). Pelo contrário, é uma parceria entre pessoas que estão buscando a sabedoria de Deus — uma sabedoria que vai à raiz do problema, que pode penetrar no mais profundo do ser (Hb 4.12).

Por exemplo, considere um marido e uma esposa que parecem não conseguir interromper um círculo vicioso de discussões. O alcance amplo do aconselhamento bíblico alerta para as influências familiares no estilo pessoal de se relacionar, as diferenças culturais de entendimentos do papel de cada cônjuge, os problemas físicos que contribuem para que as emoções se tornem de alguma forma imprevisíveis ou difíceis de serem compreendidas, e a falta de conhecimento sobre como se comunicar e resolver conflitos. O discernimento ou o desenvolvimento de habilidades nestas áreas podem ajudar — e a Palavra de Deus é perita em oferecer essas coisas.

Mas o aconselhamento bíblico não termina aqui. Enquanto algumas formas de ajuda limitam-se a trabalhar a superfície, o aconselhamento bíblico deve estar preparado para ajudar este casal a chegar à raiz de seus conflitos. A profundidade do conselho bíblico fica evidente em Tiago 4.1-4. O texto indica que os conflitos e discussões surgem quando nós amamos nossos desejos mais do que amamos a Deus. É provável que este casal não esteja ciente disso, mas as discussões constantes revelam que cada um deles está *a favor* de si mesmo, *contra* o outro *e contra* Deus. Em outras palavras, o problema é mais profundo do que uma discussão conjugal. Não se trata simplesmente de pessoas que estão declarando guerra uma contra a outra. Mais do que isso, ambas as partes estão guerreando contra o Deus de amor, justiça e misericórdia.

As Escrituras indicam que todos os aspectos da vida são vividos diante da face de Deus. Você já notou que as Escrituras trazem a pressuposição de que todos os aspectos da vida estão de alguma forma relacionados com Deus? Na verdade, todos os problemas da vida são "religiosos" ou "espirituais", seja a manei-

ra de expressar o louvor na igreja, de pensar sobre os desequilíbrios químicos ou de levar o lixo para fora de casa. Todos os aspectos da vida são vividos diante da face de Deus.

O aconselhamento bíblico procura lidar com esta característica central da nossa vida, sendo completo somente quando considera nosso relacionamento com Deus e nos dirige a Ele. Há um momento em que o aconselhamento bíblico coloca-nos diante das perguntas fundamentais da vida:

Quem sou eu diante de Deus?

Como devo viver diante de Deus?

Quem é o Deus trino?

No que diz respeito aos conflitos conjugais, as respostas a estas perguntas levam à mais profunda cura.

Quem são estas pessoas que discutem sem parar? São criaturas de Deus, que deveriam viver para Deus e que, no momento, estão se opondo a Ele.

Que tipo de vida Deus requer destas pessoas? Pelo Seu exemplo e pelo poder do Seu Espírito, Deus as ensina a amar. "Nada façais por partidarismo ou vanglória, mas por humildade, considerando cada um os outros superiores a si mesmo." (Fp 2.3).

Quem é esse Deus que fala? Ele é o Deus Santo que se opõe ao pecado. Ele é o Deus Fiel que não abandona o Seu povo mesmo quando este é infiel. Ele é o Deus Justo que exige pureza em Seu povo. Ele é o Pai de Amor que se agrada quando as pessoas confessam seus pecados e se voltam para Ele. Ele é o Deus que perdoa e se regozija em cobrir os pecados. Ele é o cordeiro do sacrifício, e pela Sua morte recebemos a pureza de Jesus. Ele é o Espírito que nos capacita a segui-1O.

Responder a estas perguntas é um meio de preparar aqueles que estão envolvidos em conflitos conjugais para que confessem a sua rebeldia orgulhosa para com Deus e O reconheçam como Deus amoroso e rei, sem medo de condenação, por saberem que a penalidade foi paga pela morte de Jesus. Podem seguir, então, o exemplo de Jesus em fé e obediência, pedindo sempre que o Espírito os capacite a amar aos outros.

Os conflitos conjugais são apenas uma entre centenas de ilustrações de aconselhamento bíblico que poderiam ser mencionadas. Dentre aqueles que ouviram o conselho da Palavra, você pode encontrar o viciado liberto, o ferido confortado, o abatido encorajado e assim por diante. O testemunho que eles dão inclui princípios sábios e palavras de encorajamento que podem mudar vidas. E mais, *você pode ouvir a respeito do Autor das palavras de sabedoria e encorajamento,* o Deus trino — Pai, Filho e Espírito Santo. Nele o viciado pôde conhecer o Deus perdoador e libertador que destrói o poder do pecado. O ferido pôde conhecer o cuidado amoroso do Bom Pastor. O abatido pôde ser encorajado por Jesus, que nos deixou o Seu Espírito e voltará novamente. A essência do aconselhamento bíblico não é uma serie de princípios ou uma lista de "deixe isso, não faça aquilo"; a essência é o nosso Deus trino, que se revelou plenamente em Jesus.

O processo do aconselhamento bíblico

O conteúdo do aconselhamento bíblico consiste na proclamação do próprio Jesus, do evangelho e das implicações do evangelho para a vida. Estas são marcas distintivas do aconselhamento bíblico que a maioria de nós poderia identificar. Mas isso não é tudo. Há também um *processo* de aconselhamento bíblico. Em resumo, o processo consiste de *pessoas* que estão

sendo ensinadas pelo Espírito Santo. De modo geral, Deus determinou ministrar Sua mensagem de reconstrução de vidas *por meio de pessoas.*

No aconselhamento, isso aponta para o relacionamento entre o conselheiro e o aconselhado. Embora a tendência seja dar menor atenção a este relacionamento do que ao conteúdo do aconselhamento bíblico, trata-se certamente de um aspecto essencial e distintivo. É claro que todos os sistemas de aconselhamento mencionam o relacionamento entre o aconselhado e o conselheiro e, geralmente, com maior ênfase do que o aconselhamento bíblico. Mas em comparação com os sistemas seculares, o relacionamento que se estabelece no aconselhamento bíblico é tão singular quanto o conteúdo do aconselhamento.

Todos quantos fazem parte do povo de Deus são conselheiros. Em nossos dias, aqueles que orientam outros no processo de aplicar a Palavra de Deus à vida costumam ser chamados de "conselheiros". Também são chamados de pastores, doutores, pais e amigos, mas estamos cada vez mais acostumados a ouvir o título de conselheiro. Este título, no entanto, é enganoso. Ele sugere um profissional, um especialista. Sugere que a pessoa possui um treinamento específico e técnicas especiais para aliviar o sofrimento e oferecer esperança, enquanto que o "aconselhado" é um receptor passivo e necessitado. "Conselheiro bíblico", porém, não é essencialmente uma ocupação profissional. Os pastores e conselheiros bíblicos "profissionais", aqueles que possuem um treinamento especial e experiência em aplicar as Escrituras à vida, talvez tenham sido equipados por Deus de maneira singular para ajudar na solução de determinados problemas. Todavia, não são eles que satisfazem a maioria das necessidades de aconselhamento da igreja. Pelo contrário, telefonamos para um amigo e pedimos oração, ouvimos uma pregação que transforma a nossa vida, somos fortalecidos na fé quando o grupo de discipulado de que fazemos parte dispõe-se a nos ajudar em um conserto em nossa casa, conversamos com uma pessoa piedosa e mais madura na fé sobre a educação de filhos enquanto tomamos um café.

A questão não é ter um diploma. A questão é conhecer e crescer em Jesus como Senhor e Redentor. Esta é a qualificação especial para os conselheiros bíblicos. Nossas ferramentas não consistem de habilidades e técnicas esotéricas; pelo contrário, as verdades do aconselhamento bíblico são de inteiro domínio público, disponíveis a todos. Como resultado, elas devem operar sempre que o povo de Deus está reunido. Por exemplo, você pode encontrá-las ativas em uma conversa corriqueira e piedosa entre pessoas que sabem que necessitam do Espírito de Deus e da ministração mútua para enfrentar mais um dia de vida.

Os conselheiros precisam de outras pessoas. Em vez de um modelo profissional, as Escrituras sugerem uma perspectiva diferente, algo que parece ser muito mais recíproco. "Como o ferro com o ferro se afia, assim, o homem, ao seu amigo" (Pv 27.17). Aconselhamento bíblico é este afiar mútuo que resulta na edificação uns dos outros. Aquele a quem é atribuído o papel de conselheiro necessita de aconselhamento tanto quanto os que se beneficiam do seu aconselhamento. Todos precisamos ser afiados. Na verdade, considerando os perigos deste mundo, nossos próprios pecados e Satanás, precisamos *dia-*

riamente da exortação uns dos outros (Hb 3.13).

Os conselheiros amam outras pessoas. Este afiar mútuo, é claro, tem sua raiz no amor. Não poderia ser diferente. Os conselheiros bíblicos estão firmados no amor de Jesus, estão crescendo no amor por Jesus e se alegram em amar outros no nome de Jesus. "Ora, o seu mandamento é este: que creiamos em o nome de seu Filho, Jesus Cristo, e nos amemos uns aos outros, segundo o mandamento que nos ordenou" (1 Jo 3.23). Onde quer que o aconselhamento aconteça — no escritório, no restaurante ou em casa — sua marca distintiva permanece. Todas as coisas são ditas e feitas em amor. O aconselhamento bíblico identifica-se mais com uma atmosfera familiar do que com a atmosfera árida de um consultório médico. Estes relacionamentos amorosos e familiares, quando em parceria com o conteúdo das Escrituras, devem facilitar a tarefa de fazer distinção entre o aconselhamento bíblico e aquilo que o mundo chama de aconselhamento.

Agora, voltemos ao meu amigo professor. Estou pronto para dar início a uma conversa com ele sobre as características do aconselhamento bíblico, mas creio que primeiro mencionarei as vezes em que ele me aconselhou, seja perguntando sobre minha família e orando por nós, seja ajudando-me a compreender um ensinamento bíblico específico. Afinal de contas, ele tem sido um instrumento de mudança em minha vida. Ele é um conselheiro bíblico — e esse tipo de aconselhamento jamais cairá de moda.

Você Está Bem Preparado?

David Powlison[1]

Recentemente, uma aluna perguntou-me: "Como você se prepara para um aconselhamento? E por que você segue este procedimento?" São boas perguntas. Elas me levaram a considerar a diferença entre estar bem preparado e mal preparado. Aqui estão os passos que eu sigo para ter um bom preparo.

Primeiro — verifico se cumpri aquilo que me comprometi a fazer. Se eu disse que faria um telefonema, eu o faço. Se eu havia planejado escrever uma carta para determinada pessoa, preparar uma tarefa prática personalizada ou tirar cópia de um artigo, eu cumpro. Se eu pretendia ouvir o parecer de um outro conselheiro, eu o procuro. Demonstrações claras de amor têm um papel significativo no andamento do ministério pastoral. Em primeiro lugar, afetam a minha pessoa. Descobri que quando o meu amor por alguém torna-se ativo, eu me interesso mais por aquela pessoa nos encontros seguintes. Colho dados com maior cuidado e ouço melhor. O meu aconselhamento é mais cordial e pessoal.

Demonstrações claras de amor afetam também a pessoa que eu estou aconselhando. Ela experimenta a bênção imediata da minha ação, mas também observa e vivencia um modelo (ainda que limitado) do tipo de mudanças que Deus está operando igualmente na vida dela. Então, por que fazer alguma coisa em benefício do aconselhado? Mas como poderíamos *não* fazer se o "aconselhamento" cristão é simplesmente uma parte do discipulado cristão — e Cristo está fazendo de mim um discípulo também? Agir em amor simplesmente expressa o que significa ser corpo de Cristo.

Segundo — faço uma avaliação das minhas atitudes e da minha própria vida. Se estou amargurado ou ansioso e se minha atitude é queixosa, temerosa ou arrogante, preciso lidar com isso. Às vezes, meu pecado pode estar relacionado à

'Tradução e adaptação de *How Healthy is your Preparation?*
Publicado em *The Journal ofBiblical Counseling. v.* 14, n.3, Spring 1996, p. 2-4.

pessoa que vou aconselhar. Posso olhar para o encontro como "muito difícil" e sentir-me intimidado ou ansioso. Talvez eu reconheça que serei tentado a me manter em uma zona de segurança em lugar de me arriscar a falar a verdade em amor. Talvez eu perceba a possibilidade de sentir antipatia por alguém e ser duro ou impaciente. Ou posso encarar o encontro como "muito fácil", e sentir-me extremamente confiante e com tudo sob controle. Quando isto acontece, sou tentado a não me preparar, não orar pedindo a atuação de Deus e não ter um interesse profundo pela pessoa, mas simplesmente improvisar.

Às vezes, meu pecado ou luta está em outra esfera da minha vida. Talvez eu esteja preocupado com as finanças ou as tarefas inacabadas. Ou talvez haja um desentendimento pendente entre mim e minha esposa. O conselheiro bíblico deve tomar seu próprio remédio antes de aconselhar a outros, para o louvor da graça de Deus. Descobri que o fator mais singular e significativo que afeta o meu ministério de aconselhamento é a qualidade da minha fé em Deus, assim como o arrependimento e a obediência. Quando estou em processo de mudança, estou em melhores condições de ajudar outros a fazerem o mesmo.

Terceiro — leio e estudo a Bíblia. Procedo de modo extensivo (passando por toda a Bíblia a cada ano) e intensivo (focalizando passagens em particular). No primeiro semestre de 1995, Tito foi meu companheiro. Mais adiante, caminhei lentamente no estudo dos Salmos. E em seguida, Efésios recebeu atenção especial. Por quê? Porque à semelhança daqueles a quem ministro, eu também necessito de uma mudança radical de mente. Quando eu estou pensando corretamente, o aconselhamento floresce e dá frutos bons.

Quarto — invisto tempo para pensar seriamente nas pessoas que vou aconselhar. Faço uma revisão nas anotações dos encontros anteriores, quando as tenho. Com freqüência, faço anotações detalhadas durante ou após o encontro, e depois volto a elas com um marcador de textos em mão. Procuro — e oro para que possa entender — o que chamo de "questões críticas". Em que ponto esta pessoa tem uma escolha significativa a fazer entre o velho estilo de vida e uma nova vida de fé e amor? A graça de Deus está operando, ensinando-nos a dizer "Não" ao nosso egocentrismo natural e às trevas, e a dizer "Sim" à luz (Tt 2.11-15; Ef 4.17-5.10). Pondero as questões levantadas nos encontros anteriores. Onde chegamos? Onde esta pessoa costuma ficar atolada? Se os nossos encontros anteriores atingiram o alvo de identificar as questões críticas, isso deve ter-nos levado a estabelecer alguns objetivos: uma escolha, pela fé, de abraçar a verdade ou um compromisso de agir em obediência. Quero acompanhar de perto o andamento, para ver o resultado do aconselhamento.

Minha preocupação com estabelecer questões críticas surge de várias verdades básicas. Nosso Pai é um agricultor que poda aqueles a quem ama (Jo 15.1,2); Ele é um Pai que cria seus filhos com alvos específicos em mente (Hb 12.5). O ministério depende desta providência soberana e graciosa. As lutas de um aconselhado organizam-se, geralmente, ao redor de temas-chaves. Portanto, quando aconselho, eu quero oferecer uma sabedoria nova e dirigida especificamente a esses temas, que substitua a "tendência carnal" do meu aconselhado. Quando conheço melhor

uma pessoa, começo a identificar e aproveitar no aconselhamento os aspectos específicos da sua luta para crer e obedecer.

Quinto — oro pelas pessoas, pedindo que Deus atue. Obviamente, as pessoas não mudam porque "vão ao aconselhamento". Elas mudam significativamente porque Deus opera em vidas e porque elas executam a ordem divina: "...desenvolvei a vossa salvação... porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade" (Fp 2.12,13). Peço ao Espírito Santo que dê ao meu aconselhado convicção da verdade a respeito dele mesmo e dAquele que é cheio de graça e de verdade.

Oro também por mim. Necessito de todos os requisitos para o ministério pastoral: sabedoria, clareza, coragem, um conhecimento bíblico amplo e profundo. Preciso de diversas habilidades: ouvir diligentemente, entrar no mundo do aconselhado, aplicar as Escrituras, falar palavras de edificação e graça, comunicar amor, ser honesto, ser prático, ser "paciente com todos". Peço à minha família e aos meus colegas de trabalho que orem por mim e por aqueles que eu aconselho.

Sexto — esboço um plano de ação para o nosso encontro. Meu plano de ação pode ficar suficientemente em aberto para permitir que eu investigue o que de fato está acontecendo. Mas ele também pode ser tão específico como "ensinar e dramatizar os princípios da reconciliação", "verificar se eles ainda estão evitando um ao outro" ou "Salmo 31: o refúgio alternativo para a auto-comiseração, medo, ira e escapismo". Algumas vezes, meu plano inclui uma exortação específica dirigida a mim: "No último encontro, você foi precipitado no falar; faça esta pergunta a mais ou pense cinco segundos a mais antes de falar" ou "Você foi vago e mediu as palavras. Fale com clareza e coragem". E ainda "Seja mais animado e brincalhão" ou "Seja mais sério; na semana passada, o seu senso de humor quase ofendeu o aconselhado".

Os conselheiros bíblicos são diferentes uns dos outros no quão detalhado é o seu plano de ação e na firmeza com que pretendem cumpri-lo. Alguns seguem uma abordagem bastante programada de discipulado. Às vezes, eu também faço isso, mas tendo a ser mais flexível. Acredto que os pontos fortes do aconselhamento altamente estruturado ficam evidentes com aconselhados que estão muito comprometidos com mudança ou que são declaradamente rebeldes e gostam de enganar. Entre os dois extremos, em um campo de atuação amplo, tenho descoberto que é melhor deixar que o plano de ação detalhado surja de um relacionamento honesto de mão dupla. Procuro descobrir o que está acontecendo — "Qual é a manchete do dia"? Posso estabelecer um plano flexível, baseado em Tito 2.11-15, e observar o andamento. As questões cruciais costumam despontar mais uma vez, e o ministério face-a-face assume um caráter direto e vibrante. O aconselhado reagiu a acontecimentos do dia ou da semana anterior. Ele está reagindo aos acontecimentos do momento. Talvez já esteja reagindo a acontecimentos do dia ou da semana seguinte. O aconselhamento é de relevância imediata.

Muitas das maiores alegrias do ministério pessoal surgem em meio à imprevisibilidade das reações do ser humano, à necessidade do momento, ao desafio de ganhar uma pessoa cujo compromisso com mudança é instável, ao desarme de uma

pessoa muito irada e defensiva, à tarefa delicada de atrair e encorajar o tímido, ao ato de ouvir algum segredo sombrio e doloroso que nunca tinha sido expresso em palavras até então ou testemunhar passos corajosos de fé e posicionamento ao lado de Deus. Creio que os programas estruturados têm o seu lugar, e talvez a situação em que você costuma aconselhar seja uma daquelas que realça os pontos fortes deste modelo. Mas vou levantar um argumento bíblico em favor do melhor aproveitamento das oportunidades conduzindo o aconselhamento com um plano de ação mais flexível. Fico impressionado com a flexibilidade extraordinária que as próprias Escrituras revelam. Não encontramos dois profetas, dois salmos, dois evangelhos (na verdade, nem duas interações entre Jesus e seus ouvintes) nem duas cartas apostólicas que sejam perfeitamente iguais. A verdade imutável de Deus é comunicada de maneiras diferentes, de acordo com as necessidades diferentes de cada audiência e situação. O aconselhamento bíblico também deve prezar por novidade, flexibilidade, *insight e* criatividade.

Sétimo — faço uma revisão freqüente dos princípios básicos de aconselhamento que orientam meu ministério. Até o dia em que minha aluna fez aquela pergunta, eu nunca havia me dado conta do que costumava fazer na prática ministerial. Estes são alguns dos lembretes afixados na proximidade da minha mesa de trabalho.

- *"De que maneira até mesmo uma situação como esta pode resultar em edificação?"* Se eu nunca perder a esperança de que Cristo está graciosamente no controle da situação rumo à edificação, serei capaz de comunicar esta mesma esperança àqueles a quem aconselho.
- *"Muitas pessoas não sabem que o seu maior problema não está lá fora no mundo, mas 'aqui dentro', no coração."* Meu aconselhamento deve sempre se dirigir intencionalmente à pessoa que está sentada diante de mim.
- *"Ame. Conheça. Fale. Faça."* Conselheiros mostram interesse, investigam, falam a verdade de acordo com Efésios 4.15 e 4.29 e ajudam as pessoas a concretizar mudanças. Estou cobrindo todos os pontos básicos? Estou no ponto certo agora?
- *"Tudo quanto você fizer em palavras ou ações, faça no nome do Senhor Jesus, dando por Ele graças a Deus Pai".* Sou um servo chamado para ser fiel e rico em fé, não um técnico chamado para consertar pessoas.
- *"Procure pontos específicos. Trabalhe voltado para pontos específicos. Depois de encerrada a conversa, o que você fará durante esta semana no que diz respeito à questão crucial?".* Mudanças acontecem em detalhes, passo por passo na caminhada. O aconselhamento eficaz caminha em direção a uma mudança objetiva.
- *"Esta vida, portanto, não é retidão, mas crescimento em retidão....Ainda não somos o que viremos a ser, mas estamos crescendo nesta direção".* Pequenas mudanças são cumulativas: um vislumbre da glória final, perfeita.
- *"Aconselhamento — nada de mágica, nada de técnica nem cura garantida".* O aconselhamento bíblico consiste simplesmente em um homem sábio que fala a pessoas capazes de tomar decisões morais e que con-

fiam e obedecem à verdade ou ao engano.

Preciso de lembretes. Caso contrário, minha tendência pecaminosa à indolência pode alterar a rota dos alvos de ministério estabelecidos pelo grande Pastor.

Oitavo — faço coisas que me dispõem para a tarefa ministerial. Na verdade, este é outro ponto sobre o qual eu nunca havia pensado antes de me deparar com a pergunta feita por minha aluna. Às vezes, faço uma caminhada no jardim para respirar um pouco de ar puro, permitir que meus olhos se deleitem com nuvens e árvores, sentir o vento bater em meu rosto, observar os pássaros voando ao entardecer. Uma caminhada no jardim serve para relembrar-me de que o mundo criado por Deus é bem maior que o meu escritório. O ponto em que os problemas podem agigantar-se está inserido em um universo cujo Deus de graça é gigantesco.

Algumas vezes sento-me por poucos minutos nas cadeiras em que aqueles que vou aconselhar estarão sentados logo depois. Procuro refletir sobre como é estar do outro lado da sala, do outro lado da conversa. Na verdade, eu nunca vou poder sentir como é a vida de outra pessoa: "O coração conhece a sua própria amargura, e da sua alegria não participará o estranho" (Pv 14.10). Mas assentar-me na cadeira do aconselhado ajuda-me a percebê-lo como uma pessoa que arca com tristezas e lutas decorrentes de seus pecados. Eu aconselho pessoas com problemas, e não problemas com pessoas em anexo.

Outras vezes, vou jantar e me delicio com o alimento durante uma meia hora de quietude. Imagino que até mesmo desfrutar o jantar representa, a seu modo, uma parte significativa de como se preparar para a tarefa do aconselhamento! O Deus cuja bondade provê para nós alimento diário, que nos dá todas as coisas em abundância para que as desfrutemos, certamente dará também sabedoria aos Seus filhos. Quando todo o preparo estiver completado, Ele é quem está no controle. E isso é uma fonte de conforto e paz em meio às dificuldades do trabalho.

Prepare-se bem!

Como Ajudar um Aconselhado "Psicologizado"?

David Powlison[1]

Conheci Sabrina anos atrás, quando sua mãe a trouxe para que eu a aconselhasse. Era uma moça solteira, com 31 anos. Sabrina havia concordado em conversar comigo apenas uma vez e, em grande parte, para agradar à mãe que estava preocupada com ela. Depois de quatro anos de psicoterapia, Sabrina parecia cada vez mais confusa, absorta em si mesma, sem amigos e deprimida.

Quando Sabrina entrou pela primeira vez no meu escritório, percebi que ela trazia, enfiado em sua bolsa, um exemplar de *Homecoming (De Volta ao Lar)* — um livro bastante popular de auto-ajuda, escrito por John Bradshaw. Bradshaw defende a idéia de que o pecado e o sofrimento (termos atribuídos por mim aos problemas que ele descreve com expressividade) surgem porque as famílias "disfuncionais" deixam de satisfazer as necessidades de amor dos seus membros. A "criança interior" que há em cada um de nós, e que nasceu pura e maravilhosa, torna-se corrupta e ferida. Uma vida de sofrimento, raiva, compulsão e vergonha derrama-se do caldeirão das necessidades psicológicas não satisfeitas. O co-dependente esforça-se incessantemente para encher um tanque vazio de amor, mas continua sempre desapontado.

Após descrever e interpretar o problema, Bradshaw sugere que este indivíduo procure fontes de afirmação: um grupo de apoio e um terapeuta. Estes podem começar a satisfazer a necessidade de amor e também podem ensinar técnicas de auto-afirmação. Bradshaw é um "convertido" a este evangelho, e o seu testemunho pessoal de "cura" permeia o livro: ele mesmo aprendeu a ser assertivo e condescendente consigo mesmo. Ele reivindica ter estabelecido uma nova conexão com *o eu interior e* ter encontrado uma nova vida com uma liberdade maravilhosa e gratificante para expressar a si mesmo. Servindo-se de exortações e exemplos, ele intima o leitor a fazer o mesmo.

[1]Tradução e adaptação de *How do you Help a "Psychologized" Counselee?* Publicado em *The Journal of Biblical Counseling. v.* 15, n.1, Fall 1996, p. 2-6.

Mas Sabrina era quem estava no meu escritório, e não John Bradshaw. Eu estava diante da discípula devota, e não do mestre. Sabrina começou a me contar a sua história. Ela disse que já havia tomado uma decisão por Cristo e, desde a adolescência, havia sido fervorosa na vida devocional, constante na freqüência à igreja, bem instruída na doutrina e ativa no ministério de atendimento às pessoas carentes. Tendências antigas de ansiedade social, solidão e falta de ânimo haviam-se acentuado há aproximadamente cinco anos, levando Sabrina a procurar a ajuda de um psicoterapeuta. Nos últimos três anos, o seu relacionamento com Deus "estava mofado, e Deus parecia distante". Um toque de irritação e autocomiseração insinuava-se na maneira como ela falava a respeito de Deus; todas as verdades proclamadas pela doutrina cristã pareciam palavras áridas sobre o papel quando comparadas às coisas profundas que ela veio a descobrir acerca de si mesma por meio do seu terapeuta e das leituras. Deus parecia ser uma fonte de desapontamentos em sua vida. Era de se esperar que os hábitos de leitura bíblica, oração, participação nos cultos e ministérios estivessem sendo negligenciados. E mesmo nas ocasiões em que ela era "fiel", sua motivação limitava-se ao cumprimento do esperado.

Os efeitos do sofrimento decorrente da vida em um mundo caído não deixaram de atingir Sabrina. Seu pai havia traído a família, abandonando-os quando ela estava com 14 anos, depois de anos de explosões de raiva e adultérios. A mãe, intimidada pelas inúmeras traições, não havia sido ativa em sua educação. Os colegas de Sabrina estavam obcecados pelos valores característicos da sua cultura: beleza, popularidade, bens materiais, sucesso nos esportes. Sabrina havia adotado este sistema de valores mas, em boa parte, não conseguia estar à altura dele. A separação dos pais e a sua obsessão com coisas cuja obtenção estava fora do seu alcance resultaram em emoções e comportamentos turbulentos. Após vários anos de vida promíscua (uma maneira de obter pelo menos um senso ilusório de ser desejada), Sabrina encontrou a Cristo aos 17 anos. Ela abraçou com alegria o perdão e a novidade de vida e, desde então, levou uma vida de pureza sexual. Mas Deus opera mudanças ao longo da vida: os padrões do coração que antes a impulsionavam à imoralidade não cederam tão rapidamente. Muitas coisas em sua vida se estabilizaram. Ela cursou a faculdade e se tornou uma professora competente de ensino fundamental. Mas à medida que a casa dos vinte foi passando e Sabrina continuava solteira, suas emoções tornaram-se mais conturbadas.

Ela procurou ajuda. Os amigos recomendaram um psicoterapeuta cristão que sugeriu que ela lesse *Homecoming,* bem como outros livros semelhantes a este, evangélicos ou não: *Codependent No More* (Não Mais Co-dependente) de Melanie Beattie *e Love is a Choice (O* Amor é uma Escolha) de Robert Hemfelt, Frank Minirth e Paul Meier. Sabrina achou estes livros "incrivelmentesignificativos". "Eu pude me ver em cada página." Quando eu a conheci, ela estava lendo Bradshaw pela quarta vez. Seu terapeuta adotava em grande parte a teoria da co-dependência e família disfuncional, cristianizando-a pela sugestão de que Sabrina buscasse em Jesus o suprimento das suas necessidades de amor, pois Jesus lhe oferecia aceitação incondicional.

A terapia e a leitura provocaram em Sabrina uma ampla gama de emoções e lhe deram a sensação de estar fazendo

descobertas contínuas e profundas a respeito de si mesma. Mas ela ainda vivia em um mundo cinzento e, apesar de toda esta auto-descoberta, sua vida continuava confusa. Nem Bradshaw, nem a terapia, nem Jesus pareciam capazes de gerar esperança, vitalidade ou mudanças significativas. Sabrina era uma típica pessoa "psicologizada". Ela havia sido discipulada em como sondar e processar os problemas da vida de um modo que exclui com eficiência a verdade mais profunda a respeito de Deus, dela mesma e do seu mundo. E a falta de entendimento da vida cristã impedia que ela sondasse e processasse os seus problemas biblicamente.

Como você pode ajudar Sabrina? Como você pode ajudar outras pessoas que estão convencidas de que o cerne de seu problema está em algo que foi cometido contra elas? Ou na maneira como foram criadas? Ou em sua opinião acerca de si mesmas? Ou na sua formação genética e em desequilíbrios hormonais? Com certeza, você conhece pessoas que se lançaram em uma busca frenética, longa e tola de soluções, agarrando respostas que nunca resultaram no prometido. Como você pode ajudar Sabrina a conhecer as alegrias contínuas e os tesouros duradouros que somente os filhos de Deus conhecem? Quero sugerir meia dúzia de aspectos nos quais você pode ancorar o seu trabalho com pessoas psicologizadas.

Não subestime o forte apego das pessoas às suas crenças atuais, mesmo que estejam confusas, e lembre-se de que os raciocínios que tais pessoas sustentam lhes parecem plausíveis.

Você precisa se aprofundar nestes raciocínios. Você precisa ser capaz de expô-los à luz de um conjunto diferente de crenças, revelando o engano das crenças atuais em comparação à beleza e abrangência da verdade. A Bíblia sempre tem a oferecer uma melhor compreensão das experiências, comportamentos, pensamentos, emoções e atitudes que as psicologias modernas alegam explicar. As explicações da psicologia que Sabrina está abraçando no momento são-lhe proveitosas de várias maneiras. Elas despertam a atenção por descreverem com precisão como as pessoas sentem, pensam, agem e vivenciam as situações. Esta é a isca. O anzol é a explicação falsa. Com freqüência, os anzóis populares trabalham os mesmos conjuntos de sintomas, usando um pouco de jargão técnico que dá a ilusão de um poder explanatório profundo: "baixa auto-estima", "transtorno de déficit de atenção/hiperatividade", "co-dependência" e "família disfuncional" são exemplos deste jargão. Estes termos, na verdade, não fazem nada mais que resumir certos sintomas incômodos, embora aleguem descrever as causas básicas "reais" dos problemas. [1]

---

[2] O DSM-IV Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, em sua quarta edição, faz algo semelhante. Os profissionais mais atentos - e os autores do DSM-IV - sabem muito bem que estes termos não são "diagnósticos". Eles não descrevem "coisas" concretas. Um osso quebrado, um câncer do pâncreas ou uma pneumonia é algo que as pessoas podem "ter". Mas elas não "têm" transtorno desafiador de oposição, personalidade *borderline*, transtorno de conduta com início na adolescência ou transtorno do estresse pós-traumático. Elas "fazem" estas coisas. Estas categorias simplesmente descrevem alguns padrões típicos de comportamento, emoções, atitudes, pensamento que são especialmente tristes e perturbadores para todos os envolvidos. Nada dizem a respeito das causas. São apenas "síndromes", ou seja, um grupo de coisas que, com freqüência, acontecem juntas.

Eles são descrições fantasiadas de explicações. Esta nomenclatura traz consigo um modelo de explicação que se afasta da realidade. Tanto as explicações como as soluções invariavelmente conduzem os indivíduos para longe de umentendimento bíblico de Deus, do pecado, do sofrimento, da graça e da obediência.

Sabrina precisa ser ganha. Você também precisa despertar a atenção dela, mas o fará pelo uso de uma nomenclatura verdadeira que explica a vida do ponto de vista de Deus, em lugar de se afastar de Deus. Você a conduzirá à percepção de como a verdade bíblica explica a sua vida e a encaminha à solução dos seus problemas. Como você fará isso?

Lembre-se de que você está aconselhando uma pessoa, e não um livro.

Sabrina é uma ovelha desviada, e não um falso profeta; ela é alguém que está em conflito, e não uma teoria. Sabrina procurou ajuda quatro anos atrás e, na ocasião, ela agarrou o que estava disponível. O que ela recebeu parece nocivo, lamentável, superficial e enganoso. Pessoalmente, detesto o ensino de Bradshaw (e um dos meus alvos é ajudar Sabrina a aprender a detestá-lo inteligentemente), mas não me atrevo a detestar Sabrina. Sinto pena do quanto ela está confusa. E não tenho motivos, inicialmente, para discutir sobre Bradshaw com ela. Ele não está no meu escritório. É ela quem está aqui, e eu quero ganhá-la para algo melhor. Sabrina não precisa de controvérsias. Se eu fosse começar por atacar o livro "incrivelmente significativo" que ela está lendo pela quarta vez, apenas despertaria o seu descrédito para comigo. Sabrina necessita de algo que explique melhor o seu mundo do que Bradshaw. O que você lhe dará?

Não lhe dê aquilo que ela já provou e achou insuficiente.

As formas externas de devoção cristã tornaram-se invólucros vazios para Sabrina, portanto não volte a apresentá-las a ela imediatamente. Descubra por que elas se tornaram vazias. Você quer alimentar Sabrina com o doce mel da sabedoria, o pão da vida. Mas ela está entretida com outras coisas. Encontrar e restaurar a ovelha que se desviou e se extraviou exigirá trabalho, sondagem e entendimento — não respostas prontas. Presumindo que você não subestimou o problema de Sabrina, não entrou em discussões desnecessárias nem lhe ofereceu formas vazias, o que você fará agora?

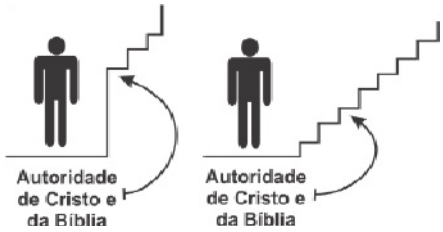
Mostre interesse por Sabrina de modo a estabelecer um relacionamento.

Pelos poucos fatos que já temos, parece provável que Sabrina seja motivada pelo desejo de ser amada: (1) a rejeição, com freqüência, revela a intensidade destes anseios e os intensifica; (2) a promiscuidade manifesta seu poder degradante, (3) as tentações características dos solteiros no final da casa dos vinte tornam estes desejos ainda mais plausíveis, (4) o modelo de Bradshaw seduz facilmente estas pessoas. Você quer ajudar a libertar Sabrina da sua "necessidade" ilusória de amor. Mas paradoxalmente, você começa por amá-la. Você a abençoa com bondade, interesse, aceitação e cuidado. Embora ela anseie por ser "aceita assim como sou", aceite-a. Dê-lhe as boas-vindas. Tenha interesse por ela e aceite-a assim como ela é aceita por Deus — "aceita assim como ela é e a despeito de como é, mas com a intenção de mudá-la". A graça de Deus em Cristo e a intenção de mudança fazem com que o amor cristão seja

muito mais poderoso e radical que a aceitação barata que Sabrina deseja. No relacionamento com você, ela poderá vivenciar a bondade cristã como bondade genuína. Escute a sua história. Leve-a a sério. Busque conhecer Sabrina e o mundo em que ela vive. Compadeça-se das suas lutas. Servimos a um Salvador que se comove com nossos sentimentos e enfermidades, e então nos convida a buscar misericórdia e ajuda para que possamos resistir ao engano e à destruição do pecado. Servimos a um Salvador que deu pão aos famintos com liberalidade, e depois ensinou sobre o Pão da Vida àqueles que idolatravam o pão. À medida que você se interessa por Sabrina, o que você fará?

Empenhe-se em conhecer Sabrina e o seu mundo.

O aconselhamento sábio floresce nos detalhes. Você não pode conduzir alguém ao engajamento enquanto ignora os detalhes a respeito desta pessoa. Então, indague. Você já sabe que Sabrina interpretou erroneamente o seu problema real por estar "psicologizada". Mas quais *são* os seus problemas reais? Conte com descobrir coisas a respeito dela que — entendidas biblicamente— permitirão conduzi-la a um engajamento criativo e pessoal. Espere que quando a Palavra lançar luz sobre a vida de Sabrina, você será capaz de lhe oferecer algo novo. Ou talvez você encontre verdades que ela conhecia anteriormente, mas esqueceu. Empenhe-se em conhecer como ela pensa, sente, age, fala, escolhe, interpreta e avalia. Saiba o que lhe aconteceu, o que está acontecendo agora em seu mundo e o que ela imagina que acontecerá. Deus está operando *nesta* jovem que organizou boa parte de sua vida ao redor de algumas crenças muito destrutivas. Não a identifique pela categoria genérica de "aconselhada psicologizada"; ela é uma pessoa específica que você precisa conhecer. A medida que adquire conhecimento, por onde você começará a intervir?



Não faça Sabrina saltar distâncias altas com um único pulo. Deus coloca uma escada — até mesmo uma rampa quando necessário — diante de cada um de nós.

Olhe para o passo seguinte, vital para Sabrina em particular. Não a force em algum molde predeterminado. Deus vai ao encontro das pessoas em meio à experiência individual. Ele também planejou o universo de maneira tal que todas as experiências — corretamente interpretadas — proclamem o Deus das Escrituras. E cada momento apresenta escolhas significativas. Conheço conselheiros que, rotineiramente, começam a trabalhar com moças como Sabrina fazendo com queelas saltem uma distância alta com um único pulo. Eles costumam dizer: "Este aconselhamento será baseado na Bíblia, e o seu compromisso com o senhorio de Cristo precisa vir em primeiro lugar". Este é o compromisso central inteiramente correto para o *conselheiro* e o alvo correto para o aconselhamento. Mas pode ser algo inteiramente errado como ponto de partida para *esta* aconselhada. Todos os fatos clamam por um ponto de partida diferente. Uma discussão aberta da autoridade das Escrituras e de Cristo pode estar cinco passos à frente no caminho ou pode ter

lugar como um subproduto do ministério eficiente da Palavra. Mas é um "degrau alto" neste momento. Você precisa encontrar o passo seguinte na direção certa.

A própria Bíblia ilustra diferentes pontos de partida. As Escrituras modelam como os servos de Deus usaram a experiência imediata e as preocupações dos ouvintes como gancho. Eles não tinham uma mensagem previamente embalada, pois queriam ser *ouvidos* por pessoas reais, em situações reais. Quando Paulo falou na sinagoga de Antioquia a uma audiência que respeitava as Escrituras, ele pôde tirar da embalagem, logo de início, capítulos e versículos (At 13.14-41). Estes ouvintes estavam prontos para lidar com as reivindicações de Cristo e da Palavra. Mas quando Paulo falou aos camponeses de Listra, ele começou por expor o vazio de suas crenças falsas e, em seguida, passou a mencionar a bondade de Deus manifestada a eles nas condições do tempo e na colheita (At 14.14-17) — um ponto de contato apropriado. Quando Paulo dirigiu-se aos intelectuais de Atenas, ele os cativou a partir de sua literatura e práticas religiosas (At 17.16-34). A mensagem central continuou a mesma em todos os casos: o Deus vivo — que revelou a Si mesmo nas Escrituras e na criação — chama os indivíduos para que abandonem o pecado e se voltem para Cristo. Mas Paulo pôde chegar ao mesmo destino por vários caminhos. Ele fazia aquilo que os profetas e o Senhor Jesus haviam feito antes dele, e o que nós devemos fazer hoje.

Há evidências suficientes de que a autoridade das Escrituras e o senhorio de Cristo são pontos de partida inadequados para o caso de Sabrina. Observe alguns detalhes importantes a seu respeito, identificáveis mesmo a partir da pouca informação que temos. No momento, Sabrina considera a Bíblia *pouco significativa* em comparação com sua experiência de autoconhecimento; ela considera as verdades cristãs *desprovidas de sentido* em comparação com a interpretação que John Bradshaw oferece da sua experiência de vida; ela considera o evangelho ortodoxo *irrelevante* em comparação com o evangelho de um Jesus que satisfaz necessidades. Aparentemente, faz pouca diferença que a sua experiência tenha sido malsucedida e que nem Bradshaw nem o Jesus terapêutico tenham funcionado. Atualmente, ela está fascinada por aquilo que você sabe ser vazio e entediada com aquilo em que você sabe estar a abundância.

Ao mesmo tempo, Deus trouxe Sabrina até você como parte da obra redentora dEle. Um dos *alvos* do seu aconselhamento é levá-la ao entendimento de que a Palavra de Cristo é relevante. Ela não consegue ver esta relevância; ela vê um invólucro vazio. Se você estabelecer como primeiro passo o compromisso de Sabrina com aquilo que é exterior, você será duplamente malsucedido. Como imitador de Cristo, será malsucedido porque Ele vai ao encontro das pessoas usando uma variedade de pontos de contato diferentes, ao passo que você falhou no encontrar o ponto certo. Como conselheiro de Sabrina, será malsucedido por agir de modo precipitado e afastá-la, possivelmente, das verdades de que ela mais necessita.

Qual poderia ser um ponto de partida apropriado para o caso de Sabrina? A sua experiência atual e a interpretação que ela tem da vida. Até aqui, você já tem evitado algumas armadilhas possíveis — você se interessou por ela, e isso criou um contexto de confiança; você procurou conhecê-la, e isso lhe deu elementos para interagir de modo inteligente e perspicaz. Dirigindo-se agora à vida de Sabrina, você quer

oferecer uma compreensão da sua experiência de vida que seja superior àquela oferecida pelas outras vozes a que ela tem dado ouvidos.

Reinterprete biblicamente a experiência de Sabrina e o seu mundo.

A verdade é incomparavelmente melhor do que as meias-verdades enganosas e as invencionices que ela abraçou. Portanto, leve-a à compreensão da vida de acordo com a verdade de Deus. Você não a viu como inimiga nem lhe deu respostas prontas; você se interessou por ela, empenhou-se em conhecê-la e procurou um ponto de contato. Agora, a verdade apropriada e oportuna derramará luz na escuridão.

1. Você quer que ela desperte para a própria história de vida, mas com um novo entendimento. Ela aprendeu a ver a "família disfuncional" em que foi criada como determinante. Ajude-a para que veja os pecados de sua família como fonte de pressões que a tentam, ensinando-lhe mentiras, pecando contra ela de maneiras específicas. Ai daqueles que colocaram estas pedras de tropeço! Deus é misericordioso para com os sofredores, Ele é refúgio para o pobre e o necessitado. Não há lugar para ousarmos pagar mal com mal. A tentação não determina a nossa resposta.

2. Você quer que Sabrina desperte para as reações que costuma ter, mas com um novo entendimento. Ela passou a ver o seu "estilo de vida de co-dependente" como uma forma de disfunção pessoal, e não como um hábito pecaminoso. Ajude Sabrina a ver como a sua ira, manipulação, abuso de alimento, ansiedade social, entre outros, são obras da carne que procedem do coração.

3. Você quer que ela desperte para aquilo que a controla, mas com um novo entendimento. Ela acredita que o problema mais profundo do seu coração é uma necessidade não satisfeita de amor, aceitação e afirmação. Ajude Sabrina a ver que o seu coração é governado pela exigência de satisfação desta necessidade — um anseio forte, voraz e escravizador. Faz pleno sentido que Deus pareça distante e a verdade bíblica abstrata: Sabrina está adorando um outro deus e fazendo de Jesus um *office-boy* a serviço das exigências deste deus. Mas Jesus nunca coopera com o engano na vida daqueles a quem Ele ama. Deus nunca permitirá que uma de Suas filhas escolhidas seja feliz servindo a um ídolo.

Ela passou a ver Jesus como um psicoterapeuta celestial, que existe para atender às suas necessidades sentidas. Talvez você nem precise mencionar isso. Se você fez um bom trabalho nos três pontos anteriores, você está agora pronto para ajudar Sabrina a ver o Salvador crucificado que morreu pela suas mentiras e cobiças e pelos maus frutos que a acompanham. Ele a perdoará à medida que ela reconhecer as suas necessidades verdadeiras e O procurar. Ajude Sabrina a procurar o Salvador cujo poder é suficiente para transformá-la. Ele a ajudará. Sabrina pode ficar livre da armadilha que a prende e a faz infeliz. Cristo vai ajudá-la a se deixar governar por Ele, e não mais pelos outros senhores que a escravizam. Ajude-a para que encontre refúgio nAquele que liberta o oprimido. Diante das dificuldades, ela poderá confiar em lugar de temer.

5. Ela está vivendo como se a fé fosse um mero assentimento doutrinário e a obediência fosse o cumprimento de responsabilidades religiosas. Ajude Sabrina a ver

que Deus tem em mente coisas muito melhores para ela. Ele reivindica sua confiança, seu amor, sua dependência. Deus requer de Sabrina obediência, para que ela aprenda a amar aos outros inteligentemente e não mais exija afirmação e adoração. Bíblia, oração, igreja e ministério tornaram-se um invólucro vazio; eles podem voltar a expressar comunicação viva e amor significativo.

A chave para ajudar as pessoas psicologizadas é oferecer a verdade dirigida de modo a explicar e atingir os problemas reais da vida. Se você não puder oferecer uma compreensão para os detalhes da vida de Sabrina, as suas palavras terão o mesmo sabor daqueles invólucros vazios. Se você oferecer esta compreensão, o seu conselho derramará leite e mel.

Já conversei com várias Sabrinas (e Paulos também). Descobri que, quando a verdade bíblica é dirigida à pessoa com compaixão e direção precisa, e também expressa de modo convincente, o mais freqüente é que ela seja aceita com alegria, e não rejeitada. Afinal, estamos nos dirigindo a crentes. Eles amam a luz. Eles amam a graça. Mas quando saíram em busca de soluções para os problemas reais da vida, foram-lhes oferecidas as respostas prontas ou confusas das psicologias. Quando o primeiro remédio não funcionou, o segundo parece atraente e persuasivo. Para a igreja, heresias são dívidas a pagar. Podemos estar revoltados com Bradshaw e seus companheiros, mas devemos investir energia significativa para que o nosso trabalho de compreensão da vida de Sabrina seja melhor que o deles. Se pagarmos nossas dívidas aprofundando o nosso aconselhamento, vamos fazer um trabalho muito melhor que qualquer uma das psicologias.

A confusão e desespero que havia no rosto de Sabrina dissiparam-se visivelmente durante as primeiras horas em que conversamos. A Bíblia explica a vida, e esta compreensão satisfaz profundamente. "Sobre tudo o que se pode adquirir, adquire a sabedoria. Nada que você possa desejar compara-se a ela". A sabedoria é muito melhor que os esforços fúteis e sem fim para encher um tanque vazio de amor ou fortalecer uma auto-estima propensa a baixar. Sabedoria é amor. Sabedoria é alegria. Sabedoria é paz. Sabedoria é sabedoria. Sabrina havia concordado em conversar comigo uma vez. Quatro anos de psicoterapia e Bradshaw em sua bolsa pesavam muito. Mas ela voltou na semana seguinte sem *Homecoming* em sua bolsa. Sua face ainda estava meio nublada, mas as suas primeiras palavras encheram-me de alegria: "Sabe aquilo de que falamos na semana passada? Poderíamos voltar ao mesmo assunto mais uma vez?". Voltamos — ou pelo menos conversamos sobre algo parecido. Mais uma vez, ela ficou radiante, cheia de esperança. Ela mesma começou a estabelecer conexões novas, uma em seguida à outra. Quando voltamos a nos ver — talvez um mês mais tarde — Sabrina mencionou que havia deixado de se encontrar com seu terapeuta, pois parecia-lhe algo sem profundidade e vazio — um mero invólucro. A Palavra do Deus vivo, a oração dirigida a este Deus, as amizades cristãs honestas e edificantes, as doutrinas de graça e verdade, o ministério e tudo quanto passara a ser ossos secos já estava voltando a ter vida. As questões verdadeiras em sua vida continuaram a ser tratadas, tanto dentro como fora do aconselhamento. Ela identificou várias maneiras pelas quais seu forte anseio por aprovação humana e o terror de ser rejeitada ficavam evidentes em sua vida. E ela começou a encontrar Cristo e a coragem de amar as pessoas em situa-

ções variadas e estimulantes. Ela começou a lidar com a amargura para com seu pai e o desapontamento para com sua mãe, perdoando-os. Ela começou a tentar novas maneiras de se relacionar com eles. A coragem recém-descoberta foi realmente marcante. Ela começou a lidar com seus hábitos de medo e ineficácia, e tomou várias decisões importantes nos meses seguintes. Sabrina deu passos para aprender a viver a vida no mundo de Deus do ponto de vista da fé, e não da areia movediça da aprovação humana.

Na verdade, Sabrina e eu nunca precisamos lidar diretamente com Bradshaw. Naturalmente, com algumas pessoas teria sido apropriado ocupar-me com Bradshaw durante o aconselhamento, no momento certo. A pergunta é: Qual é o ponto de contato e o passo seguinte com *esta* pessoa? Quando Sabrina começou a saborear a verdade, a falsificação perdeu todo o sabor. Meses mais tarde, ela comentou em um aparte: "Sabe, eu não tenho mais vontade de ler estes livros. E engraçado o quanto eu acreditava que houvesse neles. Pensava que *eu* estivesse neles. Mas não estou mais". Caso encerrado. Esta jovem psicologizada encontrou a si mesma na Palavra do Deus vivo.